KARL KERÉNYI

A MITOLOGIA DOS GREGOS

Vol. I
A história dos deuses e dos homens



EDITORA VOZES

Karl Kerényi

A mitologia dos gregos

Vol. I

A história dos deuses e dos homens

Tradução de Octavio Mendes Cajado

EDITORA VOZES

Petrópolis



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kerényi, Karl, 1897-1973.
A mitologia dos gregos : vol. I : a história dos deuses e dos homens / Karl Kerényi ; tradução de Octavio Mendes Cajado. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

Título original alemão: Die Mythologie der Griechen : Teil I, Die Götter-und Menschheitsgeschichten
Bibliografia
ISBN 978-85-326-5041-2 – Edição digital

1. Mitologia grega – História I. Título. IV. Série.

14-02722 CDD-292.0809

Índices para catálogo sistemático:
1. Mitologia grega : História 292.0809



© 1951, 1997. Klett-Cotta – J.G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger GmbH, Stuttgart

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:
2015 Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
www.vozes.com.br
Brasil

Título original alemão: *Die Mythologie der Griechen – Teil I – Die Götter-und Menschheitsgeschichten*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Diretor editorial
Frei Antônio Moser

Editores
Aline dos Santos Carneiro
José Maria da Silva
Lídio Peretti
Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo
João Batista Kreuch

Editoração: Maria da Conceição B. de Sousa
Diagramação: Sandra Bretz
Capa: Felipe Souza | Aspectos
Ilustração de capa: Bóreas rapta Oritia (detalhe)

ISBN 978-85-326-5041-2 (edição brasileira digital)
ISBN 3-608-91824-8 (edição alemã impressa)

Esta obra foi publicada anteriormente pela Editora Pensamento–Cultrix, com o título *Os deuses gregos*.

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Para minha esposa Dildil.

Sumário

Introdução

I – O começo das coisas

II – Histórias dos Titãs

III – As Moiras, Hécate e outras divindades pré-olimpianas

IV – A grande deusa do amor

V – A Grande Mãe dos Deuses e seus companheiros

VI – Zeus e suas esposas

VII – Métis e Palas Atena

VIII – Leto, Apolo e Ártemis

IX – Hera, Ares e Hefesto

X – Maia, Hermes, Pã e as Ninfas

XI – Posídon e suas esposas

XII – O Sol, a Lua e a sua família

XIII – Prometeu e a raça humana

XIV – Hades e Perséfone

XV – Dioniso e suas companheiras

Fontes

Lista das fontes

Imagens

Lista das ilustrações

Índice geral

Textos de capa

Introdução

Este livro deve sua origem à convicção, partilhada pelos editores e pelo autor, de que chegou a hora de escrever uma mitologia dos gregos para *adultos*; vale dizer, não apenas para especialistas empenhados em estudos clássicos, da história da religião ou da etnologia; menos ainda para crianças, para as quais, no passado, os mitos clássicos eram remodelados ou, pelo menos, cuidadosamente escolhidos de modo que se ajustassem aos pontos de vista da educação tradicional; mas simplesmente para adultos cujo interesse principal – que pode implicar interesse por qualquer um dos ramos do saber supramencionados – reside no estudo dos seres humanos. A forma contemporânea de que esse interesse se reveste é, naturalmente, o interesse pela psicologia. E, como admitiu um grande expoente do pensamento humanístico moderno, é precisamente a psicologia que "contém dentro de si o interesse pelo mito, assim como todo escrito criativo contém dentro de si o interesse pela psicologia".

Essas palavras foram pronunciadas em 1936 por Thomas Mann, em sua conferência sobre "Freud e o futuro". Ao mesmo tempo em que pagava tributo aos serviços prestados pelo psicólogo do Inconsciente, dos níveis mais profundos da alma, o grande escritor, com efeito, olha além do mesmo, para o futuro. Mann retrata com clareza insuperável a situação espiritual na qual o autor deste livro, por seu lado, encontra justificativa para este trabalho mitológico. A regressão da psicologia à infância da alma individual representa, para citar-lhe as palavras,

> ao mesmo tempo, uma regressão à infância da humanidade – ao primitivo e ao mítico. O próprio Freud reconheceu que toda a ciência natural, a medicina e a psicoterapia têm sido para ele uma volta tortuosa, que durou toda a vida, à sua principal paixão juvenil pela história do homem, pelas origens da religião e da moral. A associação entre as palavras "psicologia" e "níveis mais profundos" tem outrossim um significado cronológico: as profundezas da alma humana são também os "Tempos Primordiais", aquele profundo "Poço do Tempo" em que o Mito tem o seu lar e do qual derivam as normas e formas de vida originais. Pois o Mito é o fundamento da vida; é o padrão sem fim, a fórmula religiosa pela qual a vida se modela, visto que suas características são uma reprodução do Inconsciente. Não há dúvida alguma a esse respeito, no momento em que o contador de histórias adquire o jeito mítico de olhar para as coisas, o dom de ver os traços típicos das características e dos acontecimentos –

assim, reveladoramente, declara o autor de *José e seus irmãos* –

> esse momento marca um início na sua vida. Significa uma intensificação peculiar do seu estado de espírito artístico, uma nova serenidade em seus poderes de percepção e criação. De ordinário, isto é reservado para os anos subsequentes da vida; pois ao passo que na vida da humanidade o mítico representa um estágio anterior e primitivo, na vida do indivíduo representa um estágio ulterior e maduro.

A experiência sofrida há quinze anos por um grande escritor talvez possa ser hoje mais amplamente partilhada, e não necessariamente ligada a uma idade avançada. É para adultos que passaram por essa experiência que o autor procura apresentar a mitologia dos gregos como se lhes

estivesse apresentando um autor clássico, um poeta inteiramente despreocupado com a posteridade e tão desinibido quanto Aristófanes. O autor espera encontrar leitores cujo entendimento tenha sido amadurecido pela literatura e pela psicologia do nosso tempo; leitores para os quais não seja demasiado difícil adotar a atitude de Thomas Mann para com a contextura maciça e a liberdade arcaicas, a monotonia e a extravagância sem continuidade dessa documentação espontânea dificilmente superável da natureza humana conhecida como Mitologia Grega; leitores capazes de usufruir tudo isso e capazes, sem dúvida, de compreender que os autores clássicos reconhecidos exigem, para a sua complementação, uma documentação como esta, para poderem apresentar um retrato real da antiguidade grega. Por "documentação" o autor se refere à documentação histórica, e não à interpretação psicológica. Se todo o legado mitológico dos gregos for libertado da psicologia superficial de apresentações anteriores e revelado, em seu contexto original, como material *sui generis*, e tiver suas próprias leis, essa mitologia, como resultado inevitável, terá o mesmo efeito da psicologia mais direta – o efeito, em realidade, de uma atividade da psique exteriorizada em imagens.

A expressão "sobreindividual" deve ser entendida aqui como uma definição um tanto precária. Sobreindividuais são – *per definitionem* –, por exemplo, as "formas do ser", na interpretação de Walter F. Otto sobre o conteúdo do mito na obra *Die Götter Griechenlands* [Os deuses da Grécia], ou também tudo o que é "arquetípico" no sentido de Jung.

Encontra-se, naturalmente, uma exteriorização direta semelhante da psique em sonhos. O grau de espontaneidade das imagens apresentadas em sonhos e na mitologia, para dizer o menos, é praticamente o mesmo. Nesse sentido, os sonhos e a mitologia estão mais próximos um do outro do que os sonhos e a poesia. Por essa razão o autor, em sua *Einfuhrung in das Wesen der Mythologie* [Introdução à essência da mitologia] (4. ed. Zurique: Rhein-Verlag, 1951), escrita em colaboração com o Professor Jung, achou correto falar na "mitologia individual" dos homens e mulheres modernos como sinônimo da sua psicologia. Com idêntica justificação, qualquer grande mitologia pode – se se ignorarem os aspectos artísticos – ser chamada de "psicologia coletiva". Claro está que não devemos pôr totalmente de parte o fato de ser também a mitologia, fundamentalmente, uma atividade especial, criativa e, portanto, uma atividade artística da psique. Sem embargo disso, é um tipo especial de atividade. Se bem invada o terreno da poesia, é uma atividade peculiar que pode ser colocada ao lado da poesia, da música, das artes plásticas, da filosofia e das ciências. Não se confunda tampouco como o gnosticismo ou a teologia: deles se distingue – como se distingue também de todos os tipos de teosofia e até das teologias pagãs – por seu caráter artisticamente criativo. A matéria da mitologia compõe-se de algo maior do que o contador de histórias e do que todos os seres humanos – "tais como são agora", disse Homero –, mas sempre como coisa visível, perceptível ou, pelo menos, capaz de se expressar em imagens, e nunca como a Divindade *in abstracto*, nem mesmo como a Divindade *in concreto*, se esta última deve ser considerada algo inconcebível. A mitologia precisa transcender o indivíduo, e precisa exercer sobre os seres humanos um poder que tem influência sobre a alma e enche-a de imagens; mas isso é tudo o que dela se exige. Tais imagens são a substância da mitologia, como os sons são a substância da música: "a

substância de que são feitos os sonhos", para citar Shakespeare; uma substância inteiramente humana, que se apresenta ao homem que lhe dá forma, ao contador de mitos, como algo objetivo, algo que mana, por assim dizer, de uma fonte superindividual; e que também se apresenta ao espectador – a despeito da nova forma que lhe deu o narrador, a despeito da nova "variação" – não como criação subjetiva do narrador, mas como alguma coisa objetiva.

O mesmo material humano, todavia, muda imediatamente de natureza se for deixado como "matéria morta", tirado do meio em que vivia. Da mesma forma, um poema impresso ou uma partitura musical é "matéria morta" – diferente do que era na alma da pessoa para a qual ressoou pela primeira vez. Não é difícil devolvê-lo ao estado primitivo: isso se faz transferindo-o de volta ao seu meio original, numa ressonância centrífuga e centrípeta. De maneira semelhante, a mitologia, para ser comunicada na sua verdadeira natureza, precisa ser transferida de volta ao meio, o meio em que ainda "ressoava" centrífuga e centripetamente – ou seja, o meio em que despertava ecos. A palavra grega *mythologia* contém o sentido assim de "histórias" (*mythoi*) como de "narração" (*legein*): uma forma de narração que, no princípio, também suscitava ecos, despertando a consciência de que a história dizia respeito pessoalmente ao narrador e ao espectador. Para os fragmentos da mitologia grega, que nos foram transmitidos, serem devolvidos da "matéria morta" para as suas personalidades vivas, precisam ser transferidas de volta ao meio da narração e da participação dos espectadores.

Este livro é tentativa experimental de trasladar a mitologia dos gregos, pelo menos até certo ponto, de volta ao meio original, à *narração de histórias mitológicas*. O experimento exige uma situação construída artificialmente, uma ficção admitida abertamente. A situação fictícia basear-se-á no descobrimento típico de uma mitologia viva, descobrimento a que o autor se referiu em seu livro *Die antike Religión* [A religião antiga], em que o empregou para responder à pergunta: "Que é mitologia?" Esse descobrimento foi feito por *Sir* George Grey. Em 1845, o citado estadista foi mandado pelo governo britânico para a Nova Zelândia e, pouco depois, nomeado governador-geral. Em 1855, apareceu a sua *Polynesian Mythology and Traditional History of the New Zealand Race* [Mitologia polinésia e história tradicional antiga da raça neozelandesa]. No prefácio, *Sir* George Grey descreve o modo como chegou a escrever a obra. As experiências que o levaram a fazê-lo são tão interessantes que podem ser incluídas no prefácio de qualquer relato de uma mitologia viva – ou de qualquer mitologia apresentada como material vivo.

> "Quando cheguei", conta *Sir* George, "encontrei os súditos nativos de Sua Majestade empenhados em hostilizar as tropas da Rainha, contra as quais, até aquele momento, haviam pelejado com êxito considerável; o descontentamento também prevalecia, de um modo geral, no seio da população nativa, de sorte que havia fartas razões para temer que os distúrbios, onde ainda não haviam ocorrido, não tardassem a ocorrer, como de fato logo depois ocorreram, em diversas partes das Ilhas. Capacitei-me de que não poderia governar com êxito nem esperar conciliar um povo numeroso e turbulento, com cuja língua, maneiras, costumes, religião e modos de pensar eu não estava familiarizado. Para reparar os seus agravos, e aplicar remédios que não lhes ferissem os sentimentos nem militassem contra os seus preconceitos, era mister que eu fosse capaz de ouvir com paciência, a qualquer momento e em todos os lugares, as histórias dos seus males e sofrimentos e, ainda que não me fosse dado socorrê-los, dar-lhes uma resposta bondosa, concebida em termos que não lhes deixassem na mente a menor dúvida de que eu os compreendia claramente **e** doía-me deles, e estava realmente disposto em seu favor [...].

> "Essas razões, e outras de igual força, fizeram-me sentir que me corria a obrigação de me familiarizar, o mais depressa possível, com a língua dos neozelandeses, como também com suas maneiras, costumes e preconceitos. Não tardei a descobrir, porém, que essa era uma questão muito mais difícil do que eu a princípio supusera. A língua dos neozelandeses é muito difícil de se compreender integralmente: sem um dicionário (a menos de se poder chamar assim a um vocabulário); sem livros publicados nessa língua, que me permitissem estudar-lhe a construção; eu a via variar, na forma, em relação a qualquer língua antiga ou moderna que conhecia; e meus pensamentos e o meu tempo estavam tão ocupados com os cuidados do governo de um país, então oprimido por inúmeras dificuldades, **e** no qual se espalhava uma rebelião formidável, que só encontrei pouquíssimas horas para dedicar à aquisição de uma língua não escrita e difícil. Fiz, contudo, o melhor que pude e consagrei alegremente todos os meus momentos vagos a uma tarefa cuja realização me permitiria desempenhar adequadamente todos os meus deveres para com o meu país e para com o povo que fui nomeado para governar.
>
> "Não tardou, porém, que uma nova e inesperada dificuldade se apresentasse. Do lado do partido rebelde estavam engajados, abertamente ou não, alguns dos mais velhos, dos menos civilizados e mais influentes chefes da ilha. Com eles tive de discutir, pessoalmente ou por meio de comunicações escritas, questões que envolviam a paz e a guerra, e das quais dependia todo o futuro das ilhas e da raça nativa, de modo que era indispensável que eu lhes compreendesse plena **e** integralmente os pensamentos e as intenções e que eles, de maneira alguma, interpretassem mal a natureza dos compromissos por mim assumidos em relação a eles. Para minha surpresa, no entanto, descobri que esses chefes, nos discursos que me faziam ou em suas cartas, ao explicarem pontos de vista **e** intenções, citavam amiúde fragmentos de antigos poemas ou provérbios, ou faziam alusões estribadas num antigo sistema de mitologia; e, conquanto ficasse claro que as partes mais importantes de suas comunicações estavam incluídas nessas formas figurativas, os intérpretes ficavam sem saber o que fazer, raramente podiam traduzir os poemas ou explicar as alusões (se é que podiam fazê-lo alguma vez), e não existiam publicações que projetassem alguma luz sobre esses assuntos ou dessem o significado da grande massa de palavras de que eles se utilizavam nessas ocasiões; de modo que me vi compelido a contentar-me com uma curta declaração de ordem geral sobre o que algum outro nativo acreditava que o autor da carta tencionava transmitir como seu significado pelo fragmento do poema que citara ou pelas alusões que fizera. Devo acrescentar que até a grande maioria dos jovens nativos cristãos estava tão perplexa no tocante a esses assuntos quanto os intérpretes europeus.
>
> Era evidente, contudo, que eu não poderia permitir, como governador do país, a permanência de um véu tão denso entre mim e os chefes idosos e influentes, a quem era minha obrigação associar aos interesses britânicos e à raça britânica, cujo respeito e confiança, como também os de suas tribos, era meu desejo assegurar, e com os quais se fazia necessário que eu mantivesse o intercâmbio mais irrestrito. Nessas circunstâncias, eu só podia fazer uma coisa, ou seja, familiarizar-me com a antiga língua do país, coligir-lhe os poemas e as lendas tradicionais, induzir-lhe os sacerdotes a transmitir-me a sua mitologia, e estudar-lhe os provérbios. Por mais de oito anos dediquei grande parte do meu tempo disponível a essas atividades. Na realidade, trabalhei com esse propósito em meus momentos livres em todas as partes do país que atravessei, e durante minhas muitas viagens de uma porção a outra das Ilhas. Eu era sempre acompanhado de nativos, e em todos os intervalos possíveis persistia em minhas indagações a respeito desses assuntos [...]".

Pede-se agora ao leitor que imagine que estamos fazendo uma visita, com intenções semelhantes às de *Sir* George Grey, a uma ilha grega. Se estudou os clássicos, lembrar-se-á de ter estado numa situação semelhante à do governador: para compreender os gregos, ele achou necessário estudar-lhes não somente a língua, mas também a mitologia. Podemos citar, aqui, as observações de grandes historiadores: "Para compreender os gregos daquela época" – lemos na obra de Ulrich Wilckens, *Alexander der Grosse* [Alexandre o Grande] – "é preciso lembrar-se daquela peculiaridade da sua natureza em que, como disse certa vez Jacob Burckhardt, 'o mito era a base ideal de toda a sua existência'. Era perfeitamente natural referir-se, mesmo nas questões políticas mais prosaicas, o processo mítico ou até, caso assim o exijam os interesses do momento, adaptar os

mitos e projetar conceitos atuais para épocas míticas a fim de dar-lhes mais força. Este conceito teve grande importância também na vida de Alexandre". A citação é de M.P. Nilsson, no livrinho *Cults, Myths, Oracles and Politics in Ancient Greece* [Cultos, mitos, oráculos e política na Grécia Antiga] (Londres, 1951), constituindo assim a opinião simultânea "de três historiadores, entre os quais Burckhardt com sua *Griechischen Kulturgeschichte* [História da cultura grega] certamente não é menor; não poderíamos omiti-la no nosso convite ao leitor para este empreendimento mitológico, muito embora trate mais da importância da mitologia na política do que na vida diária, e enfatize mais a idealização e o reflexo do presente do que a validade de "normas originais, de formas originais". Nesta ocasião, porém, não lhe é necessário estudar a gramática grega, nem usar dicionários de mitologia.

Sua situação é mais ou menos parecida com a do Conde de Marcellus, ministro francês junto à Sublime Porta, que em 1818 saiu de Constantinopla para visitar as ilhas no Mar de Mármara e ali encontrou um grego culto chamado Yacobaki Rizo Néroulos. Rizo, que falava o francês tão bem quanto o grego, revelou ao conde a grande epopeia dionisíaca de Nono, que o conde mais tarde traduziu e mandou publicar. Suponhamos que nós, em nossa ilha, encontremos um grego semelhante, que nos revele a mitologia dos seus antepassados. Tudo o que sabe dela é o que se pode ler nos clássicos ou aprender com os monumentos. Ele lhe chama a "nossa" mitologia e, quando diz "nós", refere-se aos gregos antigos.

Esse "nós" é simplesmente uma conveniência de narração, por cujo intermédio a mitologia pode ser mais facilmente transferida de volta ao meio original. O autor não traz em seu apoio nenhuma autoridade mais alta do que aquela a que se referem de hábito os eruditos quando usam a palavra "nós". Todo relato de uma mitologia – a não ser que lhe reproduza as fontes no texto original e na sua condição fragmentária (processo, a propósito, que ofereceria ao leitor mera "matéria morta") – há de ser uma interpretação. E toda interpretação é condicionada pelo grau de receptividade do apresentador contemporâneo do material – o que quer dizer que é condicionada por um fator subjetivo. A falta de receptividade em relação à música, à poesia ou à pintura conduziria, porventura, a uma interpretação satisfatória dos produtos dessas artes? O fator subjetivo não pode ser eliminado, mas precisa ser compensado pela vigilância do intérprete e pela sua fidelidade ao material.

Na tentativa de alcançar essa fidelidade, o autor tentou fazer as histórias permanecerem fiéis – palavra por palavra, sempre que possível – aos textos originais. Versões variadas – as variações sobre um tema, características de toda mitologia – não foram equiparadas umas às outras. O autor baseia-se na suposição – geralmente confirmada pela soma do material disponível, e que impõe apenas uma generalização mínima e inevitável – de que todo tema mitológico tem sido, em cada período, assunto de histórias diferentes, cada uma das quais variamente condicionada pelo lugar, pelo momento e pelos poderes artísticos do narrador. Do tratamento apropriado dessas variações – que não devem ser ignoradas nem superenfatizadas – depende a resposta à pergunta sobre se a apresentação da mitologia grega, tal como é tentada aqui, pode ser bem-sucedida; se pode ser uma

apresentação autêntica de tudo o que foi realmente transmitido. Sentimo-nos, naturalmente, muito tentados a estender-nos sobre cada variação, a explicar onde e quando e de que autor ela procede primeiro, e a pensar em explicá-la de maneira mais ou menos plausível. Esta foi até aqui a prática habitual, com o resultado de terem sido as histórias propriamente ditas, por assim dizer, relegadas a um segundo plano, como se a mitologia grega só fosse interessante em razão das explicações válidas ou conjeturais. A transferência do interesse das histerias antigas para os comentários modernos é alguma coisa que este autor fez o possível para evitar.

Os contadores de histórias originais da mitologia grega justificavam suas variações com o simples ato da narração, cada qual à sua maneira, da história. Em mitologia, *contar* é justificar. As palavras "Contava-se", que o leitor deste livro encontrará com tanta frequência, não pretendem compensar o fato de os tons do contador de histórias original, e não raro, infelizmente, a própria narrativa original, estarem agora extintos. Só tencionam concentrar a atenção do leitor na única coisa que importa – a saber, *o que* era contado. Isto, como quer que fosse afeiçoado, era essencialmente e em todas as suas formas, desenvolvimentos a variações, a mesma história básica, permanente e inequívoca. As *palavras* da história básica desapareceram, e tudo o que temos são variações. Mas por trás das variações pode reconhecer-se alguma coisa comum a todas elas: uma história contada de muitas maneiras, mas que, apesar disso, continuou sendo a mesma. O autor procurou neste livro evitar a rigidez de uma terminologia rigorosa que, até certo ponto, violentaria o material fluido. Ele prefere, por exemplo, a palavra "história" a "*mitologema*". Esta última expressão serviria simplesmente para enfatizar – como, de fato, foi necessário em certa ocasião – o fato de serem os "textos básicos" da mitologia, na verdade, obras textuais, como poemas ou composições musicais, que não podem ser arbitrariamente dissolvidos em seus elementos, pois assim se tornariam algo diferente – um amontoado de "material morto" e mudo.

Agora se faz preciso dirigir a atenção para outro aspecto dos "textos básicos" da mitologia grega. Esses textos, as "histórias" perpetuamente repetidas, são também "obras" – criações dos narradores. Mas não são inteiramente "obras". Até o primeiríssimo narrador nada mais fez do que pegar os personagens de um drama – pois um conto mitológico é sempre uma espécie de drama – e colocá-los no palco. Fê-los aparecer e falar à feição do seu tempo e da sua arte; a principal característica da mitologia, contudo, é que as suas *dramatis personae* não se limitam a representar o drama, mas – como as figuras de um sonho – o constroem realmente. Para prosseguir na comparação, e explicar-lhe mais acuradamente o sentido, elas levam para o palco o plano de um dramazinho próprio, o qual, de ordinário, tem certo grupo necessário de personagens – um par, um terno, uma quadra. Dessa maneira, a Grande Mãe aparece com os seus dois companheiros e o seu queridinho: com os três filhos que, juntos com ela, constituem uma quadra. Até nesse estágio original, a "obra" mitológica continha – como toda obra de arte – elementos conscientes e inconscientes. As *dramatis personae* são escolhidas e, simultaneamente, se impõem. Uma traz outra após si, e a história – *por sua própria vontade* – passa a existir; ao narrador só resta completá-la. E a completação, durante o tempo todo, é condicionada pelos personagens e pelo seu comportamento intencional, embora esquemático.

Assim como Goethe, ao construir a ação do Mefistófeles, estava amarrado não somente à história popular do Doutor Fausto, mas também a uma "trama" dramática peculiar ao conceito do diabo – trama que exigia igualmente personagens seduzidas e traídas –, assim também um poeta antigo, tão antigo quanto o do Hino Homérico a Hermes, estava amarrado a uma "trama" definida para qualquer história que desejasse contar a respeito do deus. Não se justifica nenhuma distinção fundamental entre as obras poéticas que tratam de figuras como a de Hermes e os textos em prosa em que as mesmas figuras aparecem. Mitologia é tudo o que apresenta figuras que, numa história de religião, seriam definidas como deuses ou demônios. São dados históricos de uma cultura passada. Nos textos encontrados neste livro elas serão apresentadas debaixo de outro aspecto também: o do seu comportamento como dados *humanos* numa situação em que tal comportamento ainda estava livre de restrições. Essa antiga liberdade das restrições tem para nós hoje a vantagem científica de que as figuras e o seu comportamento podem ser observados como observamos uma peça num teatro – por puro entretenimento, se quisermos. Mas a peça contém um ensinamento relativo a deuses que é também um ensinamento relativo a seres humanos.

Não se pode garantir que as histórias terão sempre a linearidade completa do drama. Os textos que têm um efeito diretamente dramático – como o Hino Homérico a Hermes, os dois hinos a Afrodite, o relato hesiódico do Feito de Crono – são raros. São, na verdade, textos poéticos mas, não obstante, suficientemente arcaicos – estando, além disso, libertados da camisa de força estilística do verso heroico – para permitir uma eficácia ilimitada à "trama", o plano básico da ação mitológica. Na obra de poetas subsequentes – os alexandrinistas ou Ovídio – costuma acontecer que, mesmo quando se segue o texto básico original, o plano básico, na maioria das vezes, é substituído pelas motivações de uma psicologia nova, pessoal. O feito de Crono; a situação de Afrodite no meio de um par masculino; a necessidade de Hermes de descobrimento e invenção – que significa também invenção no sentido do engano: não são produtos de uma psicologia pessoal dessa espécie; são produtos da humanidade num nível mais geral e impessoal. Esses textos básicos constituem exemplos das lições humanas mais gerais que **a** mitologia nos ministra: um ensino que se coaduna com o da psicologia do inconsciente, mas que é apresentado em sua própria forma de demonstração dramática.

Raras vezes é possível oferecer uma representação dramática direta que proporcione, ao mesmo tempo – como os textos clássicos há pouco mencionados –, um vislumbre do drama mitológico subjacente. Além das *dramatis personae*, o elenco apresentado nesta obra compreenderá outrossim um personagem fictício, que conta as histórias da mitologia grega. Esse personagem recitará o Prólogo antes das seções maiores e menores da narrativa; apresentará, ao jeito clássico da tragédia grega, os outros personagens, à proporção que eles vão aparecendo, e lhes descreverá os "trajos" – como o fará em relação às Erínias, por exemplo.

Uma comparação com o palco grego, contudo, não explica toda a função do "narrador" neste livro. A história que ele conta foi transmitida de vários períodos. O autor não tinha a intenção de compilar fragmentos num nível fictício, como se todos pertencessem ao mesmo período ou a uma

antiguidade estática, sem fim. O que ele oferece é um mosaico em que cada pedrinha está separada da vizinha, e é até transponível. Posto que não empurre o estudante de história para o segundo plano – fazê-lo seria interferir no estilo da narrativa e fragmentar-lhe a forma com a interpolação de longas dissertações eruditas – faz o narrador mover-se continuamente na dimensão do Tempo. O autor teve sempre em mente as cronologias comparativas atribuídas às histórias pela pesquisa histórica, até quando ao sentiu constrangido a modificá-las à luz dos próprios estudos históricos. (Ele o fez, por exemplo, na primeira datação de contos arcaicos dos seguidores de Orfeu na tentativa de reconstrução de "*Die orphische Kosmogonie und der Ursprung der Orphik*" [A cosmogonia órfica e a origem da órfica]. In: *Pythagoras und Orpheus* [Pitágoras e Orfeu]. 3. ed. Ausgabe, Albae Vigiliae, N.F. IX.)

O objetivo deste livro é dar à mitologia grega tanta objetividade quanta lhe pode ser dada hoje em dia: uma objetividade como a que *Sir* George Grey encontrou na mitologia polinésia. Esse objetivo não pode ser alcançado sem uma reconstrução. Para o autor, porém, "reconstrução" significa apenas a concretização do que se encontra nas fontes históricas. Ele se impôs restrições que talvez nem sempre agradem ao leitor, que gostaria, sem dúvida, de seguir as histórias além dos limites dos textos supérstites. O autor não levou nenhuma história além das fontes permitidas pela sua consciência de estudioso. Entretanto, não se absteve de indicar possíveis continuações e combinações. Está visto que o leitor pode não fazer caso dessas indicações e contentar-se com os textos originais, que pode examinar, com o auxílio das notas fornecidas, nos autores clássicos. Convidamo-lo também a fazer uso do índice se quiser descobrir, com uma simples vista de olhos, a informação mitológica que este livro proporciona a respeito de qualquer deus ou deusa.

O autor não seguiu as histórias pelo campo da saga heroica grega, em que os problemas de distorção mercê da narração repetida são muito mais difíceis de resolver do que na mitologia no sentido mais estreito. Os temas da mitologia dos heróis sempre foram tratados pelos antigos poetas com mais detalhes, mas também com mais liberdade que as histórias sobre os deuses. Eles são contados com intenções específicas, puramente artísticas em determinados segmentos. Tentaremos, ainda assim, contar novamente as histórias num segundo volume. As liberdades tomadas pelo douto poeta não foram concedidas ao autor desta obra. O que espera ter conseguido é ter perturbado tão pouco o inter-relacionamento dos deuses quanto seria de esperar de obra baseada em pesquisa erudita de muitos autores, fontes e sugestões. O historiador, embora muito mais cauteloso, pode tentar uma reconstrução da saga heroica: reconstrução, nem sentimental nem seca, de alguma coisa que entusiasmou os gregos. As liberdades tomadas pelo douto poeta não teriam sido concedidas, nem sequer lhe seriam permissíveis, ao autor desta obra. O que este último espera de seus contos recontados é que tenham embaraçado tão pouco o livre movimento dos deuses quanto seria de esperar de uma obra baseada em pesquisa erudita.

Em conclusão, uma mensagem ainda mais pessoal para o leitor indulgente. Este livro apresenta as histórias sobre os deuses da mitologia grega, juntamente com as histórias respeitantes à origem e ao destino da humanidade, de tal forma que elas podem ser lidas do princípio ao fim, como se

fossem capítulos da mesma narrativa. O autor fez o melhor que pôde para facilitar essa maneira de ler. Houve uma coisa, no entanto, que ele não se sentiu autorizado a fazer. Perderam-se as formas arcaicas de tantos contos que o corpo todo do que chegou até nós, e pode ser apresentado, tornou-se excessivamente compacto. Essa compacidade não deve ser afrouxada artificialmente. Já em Ovídio descobrimos que o espírito arcaico se estragou num processo de diluição. O autor decidiu não tentar proporcionar nenhuma facilidade desse gênero. O melhor plano para o leitor, por conseguinte, é não absorver uma quantidade excessiva desse alimento sólido de uma assentada, mas ler apenas umas poucas páginas por vez – e, de preferência, mais de uma vez, como leria um poema antigo. As palavras do compositor em *Ariadne em Naxos* de Hofmannsthal podem citar-se aqui: "O Segredo da Vida aproxima-se de você, tome-a pela mão". As linhas introdutórias da primeira edição foram escritas em Ponte Brolla, em 4 de junho de 1951. Desde essa ocasião, tanto em viagens por países mitológicos como durante o meu trabalho, apresentaram-se várias ocasiões e oportunidades para eu continuar a obra *Heroenmythologie der Griechen* [Mitologia dos heróis gregos] e fazer revisões que me levaram a concluir que o que está escrito na Mitologia dos gregos deve ficar como está. Foram feitas algumas modificações no capítulo sobre os cabiros e os télquines, como resultado da minha viagem à Samotrácia, cujo diário pode ser lido em *Unwillkürlichen Kunstreisen* [Viagens artísticas espontâneas] (Zurique, 1954). O livro de Walter F. Otto *Die Musen und der göttliche Ursprung des Singens und Sagens* [As musas e a origem divina dos cantos e das sagas] trouxe uma ampliação ao capítulo sobre as musas. O ponto de vista do narrador – o sábio sensato das ilhas gregas, que nunca se imaginaria ser um velho grego – ficou muito claro para que o leitor não se sinta tentado a ver nele a figura de um teórico inflexível, em vez de adotar uma atitude receptiva, que é a única forma correta de abordar este assunto.

Ascona, Natal de 1955

I

O começo das coisas

1 Oceano e Tétis

Nossa mitologia contém muitas histórias acerca do princípio das coisas. A mais velha talvez fosse aquela a que se refere o nosso poeta mais antigo, Homero, quando chama Oceano de a "origem dos deuses"[1] e "a origem de tudo".[2] Oceano era um deus-rio; um rio ou curso de água e um deus na mesma pessoa, como os demais deuses-rios. Possuía poderes inexauríveis de gerar, exatamente como os nossos rios, em cujas águas as raparigas da Grécia costumavam banhar-se antes do casamento e que se supunha fossem, portanto, os primeiros antepassados de antigas raças. Oceano, porém, não era um deus-rio comum, pois o seu rio não era um rio comum. Desde o momento em que tudo se originou dele, continuou a fluir até a orla mais extrema da terra, fluindo de volta sobre si mesmo num círculo. Os rios, as nascentes e as fontes – na verdade, todo o mar – saem continuamente da sua corrente ampla e poderosa. Quando o mundo veio a ficar sob a autoridade de Zeus, só a ele se permitiu permanecer no lugar anterior – o qual, na verdade, não é um lugar, senão apenas um fluxo, um limite e uma barreira entre o mundo e o além.

Entretanto, não é rigorosamente correto dizer que "só a ele se permitiu". Associada a Oceano estava a deusa Tétis, acertadamente invocada como Mãe[3]. Como poderia ter sido Oceano a "origem de tudo" se existia em sua pessoa tão somente uma corrente masculina original, desacompanhada de uma deusa original da água capaz de conceber? Compreendemos também por que se diz em Homero que o casal original durante muito tempo se absteve de procriar[4]. Comenta-se que eles brigaram; explicação que bem poderíamos esperar encontrar em histórias antigas dessa natureza. O fato é que, se a procriação original não tivesse cessado, o nosso mundo não teria estabilidade, não teria uma fronteira arredondada, não teria um curso circular que voltasse sobre si mesmo. O gerar e o criar teriam continuado até o infinito. Destarte, Oceano ficou apenas com o fluxo circular e a tarefa de abastecer as nascentes, os rios e o mar – subordinado ao poder de Zeus.

A respeito de Tétis pouca coisa nos diz a nossa mitologia, a não ser que era mãe das filhas e filhos de Oceano[5]. Os últimos são os rios, em número de três mil[6]. As filhas, as Oceânidas, são igualmente numerosas[7]. Mais tarde mencionarei as mais velhas. Entre as netas havia uma cujo nome, Tétis (Thetis), soa como Tétis (Tethys), nome da companheira de Oceano. Em nossa língua fazemos clara distinção entre os dois nomes; mas pode ser que, para as pessoas que viviam na Grécia antes de nós, eles estivessem muito próximos um do outro no som e no sentido e significassem uma e a mesma Senhora do Mar. Logo mais tornarei a falar de Tétis (Thetis). A

prevalência dessa história e a predominância dessas divindades por todo o nosso mar provavelmente remontam a um tempo em que povos de raça grega ainda não habitavam essas regiões.

2 A noite, o Ovo e Eros

Outra história do começo das coisas foi transmitida nos escritos sagrados preservados pelos discípulos e devotos do cantor Orfeu. Posteriormente, porém, só foi possível encontrá-la nas obras de um autor de comédias e em algumas referências feitas a elas por filósofos. De início, era mais comumente contada entre caçadores e habitantes de florestas do que entre os povos da costa marinha. No princípio era a Noite – assim reza a história[8] – ou, em nossa língua, Nyx. Homero também a considerava uma das grandes deusas, uma deusa que inspirava ao próprio Zeus um temor sagrado e respeitoso[9]. De acordo com a história, ela era um pássaro de asas negras[10]. A antiga Noite concebeu do Vento e botou o seu Ovo[11] de prata no colo gigantesco da Escuridão. Do Ovo saltou impetuoso o filho do Vento, um deus de asas de ouro. Chama-se Eros, o deus do amor; mas este é apenas *um* nome, o mais lindo de todos os nomes usados pelo deus.

Os outros nomes do deus, pelo menos os que ainda conhecemos, em que pese ao seu som muito escolástico, referem-se apenas a determinados pormenores da velha história. Seu nome Protógono só quer dizer que ele foi o "primogênito" de todos os deuses. Seu nome Fanes explica exatamente o que fez ao sair do Ovo: revelou e trouxe à luz tudo o que antigamente jazera escondido no Ovo de prata – em outras palavras, o mundo inteiro. Acima dele estava um vazio, o Céu. Abaixo dele, o Repouso. A nossa língua antiga tem uma palavra para o vazio, "Caos", que significa simplesmente que ele "boceja". No início não havia palavra que significasse tumulto ou confusão: "Caos" só adquiriu, mais tarde, o segundo significado após a introdução da doutrina dos Quatro Elementos. Assim sendo, o Repouso, bem abaixo do Ovo, não estava agitado. De acordo com outra forma da história, a terra jazia abaixo do Ovo, e o Céu e a Terra se casaram[12]. Essa foi a obra do deus Eros, que os trouxe para a luz e depois os obrigou a se misturarem. Eles produziram um irmão e uma irmã, Oceano e Tétis.

A velha história, tal como é contada em nossas terras litorâneas, provavelmente continuava relatando que, a princípio, Oceano estava embaixo no Ovo, e não estava só, senão acompanhado de Tétis, e que esses dois foram os primeiros a agir sob a compulsão de Eros. Como está dito num poema de Orfeu[13]: "Oceano, o que flui lindamente, foi o primeiro a se casar: tomou por esposa Tétis, sua irmã por parte de Mãe". A Mãe dos dois era a mesma que botara o Ovo de prata: a Noite.

3 O Caos, Geia e Eros

A terceira história do princípio das coisas vem de Hesíodo, lavrador e poeta ao mesmo tempo e que, na mocidade, pastoreava carneiros na montanha divina do Hélicon[14]. Eros e as Musas tinham ali santuários. Os discípulos do cantor Orfeu prestavam uma reverência especial a essas divindades

e talvez tivessem trazido o seu culto de regiões mais setentrionais. A história de Hesíodo soa como se ele tivesse omitido simplesmente o ovo da história da Noite, o Ovo e Eros, e tivesse procurado, como o faria um lavrador, atribuir a posição de deusa mais velha a Geia, a Terra. Pois o Caos, citado em primeiro lugar, não era para ele uma divindade, mas tão somente um "bocejo" vazio – o que sobra do ovo vazio depois de retirada a casca.

Como o relata Hesíodo[15]: primeiro surgiu o Caos. Surgiram depois Geia, a dos vastos seios, firme e eterna morada de todas as divindades, tanto as que moram no alto, no Monte Olimpo, quanto as que moram dentro dela, na terra; e surgiu, da mesma forma, Eros, o mais belo dos deuses imortais, que liberta os membros e governa o espírito de todos os deuses e homens. Do Caos descendem Érebo, a escuridão sem luz das profundezas; e *Nyx*, a Noite. *Nyx*, apaixonada por Érebo, deu à luz Éter, a luz do céu, e Hêmera, o dia. Geia, por seu turno, deu à luz, primeiro de todos e seu igual, o Céu estrelado, Urano, de modo que ele pudesse cobri-la completamente e ser uma firme e eterna morada dos deuses bem-aventurados. Ela deu à luz as grandes montanhas, cujos vales são residências favoritas de deusas – as Ninfas. E deu à luz o desolado Mar espumante, o Ponto. E deu-os todos à luz sem Eros, sem casar.

De Urano ela deu à luz, além dos Titãs e das Titânidas (entre as quais Hesíodo inclui Oceano e Tétis), também três Ciclopes: Estéropes, Bronteu e Argeu. Estes têm um olho redondo no meio da testa e nomes que significam raios e trovões. De Urano ela também deu à luz três Hecatônquiros – gigantes, cada um dos quais tinha uma centena de braços e cinquenta cabeças: Coto, "o que bate"; Briareu, "o forte"; e Gias, "o lembrado". Mas toda a história do casamento de Urano e Geia – embora deva ter sido originalmente uma das histórias relativas ao princípio das coisas – já nos leva à dos Titãs. É a primeira desse tipo especial em nossa mitologia. Passarei a relatar as outras na devida ordem.

II
Histórias dos Titãs

As histórias dos Titãs referem-se a deuses pertencentes a um passado tão distante que só os conhecemos através de histórias de um tipo especial, e apenas como executores de determinada função. O nome Titã, desde os tempos mais remotos, tem sido associado à divindade do Sol e parece ter sido, no início, o título supremo de seres que eram, na verdade, deuses celestes, mas deuses muito antigos, ainda selvagens e sujeitos a nenhuma lei. Não os considerávamos de maneira alguma dignos de adoração; com a única exceção, talvez, de Crono; e com a exceção também de Hélio, se o identificarmos com o mais selvagem Deus do Sol primordial. É verdade que esses dois têm locais de culto aqui e ali. Os Titãs eram deuses de uma espécie que só tem função na mitologia, a função dos derrotados: até quando logram vitórias aparentes – antes que as histórias cheguem à sua inexorável conclusão. Esses derrotados trazem a característica de uma geração masculina mais velha: as características de antepassados cujas qualidades perigosas reaparecem na posteridade. Nos relatos que se seguem veremos a espécie de seres que eles eram.

1 Urano, Geia e Crono

Urano, o deus do céu, procurava à noite sua esposa, a Terra, a deusa Geia[16]. Os dois filhos brilhantes da Noite e da Escuridão, as crianças Éter e Hêmera, que apareciam durante o dia, já foram mencionados. Urano vinha todas as noites para o acasalamento. Mas, desde o princípio, odiou os filhos que Geia lhe dava[17]. Logo que nasciam, escondia-os sistematicamente e não os deixava ver a luz. Escondia-os nas cavidades interiores da terra. Com esse trabalho perverso – assim o declara expressamente Hesíodo – ele se deleitava. A gigantesca deusa Geia lamentava-se, aflitíssima, e sentia-se oprimida pelo fardo interior. Por essa razão, também inventou um estratagema perverso. Não tardou a produzir o ferro cor de cinza. Fabricou uma poderosa foice, de dentes afiados, e aconselhou-se com os filhos.

O número destes já era grande. Hesíodo enumera, além de Oceano, também Ceos, Crio, Hiperíon, Jápeto e, como o mais moço, Crono. Esses seis irmãos tinham seis irmãs: Teia, Reia, Têmis, Mnemósina, Febe, a engrinaldada de ouro, e a doce Tétis. Em sua angústia, disse Geia a todos os filhos, mas especialmente aos homens: “Ah, meus filhos – e filhos, também, de um pai nefando –, não quereis ouvir-me e punir vosso pai por esse cruel malfeito? Ele foi o primeiro a engenhar um ato vergonhoso!” Estavam todos com medo, e nenhum abriu a boca. Somente o grande Crono, o pensador tortuoso, respondeu. “Mãe”, disse ele, “dou-te a minha promessa e agirei

de acordo com ela. Pouco se me dá do nosso pai, de nome odiado. Ele foi o primeiro a engenhar um ato vergonhoso!" Diante disso, Geia regozijou-se. Escondeu o filho no lugar indicado para a emboscada, pôs a foice na mão dele e contou-lhe toda a trama. Quando Urano chegou, ao cair da noite e, inflamado de amor, cobriu a terra e deitou-se sobre ela, o filho estendeu a mão esquerda do sítio da emboscada e empolgou o pai. Com a direita pegou a imensa foice, cortou rapidamente a virilidade do pai e atirou-a para trás de si.

Geia recebeu no ventre o sangue derramado pelo marido, e deu à luz as Erínias – as "fortes", como Hesíodo lhes chama – e também os Gigantes e as Ninfas do Freixo, ou Ninfas Mélias, das quais surgiu uma raça dura de homens. A virilidade do pai caiu no mar, e assim – segundo histórias que contarei mais tarde – nasceu Afrodite. O que Hesíodo não nos diz (conquanto seja uma coisa que todos os leitores da história dos Titãs perceberão incontinenti) deve ser agora acrescentado: a saber, que desde o ato sanguinolento de Crono, o céu nunca mais se aproximou da terra para o casamento noturno. A geração original chegou ao fim e a ela se seguiu o reinado de Crono. Essa é outra das histórias dos Titãs.

2 Crono, Reia e Zeus

Do número total de doze Titãs e Titânidas, três irmãos tomaram três irmãs por esposas – ou, mais corretamente, três irmãs tomaram três irmãos por maridos. Nesses casos Hesíodo sempre menciona a divindade feminina primeiro. A Titânida Teia deu a seu marido Hiperíon, Hélio, o sol, Selene, a lua, e Eos, a aurora[18]. Febe deu a Ceos uma soberba raça de deuses[19], que compreendia as deusas Leto, Ártemis e Hécate, e um deus masculino, Apolo. Reia desposou Crono[20], a quem deu três filhas e três filhos: as grandes deusas Héstia, Deméter e Hera, e os grandes deuses Hades, Posídon e Zeus. Assim como o Pai Crono era o filho mais moço de Urano, assim Zeus – de acordo com Hesíodo, o qual, ao referir-se a divindades anteriores e à suserania de Zeus, enfatiza especialmente e enaltece suas origens maternas – era o filho mais moço de Reia e Crono[21]. Os que davam importância à origem paterna – como Homero, por exemplo – acreditam que Zeus foi o filho mais velho de Crono. Mas ao contar a história dos Titãs é melhor seguir Hesíodo do que Homero, o qual, como toda a sua escola de poetas, não apreciava as histórias desse tipo e só se referia a elas rara e indiretamente.

O Grande Crono devorava todos os filhos assim que deixavam o ventre sagrado da mãe e caíam entre os joelhos dela[22]. Ele era rei entre os filhos de Urano e não queria que nenhum outro deus lhe sucedesse na posse dessa dignidade. Geia, sua mãe, e o Céu estrelado, seu pai, lhe haviam vaticinado que ele seria deposto por um filho poderoso. Daí que, continuamente alerta, engolisse os filhos. Para Reia isso era uma dor insuportável. Desse modo, quando se viu prestes a dar à luz Zeus, futuro pai dos deuses e dos homens, entrou a suplicar aos pais, à Terra e ao Céu estrelado, que lhe dissessem como poderia pôr o filho secretamente no mundo e vingar as crianças engolidas pelo grande Crono, o pensador tortuoso.

Geia e Urano ouviram a prece da filha e revelaram-lhe o que fora decidido sobre o futuro do rei

Crono e de seu filho. Os pais mandaram Reia para Licto, na Ilha de Creta, onde Geia se encarregou do recém-nascido. Quando Reia levou a criança a Licto, na escuridão da noite, escondeu-a numa caverna na montanha coberta de bosques de Egém. Por outro lado, ofereceu ao filho de Urano, o primeiro rei dos deuses, uma grande pedra enrolada em cueiros. O deus terrível pegou a pedra e enfiou-a no estômago, sem compreender que o filho, invicto, e que não se preocupava com ele, estava apenas esperando o momento de derrubar o pai, tirar-lhe a autoridade e reinar no lugar dele. Rapidamente, cresceram os membros e a coragem desse novo soberano (a quem Hesíodo chama, não de *basileus*, ou rei, mas de *anax*, "Senhor", ou "Sire", como os nossos deuses foram chamados a partir da nova suserania) até que, chegado o momento, aconteceu realmente que Crono foi vencido pela força e pela astúcia traiçoeira de Zeus, e até devolveu de dentro de si os filhos engolidos. Zeus libertou não somente os próprios irmãos, senão também os de seu pai, que Urano ainda mantinha agrilhoados. Os mais importantes dentre eles eram os Ciclopes, que, por gratidão, deram a Zeus o trovão e o raio, emblemas e instrumentos do seu poder.

Crono deixou-nos, associada à sua própria lembrança, a lembrança da Idade de Ouro. Seu reinado coincide com esse período feliz da história do mundo, a cujo respeito falarei mais tarde. A justeza da conexão entre os dois é indicada pela história subsequente de Crono, que outros poetas contaram com maior riqueza de pormenores do que Hesíodo. Na antiga Idade de Ouro, o mel manava dos carvalhos. Os discípulos de Orfeu estavam convencidos[23] de que, quando Zeus acorrentou Crono, o velho foi embriagado com mel. (Naqueles dias não existia o vinho.) Zeus acorrentou-o a fim de transportá-lo para o sítio em que ele, Crono – e com ele a Idade de Ouro –, ainda existe: na mais extrema borda da terra, nas Ilhas dos Bem-aventurados. Para ali dirigiu-se Zeus com seu pai[24]. Ali as brisas mandadas por Oceano banham a Torre de Crono. Ali ele é rei, marido de Reia, a deusa entronizada, suprema entre todas.

3 As batalhas dos deuses e dos Titãs

Houve um tempo em que a nossa mitologia continha inúmeras histórias das guerras dos deuses, histórias que mais tarde foram esquecidas. Zeus, que condenara ao cativeiro seu pai Crono, viu-se ele próprio ameaçado com o mesmo destino. Menciona Homero[25] o modo com que Zeus, de uma feita, foi quase subjugado por seus poderosos irmã e irmão, Hera e Posídon, e por Palas Atena. Mas Tétis, na qualidade de grande deusa do mar, foi buscar nas profundezas um dos três "centímanos": aquele a quem os deuses chamavam Briareu, mas a quem os homens chamavam Egéon. (Em certa ocasião ele deve ter partilhado com a deusa o domínio das profundezas do Mar Egeu.) Comprazendo-se no seu glorioso ofício, o centímano assumiu a guarda do filho de Crono. Os deuses abençoados ficaram com medo e não encadearam Zeus. De mais a mais, foi graças à ajuda de monstros benevolentes como Briareu que Zeus conseguiu, depois da vitória sobre Crono, firmar seu poder sobre os turbulentos Filhos do Céu, mais parecidos com seu pai do que ele próprio.

Conta-nos Hesíodo[26]: durante dez anos completos os Titãs e os filhos de Reia e Crono estiveram empenhados numa guerra acirrada. Os velhos deuses, os Titãs, travavam sua luta desde o

cume do Monte Ótris; Zeus e seus irmãos e irmãs desde o Monte Olimpo. Não havia possibilidade de um fim decisivo para a luta. Geia, então, revelou aos novos deuses o segredo da vitória. A conselho seu, eles foram buscar nas profundezas, na orla mais extrema da terra, os centímanos Briareu, Coto e Gias; fortaleceram-nos com néctar e ambrosia, a bebida e a comida dos deuses, e Zeus pediu-lhes que expressassem sua gratidão participando da guerra contra os Titãs. Coto prometeu, em nome dos três, que assim o fariam. Travou-se de novo a batalha[27]. Deuses e deusas colocaram-se em ordem de combate uns contra os outros. Mas os novos aliados tinham trezentas mãos. Com as trezentas mãos pegaram trezentas pedras. E com o dilúvio de pedras sobrepujaram os Titãs e selaram-lhes a ruína. Os vencidos foram acorrentados e atirados no Tártaro, tão profundo abaixo da terra quanto a terra abaixo do céu. Uma bigorna caída do céu cai durante nove noites e, na décima, chega à terra; da mesma forma, ela cai durante nove noites e nove dias a partir da terra e, no décimo dia, chega ao Tártaro, cercado de um muro de ferro. Essa fortaleza é cercada três vezes pela Noite. Sobre ela cresceram as raízes da terra e do mar. Do seu interior, escondidos na treva, os Titãs nunca poderão escapar, pois foi Posídon quem colocou as portas de ferro em torno dela. Como fiéis guardiães, nomeados por Zeus, ali moram Gias, Coto e Briareu.

Conta-se mais[28] – se foi Hesíodo o contador, se foi alguém mais que fez essa adição à história, a fim de proteger a reputação de Zeus, ninguém sabe –que a virada da fortuna na batalha dos Titãs, na verdade, foi causada pelo raio do novo soberano. Entretanto, como eu já disse, Zeus recebera o trovão e o raio das profundezas, dos Ciclopes que libertara. Fosse como fosse, os Filhos do Céu e da Terra foram derrotados com a ajuda de Geia e de seus filhos, que eram Filhos da Terra e do Céu.

4 Tifeu, ou Tífon, Zeus e Egipã

Outra história muito antiga é uma história que nem Hesíodo nem qualquer um dos que lhe ampliaram o poema sobre a origem dos deuses se preocuparam em passar-nos. Ela nos voltou da Ásia Menor. Justifica-se que digamos "voltou", pois a caverna chamada "Saco de Couro" *(korukos)* – *o korukion atron* – nos é tão conhecida em Delfos quanto o é na Cilícia; e como o é um dragão do sexo feminino chamado Délfine e associado, em ambas as partes do mundo, a um dragão do sexo masculino chamado Tífon. A única diferença é que, na Ásia Menor, o oponente do dragão era Zeus, ao passo que em Delfos era o filho de Zeus, Apolo; e que Zeus derrotou o dragão masculino, ao mesmo tempo em que Apolo derrotou o feminino.

Dizia-se[29] que, após a derrubada dos Titãs, o dragão Tifeu – também chamado Tífon ou Tifo, e amiúde confundido com o Tífon dos egípcios – foi dado à luz por Geia como o seu filho mais novo[30]. Diz-se ainda que seu pai foi Tártaro. (O Tífon de Delfos, por outro lado, nasceu de Hera, mas não teve pai[31].) O Tifeu da Ásia Menor veio ao mundo na Cilícia e era metade homem e metade animal. Sobrepujava todos os outros filhos de Geia em tamanho e força. Modelado como um homem acima dos quadris, era tão alto que ultrapassava a montanha mais alta e sua cabeça batia amiúde nas estrelas. Um dos braços se estendia até o poente e o outro até o nascente. Dos ombros lhe saía uma centena de cabeças de serpentes. Dos quadris para baixo era modelado como

duas serpentes lutadoras, que se alçavam até a altura da cabeça e sibilavam, vociferantes. Quanto às vozes das cem bocas, revela-se[32] que os deuses muitas vezes podiam compreender o que ele dizia; ele também sabia latir como cachorro, ou silvar de modo que as montanhas ecoassem. Todo o corpo do monstro era coberto de asas. Os cabelos selvagens da cabeça e do queixo balançavam ao vento, os olhos fuzilavam. Silvando e rugindo, ele atirava pedras raivosas ao Céu e sua boca cuspia chamas em vez de cuspir saliva. Ainda não estava decidido se Tifeu lograria o domínio dos deuses e dos homens. Mas Zeus golpeou-o de longe com o raio e, de perto, com a foice de aço, perseguindo-o até o Monte Casio. Quando viu o dragão ferido, passou a combatê-lo a pequena distância. Mas foi imediatamente aprisionado nos anéis das serpentes imensas e o dragão arrebatou-lhe a foice da mão e cortou-lhe os tendões das mãos e dos pés. Tifeu colocou-o nos ombros, carregou-o através do mar até a Cilícia e deixou-o na caverna denominada "Saco de Couro", onde também escondeu os tendões de Zeus num couro de urso e colocou Délfine, dragão do sexo feminino, metade donzela e metade serpente, como guardiã deles. Mas Hermes e Egipã roubaram os tendões e devolveram-nos, em secreto, ao deus. Zeus tornou-se forte outra vez e, vindo do Céu num carro puxado por cavalos alados, perseguiu o dragão, primeiro que tudo, até o Monte Nisa. Aqui o fugitivo foi traído pelas deusas do Destino, as Moiras. Ele comeu do fruto que elas lhe ofereceram, dizendo-lhe que, por intermédio dele, recuperaria a força. O fruto, no entanto, era o chamado "Só por um dia". Ele prosseguiu na fuga e voltou a combater na Trácia, na Cordilheira de Hemo, atirando montanhas inteiras ao seu redor e sujando-as com o seu sangue *(haima)*, o que deu o nome à cordilheira. Finalmente, chegou à Sicília, onde Zeus arremessou o Etna sobre ele. Essa montanha ainda cospe os raios que caíram sobre o dragão.

Nessa história, Hermes está claramente deslocado. Era um dos filhos mais moços de Zeus e só foi trazido para a história por ser – como mais tarde se verá – um ladrão-mestre. O verdadeiro participante da história foi Egipã: ou seja, o deus Pã em sua qualidade de bode *(aix)*, que devia ter alguma relação de parentesco com o dragão e, portanto, deve tê-lo traído. Pois em Delfos também se diz do dragão – numa história em que lhe dão o nome de Píton – que ele tinha um filho chamado Aix[33]. Em outra versão ulterior[34] foi o herói Cadmo, disfarçado por Pã em pastor de cabras, quem primeiro enfeitiçou Tifeu com as notas da Flauta de Pã e depois o enganou, persuadindo-o de que faria, com os tendões de Zeus, um instrumento ainda mais maravilhoso, chamado lira; e Tifeu consentiu em ser enganado. Sucumbiu, como tantas vezes acontece nas histórias dos Titãs, a um embuste aleivoso.

5 A batalha com os Gigantes

Uma história ao jeito das histórias dos Titãs é a dos Gigantes. Não nos esqueçamos de que eles nasceram do sangue derramado pelo Pai do Céu mutilado. "Resplandecentes em suas armaduras, com compridas lanças nas mãos" – assim os descreve o nosso Hesíodo[35]. Mas o mais notável a respeito deles era o fato de sua mãe ser Geia, a Terra; de modo que os nossos pintores também os retrataram como selvagens vestidos com peles de animais, arrojando rochedos e troncos de árvores, ou como imensas criaturas afeiçoadas, das ancas para baixo, como serpentes gêmeas. Supõe-se que

eles tenham aparecido na superfície da terra numa região determinada: em Flegra – o que quer dizer, "as planícies ardentes" ou Palene[36].

A atitude de Geia em relação aos Gigantes foi bem diferente da que teve com os Titãs na guerra que os olimpianos moveram aos Filhos do Céu e venceram com a ajuda da deusa da terra e sua prole de monstros. Nessa nova guerra presume-se que até os centímanos ficaram do lado dos Gigantes[37]. A mãe deles fez o mesmo: talvez nem tanto por querer vingar os filhos, os Titãs, ou o dragão Tifeu, quanto porque agora os novos deuses tinham usurpado a posição dos Filhos do Céu, e Geia era sempre adversária do Céu. Começou-se a dizer[38] que os olimpianos só conseguiriam obter a supremacia sobre os Gigantes que os atacavam com a ajuda de um mortal – ou, mais especificamente, com a ajuda de dois deuses nascidos de mães mortais. Parece que os olimpianos nunca poderiam lograr uma vitória sem a ajuda de poderes inferiores. Zeus tinha ao seu lado não somente os irmãos e irmãs, mas também os filhos, entre os quais dois havidos de mães mortais: Dioniso e Héracles. Foram eles, segundo se supõe, que decidiram o resultado da batalha contra os Gigantes. Dizia-se, além disso, que apesar dessas desvantagens os Gigantes ainda poderiam ter encontrado a salvação numa certa erva mágica. Geia procurou encontrar a erva para eles. Zeus proibiu a aurora de erguer-se, e o sol e a lua de brilhar, até que ele mesmo tivesse encontrado a erva mágica.

Houve outros estratagemas notáveis nessa batalha. O Gigante Alcioneu não poderia ser derrotado enquanto estivesse no próprio solo pátrio: por isso Héracles carregou-o, depois de tê-lo ferido com uma flecha, até a divisa de Palene, e assim Alcioneu pereceu. O Gigante Porfírio, que atacou Hera e Héracles ao mesmo tempo, foi inflamado por Zeus com tamanho desejo pela deusa que, em sua lascívia, lhe arrancou a túnica. No mesmo instante foi atingido por um raio de Zeus e uma seta de Héracles. Efialtes foi ferido no olho esquerdo por Apolo e, no direito, por uma flecha de Héracles. Palas, num encontro com o Gigante também chamado Palas, arrancou-lhe a pele e usou-a como escudo ou couraça. Atena fez a Encélado quase o mesmo que Zeus fez ao dragão na história de Tifeu: atirou sobre ele a Ilha da Sicília.

Este conto poderia ser continuado, como o foi pelos poetas e pintores de épocas ulteriores. Acabou em vitória para os olimpianos. Mas o conto tem muito menor importância na nossa mitologia do que as histórias mais antigas dos Titãs. Estas incluem um grupo especial de relatos: os de Prometeu e da Raça Humana, cuja causa Prometeu defendeu contra Zeus. Porque depois da queda dos Titãs a humanidade pretendeu rivalizar com os deuses. Mas seria prematuro voltar já nossa atenção para essas histórias. Há muita coisa para contar primeiro. Devo mostrar principalmente as divindades que existiam nessa ocasião, além dos filhos de Reia e Crono, e como se houveram sob o império de Zeus.

III

As Moiras, Hécate e outras divindades pré-olimpianas

Em nossas histórias relativas ao princípio das coisas, três grandes deusas representam o papel de Mãe do Mundo: a deusa do mar Tétis, a deusa Noite e a Mãe Terra. Elas constituem uma Trindade; mas isso pode ter sido um resultado casual do fato de que somente três histórias de uma Mãe assim nos foram transmitidas. Como também pode ter sido um resultado casual do fato de no relato da origem da Guerra de Troia, o acontecimento mais importante na era dos nossos heróis, três deusas terem aparecido na história do julgamento de Páris.

Em todo o correr da nossa mitologia topamos com *três* deusas. E o que é mais, elas não formam apenas grupos acidentais de três – de ordinário grupos de três irmãs – mas *são*, de fato, trindades reais que chegam, às vezes, quase a constituir uma Deusa Tríplice. Existem também histórias de grupos maiores, de cinquenta deusas ou de cinquenta filhas do mesmo pai ou do mesmo casal. Permitam-me expor desde já a associação sugerida por esses números. Um mês lunar era dividido em três partes, e a nossa lua tinha três aspectos: como o sinal do crescimento, da plenitude e do declínio de uma presença divina no céu. (Ela também podia ser vista, naturalmente, sob dois aspectos: como crescimento e declínio, ou como brilhante e escura.) Por outro lado, o nosso maior período de festa, a Olimpíada, consistia em cinquenta meses ou, em toda ocasião alternativa, em quarenta e nove: essa alternação reflete-se, não raro, nos nossos contos.

Nada disso significa que a grande deusa tríplice, da qual ouviremos falar sob muitos nomes diferentes, *nada mais é do que* a lua. A deusa da lua, Selene, só aparecerá mais tarde na minha narrativa, em conexão com o deus do sol, Hélio, e sua tribo.

1 As deusas do Destino (Moiras)

Já tive ocasião de dizer que o próprio Zeus sentia um sagrado e respeitoso temor da deusa Noite[39]. Segundo as narrativas dos discípulos de Orfeu, que deixarei para mais tarde, a própria *Nyx* era uma deusa tríplice[40]. Entre os filhos da Noite figuravam as deusas do Destino, as Moiras. Essa tradição a respeito delas está no nosso Hesíodo[41], conquanto ele também afirme que as três deusas eram filhas de Zeus e da deusa Têmis[42]. No dizer dos menos antigos devotos de Orfeu, elas viviam no Céu, numa caverna ao pé do lago cuja água branca jorra da mesma caverna[43]: clara imagem do luar. O nome delas, a palavra *moira*, significa "parte"; e o seu número, explicam os orfistas,

corresponde ao das três "partes" da lua; e[44] é por isso que Orfeu canta "as Moiras de vestes alvas".

Conhecíamos as Moiras como as Fiandeiras, *Klothes*, embora apenas a mais velha delas se chame Cloto. A segunda se chama Láquesis, "a Distribuidora"; a terceira, Átropos, "a Inevitável". Homero, na maioria das vezes, só fala numa Moira, uma única deusa fiandeira, que é "forte", "difícil de suportar" e "destruidora". As Moiras fiam os dias de nossas vidas, um dos quais se torna, inevitavelmente, o dia da morte. O comprimento do fio que elas atribuem a cada mortal é decidido exclusivamente por elas: nem mesmo Zeus pode influir-lhes na decisão. O máximo que pode fazer é pegar as suas balanças de ouro, de preferência ao meio-dia, e verificar – no caso, por exemplo, de dois adversários que se defrontam – qual deles está destinado a morrer naquele dia[45]. O poder das Moiras vem provavelmente de um tempo anterior ao império de Zeus. E elas nem sempre formam uma Trindade: na famosa e antiga pintura de vaso que retrata o casamento da deusa Tétis com o mortal Peleu, veem-se quatro Moiras. Em Delfos, por outro lado, somente duas eram adoradas: a Moira do nascimento e a Moira da morte. Eram duas quando participaram da batalha contra os Gigantes – na qual brandiam mãos de almofariz feitas de bronze[46]. Os deuses jovens tinham-lhes pouco respeito. Apolo – conta-nos um antigo dramaturgo – embriagou as três deusas grisalhas a fim de salvar seu amigo Admeto do dia aprazado para a sua morte[47]. Dizia-se que elas presenciaram o nascimento do herói Meléagro em casa do Rei Eneu[48]. Cloto profetizou que a criança seria de natureza nobre; Láquesis profetizou-lhe a condição de herói; mas Átropos profetizou que ele viveria apenas enquanto durasse o tronco de árvore que naquele momento se achava no fogo. Ouvindo isso, a mãe, Atleia, salvou o tronco das chamas. Dizia-se também[49] que, das três *Klothes*, Átropos era a de menor estatura, porém a mais velha e a mais poderosa.

Limitar-me-ei a fazer breve menção dos Filhos da Noite, bando sinistro do qual apenas alguns componentes eram divindades e que Hesíodo só menciona[50] no intuito de completar a sua genealogia de Todas as Coisas. A Morte é citada debaixo de três nomes: Moros, Quer e Tânato. (O primeiro desses nomes é a forma masculina de Moira.) Citam-se juntamente com Moros seu irmão Hipno, o Sono, e toda a tribo dos Sonhos; Momo, a Zombaria; Oizys, a Angústia; as Hespérides, que guardam as maçãs de ouro além de Oceano; e a deusa Nêmesis, a cujo respeito também se conta uma história especial; Traição e Comércio (Apate e Filotes); Velhice Grisalha (Geras) e Luta (Éris). Os Filhos de Éris não são incluídos nas histórias dos deuses. Numa quadra ulterior habitaram a entrada do Mundo Subterrâneo.

2 As deusas Euríbia, Estige e Hécate

Um relato sobre as deusas do Destino, que Homero une numa única *Moira Krataia*, a "Moira forte"[51], deve ser acompanhado de um relato sobre as deusas igualmente notáveis pela força ou por alguma conexão especial com seres que significam força. Elas formam um grupo acidental de três – mas não inteiramente acidental, já que Hesíodo as une pelo parentesco.

Euríbia, como o nome quer dizer, era uma deusa de "ampla força". *Bia* significa "força" e é sinônimo de *kratos*, "poder". Supunha-se que Euríbia fosse filha de Geia. Mas seu pai era o Mar,

Ponto[52]. Seus irmãos foram Nereu e Fórcis, dois "Velhos do Mar", e Taumante, cujo nome significa "Maravilha do Mar". Sua irmã era Ceto, a deusa das belas faces, cujo nome quer dizer "Monstro do Mar". Euríbia tinha um coração de aço. Ela deu filhos a Crio, cujo nome indica "O Carneiro do Céu" e que foi um dos dois Titãs que não se casaram com uma Titânida. A deusa do coração de aço, entretanto, era quase uma Titânida. Seus filhos têm a natureza semelhante à dos Titãs: Astreu, "o Estrelado", Palas, o marido de Estige; e Perses, pai de Hécate.

Estige é para nós um nome odiado; está associado com *stygein*, "odiar". É o nome do rio que circunda nove vezes o Mundo Subterrâneo e o limita[53]. A fria queda-d'água do alto do Monte Araônio, na Arcádia, recebeu o seu nome por causa do rio do Mundo Subterrâneo, e não ao contrário. Sobre a deusa do mesmo nome diz-se que Zeus gerou nela a Rainha do Mundo Subterrâneo, Perséfone[54]. Em Hesíodo a deusa Estige é a mais poderosa das filhas mais velhas de Oceano e Tétis[55]. Falava-se[56] que Estige deu a Palas, além de Zelo e Nice ("Zelo" e "Vitória"), também Crato e Bia ("Poder" e "Força"). Esses dois nunca deixaram de estar ao lado de Zeus não somente em casa como também nas viagens. Estige o conseguira no dia em que o olimpiano convocou todos os deuses para ajudá-lo contra os Titãs e prometeu-lhes que quem o fizesse jamais careceria de recompensa e honra: todo aquele que ocupasse uma posição ou uma dignidade especiais as manteria, e todo aquele que não tivesse recebido nem uma coisa nem outra sob as ordens de Crono receberia uma posição ou uma dignidade que se lhe ajustasse. Daí que Estige fosse a primeira a juntar-se a Zeus com os filhos. Tal era a sua sabedoria, herdada de seu pai Oceano. E Zeus, na verdade, a honrou e recompensou ricamente: ela tornou-se o grande juramento dos deuses. Nem mesmo os mortais se atrevem a perjurar em nome de Estige, que permaneceu associada ao Mundo Subterrâneo e nunca se tornou uma deusa Olímpica. A importância do juramento feito pelas águas de Estige será explicada mais adiante, quando eu chegar à História de Íris. Os Filhos de Estige tornaram-se companheiros constantes do Soberano. Não nos esqueçamos de que na tragédia de Ésquilo *Prometeu Acorrentado* Crato e Bia aparecem como dependentes de Zeus[57]. A deusa alada Nice, por outro lado, estava mais intimamente ligada à filha de Zeus, Palas Atena.

Hécate, a terceira do grupo, estava sempre mais próxima de nós – se bem o seu nome talvez queira dizer "a Distante". Não é apenas o nome que a liga a Apolo e Ártemis, igualmente chamados de Hécaton e Hécate, mas também a origem da sua família – se é que Hesíodo está certo no relato a esse respeito. Supõe-se alhures que ela foi uma das Filhas da Noite[58]. Hesíodo, porém, nos dá a seguinte genealogia[59]: o casal de Titãs, Febe e Ceos, teve duas filhas: Leto, a mãe de Apolo e Ártemis, e Astéria, a deusa-estrela, que deu Hécate a Perseu ou Perses, filho de Euríbia. Hécate, portanto, é prima de Apolo e Ártemis e, ao mesmo tempo, um reaparecimento da grande deusa Febe, cujo nome os poetas dão frequentemente à lua. Com efeito, Hécate costumava aparecer-nos carregando sua tocha como Deusa da Lua, ao passo que Ártemis, que, às vezes, também carrega uma tocha, nunca o fez. Hesíodo procura distinguir ainda mais Hécate de Ártemis enfatizando, repetidamente, que a primeira é *monogenes*, "filha única". Nesse sentido, Hécate se parecia também com Perséfone, a deusa do Mundo Subterrâneo. Quanto ao resto, era uma poderosa deusa tripla.

Zeus a reverenciava acima de todas as outras[60] e deixava-a partilhar da terra, do mar e do céu estrelado; ou melhor, não a privou dessa honra tríplice, que ela usufruíra no tempo dos deuses anteriores, os Titãs, mas deixou-a conservar o que lhe fora outorgado na primeira distribuição de honras e dignidades. Ela era, portanto, uma verdadeira Titânida dos Titãs, ainda que isso nunca apareça expressamente dito. Pelo contrário, dizem que ela é[61] aquela *Krataiis*, aquela "Forte", que deu a Fórcis o monstro marinho e feminino Cila. Contam-se histórias dos seus casos de amor com deuses do mar: com Tritão, sobretudo[62], a quem Hesíodo chama *eurybias*, "de ampla força". Por outro lado, também se dizia[63] que Hécate era senhora do Mundo Subterrâneo e todas as noites dirigia um enxame de fantasmas, acompanhada pelo ladrar dos cães. Chamavam-lhe até Cadela ou Loba[64].

Ela estava literalmente "próxima" de nós, no sentido de que ficava diante das portas de nossas casas sob o nome de Protiraia, a deusa que ajudava as mulheres no parto (ou, às vezes, as oprimia cruelmente), e era também vista em locais de reunião de três caminhos, onde se erguiam imagens suas: três máscaras de madeira em cima de uma vara ou uma estátua tripla com três rostos olhando para três direções. Descrever como e com que finalidades as mulheres a invocavam nos levaria para o terreno da feitiçaria; e pretendo limitar-me tanto quanto possível à mitologia.

3 Cila, Lâmia, Empusa e outros fantasmas

Hécate tinha participação no céu, na terra e no mar, mas nunca se tornou uma deusa olimpiana. Estava tão intimamente ligada à vida de nossas mulheres e, por conseguinte, à humanidade em geral, que parecia menor do que as esposas e filhas de Zeus. Por outro lado, o seu reino – especialmente o mar, onde, nos tempos primordiais, tinha seus casos de amor – era tão grande que o olimpiano não poderia, de maneira alguma, controlá-lo. Quando não caminhava pelas estradas, enfurnava-se em sua caverna. O mesmo fazia sua filha Cila, um monstro marinho – pelo menos de acordo com as histórias narradas pelos nossos marinheiros, cujo principal objetivo ao contá-las era assustar a gente da terra. Pois eles mesmos conheciam a verdadeira natureza até das partes mais perigosas do mar e não associavam a grande deusa, que podia aparecer numa infinidade de formas, a um único lugar.

Contavam os marinheiros[65] – e a história se preservou na Odisseia, onde a deusa, a princípio tripla segundo suponho, foi depois duplicada – que existem dois rochedos, um dos quais de pedra lisa e tão alto que chega ao céu e o seu topo é invisível. No meio do penedo fica a caverna de Cila. A caverna olha para o oeste, para a escuridão impenetrável de Érebo. Ali mora Cila, latindo horrivelmente, feito uma cadela nova. Os seus doze pés – o número necessário para uma Hécate dupla – não se desenvolveram. Suas seis cabeças terríveis encimam um pescoço comprido. Em suas bocas os dentes mortíferos se dispõem em três fileiras. Com estes ela pesca, projetando as cabeças para fora da caverna e procurando, entre as rochas, golfinhos, focas ou monstros marinhos maiores. Quando o navio de Ulisses seguiu aquele caminho e, a conselho de Circe, decidiu evitar o outro rochedo, Cila, inadvertidamente, apareceu e devorou seis homens da tripulação[66].

Debaixo do outro rochedo emboscava-se Caribde[67], que pertence inteiramente aos contos dos homens do mar e escassamente à mitologia, embora Homero lhe chame "a divina Caribde", usando o mesmo adjetivo, *dia*, que aplica à bela ninfa das cavernas, Calipso. Três vezes por dia Caribde sorvia o mar e três vezes por dia tornava a cuspi-lo. No cimo do rochedo, que não era tão alto quanto o penedo oposto de Cila, erguia-se uma figueira-brava. Caribde propriamente dita ficava fora da vista. Disse-se dela mais tarde[68] que era filha de Geia e Posídon, devorava tudo e roubou o gado de Héracles, razão pela qual foi lançada, pelo raio de Zeus, às profundezas do mar.

Uma história mais ou menos semelhante se conta de Cila[69] – a cadela selvagem, que também teria roubado as reses de Héracles e por isso fora morta pelo herói. Seu pai, Fórcis, devolveu-lhe a vida, queimando-lhe primeiro o corpo com tochas e depois fervendo-o. Por esse motivo Cila não tinha medo nem de Perséfone, Rainha do Mundo Subterrâneo. Precisamos reconhecer em Cila uma grande deusa parecida com sua mãe, Hécate. As histórias de Cila mais fiéis à sua verdadeira natureza são provavelmente as que a pintam como uma formosa mulher até os quadris, mas que se muda, à altura dos quadris, num cachorro e, dos quadris para baixo, num peixe. As histórias que falam dela também como possuidora de asas são igualmente fiéis à sua natureza, visto que, à diferença de Caribde, ela rege não somente as profundezas, mas também grandes distâncias, tanto em cima quanto embaixo. Mas ela talvez tivesse esse domínio mais entre nossos vizinhos ocidentais, os etruscos, do que entre nós. Eis por que Cila também se chama *Tyrsenis*, "a Etrusca"[70].

A mãe dessa deusa – que não se deve confundir com outra Cila, que era um ser humano, filha de Niso – chama-se não só Hécate, mas também Lâmia[71]. Nesse ponto, as histórias se estendem em contos que nem sequer fazem parte da lenda dos marinheiros, mas jazem ainda mais longe, nos contornos externos da mitologia. Tornam-se fábulas como as que as amas contavam às crianças, não só para assustá-las, a fim de que se comportassem direito, como também para entretê-las. Lâmia, ou Lamo, de acordo com o nome, é "a Devoradora": *laimos* significa "garganta". A forma abreviada do nome, Lamo, foi provavelmente o nome usado pelas amas ao falarem com as crianças, como os nomes abreviados que davam a outros bichos-papões, como Aco, Alfito, Gelo, Carco, ou Mormo para indicar Mormólice. Dizia-se[72] que Lâmia, uma rainha, reinava na Líbia. Sua caverna era realmente indicada aos visitantes. Zeus a amava[73] – pois ela era formosa – e dela teve filhos. Estes foram vítimas dos ciúmes de Hera. Desde então, Lâmia enfeiou por efeito da dor e, invejosa, rouba os filhos de outras mães. Capaz de retirar os olhos da cabeça, permanece vigilante até quando dorme. E pode mudar-se em qualquer forma. Mas, se for pega e segura com força, as crianças lhe podem ser arrancadas vivas do ventre[74].

Contava-se também às crianças outra história semelhante dos Titãs, que se parece, em certos sentidos, com a de Crono. Lâmia, como Crono, possuía uma torre[75]. Não ficou claro se ela era uma deusa, um deus, ou ambos. O poeta cômico Aristófanes[76], que preservou, mas também torceu e parodiou, tantos contos antigos, menciona partes do corpo da Lâmia que por certo não são femininas. (De maneira semelhante, a Górgona exibe, às vezes, um falo atado em seu corpo.) Por outro lado, ela era notável por ter a lubricidade de uma meretriz de tal modo que se dava, às vezes,

às meretrizes, o apelido de Lâmias. Sua habilidade em metamorfosear-se lembra-nos as formas triplas de Hécate e a estrutura corpórea mista de Cila. Lâmia detinha esse dom em comum com certas divindades do mar e também com outro bicho-papão, Empusa, cujo nome, às vezes, é simplesmente outro nome de Hécate[77]; às vezes, porém, Empusa se apresenta como um ser separado.

As pessoas também costumavam falar de Lâmias e Empusas no plural e, quando o faziam, os dois nomes eram sinônimos. Quando Empusa aparecia na entrada do Mundo Subterrâneo, como numa peça de Aristófanes[78], figurava ora como vaca, ora como mula, ora como beldade, ora como cadela. Todo o seu rosto resplandecia feito chama. Um de seus pés era de bronze. (Obviamente, porém, o poeta exagera. Outros narradores só se referem à sandália de bronze que, mais tarde, Hécate usou na qualidade de *Tartarouchos*, "Soberana do Tártaro"[79]. Na qualidade de deusa brilhante, usava sandálias de ouro.) O outro pé de Empusa estava tão sujo de esterco de mula que não se parecia com uma pata de mula, mas com uma pata de esterco de mula. Nesse ponto, no entanto, a mitologia cedeu lugar à simples irreverência.

4 As filhas mais velhas de Tétis e Oceano

Direi agora os nomes das filhas mais velhas de Tétis e Oceano, citados em Hesíodo[80]. Além de Estige, a mais poderosa e que já foi mencionada, existem outras quarenta. Hesíodo incluía na lista os nomes de grandes deusas conhecidas, como Perseia, "filha de Perses", isto é, Hécate e Urânia, isto é, Afrodite; e também os nomes de esposas de Zeus, como Dione e Europa, Métis e Eurínome, das quais apenas a última continuou a ser uma deusa do mar comparável a *Tethys* e *Thetis*. Dessa maneira, Hesíodo reconhece, até certo ponto, a exatidão da história do princípio das coisas, que faz de Oceano e Tétis os pais de outras divindades além das divindades do mar e dos rios.

Dentre as outras Oceânidas nomeadas por Hesíodo, somente nove têm relação com a água, o vento e a onda móvel e rápida, com rochas, cavernas e navios. Calírroe e Anfiro representam o fluxo; Plexaura e Galaxaura representam o vento açoitante e a calma; Toe e Ocítoe representam a rapidez e a mobilidade; Petreia representa as rochas; Calipso representa a caverna que abriga; Primno, a popa do navio. Dos outros nomes, os seguintes se referem a dádivas e riquezas *(doron* e *ploutos)* que, às vezes, também podem ser outorgados pelo mar: Dóris, Eudora, Polidora, Pluto. Pressupunha-se que a primeira delas fosse a mãe da geração mais nova de deusas do mar, as filhas de Nereu, das quais falarei mais tarde em conexão com os "Velhos do Mar". Mas ainda tenho de citar a maioria dos nomes das filhas de Tétis, que se incluem entre os mais desconcertantes: Pito, Admeto, Iante, Electra, Hipo, Clímene, Rodeia, Zeuxo, Clície, Idiia, Pasítoe, Melobose, Cerceide, Janira, Acasto, Xante, Menesto, Telesto – a das vestes de colorido amarelo-açafroado – e, finalmente, Criseide, Ásia e Tique.

Poder-se-iam fazer muitas conjeturas sobre as deusas escondidas atrás desses nomes; mas farei apenas as interpretações mais óbvias. Pito, deusa da "Persuasão", era apenas um nome especial da Deusa do Amor e, por conseguinte, passou a ser companheira de Afrodite. Admeto, por outro lado,

como Ártemis, era "indomável". Hipo e Zeuxo tinham relação com cavalos e carros. Idiia era uma deusa de conhecimentos mágicos, Xante uma deusa loira, Telesto uma deusa de iniciações em mistérios e Tique uma deusa cujo nome significa "o que pode acontecer" ou "Acaso", divindade a cujo respeito não se contavam histórias especiais, mas cujo poder – como o das três Moiras e da tripla Hécate – se revelaram mais fortes do que o poder de Zeus.

5 Os Velhos do Mar: Fórcis, Proteu e Nereu

Em histórias como as de Euríbia, Estige e Hécate, ou de Cila, Lâmia e Empusa, nunca poderemos dizer se todos esses nomes se referem ou não a uma única divindade, a "Deusa Forte" cujo poder e domínio compreendem o céu, a terra, o mar e até o Mundo Subterrâneo. Ninguém tampouco pode dizer se *Tethys*, *Thetis* e Eurínome eram manifestações da mesma divindade – ou, na verdade, apenas três nomes diferentes, originários de vários lugares e épocas, para a sua manifestação como Deusa do Mar. Acontece o mesmo com as três divindades masculinas, Fórcis, Proteu e Nereu, cada um dos quais Homero descreve como "O Velho do Mar".

Leitores dos livros sagrados de Orfeu estavam familiarizados com uma história[81] segundo a qual Fórcis, Crono e Reia eram os filhos mais velhos de Oceano e Tétis – filhos, por sua vez, da Terra e do Céu; ou, como eu já disse, das metades superior e inferior do Ovo original. Segundo outra história[82] contada nesses livros, Geia e Urano tinham por filhos sete Titânidas e sete Titãs. Além delas, como já tive ocasião de mencionar, os livros incluíam, entre as Titânidas, a bela Dione e, entre os Titãs, Fórcis, apelidado de *krataios*, "o forte". Consoante Hesíodo[83], Fórcis, filho de Geia e Ponto, tinha por irmã Euríbia: não preciso citar os nomes das outras. Era casado com Ceto, a das lindas faces, cujo nome é a forma feminina de *ketos*, "monstro do mar". A palavra também pode ser empregada para descrever "O Velho do Mar" – como quando, ao lutar com Héracles, assumiu várias formas. É certo que truques de metamorfose são mais comumente atribuídos a Proteu e Nereu do que a Fórcis, e a história da luta com Héracles é contada apenas de Nereu. Essencialmente, contudo, trata-se sempre do mesmo "Velho do Mar". Fórcis também chamado Forco – era, de certo modo, o mais velho dos três, chefe do coro de todas as divindades marinhas. E deve ter sido um deus astuto e obreiro de prodígios, a ser verdade, como eu já disse, que trouxe sua filha Cila de volta da morte para a vida!

Proteu é o nome mais facilmente explicável do "Velho do Mar". É uma forma arcaica de Protógono, "o primogênito". Não se faz menção dos pais de Proteu, mas apenas das águas em que pode ser encontrado. Ele frequentava uma ilha arenosa a curta distância do Egito, conhecida pelo nome de Faros; ao passo que Fórcis se sentia mais à vontade no oeste, numa baía de Ítaca, ou mais a oeste ainda, onde morava também sua filha Cila. Conta-se[84], ao estilo das lendas dos homens do mar, que Homero gosta tanto de usar na Odisseia, que Proteu tinha uma filha chamada Idoteia e que ela o traiu. "Um velho do mar frequenta esta região", disse a deusa ao herói Menelau, "o velho do mar do Egito, o imortal Proteu. Ele conhece as profundezas de todo o mar e é súdito de Posídon. Dizem que é meu pai, que me gerou. Se puderes preparar-lhe uma emboscada e capturá-

lo, ele, com certeza, te dirá o teu curso e o número de dias da tua viagem de volta a casa, de modo que possas cruzar o mar fervilhante de peixes. E, se assim o desejares, ele também te dirá tudo – de bem e de mal – que aconteceu em tua casa enquanto estiveste ausente em tua longa e trabalhosa viagem".

Ao que Menelau retrucou: "Dize-me, então, como posso armar uma emboscada para o deus vetusto, de modo que ele não possa espiar-me nem ser, de outro modo, previamente avisado e escapar-me. Pois é difícil para um mortal levar a melhor a um deus". E a deusa replicou: "Eu te direi, estrangeiro, exatamente o que deves fazer. Quando o sol está a pino, o velho do mar sai da água, o velho que diz a verdade. Ele vem nas rajadas do vento do oeste, na escura ondulação das ondas. Depois que sai da água, deita-se debaixo dos rochedos cavernosos. À volta dele dormem as focas, a família da formosa deusa do mar, em bandos, tais como se erguem da água alvicinzenta, exalando ainda o cheiro acre do mar profundo. Levar-te-ei para lá ao romper da aurora e te esconderei emboscado. Precisas escolher apenas três companheiros, os melhores homens, para a tarefa. Agora te direi quais são os truques perigosos do Velho. Primeiro que tudo, ele conta as focas, de cinco em cinco. Em seguida, deita-se no meio delas, como um pastor no meio do rebanho. Logo que o vires pegar no sono, usa a força e a energia. Segura-o firme, por mais que ele forceje por escapar. Pois não deixará de fazê-lo. Assumirá as formas de todos os animais da terra. E até se mudará em água e fogo. Segura-o, porém, sem titubear, amarra os laços à volta dele cada vez mais apertados. Só quando ele começar a suplicar-te e tiver a mesma forma em que o viste adormecer, só então deixarás de usar a força, soltarás o Velho e perguntar-lhe-ás [...]" E assim aconteceu. Proteu assumiu as formas de um leão, de uma serpente, de um leopardo, de um porco, depois a da água e a de uma árvore e, finalmente, deu respostas verdadeiras a quanto lhe foi perguntado.

Dizia-se que Nereu empregava truques semelhantes de metamorfose. Esses contos eram também repetidos pelos nossos antigos pintores, escultores, pintores de vasos e ourives, que criaram para nós homens com corpos de peixe muito antes de terem criado mulheres com esses corpos: o que prova que o poder das grandes deusas do mar não se restringia ao elemento aquoso, ao passo que o "Velho do Mar" estava sempre ligado às profundezas. As pinturas mostram-no também como um leão, um bode e uma serpente projetando as cabeças para fora do seu corpo pisciforme. Estas eram as criaturas em que Nereu se mudou quando Héracles lutou com ele, amarrou-o à maneira aconselhada pelas deusas do Destino e o interrogou. Isso aconteceu muito antes da aventura de Menelau com Proteu e antes até da luta de Héracles com o Tritão, o qual, em nossa mitologia, é um dos mais novos deuses do mar. Toparemos com ele como filho de Posídon e Anfitrite. O "Velho do Mar", entretanto, foi também um espectador dessa luta, em forma tripla, tal como se vê num dos mais antigos coruchéus da Acrópole de Atenas, onde ele é, na maior parte das vezes, erroneamente mencionado como "Tífon".

Sob um nome ou outro, o "Velho" governava nossos mares antes de Posídon. À diferença daquele soberano do mar ainda mais antigo, o centímano Briareu, era afamado pela sua sabedoria e veracidade. Nas palavras de Hesíodo[85]: "O filho mais velho do Ponto é Nereu, que nunca mente,

mas sempre diz a verdade. Por esse motivo chamam-no de "o Velho", por ser veraz e bondoso. Nunca se afasta do conveniente, mas está sempre cheio de justiça e bondade". Dóris, a Oceânida, deu-lhe cinquenta filhas, todas deusas do mar, cujos nomes direi mais tarde.

6 As Deusas Cinzentas (Greias)

O Velho do Mar, Fórcis, teve, em nossa mitologia, três filhas igualmente cinzentas. Diz Hesíodo[86]: "Ceto deu a Fórcis as Greias de formosas faces, que vieram ao mundo com cabelos brancos. Por isso são chamadas Greias, tanto pelos deuses quanto pelos homens". Em nossa língua, *graia* significa velha. De sorte que, para essas cinzentas não serem confundidas com outras deusas cinzentas, sempre foram mais exatamente chamadas as Greias de Fórcis, ou de Forco, ou as Fórcidas, ou ainda, em épocas mais recentes, as Forcíades. Partilham desse nome com suas irmãs, as Górgonas, ao passo que o poeta ao mesmo tempo as distingue das Moiras, deusas igualmente cinzentas. Se as Greias e as Moiras, apesar de tudo, eram intimamente relacionadas umas com as outras, é uma questão a que nós, que chegamos mais tarde, não podemos responder.

Hesíodo revela os nomes de apenas duas Greias: Penfredo, a do belo vestido, e Ênio, a do vestido açafroado. Também lhes enaltece as lindas faces, muito embora tivessem os cabelos grisalhos. Ênio é um nome guerreiro e se ajustaria a uma deusa belicosa. Penfredo é o nosso nome para uma espécie de vespa. (Deusas-adivinhas – que poderiam também ser tomadas pelas Moiras "aparecem no hino homérico a Hermes em forma de abelhas.) À terceira Greia – pois, de acordo com outros contos, elas eram três – a tradição atribui dois nomes: Dino, "A Terrível", e Perso, apenas outra forma de Perses, nome recebido por Hécate do pai. Foi dito ainda[87] que as Greias eram donzelas grisalhas parecidas com cisnes. Possuíam, entre todas, apenas um olho e um dente, dos quais compartiam. No lugar em que viviam não há luz do sol nem da lua. É uma caverna na entrada da terra das Górgonas, que jaz além do Oceano e se chama Cistene, "a terra das rosas de pedra".

A história do olho e do dente únicos continua dizendo que as Greias eram guardiãs rigorosas do caminho que conduzia às Górgonas. Como as Moiras, entretanto, eram capazes de trair o segredo do caminho e dos meios para segui-lo. Perseu roubou-lhes o olho quando uma delas o entregava a outra, de modo que nenhuma das irmãs pôde ver. Dessa maneira, o herói obrigou-as a trair o segredo do caminho e dos meios. Como essa história pertence mais à mitologia do que qualquer outra das sagas heroicas, voltarei brevemente a ela.

7 As Erínias ou Eumênides

O terceiro grupo de Deusas Cinzentas – além das Moiras e das Greias – é formado pelas Erínias. São velhas: mais velhas do que os deuses que chegaram ao poder com Zeus. Elas mesmas[88] o confessam quando aparecem no palco – por exemplo, numa peça de Ésquilo cujo título é o outro nome delas, *as Eumênides*. Têm serpentes em lugar de cabelos, pele negra, vestes cinzentas. Diz-se

que outro nome delas é Manias[89], ou Fúrias, e que, quando apareceram para Orestes, a quem estavam perseguindo por haver matado a mãe, eram, a princípio, pretas; mas quando o fugitivo arrancou um dedo, mordendo-o, em seu tormento, ficaram brancas. Na região em que se contava a história, nas vizinhanças de Megalópolis, na Arcádia, faziam-se sacrifícios para as Eumênides e as Cárites, simultaneamente. O outro nome das Erínias, Eumênides, significa "as Benevolentes" – ou porque se tornaram realmente benevolentes, ou simplesmente porque as pessoas queriam que o fossem.

Toda vez que se lhes menciona o número, este é três. Mas – à semelhança das Moiras, das quais são associadas e quase duplos – podem ser todas invocadas juntas com um único ser, uma Erinis. O verdadeiro significado da palavra é "espírito de cólera e vingança". Não nos esqueçamos que as Erínias, as "fortes", nasceram da Mãe Terra, Geia, quando fertilizada pelo sangue do marido castigado, o mutilado Urano (cuja mutilação, por sua vez, exigia punição e vingança) – assim, pelo menos, conta Hesíodo. Outros contavam outras histórias. As Erínias seriam filhas da Noite[90]; ou então, se fossem realmente filhas da Terra, seu pai era Escoto, a Escuridão[91]. Epimênides, o sábio de Creta, estava convencido de que as seguintes figuravam entre os filhos de Crono: Afrodite, as Moiras e as Erínias[92]. Dizia-se também que a mãe das Erínias se chamava Evônime[93], nome que pode ser tomado como significando a Terra. É mais provável que o nome correto seja Eurínome – que é também o nome da mãe das Cárites, as quais, como observei há pouco, recebiam sacrifícios na Arcádia simultaneamente com as Eumênides. As Erínias são também descritas como filhas de Fórcis[94], marido apropriado para Eurínome, como mais tarde se verá quando contarmos a história dessa deusa. No entender dos discípulos de Orfeu, os pais das Erínias eram Hades, o Zeus do Mundo Subterrâneo, e Perséfone[95].

As Erínias nem sempre exibiam asas. Mas, mesmo quando não as tinham, pareciam-se com aqueles espíritos femininos predatórios, as Harpias[96]. O cheiro do seu hálito e dos seus corpos era intolerável. Sua voz soava amiúde como o mugir do gado[97]; sua aproximação, contudo, era anunciada por um som de latidos, pois eram cadelas, como Hécate[98]. Os açoites que traziam consistiam em tiras de couro ornadas de tachões de bronze[99]. Carregavam tochas e serpentes. Moravam debaixo da terra, no Mundo Subterrâneo. Uma delas chamava-se Aleto, "a que nunca acaba"; o nome da segunda, Tisífone, contém a palavra *tisis*, retaliação; e o da terceira, Mégara, significa raiva invejosa. As três eram virgens, mas, acima de tudo, representavam a Mãe Rabugenta. Toda vez que alguma mãe era insultada, talvez até assassinada, as Erínias apareciam. Como cadelas ligeiras, perseguiam todos os que haviam desprezado o parentesco consanguíneo e a deferência devida a ele. Defendiam os direitos do pai e também os do irmão mais velho; mas sustentavam principalmente as reivindicações da mãe, ainda que injustas.

Tudo isso se torna claro na história de Orestes, levada ao palco por Ésquilo. Por ordem de Apolo, Orestes matou a mãe, a adúltera e uxoricida Clitemnestra, a fim de vingar o pai. E os espíritos vingativos da mãe seriam mais fortes do que toda a nova teocracia fundada pelo Pai Zeus, se a filha do Pai, Palas Atena, não tivesse esposado a causa dos filhos – a saber, Orestes e o próprio

irmão dela, Apolo. O herói foi salvo e purificado. A despeito disso, o culto das "Velhas Deusas", as Eumênides, continuou tão forte quanto o das Moiras.

8 As Górgonas Esteno, Euríale e Medusa

Depois do terceiro grupo de Deusas Cinzentas, convém descrever as filhas de Fórcis, que Hesíodo menciona diretamente após as Greias[100]: as Górgonas são o plural de Górgona. Não devem ser comparadas a velhas, mas a máscaras: semelhantes às máscaras conferidas a Hécate e que também a retratavam.

Quem desejasse chegar às Górgonas precisava da ajuda das irmãs, as Greias. Pois as Górgonas viviam – assim nos conta Hesíodo – ainda mais longe do que as Greias, na direção da Noite, além do Oceano, com as Hespérides de canto cristalino[101]. Eram três. Uma se chamava Esteno – nome ligado a *sthenos*, "força". A segunda, Euríale, cujo nome (de *eurus* e *hals*) quer dizer que pertencia ao vasto mar. A terceira, Medusa, a julgar pelo nome, também pode ter pertencido ao mar: *medousa* significa "soberana"; e quantas vezes foi o "Soberano do Mar" *(halos medon, pontomedon, euromedon)* invocado – se bem o seu nome costumeiro fosse Fórcis ou Posídon – pela forma masculina do nome Medusa! Górgides e Górgades eram nomes de deusas do mar. Não podemos acreditar que "Górgona" signifique apenas algo feio e terrível; pois o mesmo nome costumava ser dado a menininhas, cujos pais, evidentemente, não esperavam vê-las transformadas em criaturas aterradoras!

Diz-se[102] que, das três irmãs, Medusa era a única mortal. As duas outras, imortais, não tinham idade, como o restante das deusas. Posídon, o deus de cabelos escuros, deitava-se com a irmã mortal na relva macia, debaixo das flores da primavera. Essa história aproxima bastante Medusa de Perséfone. A deusa do Mundo Subterrâneo também foi arrebatada por um deus trigueiro e desceu, como se fosse uma mortal, para junto dos mortos. Ela envia a cabeça da Górgona[103], "a forma gigantesca do medo," ao encontro dos que tentam invadir o seu Mundo Subterrâneo. De certo modo, essa cabeça é o outro aspecto da bela Perséfone. E esta é a coisa mais notável no que concerne à Medusa: embora tivesse "lindas faces", como sua mãe, o monstro marinho Ceto, ela e as irmãs também se pareciam com as Erínias. As Górgonas possuíam asas de ouro, mas suas mãos eram de bronze[104]. Tinham defesas poderosas como as de um javali e a cabeça e o corpo rodeados de serpentes[105]. Se alguém olhasse para a face terrível da Górgona, perdia a respiração e, na mesma hora, se transformava em pedra[106].

Quanto à pergunta sobre o modo como a cabeça da Górgona podia aparecer sozinha – o que fazia, de acordo com uma versão, no Mundo Subterrâneo como autoproteção por Perséfone; e, segundo outra versão, adotada em muitas histórias, no peito de Palas Atena –, isso foi explicado na história de Perseu[107]. Este herói recebeu da mãe o nome de Eurimedonte, como se fosse um "soberano do mar" e marido da Medusa, e não apenas seu matador. Foi principalmente Atena quem protegeu e guiou Perseu na tarefa de conseguir a cabeça da Górgona. Ela lhe dera instruções[108] para não contemplar a Górgona quando a acometesse, mas para ver-lhe apenas o

reflexo em seu escudo brilhante. (O mesmo processo foi seguido pelos nossos jovens em certos ritos de iniciação, em que se exigia deles que olhassem para uma máscara refletida num espelho de prata.) Dessa maneira Perseu conseguiu ver a cabeça de Górgona sem confrontá-la face a face. Arrancou-lhe a cabeça, decepando-a com a foice que recebera de Atena – ou, consoante outros relatos, de Hermes ou de Hefesto.

Da cabeça da Górgona saltou o cavalo alado chamado Pégaso[109], do qual se fala na história do herói Belerofonte. Mas não somente o cavalo: com ele nasceu também Crisaor, o herói cujo nome significa "o da espada de ouro". A cabeça da Górgona, semelhante a uma máscara, a *gorgoneion*, foi, dali por diante, usada por Atena, ou como sinal no escudo ou presa à couraça, que era a sua pele de cabra sagrada Egis. Acreditava-se até que a Górgona tinha sido a possuidora original da pele de cabra[110] e que ela era a filha de Geia que Atena esfolara. A deusa Ártemis, e muito provavelmente também a rabugenta Deméter – Deméter Erínis, como lhe chamavam – usavam o semblante mortalmente terrível como se fosse o seu, colocado no pescoço. Os discípulos de Orfeu, entretanto, empregavam a palavra *gorgoneion* para indicar o rosto da lua.

9 A Equidna, a Serpente Hesperídea e as Hespérides

Já se falou, na história de Tifeu, Tifão ou Tífon, de um dragão feminino, uma deusa serpentiforme que, na Ásia Menor e em Delfos, se chamava Délfine. O nome sugere que ela se parecia mais com um golfinho (delfim), criatura marinha que tem um ventre (tal é o significado da sílaba *delph*). Nas histórias contadas na nossa mitologia mais antiga, sobre qualquer deus ou deusa da grande família de Fórcis, Proteu e Nereu – ou dos velhos deuses correspondentes da terra, como Tífon, o ateniense Cécrope ou o Cicreu de Salamina – é sempre difícil descobrir se se acreditava que a divindade em apreço semelhava, nas partes abaixo dos quadris, uma serpente, um golfinho ou um peixe. Hesíodo fala-nos de uma deusa chamada Equidna, "a Serpente", filha de Fórcis e Ceto. Mais adiante falarei de outra serpente, filha do mesmo casal, que guardava os Pomos das Hespérides, e assim completarei o relato dos filhos de Fórcis tais como foram enumerados por Hesíodo. Mas primeiro deixem-me repetir a história que ele conta da deusa[111].

A divina Equidna nasceu numa caverna, com uma disposição masculina e uma estrutura gigantesca que não se parecia nem com um ser humano nem com um deus imortal. Numa das metades do corpo era uma rapariga de lindas faces e olhos brilhantes; na outra metade, porém, uma cobra terrível e imensa, que açoitava os vales da Terra divina e devorava suas vítimas cruas. A caverna ficava debaixo de uma rocha, longe dos deuses e dos homens: essa morada lhe fora destinada pelos imortais. O lugar chamava-se Arima e é descrito por Homero como "a cama de Tifeu"[112] – vale dizer, do marido de Equidna, a quem ela deu uma ninhada inteira de monstros. Antes que eu faça uma descrição destes últimos, deixem-me explicar como os nossos antigos pintores de vasos costumavam figurar um ser nessas condições: como uma deusa alada e bela, com corpo de serpente dos quadris para baixo. Existe uma linda pintura de vaso que retrata deusas ou ninfas desse tipo, sem asas, mas com poderosos corpos de serpentes abaixo dos quadris. Quatro

delas, em dois pares, executam ritos sagrados num vinhedo, ao mesmo tempo em que, do outro lado do quadro, cabras atacam as vides. A história do Jardim das Hespérides alude a deusas ou ninfas semelhantes e, pelo menos, a uma serpente, irmã de Equidna. Mas ainda temos mais coisas para dizer a respeito desta última.

Seus filhos eram, a crermos em Hesíodo[113], primeiro que tudo, os Cães que são as mais terríveis criaturas da sua espécie em nossa mitologia: Cérbero, o cão de três, ou até de cinco cabeças, do Mundo Subterrâneo; e Ortos, ou Ortros, o cão do tricéfalo Gerião, filho de Crisaor. Ortos tinha duas cabeças, mas tinha também sete cabeças de serpente ou, pelo menos, uma cauda de serpente – a qual, às vezes, é atribuída também a Cérbero. Héracles matou Ortos na ocasião em que matou Gerião e levou embora os rebanhos de vacas deste último. Ortos deitou-se com sua própria mãe, Equidna, e gerou Fix, ou Esfinge, monstro alado, metade donzela e metade leoa, mencionada na história de Édipo; e gerou também o Leão de Nemeia, morto igualmente por Héracles. Equidna também deu a Tífon a Hidra de Lerna, serpente aquática de muitas cabeças, as quais, quando cortadas, cresciam imediatamente outra vez. A Hidra é amiúde descrita de maneira muito semelhante à sua mãe. Outra filha de Equidna foi Quimera, que cuspia fogo, e cujo corpo era uma combinação de leão, de cabra e de serpente. Foi vencida por Belerofonte. Conforme algumas histórias[114], Equidna teve um destino semelhante ao da maioria dos seus filhos: Argos, que tinha olhos espalhados por todo o corpo, matou-a enquanto ela dormia. Hesíodo, porém, afirma expressamente que ela é uma ninfa imortal e sem idade[115].

Existe também uma variedade de histórias que dizem respeito ao irmão de Equidna, Ládon, a serpente, e também dizem respeito às Hespérides. Ládon, cujo nome é o de um rio da Arcádia, é mais frequentemente citado como serpente *(ophis)* do que como dragão *(drakon)*. Dele se diz, como se diz outrossim de sua irmã Equidna, que sua mãe era realmente Geia[116], ou, alternativamente, que Equidna era sua mãe e, nesse caso, seu pai seria Tífon. Ládon foi nomeado guarda da árvore que dava os Pomos de Ouro. Atocaiava-se nos vales da terra escura[117], ou na noite que se estende, desde o oriente, além do Oceano, onde também habitam as Hespérides[118], guardiãs da mesma árvore. Ou seria verdadeira a história de que as Hespérides eram ladras que roubavam os pomos de ouro, e por isso a serpente precisava enrodilhar-se no tronco da árvore[119]? A informação é dada às vezes de um jeito, às vezes de outro, de acordo com as necessidades da história em que ocorrem os pomos, a árvore e o jardim.

Num conto, a propósito do casamento de Zeus e de Hera – que exporei mais adiante –, a Mãe Terra produziu a árvore milagrosa como um presente de casamento para a noiva[120], e foi Hera quem confiou a Ládon a sua guarda[121]. Segundo outra história, os pomos pertenciam a Afrodite[122], que, além disso, tinha jardins sagrados próprios entre nós mortais. Fosse como fosse, o jardim divino das Hespérides continha Ládon, a serpente, cuja facilidade de falar com várias vozes é mencionada nas histórias[123] com a mesma frequência com que se menciona o canto brilhante das guardas femininas[124]. Não se pode saber quantas gargantas tinha Ládon para a emissão dessas vozes, nem se elas eram parecidas com as de Tífon. De ordinário, a Serpente das Hespérides tem

duas cabeças, mas não raro três e, numa história, chega a ter cem. Em contraposição às narrativas em que Héracles mata Ládon existem outras em que o herói – ou, em seu lugar, o gigante Atlas, que no ocidente sustenta o arco do Céu – obteve os pomos amistosamente: ou da serpente, ou das Hespérides, ou com a ajuda das Hespérides, consoante o gosto de cada contador da história.

Supunha-se que as Hespérides fossem filhas da Noite[125], ou de Fórcis e Ceto[126], ou de Atlas[127]: para não falarmos naquele erro de identidade – uma confusão com as Horas – graças ao qual elas são havidas por filhas de Zeus e Têmis[128]. Costumam mencionar-se três ou quatro nomes – e três ou quatro parece ter sido o seu número verdadeiro, conquanto em algumas pinturas se retratem muitas mais. Os nomes atribuídos a elas variam consideravelmente. O nome comum, Hespérides, está ligado a Héspero, a estrela da tarde, a estrela de Afrodite. Acreditava-se, por vezes, que elas tivessem um pai chamado Héspero[129]. É desnecessário acreditar nisso, visto que as Hespérides, como Héspero, estão diretamente associadas, pelo nome, ao entardecer, ao ocaso e às aproximações da Noite – embora, na verdade, de uma Noite que abriga frutos de ouro. Uma delas é realmente chamada Héspera, ou Hespéria, "a Vespertina"; a segunda se chama Egle, "a Luminosa"; e a terceira, Eriteia ou Eriteu, "a Carmesim". A quarta é Aretusa, em outros lugares uma deusa das fontes.

Outra bela quadra de nomes para as Hespérides é a seguinte: Lípara ("de suave radiância"), Crisótemis ("lei e ordem áureas"), Astérope ("estrela brilhante"), Higeia ("saúde"). Medusa, o nome da Górgona, também se encontra como o de uma Hespéride. Mapsaura, outro nome ainda, descreve uma deusa que arrebata como uma rajada de vento, uma Hespéride semelhante a uma Harpia. Outros, além do sábio Epimênides, identificaram as Hespérides com as Harpias; e não nos esqueçamos das suas "vozes brilhantes", que lhes proporciona uma semelhança especial com as Sereias. Os contos das Sereias e das Harpias, no entanto, devem distinguir-se dos das Hespérides, graças à forma peculiar do corpo e das funções das primeiras. As Hespérides estão ligadas mais estreitamente a Equidna e a Ládon; e também às ninfas que há pouco mencionei, as ninfas-serpentes na vinha, uma das quais toca a flauta dupla. E quando nossos antepassados ouviam as notas de uma flauta ao lusco-fusco ou à noite, sabiam que elas eram um convite a ritos secretos e iniciações; sabiam também que os segredos dessas cerimônias podiam ser, por vezes, repulsivos e aterradores.

10 Aqueloo e as Sereias

Qualquer história das Sereias tem de incluir, por força, uma alusão a Aqueloo, o mais reverenciado dos nossos deuses-rios, a quem, assim como a Fórcis[130], se atribui a paternidade das Sereias. Hesíodo[131] inclui Aqueloo, o dos turbilhões de prata, entre os filhos de Tétis e Oceano – o que quer dizer, entre os deuses-rios –, mas não o principal entre eles. Homero[132], por outro lado, coloca-o acima de Oceano, a "origem de tudo". Aqueloo era capaz de gerar mares e rios, nascentes e fontes, exatamente como Oceano. Quando este foi retratado como um velho com chifres de touro, o protótipo do retrato foi Aqueloo. Em outras pinturas e descrições, a cabeça desgrenhada de

Pai Oceano – que era, afinal de contas, apenas uma máscara, um semblante de gravidade profunda, quase triste – produziu como rebento uma garra e uma antena de lagosta. O chifre de touro desempenhava uma parte especial nos contos relativos a Aqueloo. Héracles lutou com esse deus aquático, como lutou com o Velho do Mar e com Tritão. Como o destes últimos, o corpo inferior de Aqueloo consistia num peixe serpentiforme. Mas sua cabeça era chifruda e um dos chifres foi quebrado por Héracles[133]. Do sangue que jorrou da ferida nasceram as Sereias: nascimento semelhante ao das Erínias.

Em nossa língua antiga as Sereias eram chamadas *Seirenes*. Essa palavra, em sua forma masculina, era também a descrição de uma espécie de abelhas ou vespas – como também o era o nome de Penfredo, uma das Greias. Nossos artistas antigos, que pintavam e desenhavam sobre vasos, figuravam as Sereias não somente como seres femininos, mas também, às vezes, como masculinos e barbados. Que os seres pintados são Sereias, do sexo masculino ou feminino, se patenteia no fato de terem, predominantemente, um corpo de pássaro, a que foi acrescentada uma cabeça humana e, não raro, seios e braços de mulher. Os pés armados de garras são, muitas vezes, extremamente poderosos e não raro terminam como patas de leão, como se pretendessem indicar um estreito parentesco entre a Sereia e a Esfinge. A parte inferior do corpo, às vezes, tem a forma de ovo. Muito próximas das Sereias estão também as Greias, "donzelas semelhantes a cisnes", e igualmente Medusa, pelo menos na pintura em que um pássaro com semblante de Górgona e dois pares de asas empolga dois jovens lutadores, um em cada mão, e os leva embora. Essas criaturas agarradiças, entretanto, são mais propriamente Harpias, cujo nome significa "Agarradoras". O caráter distintivo das Sereias, por outro lado – além da sua forma semelhante à de um pássaro –, é o talento para a música; e isso as liga às Musas. Elas tangem a lira ou tocam a flauta dupla; ou então, quando duas são pintadas juntas, uma dedilha a lira e a outra toca a flauta. E assim como tocam, cantam. Tudo isso é corroborado pelas histórias e pelos próprios nomes das Sereias, e o mesmo fazem as suas imagens. Essas imagens, que aparecem nas lápides de nossa era clássica, são de uma beleza maravilhosa e foram claramente inspiradas não pelas fábulas marinheiras, mas por outras histórias antigas hoje esquecidas.

As Sereias, com efeito, acabaram sendo incluídas na lenda dos marujos – como aconteceu com a grande deusa Cila. Homero coloca uma história delas na boca do grande mentiroso Ulisses, que fala em duas Sereias, mas não lhes cita os nomes. Um desses nomes, entretanto – Himeropa, "aquela cuja voz desperta o desejo" –, encontra-se numa antiga pintura de vaso. Mais adiante, topamos com uma alusão a duas trindades de Sereias. Presume-se que uma delas corresponda às Sereias de Homero. Seus nomes nos foram passados em várias formas: Telxiepeia, Telxínoe ou Telxíope é "a encantadora", pois *thelgein* significa "encantar"; Agláope, Aglaófono ou Aglaófeme é "a da voz gloriosa"; Pisínoe, ou Pasínoe, pode significar "a sedutora", a ser correta a versão anterior. Uma segunda trindade é a das Sereias adoradas na *Graecia Major*, no sul da costa tirrênia da Itália: Partênope, "a Virginal", em Neápolis, agora chamada Nápoles; Leucósia, "a Deusa Branca", e Ligeia, "a da voz brilhante", ao sul de Nápoles.

Como mães das Sereias, que as deram a Aqueloo, mencionam-se Estérope[134] (que significa o mesmo que o nome Hesperídeo Astérope) ou, alternativamente, uma das Musas[135]. Contadores de histórias mais antigos tinham conhecimento de outra mãe; e também sabiam de um elo estreito entre as Sereias e Perséfone. Dizia-se[136] que as Sereias eram companheiras da Rainha do Mundo Subterrâneo; que eram filhas de Ctônio[137], o "profundezas da terra", e que Perséfone as mandou para este mundo. Antiga pintura de vaso mostra-nos duas Sereias cantando diante de uma grande deusa e olhando para o navio de Ulisses, que está sendo atacado, pelo ar, por dois pássaros imensos. Incumbia às Sereias levar todos os viajantes à presença da grande Rainha, atraindo-os com os sons suaves de sua música e do seu canto. E elas o faziam não só para os infelizes marinheiros, mas também para quantos precisassem entrar no reino dos mortos. Sua arte aliviava e disfarçava a amargura da morte. Talvez às Sereias do sexo masculino competisse tornar mais suave a morte para as mulheres.

A história das Sereias contada por Ulisses é a seguinte: Circe o avisara[138] de que devia afastar-se das vozes e dos prados floridos das Sereias; ou, se não pudesse fazê-lo, que só ele lhes ouvisse a voz brilhante; para isso, teria primeiro de encher de cera os ouvidos dos companheiros e mandar que o amarrassem ao mastro. As Sereias estavam sentadas no seu prado, que se diria alcatifado de flores; mas que, ao contrário – e aqui a história se transforma num verdadeiro conto de terror, obviamente uma história de marinheiros –, estava coberto de ossos humanos em decomposição e de peles humanas secas. As palavras que elas cantaram para Ulisses, enquanto ele se mantinha erecto e amarrado, também são referidas[139]: "Vem para cá, Ulisses, famoso pelo canto, grande glória dos gregos! Aproxima o teu navio, para que possas ouvir a nossa voz. Jamais homem algum passou por este lugar em seu navio negro sem atentar para o nosso canto, que flui como mel de nossas bocas. Quem o ouviu encontra nele deleite e sabedoria. Pois sabemos tudo o que os gregos e troianos sofreram, pela vontade dos deuses, por causa de Troia. E sabemos tudo o que acontece na terra, em toda a parte e em todos os tempos!" Ouvindo essas palavras, Ulisses, de acordo com sua própria história, quis livrar-se dos laços; mas os marinheiros o amarraram com mais força ainda. Não admira que o herói se sentisse assim: as Sereias se diziam deusas oraculares, o que talvez, no lugar em que tinham o seu santuário, fosse mesmo verdade.

Apesar disso, elas foram sempre deusas da morte e do amor, servas da Deusa do Mundo Subterrâneo, Perséfone. Até certo ponto, a deusa do reino dos mortos também está morta. As Sereias serviam à morte e estavam condenadas a morrer – ou assim nos informa um conto[140] – sempre que um navio passasse por elas e os tripulantes não lhes caíssem nas mãos. Quando Ulisses e os companheiros escaparam, as Sereias se suicidaram. Hesíodo contou que Zeus deu às Sereias a Ilha de Antemusa, "rica em flores", para sua morada[141]. Isso concorda com o fato de que elas serviam não somente à morte, mas também ao amor. Uma escultura em relevo, de data posterior, mostra uma Sereia, que só tem de pássaro as partes inferiores das pernas, achegando-se, amorosa, de um homem adormecido, semelhante a um Sátiro. A cena nos lembra a aproximação de Selene e Endimião. Havia também alguma coisa amorosa na forma ovoide das Sereias, forma que se vê nas suas primeiras imagens: sobretudo quando apertavam de encontro ao corpo pequenas figuras

humanas, o que faziam com frequência. Elas serviam não só à deusa da morte, mas também a mortais humanos ao carregarem homens – ou, pelo menos, desejos dos homens – em asas de ouro para o Céu[142].

11 Taumante, Íris e as Harpias

Taumante, o grande filho de Ponto e Geia[143], irmão de Nereu e Fórcis, é provavelmente apenas outro nome do Velho do Mar[144]. Por esse motivo o dizem filho de Tétis. *Thauma* significa "prodígio", e Taumante deve ter sido um "prodígio do mar" no mesmo sentido em que o eram seus irmãos ou Proteu. Os truques de metamorfose e magia praticados pelos três já foram descritos. A Oceânida Electra deu a Taumante as seguintes filhas[145]: Íris, a deusa cujo nome significa "Arco-Íris", e todas as Harpias. Todas elas eram deusas que intervinham nos negócios e destinos dos mortais.

Íris, a dos pés ligeiros, mas que também tinha grandes asas, exercia as funções de Mensageira. Em nossa língua, era um *angelos*. Prestava-se-lhe culto em Hecatonésias, a Ilha de Hécate, perto da Ilha de Delos. A própria Hécate, em certa ocasião, foi conhecida como *Angelos*. Em sua capacidade de Mensageira, supunha-se que Hécate fosse filha de Hera e Zeus. Contava-se[146] a seu respeito que ela roubou a pomada de beleza de sua mãe e deu-a a Europa, rival de Hera. Quando Hera pensou em castigá-la por isso, Hécate fugiu primeiro para a cama de uma mulher em trabalhos de parto, depois para um cortejo fúnebre e, finalmente, para o Mar Aquerúsio, no Mundo Subterrâneo, onde foi purificada pelos Cabiros: uma aventura, diríamos, inteiramente típica da deusa! Mas Íris, como contarei dentro em pouco, também costumava visitar o Mundo Subterrâneo. Outra figura com a qual ela talvez possa ser identificada é Idoteia, filha de Proteu, cujo nome se refere a *eidos*, fenômeno visível como um arco-íris. Para explicar por que Íris, chamada formalmente de a Mensageira do Céu, era amiúde mandada pelos deuses para o Mundo Subterrâneo, deixem-me contar a história que Hesíodo contou[147].

Muito distante dos deuses vive a deusa Odiada, Estige, em seu famoso palácio debaixo de uma rocha alta. Ali o céu é sustentado por pilares de prata, Íris raramente viaja para lá, sobre as amplas planícies do mar. Mas se a dissensão e o conflito rompem entre os imortais, se algum morador do Olimpo se refugia na mentira, Zeus manda Íris buscar o solene Juramento dos deuses. Ela vai buscar muito longe, numa taça de ouro, a água fria, conhecida por muitos nomes, que jorra da rocha alta. É a água de Estige. Como todas as outras, essa água também mana, por baixo da terra, na noite profunda, do chifre de Oceano. Sua corrente se divide em dez partes. Nove braços rodeiam a terra e o mar: o décimo flui da rocha, para sofrimento dos deuses. Pois qualquer um deles que jure em falso por ela é imediatamente derrubado e jaz sem respirar durante um ano inteiro. Já não tem acesso à ambrosia e ao néctar, à comida e à bebida dos imortais, mas permanece mudo e atônito em sua morada. No fim desse ano, outros castigos mais pesados o esperam. Durante nove anos, é banido dos conselhos e festas dos deuses. Só depois do décimo ano pode participar de novo das assembleias.

Como Íris, as Harpias têm pés ligeiros e asas. Raro aparecem em forma de pássaro ou de Sereia. Mas até quando têm dedos humanos, têm-nos recurvos como garras para pegar e arrebatar. Com efeito, o nome delas significa "as Agarradoras". A palavra *thuella* ou *aella*, "o vento dilacerador", tem quase o mesmo significado. Se algum homem desaparecesse no mar tão completamente quanto Ulisses, as pessoas diriam: "As Harpias o arrebataram"[148]. Da história bem conhecida das filhas de Pandaréu, contada na Odisseia, diz-se mais[149] que as infelizes donzelas, arrancadas da casa do pai morto, foram destinadas pelas Harpias a servirem às Erínias. Já sabemos que as Erínias e as Harpias eram tão parecidas que podiam ser tomadas umas pelas outras. Outra semelhança apresentada pelas Harpias, a semelhança com Medusa, é indicada pelo semblante de Górgona da Harpia de quatro asas; e é também indicada, segundo Homero[150], pelo fato de uma Harpia chamada Podargo, "a de pés ligeiros", ter sido violentada, enquanto "pastava" nas praias de Oceano, por Zéfiro, o Vento Oeste, tornando-se mãe dos cavalos imortais de Aquiles, os cavalos Xanto e Bálio. Não nos esqueçamos de que um cavalo mágico também saiu do pescoço da Medusa; e ela mesma foi retratada por pintores antigos com cabeça ou corpo de cavalo. Tudo indica que, em algum momento da nossa história, nossos antepassados aprenderam a admirar a velocidade do cavalo tanto quanto haviam admirado a velocidade do vento e dos pássaros.

Deu-nos Hesíodo os nomes das duas Harpias[151]: Aelo, também chamada Aélopo, "a pé de vento", e Ocípete, "a ligeira de voo", também chamada Ocítoe ou Ocípode, "a ligeira" ou "a de pés ligeiros". Mas os números das Harpias, exatamente como o das Sereias e das Greias, varia entre duas e três; e temos o registro de um terceiro nome, Celeno, "a escura"[152]: nome que é também o de uma das filhas de Atlas, as Hespérides, outra das quais se chamava Mapsaura, "a Rajada de Vento". Inimigos e vencedores das Harpias eram os filhos alados de Bóreas, o Vento Norte. Esses filhos se chamavam Calais e Zetes. Derrotaram as Harpias na história do vidente cego Fineu, sobre cuja comida as Harpias desciam, como grandes pássaros, roubando-a ou emporcalhando-a. Na versão da história contada pelo poeta Apolônio de Rodes[153], Íris também aparece, e adverte os filhos de Bóreas de que era contrário à "lei da Natureza" – contrário a Têmis – perseguir "os cães do grande Zeus" com espadas. Dessa maneira, perseguidores e perseguidos se detiveram e voltaram para as ilhas até então denominadas Plotas, "as Nadadoras", mas que, dali por diante, foram chamadas Estrófades, "as Ilhas do Ponto Crítico". As Harpias regressaram às profundezas da terra, debaixo da Ilha de Creta, e Íris retornou ao Olimpo.

12 As filhas de Nereu

Nereu teve com Dóris, a Oceânida[154], cinquenta filhas, nossas famosas deusas do mar, cujas formas sedutoras – nos primeiros tempos vestidas, nos tempos mais recentes despidas – são vistas tão frequentemente cavalgando milagrosos monstros do mar ou no dorso de um Tritão. O mais velho monstro dessa espécie – ou seja, o mais velho de que temos uma imagem – é um peixe-cachorro, isto é, um cachorro na parte dianteira e um peixe na parte traseira. Mas não há Nereida alguma a cavalo sobre ele e, por enquanto, restringiremos nossa atenção a essas formosas deusas, célebres pelas faces semelhantes a botões de rosa[155].

De que as filhas de Nereu eram em número de cinquenta somos expressa e repetidamente informados – por Hesíodo[156] entre outros, ainda que ele, na verdade, enumere cinquenta e uma: mas é mister acrescentar que a sua lista inclui uma segunda Dóris. Os nomes das Nereidas não são exatamente os mesmos em todos os relatos. Nossos poetas amavam-nos pelo som e pelas imagens agradáveis que evocavam. Daí que, a partir de Homero, eles tenham enchido muitos versos dos seus poemas com esses nomes, sem medo algum de que uma simples enumeração deles pudesse cansar os ouvintes. Seja-me, portanto, permitido, para remate das histórias das divindades mais velhas, pré-olimpianas, citar a lista das Nereidas tal como nos foi passada por Hesíodo. A isso acrescentarei uma explanação – toda vez que uma explanação clara parecer possível – dos significados dos nomes como os nossos avós podem tê-los compreendido.

Foram as seguintes, portanto, as filhas de Nereu[157]: Ploto, "a nadadora"; Eucrante, "a que traz a realização"; Sao, "a salvadora"; Anfitrite (que, como explicarei mais tarde, tornou-se esposa de Posídon); Eudora, "a dos bons presentes"; Tétis (da qual já falei e tornarei a falar); Galena, "tempo calmo"; Glauce, "verde-mar"; Cimótoe, "ligeira como a onda"; Espeio, "a que mora em cavernas"; Toe, "a que se move depressa"; Hália, "a que mora no mar"; Pasítea; Érato, "a que desperta o desejo" (nome também de uma das Musas); Eunice, "a da vitória feliz"; Mélita; Eulimene, "a do bom porto"; Agave, "a nobre"; Doto, "a doadora"; Proto, "a primeira"; Ferusa, "a que traz"; Dinamene; Neseia, "a que mora nas ilhas"; Acteia, "a que mora nas costas"; Protomedeia, "a primeira soberana"; Dóris (a qual, como Eudora, cujo nome tem o mesmo significado, é também uma Oceânida); Panopeia; Galateia (a deusa do mar parecida com Afrodite, que foi requestada pelo Ciclope Polifemo – inimigo, mais tarde, de Ulisses – e amada pelo belo Ácis); Hipótoe, "ligeira como uma égua"; Hipônoe, "selvagem como uma égua"; Cimódoce, "a que recolhe as ondas"; Cimatólege, "a que apazigua as ondas"; Cimo, "a deusa da onda"; Ione, "a deusa da praia"; Halimede, "a deusa marinha do bom conselho"; Glaucônoma, "a que mora no mar verde"; Pontopereia, "a que viaja por mar"; Liágora e Evágora, "a eloquente"; Laomedeia, "soberana do povo"; Polínoe, "a que dá razão"; Autônoe, "a que dá inspiração"; Lisianassa, "a senhora redentora"; Evarne; Psâmate, "a deusa da areia"; Menipe, "a égua corajosa"; Neso, "a deusa da ilha"; Eupompe, "a da boa escolta"; Temisto (uma espécie de duplo da grande deusa Têmis); Prônoe, "a próvida"; e Nemertes, "a veraz", a qual, no conhecer e no dizer a verdade, se assemelha ao seu pai imortal.

Esta é a lista completa das Nereidas, elaborada por Hesíodo. Em outras listas também se mencionaram outros nomes. Nem todas as nomeadas, ao que se supunha, eram filhas de Dóris[158]. Numa Antiguidade mais recente fez-se uma tentativa de distinguir entre as Nereidas, e assim provar que apenas algumas eram filhas de Dóris. A distinção não se apoia em nenhuma autoridade histórica. Entre as Nereidas não mencionadas por Hesíodo existe uma, anteriormente nomeada por Homero, Apseudes, "a que nunca mente"[159], a qual, como Nemertes, herda a qualidade do pai, um deus que diz a verdade. As deusas do mar eram também oraculares. A mais velha, Tétis, tinha um santuário em que se proferiam oráculos entre os etruscos. Suas netas, filhas de Nereu, conseguiam amiúde – ou, pelo menos, assim se acreditava – salvar marujos em risco de naufrágio.

Eram elas também que revelavam aos homens os mistérios de Dioniso e Perséfone[160]. Um hino atribuído ao cantor Orfeu contém uma referência a esse conto: mas o conto propriamente dito não se preservou. A tradição que diz respeito a um filho de Nereu, Nérito, com quem Afrodite praticou primeiro suas brincadeiras amorosas, tem lugar apropriado nas histórias da grande Deusa do Amor. Histórias que passo agora a narrar.

IV

A grande deusa do amor

A nossa grande deusa do amor nunca foi somente nossa. É a mesma divindade que nossos vizinhos orientais adoravam sob os nomes bárbaros de Istar ou Astarote, que mais tarde reproduzimos como Astarte. No Oriente, era uma deusa que fazia exigências amorosas peculiarmente fortes, mas era também assaz generosa com os prazeres do amor. Nos céus, a estrela da manhã e da tarde – o planeta Vênus – lhe pertencia; e entre as criaturas terrenas sua propriedade especial era a pomba. As histórias que se contam dela não são iguais às nossas histórias, mas no-las recordam. Aqui está uma delas[161]:

Os peixes do Rio Eufrates encontraram um ovo grande, maravilhoso. Empurraram-no para a praia, uma pomba quebrou-o, e assim nasceu a deusa da qual se diz que é a mais bondosa e misericordiosa para a humanidade. A história oriental do jovem amante da deusa, Tamuz (ou, como lhe chamamos, Adônis, usando a forma vocativa semítica do seu nome, Adoni, "Meu Senhor", por assim dizer), era a história original que lhe dizia respeito. Nela, a deusa pode talvez ter-lhe causado a morte, mas apenas por excesso de amor.

Para nós a história correspondente ligava-se a Afrodite, cujo nome ainda nos lembra vagamente o nome "Astarote". Nesse relato, que logo exporei, Afrodite ainda está fora das fileiras das divindades olimpianas, e continuou assim, di-lo a história, mesmo depois de ter sido recebida entre elas. Uma razão por que permaneceu alheia ao Olimpo foi sua grande esfera de domínio em outros lugares: como, pela mesma razão, permaneceu Hécate, a quem ela se assemelha muito quando é encontrada, sob o nome de Afrodite Zeríntia, na costa trácia, ou de Genetílis, na costa ática, recebendo sacrifícios de cachorros. Os atenienses consideravam-na "a mais velha das Moiras"[162]. Em outros lugares, também, era tida por semelhante às Moiras e às Erínias, pelo fato de ser, como elas, filha de Crono[163]. Por outro lado, a história de ter sido gerada diretamente por Urano ligava a nossa grande deusa do amor, para sempre, ao mar. Entre nós, era Anadiomene, a deusa que "emerge" das ondas salgadas; e ainda se lhe acrescentava o nome de Pelágia, "a do mar".

Dois outros sobrenomes seus proporcionavam uma oportunidade a certas pessoas em Atenas, que preferiam o amor de meninos e cujas opiniões eram expressas por Platão, a oportunidade de distinguir entre uma Afrodite Pandemo, como "amor comum", e uma Afrodite Urânia, como "amor celestial". A verdade é que o nome Pandemo expressa a presença da deusa entre todas as fileiras e condições do povo, cujos membros liga uns aos outros em paz e amizade; e o nome Urânia é prova da sua origem de deusa do céu oriental, em honra da qual os adoradores – como em

Corinto, por exemplo – faziam peregrinações ao santuário no cimo de uma montanha, onde eram recebidos de maneira amistosa pelas servas do templo[164]. Os dois sobrenomes parecem estar associados a um terceiro, formando assim uma trindade: como no culto antiquíssimo de Tebas, onde a deusa tinha uma terceira forma como Apostrófia, "a que se afasta".

Demais disso, Afrodite não era o único nome principal da deusa do amor. Ela era chamada também pelo nome grego de Dione, forma feminina de Zeus, que, em sua formação, lembra o nome latino Diana e significa "deusa do céu brilhante". Dione era também reconhecida como deusa da água. Em Dodona, era adorada junto com Zeus na qualidade de deus das fontes, sendo considerada esposa do deus supremo e deusa das fontes e proferidora de oráculos. Hesíodo incluiu-a entre as Oceânidas[165] e, de acordo com os seguidores de Orfeu, ela era filha de Urano[166]. A inauguração do oráculo de Dodona foi atribuída a uma pomba[167]. Os que procuraram fazer a grande deusa Afrodite inteiramente subordinada a Zeus, como Homero, declaravam-na filha do olimpiano e de Dione[168].

Correndo paralelamente à história que faz de Afrodite uma filha de Zeus e Dione, a história segundo a qual ela foi diretamente gerada por Urano continuou a encontrar aceitação. Com essa versão darei início às histórias da grande deusa do amor.

1 O nascimento de Afrodite

A história do nascimento de Afrodite, preservada em Hesíodo, forma a continuação da história de Urano, Geia e Crono. Começa com a primeira viagem da deusa à Ilha de Chipre, sede dos seus mais antigos e poderosos santuários, os de Pafo e Amato. A história foi desenvolvida num hino que se atribuiu a Homero. Mas eu contarei a história original[169].

A virilidade extirpada do Pai Urano caiu no mar inquieto, em que Crono a atirara desde a terra firme. Durante muito tempo ela vagou de um lado para outro. Uma espuma branca – *aphros* – juntou-se-lhe à roda, formada da pele imortal. Uma donzela surgiu e cresceu dentro dela. Depois nadou primeiro para a Ilha de Citera e, em seguida, para Chipre. Aqui a bela e tímida deusa se ergueu da água, e uma relva nova começou a crescer-lhe debaixo dos pés. É chamada Afrodite por deuses e homens, porque foi feita de espuma. E é também chamada Citereia, porque foi para Citera que primeiro nadou. Eros e Hímero ("Desejo", o duplo do deus do amor) puseram-se a acompanhá-la logo que nasceu e se tornou deusa. Desde o princípio foram-lhe outorgados cargo e ofício, assim entre os deuses como entre os homens, relacionados com o sussurro das donzelas, o riso e as mistificações, o suave prazer, o amor e a bondade carinhosa.

O hino homérico conta mais[170] o modo com que, em Chipre, Afrodite foi recebida e vestida pelas Horas. As Horas são filhas de Têmis, a deusa da lei e da ordem apropriadas às relações naturais dos sexos. A contemplação da completa nudez da deusa teria sido contrária a Têmis – ou tal era a ideia dos nossos maiores nos tempos antigos, excetuando-se os dórios. Só depois de vestida, engrinaldada e adornada, pôde Afrodite ser levada para o meio dos deuses. Assim que a

viram, todos a beijaram, agarraram-lhe a mão com firmeza e procuraram recebê-la por mulher num casamento permanente. Contarei adiante as histórias do seu casamento, mas rematarei esta parte da narrativa mencionando o relato segundo o qual Afrodite, nascida de um caramujo, desembarcou de uma concha na Ilha de Citera[171]. Na cidade de Cnido, na costa da Ásia Menor, considerava-se o caramujo uma criatura sagrada para a deusa do amor. Foi nessa cidade que homens de pura raça grega, e não orientais, ousaram instalar uma Afrodite nua: a famosa estátua esculpida por Praxíteles.

2 Afrodite e Nérites

O caso de amor que se atribui a Afrodite quando ainda se achava no mar, antes de ser conduzida ao meio dos deuses do Olimpo, relaciona-se com um caramujo. O narrador, pertencente a um período ulterior, chama Afrodite de filha de Zeus. Mas até essa história indica que os dias pré-olímpicos da deusa se passaram no mar.

Conta-se[172] que existe ali um caramujo, pequeno, porém de maravilhosa beleza, que vive na água mais pura, nos recifes debaixo da superfície do mar. Seu nome é Nérites, que anteriormente fora o único filho de Nereu. (Hesíodo só conhece as cinquenta filhas, e Homero não conhece mais do que elas. A história do filho de Nereu foi contada pelo povo da costa marítima.) Nérites era o mais belo dentre homens e deuses. Enquanto viveu no mar, Afrodite só encontrava prazer nele, e vivia com ele como se fosse seu amante. Chegou, porém, o momento, como estava destinado, em que ela seria admirada entre os olimpianos, e o Pai a chamou. Ela quis levar consigo o camarada e companheiro de folguedos para o Olimpo. Mas ele preferiu viver no mar com as irmãs e os pais. Ela queria dar-lhe asas, mas ele tampouco tinha desejo de voar. Por isso a deusa mudou-o em caramujo e levou como companheiro e criado o jovem deus do amor, Eros; a quem, além disso, acabou dando as asas.

Outra história apresentava Nérites como queridinho de Posídon e duplo de Faetonte. Quando o lindo menino conduzia o seu carro por sobre as ondas, Hélio ficou zangado. Mas esta é uma história surgida depois da que acabei de contar.

3 Afrodite, Ares e Hefesto

Havia histórias em que Afrodite tomou por marido o deus da guerra, Ares. Em outras, era esposa de Hefesto. Finalmente há uma história, que Homero tornou famosa, em que a deusa do amor engana o marido, Hefesto, com Ares. Sua união com o deus da guerra resultou, a crermos nos relatos dos tebanos[173], no nascimento da formosa Harmônia, "a que une", uma segunda Afrodite. O nome de seu marido, Cadmo, o matador do dragão e fundador de Tebas, voltará a ocorrer na história de Europa. Outros filhos atribuídos a Ares e Afrodite foram, de um lado, Fobos e Deimo, o "Medo" e o "Terror"[174], e, por outro, Eros e Anteros, o "Amor" e a "Resposta ao Amor"[175]. Tudo isso, contudo, é escassamente mitológico, pois pertence mais à genealogia. Consoante outra

genealogia, o pai de Eros era Hefesto[176].

Terei muito que falar a propósito de Hefesto. Basta-nos dizer por ora que, de acordo com a maioria dos relatos, ele era um mestre metalúrgico vigoroso e hábil, mas, ao mesmo tempo, um artífice anão e aleijado. Criou jovens virgens feitas de ouro[177], que se moviam como se estivessem vivas, e pensavam, falavam e trabalhavam. Afeiçoou a primeira mulher, Pandora[178], que não era sua esposa, mas esposa de seres muitíssimo parecidos com ele. A esposa de Hefesto – de acordo com Homero na Ilíada[179], e de acordo com Hesíodo – era a mais moça das Graças, Aglaia, "a gloriosa"[180]. Teriam querido as histórias mais antigas (que esses poetas conheciam) significar que ela também era uma obra de arte viva? Pode ser que sim, pois *charis* ("graça") também equivale a tudo o que há de delicioso na arte. Ou seria a intenção delas dar ao deus-ferreiro por esposa uma Afrodite menor, em lugar da grande? Em todo caso, na nossa língua a deusa do amor também poderia ter-se chamado *Charis*. Na Odisseia, a esposa de Hefesto era Afrodite, e Ares, seu amante.

Um cantor do povo dos feácios[181], que estavam ainda mais próximos dos deuses do que nós, cantava o modo como Afrodite e o deus da guerra se apaixonaram um pelo outro. Aconteceu no palácio do marido. Ninguém sabia disso, e Ares se superara para poder violar o casamento de Hefesto. O Sol viu-os no ato do amor e, imediatamente, informou o famoso ferreiro. Este último, profundamente magoado com a notícia, entrou na ferraria e pôs-se a meditar pensamentos trevosos. Arrumou a grande bigorna e construiu correntes que não poderiam ser quebradas nem desatadas, mas que eram invisíveis e delicadas como teias de aranha. Pendurou-as nas colunas da armação da cama e partiu ou, pelo menos, fingiu partir para Lemnos, a ilha muito amada com sua cidade belamente edificada. Era essa a oportunidade que Ares estivera esperando. Abrasado de desejo pela famosa Afrodite, entrou no palácio do ferreiro. Ela acabava de voltar de uma visita que fizera a Zeus, seu pai, e estava sentada no interior da casa. Ares entrou, empolgou-lhe a mão e bradou: "Vem, amada, vamos deitar-nos e fruir do nosso amor! Hefesto está longe, foi para Lemnos, para o seu povo da língua estrangeira, os cíntios!" Ela também ansiava por deitar-se com ele. Os dois, portanto, foram para a cama e depois adormeceram. As correntes engenhosamente fabricadas por Hefesto fecharam-se sobre eles, de modo que não podiam mover um membro sequer, e muito menos ficar de pé. Conheceram então que tinham caído numa armadilha.

Entrou o robusto ferreiro – pois o Sol ainda estava vigiando e traíra os amantes. À porta sobresteve, louco de raiva, e gritou com voz terrível para todos os deuses: "Pai Zeus e todos os mais, benditos e eternos deuses! Vinde e vede a irrisão e a vergonha que temos aqui! Vede como Afrodite, filha de Zeus, continuamente me envergonha, porque sou um aleijado! Ela ama o sinistro Ares, porque ele é loiro e seus pés são iguais um ao outro, ao passo que eu ando manquitolando. Entretanto, só meus pais merecem censura por isso: eles nunca deveriam ter-me gerado! Mas vede como os dois dormem ali, bêbados de amor, na minha cama! Ofendem-me a vista. Creio que jazerão ali por muito tempo ainda, pois se amam tão extremosamente – e, todavia, não terão nenhum desejo de continuar deitados: minhas correntes os manterão fixos, até que o pai decida devolver-me os presentes que lhe dei pela ordinária sem-vergonha! Pois sua filha é bela, mas não é

casta!”

Assim falou ele, e os deuses se reuniram em seu palácio, na casa de limiar de bronze. Entraram Posídon, Hermes e Apolo. As deusas ficaram recatadamente em casa. Aproximaram-se da porta, e uma gargalhada irreprimível apoderou-se dos abençoados ao perceberem o artifício do astuto Hefesto. E disseram uns aos outros: “Bem algum advém de um ato injusto. O lerdo alcança o ligeiro. O surpreendido em adultério tem de expiar o seu malfeito!” Apolo perguntou a Hermes: “Gostarias de estar deitado com essas correntes ao lado da deusa Afrodite?” E Hermes respondeu: “Se eu pudesse, deixar-me-ia de bom grado acorrentar com correntes três vezes mais fortes! E todos vós, deuses e deusas, poderiam vir e olhar para mim – tão alegremente me deitaria eu ao lado da áurea Afrodite”. Riram-se os imortais, exceto Posídon. Ele suplicou ao ferreiro que libertasse Ares e afiançou, em nome de todos os deuses, que uma reparação apropriada lhe seria feita. De má vontade, Hefesto consentiu e desacorrentou o par. Os dois puseram-se em fuga: Ares fugiu para a terra dos trácios, Afrodite para Chipre, para o seu templo em Pafo, onde foi recebida com agrado pelas Graças, que a banharam. Untaram a deusa com o óleo imortal cuja fragrância sempre adere aos deuses, e voltaram a envolvê-la em vestidos maravilhosamente belos e deliciosos.

4 A história de Pigmalião

Julgava-se em Chipre que Pigmalião fora rei e amante de Afrodite. Não sabemos como o seu nome era pronunciado entre os adoradores não gregos da deusa, ou o que significava para eles: entre nós, também assumia a forma “Pigmeu”, que pode ter tido o mesmo significado de *pygmaios*, anão. (Nos tempos primitivos, outras ilhas do Mediterrâneo oriental, além de Chipre, de acordo com nossas antigas narrativas, eram habitadas por seres que podem ser descritos igualmente bem como anões ou grandes deuses. Entre eles figuravam os Cabiros da Samotrácia e os artífices Télquines de Rodes. Em Lemnos, Hefesto era outro que tal.)

Contou-se[182] que o Rei Pigmalião se apaixonou pelo ídolo nu, de marfim, de Afrodite; pois uma imagem de culto desse tipo não era incomum entre os povos não gregos dos tempos antigos. Procurou tomar a estátua por esposa e deitou-a na sua cama. Está claro que isso é apenas um fragmento da história. Mas dizia-se[183] também que o próprio Pigmalião modelou em marfim a figura da bela mulher e apaixonou-se perdidamente por ela. No seu amor desesperado, rezou para Afrodite, e a deusa apiedou-se dele. A estátua ganhou vida, e Pigmalião desposou-a. Ela lhe deu Pafo, cujo filho, Cíniras, fundou a cidade de Pafo, onde se situa o santuário de Afrodite.

Segundo essa história, o culto da deusa do amor só começou com Pigmalião e sua criação do ídolo nu. Diz-se a respeito de Pigmalião[184] que ele era, como Adônis, senhor e amado de Afrodite.

5 A história de Adônis

A história do senhor e amado da grande Deusa do Amor estava ligada – entre nós, e presumivelmente também nos países orientais, onde foi adotada, na Síria, em Chipre e na Ásia

Menor – à história de uma árvore, aquele arbusto árabe cuja goma extremamente fragrante os povos da Antiguidade prezavam acima de todas as suas seivas solidificadas. À goma dava-se o nome de "mirra" ou "esmirna".

A história continua[185] dizendo que Mirra (ou Esmirna) era filha de um rei; filha do Rei Teia do Líbano, ou do Rei Cíniras de Chipre, fundador de Pafo – ou, variamente, filha de outros reis que não preciso mencionar. Mirra apaixonou-se mortalmente pelo pai. (Várias razões foram aventadas para isso: a cólera do deus-sol, ou a cólera de Afrodite. Supõe-se que Mirra achava seus cabelos mais bonitos que os da deusa; e existem outras histórias semelhantes.) A filha conseguiu enganar o pai, ou embebedá-lo – ocorrência também encontrada numa história bíblica. Dormiu com ele, como uma rapariga desconhecida, por doze noites, ou menos. Afinal, o pai descobriu, mercê de uma lâmpada escondida, quem era sua companheira de cama e saiu em perseguição dela com a espada desembainhada. Mirra já concebera um filho desse amor proibido e estava cheia de vergonha. Suplicou aos deuses que não a deixassem estar em parte nenhuma, nem entre os vivos nem entre os mortos. Alguma divindade, possivelmente Zeus e Afrodite, compadeceu-se e ela foi transformada na árvore que chora o seu fruto em goma picante, o fruto da madeira: Adônis. Pois ele, o futuro amante de Afrodite, nasceu da casca rachada da árvore da mirra.

Adônis era belo, tão belo que, logo que nasceu, Afrodite escondeu a criança numa arca e deu-a a Perséfone para guardá-la em lugar seguro. A rainha do Mundo Subterrâneo abriu a arca, viu o menino e nunca mais quis devolvê-lo. A disputa entre as duas deusas foi levada à presença de Zeus. O rei dos deuses dividiu a posse de Adônis da seguinte maneira: durante uma terça parte do ano ele moraria sozinho; durante uma terça parte, com Perséfone; e durante uma terça parte, com Afrodite. Sobre a morte de Adônis, que todos os anos o levava para Perséfone, no Mundo Subterrâneo, dizia-se comumente que ele fora ferido por um javali enquanto caçava. Correu-lhe o sangue, e o riacho Adônis, no Líbano, passou a fluir vermelho[186]. Imagina-se que Ártemis ou Ares mandou o javali contra o mancebo[187]. Afrodite viu-se assim obrigada a prantear Adônis antes de poder realmente possuí-lo. Os festivais em que o seu deplorável amor era celebrado foram realizados em comemoração ao dia em que a deusa do amor se separou do seu jovem senhor. Ele jazia ali mortalmente ferido, amado e pranteado por Afrodite[188]. Debalde tentou ela retê-lo. No dia seguinte, ele librou-se para longe no mar e no ar. Costumavam dizer, todavia, que ele ainda estava vivo. As mulheres lhe trouxeram pequenos "jardins" – expressão simbólica e pitoresca, comum em nossa língua, como em outras, para indicar-lhes a própria feminilidade. Nos santuários orientais, entregavam-se a estrangeiros. Quem não fizesse teria, pelo menos, de sacrificar os cabelos a Adônis.

6 Afrodite e Anquises

As histórias sobre a grande deusa do amor que até agora tenho contado tinham o seu cenário no extremo sudeste do nosso mundo grego – em Chipre e na Síria. A cena da história seguinte é a região de Troia, na Ásia Menor. Afrodite ali aparece acompanhada de animais selvagens: isso a liga

à "Mãe dos Deuses", que mais adiante descreverei, concluindo assim minha narrativa a respeito das divindades pré-olimpianas ou, pelo menos, alheias ao Olimpo. A história nos foi contada num hino atribuído a Homero[189].

Havia três deusas sobre as quais Afrodite não tinha poder algum: Atena, Ártemis e Héstia. Todos os outros deuses e deusas cediam às suas injunções, e ela chegou a compelir o próprio Zeus a apaixonar-se por mulheres mortais e a descurar da sua irmã-esposa Hera, filha de Crono e Reia. Foi por isso que Zeus, por seu turno, compeliu Afrodite a apaixonar-se pelo pastor Anquises, que apascentava o gado nas alturas do Monte Ida e era tão belo quanto os imortais. Afrodite avistou-o, e o amor senhoreou-se dela. Ela dirigiu-se à pressa a Chipre, ao seu templo em Pafo. Fechou as portas do templo atrás de si, as Graças banharam-na e ungiram a grande deusa com o óleo dos imortais, cuja fragrância adere aos deuses eternos. Envergando um belo vestido e adornada de ouro, ela voltou, célere, a Troia, ao Monte Ida, à mãe dos animais selvagens.

Afrodite caminhou através das montanhas, para os rebanhos de gado. Atrás dela, sacudindo a cauda, iam lobos cinzentos, leões de olhares ferozes, ursos e rápidos leopardos, insaciáveis em sua fome de gazelas. A deusa regozijou-se com a vista deles e encheu de amor o coração das feras, de modo que todas se deitaram, aos pares, à sombra das florestas. Afrodite entrou na tenda do pastor e encontrou Anquises a sós. Ele andava de um lado para outro tocando um alaúde. Afrodite postou-se diante dele na forma de uma bela e delicada donzela mortal. Anquises contemplou-a e maravilhou-se da sua beleza, da sua estatura e das suas roupas esplêndidas. Ela vestia uma túnica cuja vermelhidão ofuscava mais do que o fogo; brilhavam-lhe os seios maravilhosamente, como se fossem banhados de luar. O amor apoderou-se de Anquises, e ele dirigiu-se à deusa. Saudou-a como uma imortal, prometeu-lhe um altar e sacrifícios, e suplicou-lhe a bênção para ele e sua posteridade. Diante disso, a deusa mentiu-lhe, dizendo-se uma donzela mortal, uma princesa Frígia que também sabia falar a língua dos troianos. Hermes a arrebatara, assim explicou ela, do coro de Ártemis, em que estivera dançando com suas companheiras de folguedos e com as ninfas, e a transportara para o Monte Ida, através do ar, desde a Frígia. Pois ela fora convocada – assim falara o mensageiro divino – para tornar-se esposa de Anquises. Mas desejava que o pastor não a tocasse enquanto não a tivesse apresentado a seus pais e irmãos, cuja nora e cunhada viria a ser; e desejava também, antes de celebrar-se o casamento, mandar uma mensagem aos pais dela a respeito do dote.

Essas palavras da deusa encheram Anquises de um amor ainda maior. "Se és donzela mortal, e estás destinada a ser minha esposa, nem deus nem homem poderá privar-me de ti. Ainda que Apolo deva matar-me depois, quero amar-te agora, imediatamente, e depois morrer!" Isso bradou o pastor, e segurou a mão de Afrodite. Ela o seguiu até a cama dele, virando-se repetidamente para trás, como se quisesse retroceder, e pousando no chão os lindos olhos. Sobre lençóis macios jaziam peles de ursos e leões, que o próprio Anquises matara. Ele retirou os adornos da noiva, afrouxou-lhe o cinto e descobriu-a. De acordo com a vontade dos deuses, o mortal deitou-se com a deusa imortal, sem saber o que estava fazendo. Somente à hora em que os outros pastores deviam voltar,

Afrodite despertou o amante adormecido e mostrou-se a ele em sua verdadeira forma e beleza. Anquises ficou assustado quando lhe viu os lindos olhos. Virou-se para o outro lado, cobriu o rosto e implorou-lhe que o salvasse. Pois nenhum homem mortal continua gozando de boa saúde pelo resto da vida depois de haver dormido com uma deusa.

Conta-se ainda que Afrodite profetizou o máximo bem para o filho que concebeu de Anquises, e para seus descendentes. O filho era Eneias, que seria famoso mais tarde, entre os nossos vizinhos italianos, como fundador da nação latina. De sua parte, a deusa lamentou haver-se entregue a um mortal. Anquises não deveria revelar a ninguém que ela era a mãe de seu filho; as ninfas lhe trariam, como se a criança pertencesse a uma delas. Se ele o fizesse, o raio de Zeus o atingiria. Afirma-se[190] que Anquises, mais tarde, foi estropiado por um raio. Mas havia também a história de que ele foi punido com a cegueira por ter visto a deusa nua. Abelhas, com os ferrões, arrancaram-lhe os olhos[191].

7 Sobrenomes de Afrodite

Nossa mitologia perdeu um sem-número de histórias relativas às divindades que nos são mais conhecidas. A substância das histórias estava contida na figura da própria divindade, mas não havia uma única história capaz de apresentar a figura toda em todos os seus aspectos. Os deuses viviam na alma dos nossos antepassados, e não entravam integralmente em nenhuma história. Sem embargo disso, cada história – agora como então – contém alguma parte viva deles, um contributo para a sua completação. As histórias, por sua vez, não podem ser inteiramente contidas numa só palavra, no nome ou num sobrenome da divindade em apreço. Entretanto, até certo ponto, estão compreendidas nesses nomes: assim, por exemplo, a história do nascimento de Afrodite se contém em seu sobrenome de Anadiomene. Por essa razão os sobrenomes preservados são necessários ao entendimento da mitologia. No caso de Afrodite, pelo menos, mais alguns dos seus nomes precisam ser mencionados, a fim de que todos os aspectos da grande deusa do amor sejam trazidos à luz.

Em nossa linguagem, a palavra *aphrodite* adquiriu o significado de "prazer de amor". Nos antigos poetas, essa dádiva da deusa é acompanhada pelo adjetivo *chruse*, "áureo", o que, porém, não deve ser entendido num sentido demasiado restrito, pois também expressa toda a atmosfera de Urânia, a "Celeste" oriental, que em Chipre trazia outrossim o sobrenome de Eleêmon, "a misericordiosa". A atmosfera já se torna restrita quando encontramos as cortesãs de antanho adorando a deusa como uma delas, como Afrodite Hetaira ou Porne. Nessa atmosfera restrita, surgiram as obras de arte que retratavam a beleza da deusa como *Kalligloutos* ou *Kallipygos*, "a das belas nádegas", com o vestido erguido alto à sua volta: isso ocorreu num tempo em que nossos escultores, de um modo geral, tinham conseguido dissipar o temor respeitoso com que a nudez da deusa no banho outrora fora contemplada. Em Esparta, onde as mulheres gozavam de grande liberdade em assuntos de amor, Afrodite tinha o sobrenome de "Senhora", que era também o nome da irmã-esposa de Zeus: chamavam-na de Afrodite Hera. Num santuário entre os espartanos ela era adorada debaixo de dois sobrenomes: ou portando armas, como Afrodite Enóplio; ou

acorrentada, como Afrodite Morfo, "a de corpo bem-feito" ou "a de várias formas", provavelmente outro nome para Eurínome, mãe das Graças, a qual, como relatarei dentro em pouco, era biforme e acorrentada. Em Esparta, Afrodite também se chamava Ambológera, "a que adia a velhice". Em Atenas, tinha seus próprios jardins como *Aphrodite en kepois* e era adorada como Urânia e a mais velha das Moiras. No Cabo Colíaco, na costa ática, era também Genetilis, que é o mesmo que a *Venus Genetrix* dos latinos, deusa-padroeira do parto. Era a chefe de um grupo de três deusas e recebia, como Hécate, sacrifícios de cachorros. Uma bela pintura de vaso mostra-a cavalgando um cisne e, como Epitragídia, sentada num bode.

Outro aspecto de Afrodite, com o qual o bode deve ter tido alguma relação, expressa-se nos sobrenomes Melena e Melênis, "a negra", e Escócia, "a escura". Na medida em que isso se refere à escuridão procurada pelo amor, esse aspecto está ligado ao outro já descrito. Mas a negra Afrodite pode igualmente ser associada às Erínias, entre as quais era também incluída. Sobrenomes como Andrófono, "Matadora de Homens", Anósia, "a Pecadora", e Timborico, "a Cavadora de Túmulos", indicam suas sinistras e perigosas potencialidades. Como Epitimbídia, é realmente "a que está sobre os túmidos". Sob o nome de Persefessa invocam-na como minha do Mundo Subterrâneo. Ela tem o título Basílis, "rainha". O sobrenome de Pasifessa, "a que brilha longe", associa-a também com a deusa da lua. Todas essas características são prova de que, em dado momento, algumas histórias identificavam a deusa do amor com a deusa da morte como um ser comparável à *Venus Libitina* dos romanos. A forma masculina do nome de Afrodite, Afrodito, induz-nos a pressupor outro grupo de narrativas. A deusa era adorada sob um nome semelhante em Amato, na Ilha de Chipre, onde a retratavam como se tivesse barba. Trataremos daqui a pouco do sexo duplo da Mãe dos Deuses na Ásia Menor e, mais tarde, de Hermafrodito, figura que era produto dessa característica da grande deusa do amor.

V
A Grande Mãe dos Deuses e seus companheiros

O título de Grande Mãe, ou Mãe dos Deuses, ou ambos ao mesmo tempo, foi dado apenas a uma das filhas de Geia e Urano: a saber, a Reia, que dera a Crono os três deuses que governam o mundo, Zeus, Posídon e Hades, e as três deusas, Hera, Deméter e Héstia. Tal foi a origem de toda a geração mais nova dos deuses olímpicos, de modo que a deusa da qual todos descenderam podia perfeitamente ser chamada Grande Mãe dos Deuses. Um direito ainda maior a esse título, naturalmente, é o da Mãe Terra, Geia, que produziu até o Pai Urano dentro em si mesma. Com efeito, só na genealogia hesiódica se fez uma distinção tão acentuada entre Geia e Reia que a primeira se tornou mãe da segunda. As histórias a respeito de Reia pressupõem ter sido ela a primeira mãe e haver, ela mesma, produzido os seus ajudadores e companheiros, extraindo-os da terra ou, em outras histórias, tendo sido fertilizada pelo deus do céu.

Admite-se que Reia não era mais a *nossa* Grande Mãe do que a grande deusa do amor era exclusivamente nossa. (Entre os vizinhos orientais, na Ásia Menor, na Síria e em regiões ainda mais a leste, nem sempre é fácil distingui-las uma da outra.) Na Ásia Menor, sobretudo, Reia era adorada como *Meter oreia*, "Mãe-montanha", para mencionar apenas um dos seus muitos nomes, quase sempre formados do nome de uma montanha e que indicavam uma relação com uma paisagem montanhosa – nomes como Berecíntia, Dindimena, Idaia. No território da Ásia Menor, a partir do qual seu culto se divulgou e, com efeito, voltou muitas vezes para nós, ela era chamada, na Frígia, *Matar Kubile*, o que em nossa língua é Cibele. Pode ser reconhecida na Senhora dos Animais, de Creta, que se apresenta, flanqueada por dois leões, no ápice de uma montanha. Sua conhecida figura entronizada, contudo, ela a adquiriu, primeiro, como Mãe dos Deuses na Frígia. Costuma ostentar na cabeça uma coroa exuberante, semelhante a uma cidade, e brinca com um leão ou conduz um carro puxado por leões.

Sua procissão festiva incluía seres do sexo masculino, que a acompanhavam numa dança selvagem, extática, ao som estridente de "instrumentos das terras altas" – flautas, címbalos, tambores de mão, matracas e, nos tempos mais antigos, também placas vibrantes. Esses seres, no princípio, podem ter sido homens, mas imitavam espíritos de deuses, como os que, em nossa língua, se denominam *daimones*, "demônios". Na Frígia, os servos divinos da deusa chamavam-se Berecíntios. O seu nome mais popular era "Coribantes". Mais adiante mencionarei os nomes dados a deuses semelhantes entre nós mesmos, nomes que são, praticamente, tudo o que sobreviveu das

histórias da Grande Mãe. Os seus atendentes, na maior parte, eram identificados com os Coribantes, os quais, portanto, não representarão nenhum papel especial nas histórias que passarei a relatar.

1 Dáctilos Ideus e Curetes

Já contei que Reia, quando se achava no processo de dar à luz Zeus, futuro pai dos deuses e dos homens, chegou a Creta e escondeu a criança numa caverna do Monte Egeu, perto de Licto[192]. Outros lugares além dessa montanha e dessa caverna reivindicavam a honra de haver sido o local de nascimento e criação do nosso deus supremo: o Monte Dicta e o Monte Ida – cada um dos quais tem uma caverna sagrada – eram havidos por detentores dessa honra. A última montanha, que fica em Creta, tinha o mesmo nome do Monte Ida na Ásia Menor, sítio frequentado pela Grande Mãe dos Deuses. A montanha cretense é o cenário da história seguinte:

No Ida, Reia esperou o instante do parto[193]. Quando chegou o momento e principiaram os trabalhos, no seu tormento, ela se apoiou com as duas mãos no chão. A montanha imediatamente produziu tantos espíritos, ou deuses, quantos dedos possuía a deusa. Esses seres ficaram ao lado dela e assistiram o nascimento. Eram chamados os Dáctilos Ideus, os "Dedos Ideus", do nome do Monte Ida e dos dedos de Reia, mas eram também conhecidos por Curetes ou Coribantes. (Já expliquei que os companheiros da Mãe dos Deuses na Ásia Menor se chamavam Coribantes.) O nome Curetes significa "jovens": comumente em número de três, armados de espada e escudo, executaram uma dança das armas ao redor do filho recém-nascido de Reia. Fizeram um estardalhaço com suas armas de ferro para abafar o choro da criança, de modo que Crono não pudesse ouvi-lo. Contava-se também[194] que eles se desenvolviam da terra depois da chuva, ou das lágrimas da criança divina[195]. Eles estavam intimamente associados ao menino divino (o *kouros*) e também se supunha que fossem filhos dos Dáctilos[196].

Daktulos significa literalmente "dedo" e, por esse motivo, há dez deles na história que acabo de relatar, ao passo que os Curetes são três. Havia, porém, igualmente histórias de nove Curetes, ou de povos inteiros de Curetes, de nove ou dez Coribantes, e de uma centena de Dáctilos Ideus. Em outras histórias ainda, o número de Dáctilos Ideus era diferente, e eles também variavam entre si no respeitante à natureza. Dizia-se[197] que havia vinte Dáctilos da mão direita e trinta e dois Dáctilos da mão esquerda; que os da mão direita tinham sido ferreiros e os da mão esquerda, mágicos; ou que os da mão esquerda haviam deitado feitiços e que os da mão direita haviam rompido os feitiços; ou que os da mão direita eram homens que tinham descoberto o ferro e inventado a metalurgia, e que os da mão esquerda eram suas irmãs[198]. Em outro lugar mencionam-se cinco Dáctilos Ideus. Destes, três têm nomes apropriados a homens habilidosos no curar – Peônio, Epimedes, Iásio. Um quarto chama-se Idas. O chefe deles era Héracles – não o filho de Zeus e Alcmena, assim nos asseguram, mas o Dáctilo Ideu que inaugurou os Jogos Olímpicos mandando seus quatro irmãos correrem uns contra os outros. Havia também uma história de apenas três Dáctilos, que serviam a Grande Mãe frígia; esse número exato tinha – como em tantas

outras ocasiões – um significado particular em sua história.

Os três Dáctilos Ideus, servos de Adrasteia (pois nessa história[199] a Grande Mãe frígia é assim chamada), foram Celme, Damnameneu e Ácmon. Foram eles os primeiros ferreiros, homens selvagens, nascidos da terra, primitivos e, ao mesmo tempo, instrumentos. Ácmon significa "bigorna"; Damnameneu significa "o que compele" – o que quer dizer, neste caso, o martelo; Celme, muito provavelmente, significa "faca". Este último foi o mais infeliz dos três irmãos, metido entre a bigorna e o martelo. Relatava-se[200] que o menino Celme tinha sido um camarada leal do pequeno Zeus, mas insultara Reia, que tanto era sua mãe quanto mãe de Zeus. Como castigo, foi transvertido em aço – que é o que acontece ao ferro entre a bigorna e o martelo, quando se quer fazer uma boa faca. Diz-se outrossim[201] que os dois outros irmãos eram hostis ao terceiro. A mesma relação se encontra na história de três Coribantes, que relatarei daqui a pouco.

Na história que alude a dois Dáctilos[202] enfatiza-se particularmente o fato de que eles se assentavam ao lado da Mãe Ideia, compartiam do trono e eram os "chefes das Moiras" entre os muitos Cabiros. Os nomes dos dois eram Tício e Cilenos. Pode ser que esses dois nomes se refiram ao caráter pronunciadamente fálico dos Dáctilos e descrevam duas figuras que não passavam de falos. Afirmava-se[203] que a ninfa Anquíale – outro nome da Grande Mãe – os fizera aparecer na caverna do Monte Dicta agarrando a terra com as mãos em seu tormento. (Como devemos estar lembrados, ela se apoiara pesadamente no solo nos trabalhos de parto.) Segundo a história, não saltaram dez sob a mão da deusa, mas apenas dois "Dedos", que dali por diante a acompanharam. Em todas essas narrativas, os Dáctilos eram servos e instrumentos da Grande Mãe, obstetras, ferreiros e mágicos, que também podem ser descritos, em razão da sua estatura aparentemente reduzida, como anões-artífices.

2 Cabiros e Télquines

Os Cabiros também eram servos da Grande Mãe. Sabia-se, nos tempos antigos[204], que eram chamados Cabiros por causa do Monte Cabiro, no país de Berecíntia, que pertencia à Grande Mãe frígia, e foram dali para a Samotrácia, sua ilha sagrada. O nome deles sempre nos soou estranho, e deve ter pertencido à mesma língua bárbara preservada na Samotrácia como a língua da religião e dos mistérios dos Cabiros. Talvez fosse aparentada com a língua dos antigos habitantes de Lemnos, adoradores de Hefesto, que falavam uma língua estrangeira. Dizia-se dos Cabiros[205] que eram os Dáctilos Ideus, que tinham vindo para o oeste, desde a Frígia, e cujas práticas mágicas tinham feito dos habitantes da Samotrácia os primeiros convertidos ao seu culto secreto. Cria-se também que Orfeu havia sido um dos seus discípulos naquela ocasião. Diz-se que a própria Mãe dos Deuses instalara seus filhos, os Coribantes, na Samotrácia[206]; mas era vedado a quem quer que fosse revelar a identidade do pai deles, visto que isso só se revelava no culto secreto. Nessas histórias, os Dáctilos, os Curetes, os Coribantes e os Télquines não passavam, às vezes, de uns poucos seres primitivos e, às vezes, povos primitivos inteiros – os quais, em comparação com o grande tamanho da Mãe, tinham, como eu disse, uma estatura anã.

Não obstante, os Cabiros eram chamados, entre nós, *megaloi theoi*, "grandes deuses". Assim os invocavam nossos marinheiros, como deuses salvadores em momentos de perigo. Chamavam-se também Curetes e Coribantes e, em Lemnos, Hefestos, no plural. No continente fronteiro – isto é, na Macedônia – contava-se a respeito deles a seguinte história[207]: havia outrora três Coribantes, três irmãos, dois dos quais assassinaram o terceiro. Enrolaram a cabeça do irmão assassinado numa túnica púrpura, engrinaldaram-na e carregaram-na, sobre um escudo de bronze, até o sopé do Monte Olimpo, onde a enterraram. Os mesmos dois irmãos também transportaram a cesta de mistérios, que continha um falo, o membro masculino de Dioniso, ao país dos etruscos. Das histórias contadas nas ilhas hoje só conhecemos nomes e genealogias. Cabiro, mãe dos Cabiros, aquela cujo nome foi traduzido em nossa língua para Reia, Deméter, Hécate ou Afrodite, era filha de Proteu[208]: isso, pelo menos, se dizia em Lemnos. Cabiro deu a Hefesto o menino Cadmilo, gerou três Cabiros e três Ninfas cabírias. Essa genealogia não faz nenhuma menção especial de dois irmãos. Na Samotrácia, por outro lado, flanqueando a entrada do Santuário, viam-se duas estátuas fálicas de bronze, como as nossas estátuas de Hermes. Dizia-se[209] que eram irmãos gêmeos, filhos de Zeus, os Dioscuros. No próprio Santuário se encontrava – o que até um não iniciado pode adivinhar – o terceiro irmão, adorado não só como um pequeno, mas também como um grande Cabiro, como um pequeno Cadmilo e como o grande e misterioso Coribante. Sua relação com a Grande Mãe foi mantida em segredo. Dizia-se, contudo, que o pai dos Coribantes também foi mantido em segredo, embora se tenha revelado, numa genealogia, que os Cabiros e suas Ninfas descendiam de Cadmilo. Sabe-se perfeitamente que os dois nomes "Coribantes" e "Cabiros" designam os mesmos seres. O menino Cadmilo e o pai dos Cabiros parecem ter sido a mesma pessoa. Aqui se reconhece uma identificação pela qual a Grande Mãe está duplamente ligada ao filho mais jovem: ele é, ao mesmo tempo, seu marido e seu filho. Essa relação entre os dois encontra-se amiúde nos relatos atinentes aos nossos mistérios. Dizia-se[210] que os quatro nomes de divindades que nos vieram da Samotrácia – Axiero, Axiocersa, Axiocerso e Cadmilo – eram idênticos a Deméter, Perséfone, Hades e Hermes, respectivamente.

Os Cabiros de Lemnos eram ferreiros: por isso se chamavam Hefestos. De seres dessa qualidade, e também de sua qualidade como deuses do mar, comum a todos eles, as histórias que se contam dos Télquines são mais extensas, embora as destes últimos – sobretudo as antigas – em sua maioria também tenham desaparecido. Na Ilha de Rodes, "Télquines" era o nome de seres semelhantes aos que já mencionei debaixo de tantos nomes. Os Télquines tinham um caráter mais acentuado de habitantes do Mundo Subterrâneo: com fama de mágicos perversos, guardavam ciosamente os segredos da sua arte[211]. Por outro lado, foram eles que fizeram as primeiras imagens dos deuses[212]. Dizia-se mais[213]: que eram nove, e tinham vindo a Creta com Reia para criar o menino Zeus. Entretanto, eram mais conhecidos como criadores de Posídon[214]. Nesta última tarefa foram ajudados pela filha de Oceano, Cafira – nome que revela a antiga identidade dessas divindades com os Cabiros. A Cafira e aos Télquines confiou Reia o encargo de criar o menino Posídon. (Voltarei ainda a essa história.) Havia também relatos de hostilidade entre os Télquines e Apolo[215], do que resultou haver o deus mais jovem destruído os mais velhos. Para nós o deus do

sol reinava como divindade suprema sobre Rodes, que Zeus lhe dera como seu quinhão[216]. Consoante uma narrativa[217], os Télquines previram a vinda do dilúvio e por isso saíram de Rodes. Eles também, como o resto dos Dáctilos, são representados como um povo primitivo inteiro, conquanto fossem, a princípio, um pequeno grupo de servos da Grande Mãe.

3 A história de Átis

Não posso omitir a única história pormenorizada conhecida de um servo da Grande Mãe – ainda que não seja grega. A Mãe dos Deuses a que ela se refere é inteiramente frígia. Chama-se Agdístis, por causa da rocha chamada Agdo, perto de Pessinunte, cidade sagrada para ela. Seu amante Átis era ainda menos grego do que Adônis, amante de Afrodite. Em outros sentidos, os dois casais revelam certas semelhanças sobretudo quando temos em mente que em Amatunte a grande deusa do amor era igualmente hermafrodita. O hermafroditismo da Grande Mãe da Ásia Menor se reflete, entre nós, no fato de que, de um lado, ela se identificava com a nossa virgem caçadora, a deusa Ártemis, e era realmente conhecida como *Megale Ártemis*, "a grande Ártemis"; e de que, por outro lado, também podia ser pintada com muitos seios, como uma Grande Mãe. Na versão em que a história frígia sobre ela nos foi contada, nossos deuses também desempenhavam um papel. Mas isso é, pura e simplesmente, uma questão de nomenclatura. Quando "Zeus" ocorre na história, o nome pode ser tomado como se significasse o deus do céu frígio, Papas.

A rocha de Agdo – assim reza a história[218] – assumira a forma da Grande Mãe. Zeus adormeceu sobre ela. Enquanto ele dormia, ou enquanto lutava com a deusa, o seu sêmen caiu sobre a rocha. No décimo mês, a rocha Agdo pôs-se a mugir e deu à luz um ser selvagem, indomável, de sexo duplo e desejo duplo, chamado Agdístis. Com alegria cruel, Agdístis saqueava, matava e destruía o que lhe desse na telha, não dava importância nem a deuses nem a homens, e não achava nada maior na terra ou no céu do que ele mesmo. Os deuses discutiam entre si, muitas vezes, sobre a maneira de reprimir tanta insolência. Quando todos hesitavam, Dioniso tomou a peito a tarefa. Havia uma fonte em que Agdístis ia dessedentar-se quando acalorado pelos jogos ou pela caça. Dioniso mudou a água da fonte em vinho. Agdístis chegou correndo, impelido pela sede, bebeu avidamente o estranho líquido e caiu, por força, no sono mais profundo. Dioniso estava à espreita. Habilidoso, teceu uma corda com cabelos e, com ela, amarrou o membro masculino de Agdístis a uma árvore. Quando acordou da bebedeira, o monstro ergueu-se de um salto e castrou-se com a própria força. A terra bebeu o sangue que fluía e, com ele, as partes arrancadas. Destas surgiu incontinenti uma árvore frutífera: uma amendoeira ou – de acordo com outra história – uma romãzeira. Nana, a filha do rei ou deus-rio Sangário (Nana é outro nome para a grande deusa da Ásia Menor), viu a beleza do fruto, apanhou-o e escondeu-o no regaço. O fruto desvaneceu-se, e Nana concebeu um filho dele. O pai aprisionou-a, como mulher deflorada, e condenou-a a morrer à míngua. A Grande Mãe amamentou-a com frutos e com os alimentos dos deuses. Ela deu à luz um menininho. Sangário mandou que deixassem a criança fora, ao ar livre, para morrer. Um bode tomou conta dela e, quando a encontraram, ela foi alimentada com um líquido chamado "leite de bode". Deram-lhe o nome de Átis, ou porque *attis* em lídio significasse bonito menino, ou porque

attagus em frígio significasse bode.

Átis era um menino de maravilhosa beleza. A história prossegue dizendo que Agdístis se apaixonou por ele. A divindade selvagem saiu com o rapaz, já crescido, para caçar, levou-o para os ermos mais inacessíveis e deu-lhe despojos da caçada. Midas, rei de Pessinunte, tentou separar Átis de Agdístis e, com esse propósito, deu por esposa ao menino a própria filha. Agdístis compareceu ao casamento e ensandeceu os participantes com as notas de uma flauta de pã. Átis castrou-se debaixo de um pinheiro, gritando: "Para ti, Agdístis!" E assim morreu. Do seu sangue brotaram as violetas. Arrependido, Agdístis suplicou a Zeus que devolvesse a vida a Átis. Tudo o que Zeus, de acordo com o Destino, pôde conceder foi determinar que o corpo de Átis nunca se corromperia, que seus cabelos continuariam a crescer para sempre e que seu dedo mindinho continuaria vivo e poderia mover-se à vontade.

VI

Zeus e suas esposas

A fim de não apresentar uma imagem inteiramente estrangeira da mitologia grega, preciso agora passar para as histórias de Zeus e suas esposas. Somente com a chegada de Zeus ao poder, com o aparecimento do seu rosto masculino, essa mitologia tornou-se *nossa* – mitologia que, nos tempos mais recentes, sempre foi reconhecida como grega. Não devemos esquecer, naturalmente, as histórias dominadas pelas figuras das grandes deusas – da Vigorosa Una Tríplice (geralmente chamada Hécate), da Misericordiosa Afrodite e da Mãe Reia: sem elas, o quadro seria igualmente falso.

Zeus não chegou ao poder simplesmente por meio da vitória sobre os Titãs: vitória que deveu, na verdade, à Mãe Geia e a alguns de seus filhos. Seu domínio fundou-se muito mais em casamentos, alianças com filhas e netas de Geia. Destas, Hesíodo menciona, primeiro, a união com Métis e, por derradeiro, o casamento com Hera. Na narração seguinte desses casamentos começarei com o de Hera, adotando uma velha história a que Homero se refere, se bem esteja agora esquecida. As histórias de Métis e de outra esposa famosa de Zeus, Leto, virão mais tarde, com os relatos tocantes aos seus filhos ainda mais famosos. Antes de contar as histórias dos casamentos de Zeus, todavia, deixem-me falar primeiro de Héstia, filha mais velha e primogênita de Crono e Reia, mas que depois se tornou também a filha mais nova, visto ter sido a primeira a ser devorada pelo pai e a última a ser devolvida.

Héstia foi cortejada por Posídon, um dos três irmãos, e por Apolo, um dos deuses mais jovens[219]. Eles a galantearam em vão, porque, depois da derrota dos Titãs, ela solicitara a Zeus a dignidade de permanecer virgem e receber a primeira vítima de cada sacrifício; e Zeus lho concedera. Ela obteve, como seu lugar sagrado, o ponto central da casa, a lareira – que é também o significado do seu nome. Além disso, recebia não somente o primeiro, mas também o último sacrifício de toda assembleia cerimonial de mortais. Aqui e ali se contava[220] que ela fora atacada por Priapo ou por algum outro deus fálico, mas não existe história alguma em que Héstia tenha recebido um marido ou tenha sido, alguma vez, afastada da morada que lhe fora fixada.

1 O nascimento e a infância de Zeus

Falei mais de uma vez do nascimento de Zeus. Mas não se pode deixar de notar que as histórias do seu nascimento que foram preservadas passam com demasiada rapidez para os cuidados com a criança divina e sua alimentação. O nascimento começa com as dores da grande Mãe dos Deuses,

mas esta permanece envolta na escuridão da noite – uma história que contrasta com a do nascimento de Apolo, que ocorre, por assim dizer, à vista do público. Reia procurou, na calada da noite[221], Licto, em Creta, e escondeu o filho na caverna do Monte Egeu. De acordo com outra história[222], Zeus nasceu na Arcádia, no Monte Liceu, em cujo cume, na região sagrada de Zeus Liceu – "Zeus lupino" – nenhuma criatura projeta uma sombra[223]. Reia banhou a criança recém-nascida nos mananciais do rio arcádico Neda[224], que jorrou de súbito especialmente com esse propósito, e levou-a à pressa para Creta, onde três ninfas do freixo do Monte Dicta, *Diktaiai Meliai*, se tornaram as amas da criança divina. Essas ninfas eram as companheiras dos Curetes ou Coribantes que se encarregaram de Zeus criança em outras histórias. Claro está que havia diversas outras cavernas em Creta que, segundo se dizia, representaram um papel na história do nascimento e da infância de Zeus. Além da caverna no Monte Egeu, a "Montanha da Cabra", fazia-se alusão também às cavernas do Dicta e do Ida. Uma delas foi o cenário do nascimento do infante, a outra o de sua alimentação e proteção. Além das deusas que apareceram nas várias histórias como amas-secas de Zeus, certos animais também poderiam vangloriar-se de haver alimentado o deus: uma cabra e uma javalina[225], abelhas e pombas[226]. Das muitas histórias que existem sobre o assunto contarei primeiro a única cujo cenário não se situa numa caverna.

As três filhas de Reia, Héstia, Deméter e Hera, já existiam quando a Grande Mãe deu à luz os três filhos. A história continua deste teor[227]: quando Reia deu a Crono o filho mais novo, Zeus, Hera pediu à mãe que deixasse a criança aos seus cuidados. A crermos na história, Crono, a essa altura, já precipitara Hades no Tártaro e Posídon nas profundezas do mar. Quando, então, ele pediu a Reia que lhe mostrasse o que ela parira, Reia ofereceu-lhe uma pedra embrulhada em panos, e ele engoliu-a. Imediatamente, porém, percebeu o ardil com que o tinham logrado e saiu à procura de Zeus por toda a terra. Entrementes, Hera levara o futuro marido a Creta, e Amalteia (o ser mais frequentemente nomeado como ama de Zeus) pendurou "o berço no galho de uma árvore, de modo que a criança não pudesse ser descoberta nem no céu, nem na terra e nem no mar. Além disso, para que Crono não ouvisse o choro do filho, reuniu certo número de meninos, deu-lhes escudos e lanças de bronze e fê-los dançar em volta da árvore fazendo um barulhão. Os meninos foram chamados Curetes – ou, em outras narrativas, Coribantes.

Em outra versão da mesma história, Adrasteia deitou a criança num berço de ouro[228] e deu-lhe uma bola de ouro[229]. Adrasteia e Ida foram as amas-secas e guardiãs[230] de Zeus menino. Esses eram dois nomes da própria Reia, que também se chamava *Meter Idaia*. Adrasteia, "a inelutável" – esse talvez fosse um sentido possível do nome em nossa língua – volta a ser mencionada numa das histórias órficas. O presente de ouro referia-se ao futuro domínio do mundo por parte de Zeus. Consoante outro relato[231], a criança foi alimentada por Amalteia e Melissa, filhas do rei cretense Melisseu. Melissa alimentou-o com mel, pois o seu nome significa "abelha"; e numa história, que já tive ocasião de citar, Zeus foi amamentado por abelhas.

Falavam as pessoas[232] de uma caverna sagrada de abelhas em que Reia deu à luz Zeus. Nem deus nem homem algum podiam entrar no lugar. Todos os anos, em determinada ocasião, uma

grande chama irrompia da caverna. Isso acontecia nas épocas de fermentação do sangue derramado no nascimento do deus. A caverna era habitada por abelhas sagradas, as amas de Zeus. De uma feita, quatro homens temerários, chamados Laio, Céleo, Cérbero e Ególio, tentaram entrar na caverna a fim de roubar a maior quantidade de mel que pudessem. Eles envolveram o corpo com uma armadura de bronze e serviram-se do mel das abelhas. Logo depararam com os cueiros de Zeus e com o sangue: tanto bastou para que as armaduras lhes caíssem do corpo. Uma antiga pintura de vaso mostra os quatro homens nus atacados por abelhas gigantescas. Dizia-se que Zeus dera a essas abelhas a sua cor de bronze dourado e o seu notável vigor, em sinal de gratidão por elas o haverem alimentado. Ele transformou os quatro homens em pássaros com o mesmo nome. Não podia matar os ladrões com o seu raio porque, naquela caverna, ninguém podia morrer.

Dizia-se que Amalteia deu de beber ao menino divino do seu famoso chifre. A julgar pelo tamanho, era o chifre de um touro, o protótipo do vaso chamado *rhyton*, que se esperava que a pessoa esvaziasse de um gole, mas nunca conseguia fazê-lo. Ele pertencia, no início, à cabra de Amalteia[233]. Em algumas histórias a própria Amalteia era a cabra e alimentou Zeus com o seu leite. Museu[234], que se afirmava ter sido filho e pupilo de Orfeu, dizia a respeito da cabra que ela era filha do Sol, mas era tão horrível que os deuses ao redor de Crono pediram a Geia que escondesse a medonha criatura numa caverna de Creta. Ela foi confiada aos cuidados de Amalteia, que, com o leite da cabra, amamentou Zeus. Quando cresceu e pôde lutar com os Titãs, o menino divino não possuía armas. A conselho de um oráculo, que deve ter recebido através de Geia, Zeus matou a cabra, cuja pele lhe proporcionou invulnerabilidade, acrescida, nas costas, do semblante hediondo da Górgona. Dizia-se mais[235]: que um filho da cabra, chamado Egipã – o que quer dizer, o deus Pã em sua qualidade de bode, com o qual já topamos na história de Tifeu –, foi aleitado junto com Zeus. Ele ajudou Zeus contra os Titãs, soando a sua concha em forma de chifre e enchendo-os de terror pânico.

Existe uma história da águia de Zeus que deve ser contada neste ponto[236]. Havia um menino chamado Eto, "águia", nascido da terra, como o Dáctilo Ideu, Celme, do qual já tive ocasião de falar, e que, à semelhança do último nomeado e do supramencionado Egipã, se supunha ter sido companheiro de folguedos do menino Zeus. Como fosse belo, Hera transformou-o em águia, pois suspeitava que Zeus o amava. Contava-se uma história parecida[237] de Ganimedes, o belo filho de um rei troiano que, por causa de sua beleza, foi roubado pela águia de Zeus, a que transportava o raio, e transformado no copeiro dos deuses.

2 Zeus e Hera

Segundo a maioria das histórias, a verdadeira esposa de Zeus foi sua irmã-esposa Hera, nome que, na nossa língua, deve ter significado outrora "a senhora". Como eu disse acima, Hera escolheu o irmão mais moço para marido assim que ele nasceu. Encontra-se uma referência ao papel importante representado pela deusa no arranjo do casamento no canto de Homero[238] em que Hera persuade Zeus a realizar uma repetição do seu casamento no Gárgaros, o cume mais alto do Monte

Ida, na Ásia Menor. A história da sedução e do adormecimento de Zeus também tem lugar em nossa mitologia, mas Homero lhe atribui um propósito especial. Em vista disso, não contarei a história qual Homero a conta, mas apenas as partes dela que lembram histórias mais antigas.

A sedução requeria um feitiço de amor. Hera, portanto, foi visitar Afrodite e obteve dela o *kestos himas*, cinto mágico que a deusa do amor usava em torno do peito. A história dessa visita contém uma descrição[239] do tempo em que Zeus obrigou o Pai Crono a afundar abaixo da terra e do mar. Naquele tempo, Zeus e Hera viviam no palácio de Oceano e Tétis, que recebera as crianças divinas das mãos de Reia e as mantinha escondidas. O irmão e a irmã foram secretamente para o leito nupcial, à revelia dos mais velhos. De acordo com outra história, o casamento celebrou-se na região de Oceano, na borda ocidental da terra, mas não em segredo. Lá estavam o palácio de Zeus e a sua cama[240]. Para lá foram todos os deuses com seus presentes de casamento[241]. A Terra deu-lhes as maçãs de ouro conhecidas como os Pomos das Hespérides. Levou a árvore maravilhosa, com seus frutos, para a jovem noiva. Hera admirou os frutos e mandou a serpente guardá-los no jardim dos deuses. Conforme essa história, as Hespérides procuravam roubar os pomos.

Entretanto, preponderam as histórias que falam num casamento secreto do supremo casal divino. Havia também histórias e imagens de serviços de amor inefáveis prestados a Zeus por Hera[242]. Os habitantes de Sanos diziam que o matrimônio ocorreu em sua ilha e durou, em completo sigilo, trezentos anos[243]. Mais tarde, quando Zeus estabeleceu sua supremacia, derrotando os Titãs, passou a morar no Olimpo. Hera sentava-se ao lado do soberano nos conselhos e festas dos deuses. Era a senhora "do trono de ouro", e foi também entronizada em outros picos. De uma montanha no país da Argólida, no Peloponeso, anteriormente chamada Tronax, "Montanha do Trono", ou Tornax, "Montanha do Mocho", porém mais tarde Coccix ou Coccígion, "Montanha do Cuco", se contava a seguinte história[244]:

De uma feita, Zeus surpreendeu Hera a sós, à parte dos outros deuses, e tentou seduzi-la. Transformou-se, portanto, num cuco e desceu da montanha. Nesse dia, mandara um terrível temporal. A deusa errava sozinha montanha acima e sentou-se num lugar onde, mais tarde, se ergueria o templo de *Hera Teleia*, "Hera realizada". Quando o cuco a viu, desceu, trêmulo e desajeitado, ao colo dela. A deusa apiedou-se do passarinho e cobriu-o com a túnica. Zeus, incontinenti, assumiu a própria forma e procurou torná-la sua amante. Hera lutou com ele, visto que eram ambos filhos da mesma mãe, até que ele prometeu recebê-la por esposa. Diz-se[245] que Hera foi a única irmã que teve um homem de posição exatamente igual – o que quer dizer, seu próprio irmão – por marido. Entre nós, mortais, a consanguinidade por parte da mãe teria sido um obstáculo para isso.

Segundo outra história[246], o matrimônio secreto ocorreu no Monte Citéron, na Beócia. Da Ilha de Eubeia carregou Zeus a noiva para lá. Essa ilha comprida, chamada "o bom país da vaca", pertencia a Hera, cujo animal sagrado era a vaca e da qual se dizia que tinha belos olhos de vaca. Ela apareceu na Eubeia como uma menininha sob os cuidados de sua ama Mácride, "a comprida" – outro nome para Eubeia. Mácride procurou a donzela raptada no continente fronteiro e

aproximou-se do lugar onde o casal divino se ocultara. O deus da montanha, Citéron, contou-lhe falsamente que Zeus estava escondido com Leto. (Como já mencionei, terei mais coisas para dizer a respeito dessa outra grande esposa do nosso deus supremo.)

Contos especiais tratavam da solidão de Hera, sua separação dos outros deuses e do marido. Homero refere-se a esses contos[247] quando, numa descrição das brigas matrimoniais do casal olímpico reinante, põe as seguintes palavras na boca de Zeus: "Não dou atenção à tua cólera; ainda que fugisses para o extremo da terra e do mar, onde habitam Jápeto e Crono, sem a luz do sol e sem sopro de vento; ainda que devesses viajar tão longe em tuas andanças, eu não daria atenção à tua cólera!" As andanças de Hera, durante as quais se envolvia na mais profunda escuridão, acabavam repetidamente na volta ao marido. Dizia-se[248] que quando ela se banhava na fonte de Cânata, que fica perto de Argos, sempre recobrava a virgindade. Os banhos que ali tomava deviam ter sido, em cada ocasião, um preparativo para a união com Zeus.

De todas as deusas, Hera era a esposa que buscava realizar-se com o marido. Podia, contudo, ter filhos sozinha, sem Zeus. Assim deu à luz o Tífon de Delfos, enfurecida porque Zeus trouxera Palas Atena ao mundo, e igualmente Hefesto e talvez Ares também, como contarei mais adiante. Hefesto e Ares eram muito especialmente filhos de Hera, ainda quando se supunha que fossem filhos de Zeus. Havia também as histórias de duas filhas dadas por Hera a Zeus: Hebe e Ilícia. Esta última era a deusa que auxiliava as mulheres nos trabalhos de parto. Se outras deusas fossem invocadas em tais ocasiões, como a própria Hera ou Ártemis – eram chamadas também, nessa capacidade, Ilícia. O nome Hebe, por outro lado, significa "Flor da Mocidade", outra versão de sua mãe na qualidade de *Hera Pais*, "Hera, a donzela". O herói Héracles, filho de Zeus e da rainha mortal Alcmena – muito intimamente ligado a Hera pelo nome, "glória de Hera", e pelos feitos e padecimentos –, recebeu finalmente Hebe por esposa quando se tornou deus no Olimpo.

3 Zeus, Eurínome e as Cárites ou Graças

A qualidade de vencedor e conquistador de Zeus é menos enfatizada em suas relações com a irmã-esposa Hera do que em outras histórias de seus casamentos. Eurínome, que lhe deu as Cárites, era, com certeza, uma das divindades mais velhas, derrotadas – se bem que nenhuma história nesse sentido tenha sido preservada. Relata-se[249] que uma deusa chamada Eurínome tinha um templo na Arcádia, em lugar de difícil acesso. Esse templo só se abria uma vez por ano. Sua imagem de culto mostrava uma mulher com rabo de peixe, presa com correntes de ouro. Os habitantes da região julgavam tratar-se de Ártemis, mas pessoas mais cultas lembravam que, no dizer de Homero e Hesíodo, Eurínome era filha de Oceano, e que ela e Tétis receberam Hefesto no colo, nas profundezas das águas, quando ele foi arrojado ao mar: contarei essa história mais adiante. Eurínome tinha um rosto bonito, era uma mãe digna das Cárites e, suponho, idêntica à Aphrodite Morpho dos espartanos.

Contava-se[250] que Eurínome e Ofíon, ou Ofioneu, cujo nome indica um deus com corpo de serpente, como "Os Velhos do Mar", reinavam sobre os Titãs antes de Crono e de Reia. Tinham sua

morada no Olimpo. Mas Ofíon teve de ceder a Crono, e Eurínome a Reia, de acordo com um pacto[251] pelo qual o vencedor em cada caso deveria ser o que pudesse lançar o outro no Oceano. Ofíon e Eurínome caíram nas profundezas. Isso aconteceu enquanto Zeus continuava na caverna cretense. Em vista disso, o Filho de Crono tomou Eurínome, filha de Tétis, por outra esposa, e teve dela as Cárites. Numa história[252] em que o seu nome se corrompeu em "Evônime", Crono teve dela Afrodite, as Moiras e as Erínias.

Para nós, as Cárites eram uma espécie de Afrodite tripla. Como ela, só foram retratadas nuas mais tarde. São-nos familiares num grupo em que aparecem despidas, duas delas de frente para o espectador e a terceira de costas. Em épocas anteriores, apareciam vestidas. Em seu velho templo na Orcômeno beócia, podiam ver-se na forma de três pedras, as quais, dizia-se[253], tinham caído do céu em poder do Rei Etéocles. Dizia-se[254] que as Cárites eram triplas, quer o nome se refira a uma flor, às deusas ou a donzelas mortais. Etéocles tinha três filhas, chamadas Tritas, "as triplas". Enquanto executavam uma dança para as Cárites, caíram num poço em que não haviam reparado. A Terra apiedou-se delas e produziu uma flor que traz o mesmo nome – Tritas – e tem três partes, como as tinha a sua dança. A história das três pedras caídas do céu resguardou a memória da sua origem celeste, ao passo que a do seu desaparecimento num poço conservou-lhes a conexão com as águas profundas e o Mundo Subterrâneo. A última está guardada também em genealogias, como as que afirmam serem as Cárites filhas da Noite e de Érebo[255], ou filhas de Lete[256], o rio do Mundo Subterrâneo cujo nome significa "Esquecimento". As filhas de Hécate e Hermes, a cujo respeito também há uma história[257], eram provavelmente idênticas às Cárites triplas.

Elas eram três na Beócia, onde Hesíodo e outro grande poeta beócio, Píndaro, as cantavam. As três "rainhas" de Orcômeno[258], cuja forma visível era a de três pedras não talhadas[259], chamavam-se Aglaia, "a gloriosa", Eufrosina, "Alegria", e Talia, "Fartura". Píndaro celebrou "luz pura das Cárites"[260] e também lhes chamou *keladennai*, referindo-se ao tumulto que lhes acompanhava os festivais[261]. Na Lacônia, onde duas Cárites eram adoradas, uma delas se chamava Cleta[262], "a invocada", e a outra Fena, "a brilhante", nomes para deusas que apareciam nas fases da lua; pois durante as noites escuras dos festivais da lua nova a lua era tumultuosamente invocada, e a "brilhante" tumultuosamente acolhida[263]. Os atenienses também só conheciam duas Cárites: Auxo, "a crescente", e Hegêmone, "a precursora"; pois na segunda metade do mês a lua precede o sol. Tais nomes são mais outra expressão da origem celeste das Cárites, que também eram chamadas filhas do Céu, de Urano[264], ou filhas do Sol e da Luz[265], especialmente do Luar: de Hélio e Aglaia.

A palavra charis descreve o que foi trazido do céu ao mundo pelas Cárites, ou pela união de Zeus e Eurínome. É o oposto de erinus e das Erínias. Os dois aspectos – charis de um lado, cólera e vingança de outro – devem ter sido as manifestações da mesma grande deusa. Os latinos precisavam de duas palavras para traduzir *charis: venus*, "beleza", nome que davam à deusa do amor, e *gratia*, "favor" e "gratidão", que passou a ser para eles o nome que davam a três deusas, as *Gratias*, ou Graças, que dançavam juntas à luz da lua[266].

4 Zeus, Têmis e as Horas

Zeus tomou por esposas duas filhas de Geia e Urano, duas irmãs da Mãe Reia. Uma delas era Têmis. Seu casamento nos foi descrito por Píndaro[267]. Na história que ele contou, Têmis foi a primeira esposa de Zeus. Primeiro que tudo – como o poeta narra a história – as Moiras trouxeram a celeste Têmis, a do bom conselho, precedida de éguas auriluzentes, das cabeceiras de Oceano, pelo brilhante caminho que demandava o Olimpo, a fim de ser a primordial e primeira esposa do salvador Zeus. Ela lhe deu as verazes Horas, as deusas com fitas de ouro, que trazem os gloriosos frutos da terra. Em outra história[268], a do nascimento de Zeus, Têmis teve o mesmo papel desempenhado por Adrasteia: recebeu a criança depois do seu nascimento e levou-a para Amalteia. (Isso não quer dizer que não poderia, mais tarde, ter sido sua esposa.) Nessa história, Têmis, como Adrasteia, parece ter sido meramente outro nome de Mãe Reia.

Têmis é um nome que já tive, mais de uma vez, ocasião de mencionar. A palavra *themis* significa em nossa língua uma lei da natureza, a norma da convivência entre os deuses e os seres de um modo geral, especialmente seres de ambos os sexos. É uma norma fácil de obedecer, mas também veda muitas coisas. A deusa Têmis une os deuses em assembleias[269] e faz o mesmo com os seres humanos. É por causa de *themis* também que homens e mulheres se juntam, unidos pelo amor[270]. Teria sido contrário a *themis*, contudo, as mulheres não terem querido proteger-se com recato e com roupas. Como já relatei, as Horas, filhas de Têmis, vestiram a própria Afrodite assim que ela saiu do mar. *Hora* significa "o momento correto". Suas deusas são as três Horas, que não atraiçoam nem iludem e são portanto, com justiça, chamadas verazes. Trazem e conferem oportunidades, vão e vêm de acordo com a lei firme das periodicidades da natureza e da vida. Foi-lhes confiada a guarda das portas do Céu e do Olimpo[271], através das quais Hera entrou e partiu. Têmis recebeu-a quando Hera, colérica, chegou ao Olimpo[272]. As duas deusas eram amigas. Dizia-se que as Horas tinham criado Hera desde que ela era criança[273]. Chamavam-se[274]: Eunômia, "Ordem Legal"; Dice, "Justa Retribuição"; e Irene, "Paz". Tais foram os presentes trazidos ao mundo por essas deusas, que Zeus recebeu de Têmis.

Uma história especial a respeito de Dice destaca-lhe a parecença virgem com a mãe, assim como Hebe era a versão virginal de Hera. Uma forma mais cruel de Dice é Nêmesis, da qual logo falarei, e que, na Ática Ramnunte, se adorava juntamente com a Têmis maternal. Hesíodo profetizou-nos[275] que as deusas Edos e Nêmesis, envergando vestidos brancos, abandonariam a humanidade no fim da nossa época imoral – e depois disso coisas ainda piores aconteceriam. Mas esta é realmente a história de Dice. Dela se falava[276] que já se retirara para as montanhas quando a humanidade deixou de respeitar *dike* – que em nossa língua significa não só a retribuição justa senão também a justiça de um modo geral. Quando coisas ainda piores se seguiram, Dice abandonou a terra e pode ser vista no céu na constelação Virgo.

5 Zeus, Mnemósina e as Musas

A outra filha de Geia e Urano com que Zeus se aliou foi Mnemósina, deusa cujo nome significa

"Memória". Mas ela também nos deu, através de suas filhas, as Musas, esquecimento das tristezas e cessação dos cuidados, *lesmosyne*[277] ou *lethe*. Eu já disse que Lete, como rio, faz parte do Mundo Subterrâneo, que era denominado "Os campos leteus" ou "A casa de Lete". Mas na região infernal havia também uma fonte de Mnemósina, como contarei mais adiante. Na Beócia, duas fontes se mostravam ao visitante[278], uma chamada Mnemósina e outra chamada Lete. Não longe dessas fontes, Mnemósina era adorada como deusa. As Musas também tinham lugares e fontes sagradas na Beócia, no Hélicon, além de outras fora da Beócia, especialmente no Monte Olimpo, na Piéria. Hesíodo pastoreava seus rebanhos no Hélicon quando as Musas se dirigiram a ele e lhe disseram[279] que sabiam mentir e revelar a verdade. Deram-lhe um ramo de loureiro e iniciaram-no como poeta. Em vista disso, ele contou-nos as origens ancestrais dos deuses.

Falou-nos do casamento de Zeus com Mnemósina[280]. Durante nove noites os dois jazeram juntos em seu sítio sagrado de repouso, longe dos outros deuses. Passado um ano, Mnemósina deu à luz nove filhas, todas da mesma natureza, apaixonadas pelo canto e despreocupadas de tudo o mais. Ela deu à luz as Musas num lugar que não distava muito do cume nevado do Monte Olimpo: ali se conjeturava que elas tivessem seu local de dança e seu palácio[281]. Com as Musas moravam as Graças e Hímero, o duplo de Eros. Desde o seu local de dança elas seguiam em procissão para o Olimpo, entoando um canto imortal. A terra preta lhes ecoava os hinos, e lindo era o som dos seus passos quando elas demandavam seu pai. Tinham também um sítio de dança no cume do Hélicon, perto do *hippou krene*, "a fonte do cavalo", e do altar de Zeus. Todas as vezes que se dirigiam em procissão ao Olimpo, iam envoltas em nuvens. Só se podia ouvir as suas vozes maravilhosamente belas na noite. Eram seus nomes[282]: Clio, "a que dá fama"; Euterpe, "a que dá alegria"; Talia, "a festiva"; Melpômene, "a cantora"; Terpsícore, "a que gosta de dançar"; Érato, "a que desperta o desejo"; Polímnia, "a dos muitos hinos"; Urânia, "a celestial"; e Calíope, "a da bela voz". Da boca das pessoas que elas amavam fluíam a fala meiga e o doce canto.

As Musas não eram descritas sempre nem em toda a parte como sendo nove. Vários números lhes foram atribuídos, e elas também tinham outro nome coletivo, sendo chamadas não somente Musas, mas também Mneias[283], plural de Mnemósina, "Memória". E no próprio país de Hesíodo havia uma história[284] segundo a qual as Musas eram originalmente três. Os nomes dados a essas três não vinha da mitologia, mas da prática do poeta. Supunha-se que elas haviam sido chamadas: Mélete, "a que pratica"; Mneme, "a que recorda"; e Aede, "a que canta". Entre os pais atribuídos às Musas figuravam Urano e Geia[285], que eram também os pais de Mnemósina. Afirmavam os nossos poetas que o que quer que dissessem não passava de repetição do que as Musas lhes haviam dito e davam a elas todo o crédito. Invocavam amiúde "a Musa", no singular, já pelo nome, já pelo de uma das nove. E esperavam que ela descesse do céu para eles[286].

Dizia-se também[287], entretanto, que um homem chamado Píero, natural da Macedônia, que fica ao norte do Monte Olimpo, chegou à região do Monte Hélicon e ali instituiu o culto das nove Musas, em lugar das três anteriores. Ele mesmo, diz a história, tinha nove filhas, as Piérides, com os mesmos nomes das nove Musas, e que de fato tinham sido elas próprias, originalmente, essas nove.

Ou, em outra história[288], elas eram apenas falsas Musas, mas se afirmaram rivais das verdadeiras e, tendo sido derrotadas num certame de canto, foram transformadas em pássaros. Quando cantavam, tudo ficava escuro e ninguém lhes prestava atenção. Quando as verdadeiras Musas cantavam, tudo se imobilizava: o céu, as estrelas, o mar e os rios. O próprio Monte Hélicon principiou, em seu enlevo, a subir para o céu, até que o cavalo alado, Pégaso, por ordem de Posídon, bateu na montanha com os cascos: em razão disso surgiu a fonte *hippou krene*. Esse relato de um certame de canto e das duas espécies de Musas, as verdadeiras e as falsas, pode ser de um período posterior. Desde o começo, as Musas podiam assumir a forma de pássaros, a exemplo das Sereias, igualmente formosas cantoras. Em outros sentidos, as Musas se achavam muito próximas das ninfas das fontes, exatamente como sua mãe Mnemósina era associada a nascentes, tanto no Mundo Subterrâneo quanto no superior.

De início, os nomes das nove Musas não foram atribuídos às várias artes musicais; e até mais tarde a atribuição deles foi pouco clara e pouco certa. A Clio foi conferida a arte da história; Euterpe era a senhora da flauta; Talia, da comédia; Melpômene, das alegrias e da tragédia; Terpsícore, da lira; Érato, da dança; Polímnia, da narração de histórias; Urânia, da astronomia; Calíope, do canto heroico. Esta última era a mais gloriosa das Musas, assegura-nos Hesíodo[289]; e assim deve ter sido, com efeito, pois de outro modo não teria sido associada a essa gloriosíssima forma de poesia.

6 Zeus, Nêmesis e Leda

Já se disse que uma das filhas da deusa primordial Noite se chamava Nêmesis[290]. O nome significa raiva justa, dirigida contra os que violavam a ordem, em especial a ordem da natureza, e desrespeitavam a lei e a norma da natureza. Desprezada Têmis, surgia Nêmesis. Ela era alada, pelo menos em suas representações ulteriores: pode ter sido por acaso que nenhuma imagem anterior tenha sido preservada. A Edos, sua companheira, a deusa "Vergonha", que na profecia de Hesíodo abandona a humanidade juntamente com Nêmesis[291], são dadas asas em muitas descrições anteriores. Ártemis, de quem tanto Edos quanto Nêmesis estão muito próximas, tinha asas até nos tempos mais recuados.

As Erínias, espíritos da cólera e da vingança, são tão parecidas com Nêmesis – ou com as Nemesianas, pois o seu nome se encontra também no plural[292] – que podem ser tomadas por ela. As Erínias, porém, tinham uma função mais limitada: vingavam-se quando havia derramamento de sangue, sobretudo sangue materno. Nêmesis, por outro lado, aparecia sempre que Têmis, de um modo ou de outro, era ofendida. Não admira que imagens das Cárites, que representavam o princípio oposto ao simbolizado pelas Erínias, se encontrassem num templo da Nêmesis[293]. Dizia-se[294] da famosa imagem cultuada de Nêmesis em Ramnunte que o escultor Agorácrito a esculpia como Afrodite, mas depois, num momento de raiva, remodelara, fazendo dela uma estátua de Nêmesis. Adornava-lhe a cabeça uma grinalda de raparigas aladas e veados[295]. Na mão a deusa trazia um galho carregado de maçãs, como se fosse uma Hespéride. E ela também foi tomada por

uma Oceânida[296].

Quando se juntou com Nêmesis, Zeus não pretendia gerar deusas que trouxessem beleza, ordem e memória ao mundo, apanágio das Cárites, das Horas e das Musas. Dizia-se[297] que a deusa fugiu. Ela não queria amar o Rei dos Deuses, o Filho de Crono. Atormentavam-na a vergonha e a raiva justa. Fugiu por sobre a terra firme e através do Mar Negro. Zeus perseguiu-a e tentou apanhá-la. No mar, ela se converteu num peixe. Zeus sulcou as águas atrás dela, até Oceano e o extremo da terra. Em terra, ela procurou escapar ao deus perseguidor tomando as formas de criaturas terrestres. Finalmente, converteu-se num ganso: Zeus assumiu a forma de um cisne e juntou-se com ela. Depois disso, ela botou o ovo do qual surgiu a bela mulher que trouxe desastre para a humanidade por ser a causa da guerra de Troia: Helena, filha de Zeus. O ovo tinha a cor do jacinto azul, contou-nos uma poetisa[298]. Foi encontrado por Leda, esposa do Rei Tíndaro de Esparta[299]. Em outra história[300], foi encontrado num mato ou num paul por um pastor, que o levou para Leda. Em outra história ainda, foi Hermes quem atirou o ovo no regaço de Leda, que o escondeu numa arca até o nascimento de Helena.

Terá sido uma história diferente a que descreve a maneira como Zeus tomou a forma de um cisne e juntou-se com Leda[301], ou seria a mesma história em que apenas se alterou o nome da noiva? Leda não é nome grego. Entre os lícios da Ásia Menor, lada significava "mulher". Zeus talvez celebrasse o casamento em forma de cisne com uma deusa que – com exceção da Mãe Terra – era o primeiro ser feminino do mundo e poderia, portanto, ser simplesmente chamada Leda, "a mulher". Dizia-se[302] que debaixo do cume do Taigeto Leda concebeu de Zeus Castor e Polideuces. Esses irmãos gêmeos, os Dioscuros, Dios kouroi, "filhos de Zeus", salvaram muitos homens, especialmente no campo de batalha e no mar. Numa história perpetuada pelas pinturas de vasos, já eram adolescentes – dois formosos cavaleiros – quando a mãe botou um ovo. A família desejava sacrificá-lo aos deuses e depô-lo sobre o altar: nesse momento, a criança Helena saltou do ovo.

Havia também histórias de ovos gêmeos[303], de um dos quais vieram ao mundo os Dioscuros e do outro Helena – e talvez como irmã gêmea de Helena. Clitemnestra, a uxoricida, que acabou sendo morta pelo filho. Existe ainda um estuque de Helena e seus irmãos saltando do mesmo ovo. Os irmãos foram também assunto de muitas histórias, das quais, em rápidas palavras, contarei apenas uma[304]: Polideuces era imortal, Castor era mortal. Chegado o momento da morte de Castor, o irmão não quis separar-se dele. Por causa disso, eles passam sempre um dia juntos no Mundo Subterrâneo e outro em cima, com o pai. Tais histórias, no entanto, já nos conduzem ao terreno da saga heroica, como acontece com as histórias de amor em que Zeus se juntou às mulheres mortais.

7 Histórias cretenses

Nossa mitologia continha muitas histórias semelhantes à de Zeus e Leda. Na forma que elas costumavam tomar desde Homero e Hesíodo, a heroína que concebia um filho de Zeus só podia ser filha de rei ou rainha. Dali por diante, os feitos da criança, como a própria história de amor,

pertenciam mais propriamente à saga heroica. Um filho dado a Zeus por uma mulher mortal era apenas um semideus, como Héracles; ou então, como no caso dos gêmeos Castor e Polideuces, só um deles é imortal. É verdade que Héracles, afinal de contas, alcançou a imortalidade. Mas ele não era um herói mortal na forma original da história: como Dáctilos, deve ter tido uma mãe divina. De maneira semelhante, a maioria das histórias de amor que dizem respeito a Zeus originaram-se de contos mais antigos, que descrevem seus casamentos com deusas. Isso pode ser dito especialmente da história de Europa. O nome dela ocorre na lista das filhas de Oceano e Tétis, juntamente com os de outras esposas de Zeus[305]. Significa "a dos olhos grandes" ou "a do largo semblante". A história que dela se conta começa na Fenícia, país oriental, mas continua com uma narração de seu casamento e de sua progênie em Creta. Estas são histórias cretenses, mas foram recebidas em nossa mitologia e, portanto, as contarei, nem que seja brevemente.

Os narradores não chegaram a um acordo[306] quanto ao fato de Europa ser filha ou irmã do Rei Fênix, do qual a Fenícia tomou o nome. Sua mãe chamava-se Teléfassa, "a que brilha ao longe", ou Argíope[307], "a de rosto branco". Em outras palavras, o rosto assim da mãe como da filha era o da lua, ao passo que a palavra *phoinix* significa a cor avermelhada do sol. Contava-se[308] que Zeus avistou Europa quando ela colhia flores à beira-mar. Avizinhou-a em forma de touro e raptou-a. O touro, com certeza, não era nenhum animal comum: numa velha pintura de vaso apresentava-se tricolor. Diziam os poetas que o hálito do touro recendia a açafrão. O animal devia ter um poder especial de sedução, pois a própria Europa sentou-se no dorso dele e consentiu em que ele a transportasse por sobre o mar. Os nossos pintores de vasos pintaram-na como uma verdadeira deusa cavalgando o touro: alada, ou com um peixe ou uma flor na mão. Carrega amiúde galhos de vide cheios de uvas, como se o encantamento exercido sobre ela por Zeus tivesse sido o mesmo exercido pelo deus-touro Dioniso. Ou, então, segura na mão um aro – provavelmente um ornamento para o pescoço – que se dizia[309] ter sido o presente de casamento, cinzelado por Hefesto, que Zeus lhe dera. Assim jornadeou ela para Creta. Um lugar que se supõe ter sido o cenário do casamento foi a caverna do Monte Dicta[310]. Perto da cidade de Gortina, entretanto, existe um plátano em cujo cimo se acredita haver-se Zeus juntado com Europa depois de ter assumido a forma, não de um touro, mas de uma águia.

Havia histórias de outros presentes dados por Zeus a sua noiva: uma lança que nunca errava o alvo[311] e criaturas mágicas encarregadas de servi-la como guardiãs. Uma delas era um cachorro de bronze. (Havia também uma história cretense[312] de um cão de ouro que guardava, primeiro que tudo, a cabra do filho de Zeus e, depois, o seu santuário.) A outra criatura mágica era Talo[313], gigante de bronze que andava pela ilha, três vezes por dia ou três vezes por ano. Atirava pedras nos estrangeiros, era inteiramente composto de metal e só tinha um ponto vulnerável no corpo: uma veia que corria do cachaço ao nó dos dedos e era fechada por um prego de bronze. Na língua dos cretenses antigos, que ainda não tinham aprendido o grego, seu nome significava o Sol, e em Creta o mesmo nome se aplicava a Zeus, como *Zeus Tallaios*. Na história de Europa, "Zeus" significava obviamente o deus-sol cretense. Esse deus também se apresentava em forma de touro – ou talvez, mais exatamente, era o deus-sol cretense em seu aspecto mais escuro como deus do céu da noite.

Pois ainda se dizia mais[314] que Europa se matrimoniou em Creta com um rei Astérion, ou Astério, que quer dizer "Rei das Estrelas". O deus-touro dos cretenses tinha esse nome não só como pai dos reis que Europa deu a Zeus, mas também – como referirei daqui a pouco – como um filho, em forma de touro, da mesma família.

Registraram-se os nomes de três filhos de Zeus e Europa. Um deles foi o do rei lício Sarpédon, o qual, de acordo com uma história, foi de Creta para a Ásia Menor. As histórias cretenses se estendem ainda mais sobre os outros dois filhos: Minos, o sábio rei e legislador terreno de Creta, e o justo Radamanto, que governava as Ilhas dos Abençoados. Na história da família de Minos[315] tornamos a encontrar o casamento com um touro. Minos tomou por esposa Pasífae, "a que tudo ilumina", filha de Hélio e Perseida, cujo nome já conhecemos como designação da Deusa da Lua. Contava-se[316] que Pasífae se apaixonou por um touro radiante, maravilhosamente belo, que um deus – Zeus ou Posídon – havia mandado para Creta. O certo é que o touro saiu do mar: daí o fato de Posídon ser mencionado em relação a ele. Mas asseverava-se também[317] que esse touro fora ainda outra manifestação do próprio Zeus. É evidente que, para os antigos cretenses, o touro era uma manifestação do seu deus supremo. Em nossas histórias mais conhecidas, Pasífae se apaixonou por um touro de verdade. Conseguiu do mestre-artífice Dédalo que construísse uma vaca e escondeu-se dentro dela. O touro, iludido, juntou-se com a rainha e gerou o Minotauro, o "touro de Minos", chamado Astério. Este último, criança com cabeça de touro, tinha de ser escondido. Cresceu no Labirinto, um dédalo de alvenaria que o mestre-artífice construiu com essa finalidade. Teseu de Atenas finalmente matou o homem-touro – outro relato da saga heroica. Na proporção em que essa história se entrelaça com a de Ariadne, filha de Minos e Pasífae – e que tem seu lugar nas histórias relativas ao deus Dioniso – eu a contarei no momento azado.

Minos e Pasífae tinham um filho chamado Glauco, "o verde-mar". Dele se afirmava[318] que, em criança, brincava com uma bola, ou perseguia um camundongo, quando caiu num barril de mel e morreu afogado. Ninguém sabia o que fora feito do menino. Consultado, um oráculo respondeu: "Uma criatura maravilhosa nasceu entre vós: quem quer que encontre a verdadeira semelhança dessa criatura encontrará também a criança". Nos rebanhos de Minos nascera um bezerro que mudava de cor três vezes por dia: era primeiro branco, depois vermelho e finalmente preto. Um adivinho de Argos, um homem chamado Políido, "o que sabe muito", encontrou a verdadeira semelhança: a amora silvestre. Pois a amora silvestre também é primeiro branca, depois vermelha e, finalmente, preta. E por estar agora destinado a encontrar a criança, Políido observou que uma coruja andava afastando abelhas da entrada de uma adega. Na adega encontrou o barril de mel e dele retirou o cadáver de Glauco. Minos então exigiu dele que trouxesse a criança de volta à vida e encarcerou-o com o menino num túmulo vazio. Aqui Políido viu uma serpente aproximar-se do cadáver. Matou a serpente. Outra serpente veio e, ao perceber que a primeira estava morta, foi buscar uma planta e colocou-a sobre a serpente morta, que recobrou a vida. Políido pegou a planta e com ela ressuscitou o pequeno Glauco. Em consequência disso, Minos procurou persuadir o adivinho a ensinar a Glauco a sua arte; do contrário, não o deixaria voltar para o seu país. Políido fez o que lhe era ordenado, mas quando, por fim, deixou Creta, pediu ao menino, ao despedir-se,

que cuspisse em sua boca. Dessa maneira, sem querer, Glauco devolveu a Políido a sua sabedoria.

Assim termina a história cretense de Glauco e da progênie de Europa. No continente, na Beócia, várias outras narrativas que se fazem a respeito de um certo Glauco[319] oferecem a primeira explicação do motivo por que ele era chamado "o verde-mar". A explicação relaciona-se com uma planta mágica, uma flor que confere imortalidade. Glauco comeu da planta, atirou-se ao mar e transmudou-se num deus-marinho. (Antes disso havia sido apenas um pescador, e não um príncipe cretense.) Segundo uma história[320], quando Europa, fundadora feminina da família, veio da Fenícia, não chegou a Creta, mas à Beócia, onde Zeus criou uma caverna para ela, de modo que ninguém, nem mesmo os deuses, pudesse saber onde ele estava escondendo a sua amada. O Rei Fênix mandou o irmão de Europa, Cadmo, à sua procura[321]. Nessa ocasião, enquanto seguia a vaca marcada em ambos os flancos com uma lua cheia[322], Cadmo fundou a cidade de Tebas.

Isso nos leva à história da vaca lunar errante, cuja heroína em outra história era Io, outra mulher amada de Zeus. Hera mudou-a em vaca[323], e Argos, o de muitos olhos, a guardava. Em que pese a tudo isso, Zeus continuou a amá-la[324], ainda que lhe fosse preciso assumir a forma de um touro para fazê-lo. Hera ordenou a um moscardo que a escorraçasse do país de Argos, na Grécia, para o Egito, onde Io deu a Zeus seu filho Épafo, do qual se dizia[325] que era, nem mais nem menos, o touro divino egípcio, Ápis. Asseverava-se também[326] que Io se identificava com a deusa Ísis dos egípcios e que essa grande deusa fora convertida numa vaca tricolor, às vezes branca, às vezes preta, às vezes violeta (Íon), nome que soa em nossa língua como Io. Todas essas histórias tocam apenas a fímbria mais externa da nossa mitologia, conquanto o rapto de Europa seja claramente reminiscente do rapto de Perséfone.

8 Histórias órficas

Havia também uma história segundo a qual, de suas três irmãs, as três filhas de Reia, Zeus também tomou por esposa a segunda, Deméter. Alhures se supunha – como contarei mais adiante – que o marido de Deméter era Posídon. Mas não se nomeia nenhum outro deus, senão Zeus, como pai da única filha de Deméter, Perséfone. A história da união de Zeus e Deméter era bem conhecida e, ao mesmo tempo, não era tão bem conhecida assim. Menciona-a Hesíodo[327], e dizia-se à boca pequena[328] que ela era representada pelo sacerdote e pela sacerdotisa nos Mistérios de Elêusis: talvez seja essa uma das razões que a tornavam uma das histórias mais secretas, que só poderia ser contada nos Mistérios. Ou dava-se-lhe outro feitio, e outro nome para o amante da deusa. Falava-se[329] de um jovem cretense, ou caçador, chamado Iasião ou Iásio – Dáctilo do Monte Ida, a julgar pelo nome – a quem Deméter se entregou nos sulcos de um campo três vezes arado. Deu-lhe a deusa o menino Pluto ("Riqueza"), e a terra produziu, em vista disso, uma colheita múltipla. Não obstante, Zeus fulminou o amante da deusa com o seu raio –ou tal era, de qualquer maneira, a história pública[330], não a que se conta nos Mistérios.

Passarei por cima das narrativas mantidas em segredo e contarei, em vez delas, os contos preservados pelos discípulos de Orfeu, que confiaram à palavra escrita muita coisa de que

escassamente se falava – incluindo certo número de histórias antiquíssimas que eles haviam entretecido na trama de uma descrição mais recente da linhagem dos deuses. Uma dessas histórias mais antigas é aquela em que Reia apareceu no papel de Deméter. Afiançava-se[331] que Reia proibira Zeus de casar. Diante disso, Zeus tentou violentar a mãe. Reia transformou-se em serpente. Zeus fez o mesmo, e uniu-se a ela. O emblema comemorativo – em nossa língua *symbolon* – dessa ligação é o cajado de Hermes, ao redor do qual duas serpentes se enrolam e agarram. Depois Zeus estuprou a própria filha, Perséfone, nascida da mesma união. Nesse papel, ele também assumiu a forma de serpente. O filho que a filha lhe deu era chamado por um nome só – Dioniso. Mas ambas as divindades – Zeus, o estuprador de Perséfone, e Dioniso, filho dela – também se chamavam Zagreu, que em nossa língua quer dizer "poderoso caçador". Depois falarei mais sobre o assunto, mas as histórias dos Dáctilos e dos Cabiros já deixaram bem claro que pai e filho podiam ser idênticos.

Já contei as histórias mais antigas, como as contavam os discípulos do cantor Orfeu, relativas ao princípio das coisas. Bem no início dessa história aparecia a deusa Noite, em forma de pássaro preto. Mas não aparecia sozinha. Vinha com ela o Vento, por cujo intermédio ela se tomou frutífera, de modo que botou o Ovo, o qual, por seu turno, contém dentro de si um ser móvel, alado: Eros, ou – como se chamou mais tarde – Fanes. Na história mais recente[332], os últimos discípulos de Orfeu apresentaram Crono, "Tempo", que não era divindade grega. Não se confunda o nosso Crono com o Crono que nunca envelhece, que produziu, de dentro de si mesmo, o calmo Éter e o lôbrego Caos, o espaço vazio que não tinha fundo firme e estava cheio de escuridão. Para Éter, nome que também significa lua do céu ou céu brilhante do dia, Crono criou um Ovo de prata que girava sobre si mesmo. Mas Éter e Caos só se tornaram distintos um do outro com o aparecimento do filho do primeiro, Fanes, de outro modo conhecido como o Protógono Faetonte, o "primogênito reluzente". Sua túnica branca ofuscante era o Ovo de prata. Ostentava quatro olhos, quatro chifres e asas de ouro; tinha dois sexos, sendo mulher na frente e homem atrás; e também se chamava Ericepaio, Eros e Métis. Como Fanes, era "o que aparece" e "o que revela"; como Eros, "Amor"; e, como Métis, "Sábio Conselho" – divindade feminina, a julgar pelo nome, mas da qual se dizia que carregava o sêmen dos deuses. Do nome Ericepaio, que soa como um nome estrangeiro, não existe tradução conhecida.

Dizia-se mais[333] que ninguém podia olhar de frente para o Protógono, com exceção da Noite sagrada. Todos os outros seres eram simplesmente ofuscados pela luz que dele se projetava. Ele criou o céu e a terra, e também criou uma segunda terra, a lua. Por guardião desse mundo que foi o primeiro criado e ordenado, nomeou o Sol. Isso fez ele, o Pai, enquanto morava na caverna com a tríplice deusa Noite. Em rigor, havia três deusas na caverna, filhas do Pai Fanes duplamente sexuado. A primeira deusa, Noite, deu-lhe o Oráculo. A segunda, "a tímida", tornou-se esposa do Pai, que ele violentou. A terceira era a mãe da justiça, de *dikaiosune*, a alta deusa Dice, que nunca se misturava com os homens – à diferença da filha de Têmis, à qual já me referi. Defronte da caverna sentava-se a deusa Adrasteia. Com os sons do seu tambor de bronze – o instrumento da grande mãe Reia – mantinha os homens sob o fascínio da justiça. Em sua caverna, Fanes foi o

primeiro rei. Deixou o cetro nas mãos da Noite, que o passou para Urano, para Crono, Crono para Zeus, que foi o quinto a governar o mundo. Depois de Zeus veio o sexto soberano, Dioniso, com cujo reinado cessou o canto de Orfeu. Não levarei a história tão longe assim, mas descreverei apenas os feitos de Zeus como nos contaram os seguidores de Orfeu.

O Céu e a Terra foram criados por Fanes. Nessa história, Urano e Geia eram um deus e uma deusa, como as demais divindades, filhos da Noite. Deles se narraram muitas das mesmas histórias que já apresentei nos relatos dos Titãs. Os Titãs eram seus filhos – em número de quatorze, visto que Fórcis e Dione foram incluídos entre eles. Também já contei o modo como Crono, rei dos Titãs, adormeceu bêbedo de mel – foi este o primeiro sono na história do mundo[334] – e foi bem-amarrado por Zeus. De acordo com a história, o filho castrou-o[335], como ele mesmo havia castrado seu pai Urano. Nesse ínterim, Reia, depois de ter sido, a princípio, mãe de Zeus, transformou-se em Demetér[336] – o que quer dizer, em sua própria filha e irmã-esposa de Zeus, a quem deu Perséfone. Zeus frequentemente pedia e recebia conselhos da deusa Noite, da qual se dizia que lera o oráculo. O novo soberano e pai do mundo apoiava-se nela[337] e dirigia-se a ela chamando-lhe "Avó e deusa suprema". Foi a conselho dela que ele primeiro amarrou Crono e depois amarrou toda a progênie de Fanes, seu primeiro predecessor, com uma corda de ouro. E os devorou, juntamente com quem os gerara, o pai primordial duplamente sexuado. Quando toda a progênie "estava *de novo* em Zeus"[338] – são as palavras usadas no conto, que por esse modo significam que "Zeus" também tinha sido um dos nomes do primeiro gerador[339] –, o resultado, na medida em que os seguidores de Orfeu continuam a exaltar o seu deus supremo, foi o seguinte:

> Zeus é o primeiro, Zeus é o último, o deus com o raio ofuscante. Zeus é a cabeça, Zeus é o meio, de Zeus todas as coisas têm o seu fim. Zeus é macho, Zeus é uma mulher imortal. Zeus é o alento de todas as coisas, Zeus é o ímpeto da chama incessante. Zeus é as raízes do mar, Zeus é o sol e a lua. Zeus é o Rei, Zeus é o começo de todas as coisas, o deus com o raio ofuscante. Pois escondeu todas as coisas dentro de si mesmo e as pôs de novo para fora, para a luz prazenteira, vindas do seu coração sagrado, operando maravilhas.

9 Sobrenomes de Zeus e Hera

Seja-me permitido concluir enumerando alguns dos muitos sobrenomes de Zeus e Hera que ou sumariam histórias já contadas, ou as ampliam com características às quais ainda não dei realce suficiente.

O sobrenome de Zeus que recorre perpetuamente em Homero, *nephelegeretes* significa que ele era o deus que "ajuntava nuvens". Não é um sobrenome apropriado como *Ombrios* ou *Hyetios*, "o Deus da Chuva", ou *Kataibates*, "o que desce", *Kappotas*, "o que verte para baixo", ou mesmo *Keraunos*, "o Raio" – nomes todos eles que preservam a qualidade de "deus do tempo" de Zeus: qualidade menos enfatizada em nossa mitologia do que as de *Gamelios*, "Deus do Casamento", *Teleios*, "o que dá a Plenitude", ou *Heraios*, "o Zeus de Hera". Ele era amiúde chamado Pater, "o Pai", e também *Patroos, Phratrios, Philios, Xenios* e *Hikesios*, como o deus das comunidades, raças e associações, incluindo até as dos exércitos e de estranhos que buscavam proteção. Como *Polieus* era o deus das cidades. Como *Boulaios* era o *metietes*, o deus do bom conselho que ajuda os que o

consultam. Como *Basileus*, "Rei", estava mais ligado às profundezas do que ao céu. Como *Soter*, "o Salvador", *Kresios*, "Protetor da Propriedade", e *Meilichios*, o deus que podia ser aplacado com mel, o deus bondoso das profundezas, aparecia na forma de uma serpente. O sobrenome *Chthonios*, ou *Katachthonios*, referia-se à segunda esfera de Zeus, a esfera escura, que contrastava com o seu reino superior, brilhante, do céu e do Olimpo.

Dentre os sobrenomes de Hera havia três, todos dados a ela no mesmo lugar, que expressavam uma triplicidade e uma periodicidade que lembram as fases da lua: *Pais*, "a Donzela", *Teleia*, "a Realizada", e *Chera*, "a Solitária", Debaixo do segundo sobrenome, particularmente, ela era a *Gamelia, Zygia, Syzygia*, nossa grande Deusa do Casamento.

VII
Métis e Palas Atena

Entre as grandes esposas de Zeus havia uma a cujo respeito talvez nada soubéssemos não tivesse ela aparecido na história da grande filha de Zeus, Palas Atena. Métis, "Conselho Sábio", talvez pudesse também ser um sobrenome de Atena, da qual se dizia[340] que se igualava a Zeus na sabedoria dos conselhos e na coragem. Mas afirmava-se[341] que Zeus escolheu por primeira esposa aquela Métis que sabia mais do que todos os outros deuses ou homens. Filha de Oceano e Tétis[342], já era aliada de Zeus[343] no tempo em que todos os seus irmãos e irmãs haviam sido devorados por Crono. Forneceu a poção que fez dormir o pai terrível e obrigou-o a devolver outra vez os deuses que devorara. Métis outrossim tinha a arte[344] – também atribuída à deusa Nêmesis – de mudar-se em muitas formas diferentes quando Zeus buscava agarrá-la. Nada mais se diz a respeito disso, a não ser que Zeus, afinal, acabou pegando-a. O que aconteceu depois pertence à história do nascimento de Palas Atena.

1 O nascimento de Atena

Um relato do nascimento de Atena[345], que se encontra em Hesíodo depois da declaração de que Zeus escolheu Métis para sua primeira esposa, reza deste teor: Quando Métis estava prestes a dar à luz Atena, Zeus a enganou ardilosamente com palavras lisonjeiras e colocou-a em sua própria barriga. Geia e Urano tinham-no aconselhado a fazê-lo, a fim de que nenhum dos deuses eternos pudesse alcançar a dignidade de um rei em lugar de Zeus. Pois Métis estava destinada a ter filhos excessivamente sábios. O primeiro foi a donzela de olhos de coruja Tritogênia (sobrenome de Atena, cujo significado será explicado num segundo conto), igual a Zeus em coragem e em sábios conselhos. Depois dela, entretanto, Métis daria à luz um menino de coração conquistador, que seria rei de deuses e homens. Zeus devorou Métis antes que isso pudesse acontecer, para que a deusa pusesse em prática para ele o seu conhecimento do bem e do mal.

O segundo conto também se encontra em Hesíodo[346], após a afirmação de que Zeus deu à luz, pela cabeça, a Tritônia de olhos de coruja – a terrível, a despertadora do escarcéu da batalha, a capitã dos exércitos, que se compraz no tumulto, em guerras e em alvoroços – ao passo que Hera, sozinha, deu à luz o mestre-artífice Hefesto. Era uma disputa entre os cônjuges, assim reza a história[347]. Hera deu à luz Hefesto sem Zeus; mas Zeus, secretamente, tomou para si uma filha de Oceano, Métis. Enganou-a, embora ela fosse muito sábia, pegou-a com as duas mãos e colocou-a na barriga. Receava que Métis desse origem a algo mais forte do que o raio. Foi por isso que o Filho de

Crono a surpreendeu e devorou. Nessa ocasião, porém, ela estava grávida de Palas Atena. O próprio pai dos deuses e dos homens deu à luz a filha, ao lado de um pico, na praia do Rio Tritão (daí o sobrenome Tritogênia), ao passo que, escondida dentro de Zeus, estava Métis, mãe de Atena, a que abrangia todas as coisas justas, a que sabia mais do que todos os deuses e homens.

Não se diz nesse relato que Atena nasceu da cabeça de Zeus. Em lugar disso, introduz-se na história um "pico" – que em nossa língua é sinônimo de "cabeça" – no intuito de disfarçar a estranha maneira do nascimento. Havia, contudo, histórias em que Hefesto[348], ou Prometeu[349] – ou Palamão[350], outro nome de Hefesto – assistiu ao nascimento e quebrou o crânio de Zeus com um machado de fio duplo ou um martelo. Palas Atena saltou da cabeça do pai com um grito de guerra que ecoou muito longe, de modo que o céu e a Mãe Terra estremeceram. Numa armadura de ouro reluzente[351] ela nasceu da cabeça sagrada do Pai. Todos os imortais foram tomados de medo e de espanto à sua vista, quando ela saltou à frente de Zeus, portador da Égide, vinda de sua cabeça imortal, brandindo a lança afiada. Estremeceu poderosamente o grande Monte Olimpo debaixo do peso da donzela de olhos de coruja. Reboou profundamente a terra ao redor, e o mar ergueu-se, colérico, no tumulto das ondas cor de púrpura. Sobre as praias precipitou-se a torrente salgada e, por muito tempo, o esplêndido filho de Hipérion deteve os céleres corcéis do sol, até que, afinal, a virgem Palas Atena abaixou a arma divina dos ombros imortais. E muito se regozijou Zeus, o deus do sábio conselho.

2 Os pais e tutores de Atena

Em nossa mitologia Palas Atena era a filha do Pai: virgem guerreira em cujo nascimento o Pai representou um papel mais importante do que a mãe. Em nossa religião ela assumiu, pelo menos desde Homero, o segundo lugar depois do pai Zeus. Já fiz alusão, em minha descrição da batalha com os Gigantes, a certo Gigante chamado Palas. Esse era também o nome[352] do filho dos Titãs Crio e Euríbia, e o mesmo nome é dado[353] como o do pai de Palas Atena. Em nossa língua, a palavra *pallas* pode ser variamente acentuada e inflectida, de modo que venha a ter um sentido masculino ou um sentido feminino. No masculino significa o moço forte, no feminino a virgem forte, uma *virago*, como seria chamada em latim. O Palas masculino era sempre a mesma figura, em que pese as várias genealogias que lhe atribuem, versão masculina mais selvagem e mais guerreira da deusa Palas. Diz-se de Palas, o pai de Palas Atena, que procurou violentar a própria filha. A deusa venceu-o, arrancou-lhe a pele como butim (a mesma história se conta de Palas Atena e Palas, o Gigante) e passou a usá-la. Palas, o pai, era alado, como também o era Palas, a filha, em antigas descrições.

Além de Zeus e Palas, faz-se ainda menção de um terceiro pai da deusa. Dizia-se[354] que, quando Zeus devorou Métis, esta já estava grávida. Bronteu, o Ciclope, seria o pai de Atena. Talvez exista uma referência a essa paternidade na história que contei há pouco do nascimento de Atena, na passagem em que se afirma que Zeus temia que Métis pudesse dar à luz algo mais forte do que o raio. O nome Bronteu significa "o Trovejador". Como ferreiros, os Ciclopes estão muito próximos

dos Dáctilos Ideus, os quais, como já acentuei, eram seres fálicos primordiais. De outros seres que tais, os primeiros homens e reis primordiais de vários países, dizia-se que, quando Atena nasceu, eles se encarregaram da sua educação. Um deles, Itono, era ainda outro personagem que se acreditava fosse pai de Atena[355]. A crença associa-se a um conto que também se refere a outras famílias em cujo seio a deusa teria sido criada.

Quando Atena saltou da cabeça do pai, às margens do Rio Tritão, o deus-rio – assim reza a história[356] – encarregou-se da sua educação. Tritão tinha uma filha, cujo nome era Palas. Atena e Palas jogavam juntas o jogo da guerra. No momento em que Palas estava a pique de ferir Atena com a lança, Zeus, temendo o que pudesse acontecer à filha, ergueu diante dela a sua pele de cabra aterradora, a Égide. Palas virou o rosto e foi mortalmente ferida por Atena. A deusa pranteou-a e fez uma imagem dela, o Paládio. Em torno dessa estátua, pendurou a Égide e colocou o Paládio ao lado da imagem de Zeus. Itono, que mencionei há pouco, tinha duas filhas, Atena e Iodama. Atena matou a irmã enquanto jogavam o jogo da guerra. Itono foi um rei primordial da Tessália, soberano de uma região em que Atena era adorada como Itônia. Segundo outra história[357], Atena foi criada pelo homem beócio primordial Alalcomeneu, que emergia da terra no Lago Copais e era casado com uma certa Atenais – sem dúvida versão deturpada do nome da deusa. Finalmente, acreditava-se que o tutor de Atena era um rei primordial da Arcádia, também chamado Palas[358], que tinha duas filhas, Nice e Criseide. Já se disse que Nice, a deusa alada da vitória era, em outro conto[359], filha daquele Palas filho de Crio, o Titã. Tornou-se companheira de Atena, cujo sobrenome era Nice. Criseide, "a dourada" – mas evidentemente não "a de ouro" no mesmo sentido de Afrodite –, era também um sobrenome de Atena. A história, sempre igual, apresenta dois aspectos da mesma deusa sob nomes diferentes.

3 Atena e Hefesto

Em todas as histórias que se contam a respeito de Atena qualificam-na de Partena, "Virgem". Mas ela também era invocada como Meter, "Mãe"[360]. Existe um relato curioso de uma união sua, em que ela não perdeu a virgindade, mas, apesar disso, mais tarde confiou uma criança às filhas de Cécrope, rei da sua amada cidade de Atenas. Era uma história sagrada, que se contava amiúde em imagens, e pode ser admirada em Roma, num altar que se erguia no recinto sagrado de uma devota e deificada imperatriz.

Dizia-se[361] que Hefesto exigiu, como recompensa pela assistência prestada com o martelo no nascimento de Atena, que ela se tornasse sua noiva. Ela, com efeito, lhe foi dada e ele, realmente, a conduziu à câmara nupcial. Mas quando se deitou ao lado dela[362], a deusa desapareceu, e o sêmen de Hefesto caiu na terra. Em decorrência desse fato, a deusa Geia – também chamada Ctônia – deu à luz Erictônio, a criança divina da Acrópole ateniense, e entregou o infante recém-nascido a Palas Atena. De acordo com outra história[363], houve uma briga (*eris*) entre Hefesto e Atena, e por isso a criança se chamou Erictônio. De acordo ainda com uma terceira história[364], o deus perseguiu a deusa e, finalmente, a alcançou (isso está pintado no altar em Roma), mas não pôde tomar-lhe a

virgindade. Atena lançou-o violentamente de si. Havia diversas histórias em que uma parte era representada pela lã (*erion*)[365] com que a deusa limpou o sêmen ou pela poeira com que ele se misturou[366]. Em dicção poética havia referências a "orvalho nupcial"[367]. Nossa língua tinha duas palavras para "orvalho": herse ou drosos. As duas palavras também podiam significar criança recém-nascida. Até um deus como Apolo ou Zeus era chamado, em sua qualidade de criança divina, Hersos ou Erros.

Estudiosos das tradições mais secretas[368] preservaram a lembrança de uma história em que Atena deu a Hefesto um filho chamado Apolo, debaixo de cuja proteção – assim diziam esses historiadores antigos – ficava a cidade de Atenas. Não posso deixar de mencioná-la, embora nada mais tenha sido ouvido dela. Havia também histórias[369], contadas pelos atenienses e habitantes da Ilha de Delos, em que Atena e Leto, mãe de Apolo, se achavam intimamente ligadas. Atena ajudou Leto em sua gravidez quando esta última chegou a Delos para dar à luz o filho.

4 As filhas de Cécrope

Os atenienses anunciavam que o seu primeiro rei foi Cécrope, ser primordial, nascido da terra, metade homem e metade serpente. Nesta forma, o nome deve ser um trocadilho com "Cércope", "o rabudo". Quando Palas Atena e Posídon discutiram sobre qual deles governaria a Ática[370], que foi depois o país dos atenienses, Cécrope julgou a disputa. Posídon feriu, com o tridente, a rocha sobre a qual, mais tarde, se ergueria a Acrópole, e assim provocou o aparecimento de um "mar" – ou seja, uma fonte salgada – que dela jorrou. Dizia-se também[371] que, nessa ocasião, ele fez o primeiro cavalo saltar da terra. Atena plantou a oliveira e, por causa disso, Cécrope julgou-a vencedora. Dizia-se mais[372] que Cécrope foi o primeiro a dirigir-se a Zeus chamando-o pelo nome, o primeiro a erguer uma estátua para Atena, o primeiro a descobrir que os homens têm pais assim como têm mães[373] e o primeiro a introduzir a monogamia.

A esposa de Cécrope foi Aglauro ou Agraulo, "a que habita a terra cultivada". (Um epíteto de suas filhas é *drakaulos*[374], "a companheira de casa da serpente".) Dizia-se[375] que eles tinham três filhas, as Agláuridas, chamadas Aglauro, Herse e Pândroso. Os significados dos dois últimos nomes são, respectivamente, "orvalho que cai" e "a toda orvalhada" ou "a que tudo orvalha". Provavelmente se faz aí referência ao verdadeiro orvalho – o que quer dizer, a uma dádiva da lua. Dizia-se ainda[376] que, para os atenienses, as Agláuridas eram as Moiras. De Aglauro se dizia que dera a Ares uma filha chamada Alcipe, "a égua atrevida". Havia também uma história de amor entre Herse e Hermes em que Aglauro desempenhou um papel trágico – papel que também desempenha em outros contos. As três irmãs moravam na Acrópole – assim reza a história[377] – exatamente como fizeram, mais tarde, as Arréforas, virgens atenienses que serviam a deusa da cidade. Sua casa tinha três aposentos. No aposento do meio morava Herse. De vez em quando, Hermes vinha espiar as três enquanto carregavam na cabeça as cestas sagradas na procissão solene e acabou se apaixonando por Herse, a mais bela. Pediu a Aglauro que lhe desse acesso à irmã. Ela exigiu dinheiro pelo serviço. Depois, entretanto, dominada pela inveja, não quis admitir a

aproximação de sua irmã pelo deus, nem mesmo em troca de ouro. Hermes ficou indignado e, com um toque do seu cajado mágico, transformou Aglauro numa imagem de pedra. Herse deu[378] ao divino amante um formoso filho, chamado Céfalo, o queridinho da deusa Eos. Na história dos *kerukes*[379], os "arautos" dos Mistérios de Elêusis, Herse deu à luz o primeiro antepassado dessa família, o primeiro arauto, chamado Cérix.

De todas as histórias das filhas de Cécrope, a mais conhecida[380] é a seguinte: Atena recebeu da Terra o menino Erictônio, filho de Hefesto, e tentou criá-lo em segredo, para que os outros deuses não soubessem da sua existência. Depositou a criança num cesto redondo, coberto, provavelmente parecido com os que se usam nos Mistérios, e do qual – como podemos ver em muitas imagens – sai uma serpente[381]. Disse-se mais tarde que Atena dera à luz uma serpente. Em outra versão da história[382], Atena colocou Erictônio numa arca, como Afrodite fizera com Adônis. Confiou o receptáculo fechado à guarda das três filhas de Cécrope e proibiu-as estritamente de abri-lo. Quando ela se foi, as raparigas ficaram curiosas, sobretudo Aglauro, da qual se diz explicitamente que abriu o cesto, ou arca. Uma das outras duas irmãs compartiu da sua culpa – mas os narradores não concordam sobre qual delas o fez. Aglauro e a outra irmã espiaram o segredo de Atena: mas, no tocante ao que viram, voltam a diferir os narradores[383]. Era uma serpente; ou uma criança guardada por uma serpente, ou até por duas serpentes; ou uma criança com pés de serpente. Cada uma das moças que espiaram o segredo – Aglauro, com toda a certeza, e Herse ou Pândroso – ensandeceu e saltou da alta rocha sobre a qual mais tarde se ergueu a Acrópole. Ou as duas foram perseguidas pelas serpentes guardiãs? Assim são retratadas numa pintura de vaso. Propalava-se que a serpente que pode ser vista atrás do escudo da famosa estátua de Atena Parteno, obra do escultor Fídias, era a serpente que emergira do cesto e que mais tarde se refugiou junto à deusa.

Havia também uma história[384] dos atos de Atena depois de haver confiado a criança às três irmãs. Ela foi para Palene, na Ática, a fim de trazer dali uma rocha para fortificar a cidadela de Cécrope, que seria a Acrópole ateniense. No momento em que a deusa voltava com a grande pedra, um corvo voou ao seu encontro e contou-lhe o descobrimento do segredo. Até aquele momento o corvo havia sido o pássaro favorito de Atena e, em outras partes da Grécia, continuou a sê-lo. Agora, porém, a primeira cólera da deusa desabou sobre o corvo. Ela deixou cair a grande pedra – que veio a ser o Monte Licabeto – e, depois disso, nenhum corvo pôde mais ser visto na Acrópole. Na cidadela sagrada em que Atena é adorada, e onde seus segredos são mais bem guardados do que o foram pelas filhas de Cécrope, o ofício de pássaro favorito da deusa passou a ser desempenhado pela coruja. Em imagens antigas a coruja é amiúde apresentada como a própria Atena; e esse pássaro também se tornou tema de histórias. Concluirei esta parte da minha narrativa com uma delas.

Ascálafo era filho de Aqueronte[385], rio do Mundo Subterrâneo, e de Gorgira, cujo nome é uma forma prolongada de Górgona. Sua mãe também se chamava Orfne, "Escuridão"; ou, então, ela era o Estige, que já mencionei como rio do Mundo Subterrâneo. Ascálafo viu Perséfone, depois de raptada por Hades, e viu quando ela comeu a romã. Fazendo-o, perdia-se para sua mãe Deméter e

era obrigada a voltar perpetuamente para o Mundo Subterrâneo. Em sua cólera, Deméter mudou Ascálafo em coruja. Segundo uma história[386], a deusa primeiro deixou cair uma grande pedra sobre o culpado, que ficou debaixo dela até Héracles libertá-lo. Essa história parece não ter relação alguma com Palas Atena. Sabe-se, todavia, que os atenienses chamavam à grande deusa da cidade a sua "Kore" – quer dizer, a sua Perséfone[387] – e que a antiga estátua ateniense de Atena Nice[388] trazia numa das mãos o elmo da deusa e, na outra, uma romã.

5 Os sobrenomes de Atena

Como todas as nossas outras grandes divindades, Atena tinha inúmeros sobrenomes, alguns dos quais expressavam qualidades particulares da deusa, ao passo que outros sintetizavam histórias completas a respeito dela. As pessoas até começaram a chamar-lhe "Pronoia", "Providência": mas isso deve ter acontecido depois do tempo em que os sobrenomes que passarei a enumerar eram comumente aceitos.

O nome Aglauro de Atena indicava um aspecto da deusa mais escuro, mais trágico, mais semelhante a Perséfone. Chamada de Pândroso, como a outra filha de Cécrope, apresentava-se sob outro aspecto, brilhante, associado à oliveira. Crescia na Acrópole uma oliveira sagrada, no tempo de Pândroso. Selene, o nome da deusa da lua, nunca foi sobrenome de Atena, como tampouco o era Métis. Mas estudiosos dos tempos antigos – entre os quais se incluía, pelo que se diz, o próprio Aristóteles[389] – afiançaram que, disfarçada debaixo do nome de Atena, estava, de fato, a lua. A deusa Selene também tinha um pai chamado Palas – segundo, pelo menos, uma narrativa[390], que aberra do relato feito por Hesíodo; mas Atena difere da brilhante Selene pelo fato de ter vários aspectos, tão nitidamente contrastados quanto a lua cheia e a escuridão. Ela era também Gorgópis, "a que tem rosto de Górgona", e trazia o rosto da Górgona sobre o peito. Mas também se chamava Helótis, como Europa, "a de rosto largo" – expressão associada ao nome Selene. O epíteto poético de Atena, *glaukopis*, era mais um jogo de palavras: pode ser traduzido por "olhos de coruja", mas também pode referir-se à cor verde-mar ou verde-oliva dos olhos da deusa. O sobrenome Tritogênia não significava, no início, que ela veio ao mundo às margens de determinado rio ou lago, senão que nasceu da própria água, pois o nome Tritão parece estar associado à água em geral. Sob o sobrenome de Etíia, era um pássaro marinho: o papagaio-do-mar ou o pardilhão cinzento, também conhecido como corvo-do-mar. Contava-se[391] que, nessa forma, ela tomou debaixo das asas o homem primordial Cécrope, em forma de serpente, e carregou-o de Atenas a Mégara. Como Heféstia, era associada a Hefesto, como Ária, ao deus da guerra, Ares. Como Ergane, deusa dos trabalhos manuais, estava perto do primeiro desses deuses e, como Alalcomene, "a que finta", chegou perto do último. De todos os trabalhos feitos com as mãos, os que ela mais apreciava e protegia eram os dos ferreiros e fundidores de metal, do mesmo modo que as artes femininas – a fiação, a tecelagem e os trabalhos com lã. Possuía também o sobrenome de Hígia e, nessa qualidade, era acompanhada por um filho de Apolo, Asclépio.

Dentre todas as deusas, Atena era eminentemente a protetora de uma cidade, com os

sobrenomes de Polias ou Poliuco, e a protetora de heróis – mas não de todos os heróis: tinha seus próprios protegidos especiais, como Perseu, matador da Górgona, Diomedes e Tideu, o filho selvagem e o pai mais selvagem ainda, e o sábio Ulisses. Tinha também sacerdotisas cujos nomes poderiam ter sido usados para descrevê-la: nomes como Triteia, forma mais curta de Tritogeneia; Auge, "a lustrosa"; ou Etra, "a brilhante". Essas sacerdotisas davam à luz heróis: Triteia deu à luz Melanipo, "o garanhão negro", que tivera de Ares; Auge deu Télefo, "o que brilha longe", a Héracles; e Etra deu Teseu a Posídon. Todas essas histórias conduzem a saga heroica – como a de Perseu, tantas vezes contada, sobre cuja mãe, Dânae, Zeus desceu notoriamente em forma de chuva de ouro. Os habitantes da Ilha de Rodes[392] contavam que alguma coisa semelhante aconteceu por ocasião do nascimento de Atena: quando a deusa saltou da cabeça do pai, ele deixou cair uma chuva de ouro.

VIII
Leto, Apolo e Ártemis

Grande esposa de Zeus, esposa que pertencia muito mais aos filhos, especialmente a Apolo, do que ao pai deles, foi Leto. Dela se dizia com justiça[393] que um de seus descendentes foi o mais glorioso entre todos os bisnetos de Urano: a saber, seu filho, a terceira maior divindade da nossa religião, abaixo apenas de Zeus e Atena. Todos os deuses ergueram-se de seus assentos – assim a cena nos foi descrita[394] – quando Apolo apareceu entre eles e retesou o arco. Apenas Leto continuou pacificamente sentada ao lado de Zeus e tirou o arco e o carcás dos ombros do filho. Ela estava envolta em vestimentas escuras[395], mas era sempre graciosa, doce como o mel e a mais agradável divindade do Olimpo. Deleitava-se com os dois filhos, que eram chamados, em honra da mãe, os Letoides. Deleitava-se com Ártemis[396], sua filha, quando a via transpondo, de um salto, as cadeias de montanhas e divertindo-se, acompanhada pelas ninfas, com javalis e veados. Ártemis, a eternamente virginal, era uma figura fraterna em suas relações tanto com o irmão quanto com a mãe. Todas as histórias que dizem respeito a Leto começam com o nascimento do filho. A irmã gêmea deste último, de ordinário, já está em cena.

1 As peregrinações de Leto

Não se preservou nenhuma narração do nascimento de Leto. Neta de Urano e Geia[397], ela era filha do Titã Ceos, cujo nome significa o mesmo que *sphairos* – o que quer dizer "a Bola do Céu". Era, portanto, chamado também de Polo[398], o deus "Polo do Céu". O povo de Cós costumava dizer[399] que Leto nascera em sua ilha. Da mãe, Febe, eu já disse que seu nome significa deusa da lua – mais exatamente "a Pura" e "a Purificadora". O neto de Febe, Apolo, chamava-se, com o emprego da forma masculina do nome, Febo Apolo. Foi dito[400] que Leto concebeu os filhos de Zeus em Dídime, perto de Mileto. Todas as histórias atinentes às suas peregrinações parecem ter tido por ponto de partida a Ásia Menor. Em algumas versões, Leto ainda carregava os filhos dentro de si e estava procurando um lugar em que pudesse educá-los; em outras, já os trazia nos ombros.

Dizia-se[401] que Leto só poderia ter dado à luz num lugar em que o sol nunca brilhasse. A ciumenta Hera assim o desejara – ou tal era a explicação dada. Mas é possível não dar atenção à explanação e observar simplesmente o fato de que o parto teria de acontecer no escuro – ou, na melhor das hipóteses, durante um tempo em que somente os lobos pudessem ver. A nossa língua continha expressões que descreviam o lusco-fusco – ou seja, o lusco-fusco antes do nascer do sol – como "luz do lobo", *lykophos* ou *lykauges*[402]. Uma história das peregrinações de Leto conta-nos

que Zeus a transformou, por doze dias, numa loba. Nesta forma chegou ela à Ilha de Delos dos Hiperbóreos, os felizes habitantes de um país setentrional dos deuses, para onde se supunha que Apolo se dirigisse uma vez por ano. Razão, dizia-se, por que as lobas dão à luz todos os filhotes num espaço de doze dias a cada ano. Os délios afirmavam[403] realmente que as lobas sofriam os trabalhos de parto durante doze dias e doze noites sem cessar.

De acordo com outra história, Leto chegou a um país de lobos – vale dizer, à Lícia, na Ásia Menor; pois em nossa língua Lícia significa "país de lobos". Perto do Rio Xanto, cerca de Araxo, mostra-se aos visitantes o lugar em que nasceram os gêmeos de Leto – "duas luzes do céu", como são intitulados numa inscrição. Numa terceira história[404] Leto, tendo dado à luz os gêmeos, foi com eles à Lícia a fim de banhar-se no Rio Xanto. Endereçou-se primeiro à fonte Mélita, da qual foi expulsa por boieiros, que ela transformou em rãs. Lobos escoltaram a família até o Rio Xanto. Leto dedicou o rio a Apolo e deu ao país, que era o dos Termiles, o nome de Lícia. Essas histórias vieram obviamente da Ásia Menor, onde parece que Leto, Apolo e Ártemis foram adorados antes de o terem sido entre nós. A narração do parto de Leto, tal como é feita na Grécia, contém outra história que diz respeito especialmente a Delos: uma história que agora passarei a narrar.

2 Leto e Astéria

Em alguns contos, Leto tem uma irmã chamada Astéria, "Deusa da Estrela". No dizer de Hesíodo[405], Astéria era esposa de Perses, ou Perseu, a quem deu Hécate, que está especialmente próxima de Ártemis. Segundo uma história[406], Zeus, quando se uniu a Leto, procurou também seduzir-lhe a irmã. Astéria fugiu dele[407] do mesmo modo que fugiram Nêmesis ou Métis. Assumiu a forma de uma codorniz (*ortyx*). Zeus alcançou-a em forma de águia[408]. Ela mudou-se em pedra, caiu no mar e permaneceu oculta debaixo das ondas. Dessa maneira, transformou-se na ilha íngreme e rochosa em que Leto pôde dar à luz o filho, emergindo naquele momento das ondas, de sorte que o sol ainda não tivera tempo de brilhar sobre ela. À ilha deu-se o nome de Ortígia, "Ilha da Codorniz"; ou o de Delos, porque se tornou visível (*delos*) quando emergiu das profundezas: Delos, a ilha em que nasceu Apolo.

Contava-se também[409] que Leto se transmudou numa codorniz-mãe – tal é o nome da chefe desses pássaros migrantes – e Zeus uniu-se a ela em forma de codorniz[410]. Nessa versão[411], Delos fora antes uma ilha flutuante, que vogava de um lado para o outro do nosso mar, e nada conspícua. Só passou a ser Delos, "estrela amplamente visível da terra escura", quando Leto a escolheu para sítio do parto e os desuses a ancoraram no fundo do mar por meio de quatro pilares.

Contava-se ainda[412] que Ártemis nasceu primeiro e foi trazida ao mundo sem trabalhos de parto. As Moiras nomearam-na imediatamente parteira da mãe. Seu nascimento foi celebrado no sexto dia do mês, o de Apolo no sétimo. Traça-se, às vezes, uma distinção entre Delos e uma ilha separada, chamada Ortígia, que teria sido o local de nascimento de Ártemis. Esta teria, como seus reinos especiais, uma Ortígia a pequena distância de Siracusa, na Sicília, e outra Ortígia a pequena distância de Éfeso, na Ásia Menor. A segunda Ortígia tinha uma história própria relativa a Apolo.

Dizia-se[413] que os Curetes tinham assistido os trabalhos de parto de Leto – como haviam assistido o de Reia – e que, nessa ocasião, também tinham feito um estardalhaço a fim de que a ciumenta Hera não se desse conta do nascimento.

3 O nascimento de Apolo

Referirei agora a nossa história[414] do nascimento de Apolo. Dizia-se que, em suas peregrinações, a deusa grávida Leto visitou todas as montanhas e ilhas da Grécia, de Creta a Reneia, que se ergue fronteira a Delos. Todas temiam receber o deus poderoso que estava por nascer. Eram todas mais ricas do que a pequena e infrutífera rocha insulana de Delos, a que Leto afinal recorreu. A deusa prometeu à ilha riquezas, que lhe adviriam das visitas de adoradores de Apolo do mundo inteiro.

Delos rejubilou-se e respondeu de maneira amistosa, embora não sem medo. Ouvira dizer que Apolo seria um deus incapaz de perdoar, um grande senhor de mortais e imortais. Delos receava, portanto, que o deus, assim que visse a luz do dia, desprezasse a desolada rocha islenha e a jogasse, com um pontapé, nas profundezas do mar. Ela seria povoada por pólipos e focas negras, e não por homens, e Apolo partiria para outro país. Dizia-se que, ao ouvir essas razões, Leto jurara que o deus construiria o seu primeiro templo em Delos. Fez o juramento ao pé do Estige e entregou-se às dores do parto. Durante nove dias e nove noites sofreu uma angústia muito além da sua expectativa. Todas as deusas estavam reunidas, as mais gloriosas das quais podem ser mencionadas: Dione, Reia, Têmis e a deusa do mar Anfitrite, juntamente com todas as outras, excetuando-se apenas Hera. Esta última chegou a reter ao seu lado a parteira divina, a deusa Ilícia, escondida no Olimpo atrás de nuvens de ouro, para que nada pudesse ver do que estava acontecendo em Delos. As deusas que se achavam na ilha mandaram a mensageira Íris buscar Ilícia. Prometeram, à guisa de prêmio, um colar de ouro de nove varas. Com essa promessa, uma deusa persuadiu a outra, e as duas voaram para Delos em forma de duas rolas. Tanto que Ilícia chegou à ilha, Leto pariu. Agarrou com as mãos a palmeira que ali crescia e, com os dois pés, amassou a terra macia do prado. O solo riu-se debaixo dela, o deus saltou para fora e as deusas gritaram em voz alta. Banharam a criança em água limpa e envolveram-na em panos brancos. A faixa que orlava os cueiros era de ouro. Entretanto, a mãe não amamentou a criança. Têmis deu-lhe néctar e ambrosia. Depois que ele provou o alimento imortal, cueiro nenhum vingou retê-lo por mais tempo. Febo Apolo disse às deusas: “Caros me serão a lira e o arco, e em meus oráculos revelarei aos homens a vontade inexorável de Zeus”. As deusas ficaram atônitas, Delos brilhou com um brilho de ouro e a ilha desabrochou em flores.

Existem descrições[415] do modo como, nesse momento, toda a ilha de Delos se perfumou; ou do modo como cisnes circularam cantando sete vezes ao redor da ilha[416], enquanto Leto ainda sofria as dores do parto. À oitava volta, os cisnes já não cantavam: o deus saltou para fora e as Ninfas délias entoaram o canto sagrado de Ilícia. A abóbada celeste ressoou com os acentos do canto e nem mesmo Hera se manteve indiferente, pois Zeus dissipou-lhe a raiva. As fundações de Delos

tornaram-se em ouro e, durante todo o dia, a lagoa redonda da ilha luziu como se fosse de ouro. Converteram-se em ouro as folhas da oliveira – pois essa árvore também crescia em Delos, tanto quanto a palmeira, e contava-se também que Leto se apoiara nela. O Rio Inopo transbordou ouro. Dizia-se igualmente[417] que esteve presente ao nascimento do deus um galo – o pássaro do qual também se afirmou que, ao nascer da lua, cai em êxtase e dança, conquanto seja principalmente testemunha do nascer do sol. A partir desse tempo teve início a suposição de que o galo foi o pássaro favorito de Leto.

4 Apolo e seus inimigos

Havia também histórias de inimigos que Apolo venceu logo após o nascimento. Leto tinha sido anteriormente ameaçada por inimigos, no curso das suas peregrinações. Como eu já disse, as histórias diferiam sobre se a deusa ainda carregava os filhos no ventre ou se os trazia encarapitados nos ombros. Um dos atacantes de Leto e, por conseguinte, inimigo de Apolo e Ártemis, era o gigante Títio (a julgar pelo nome, um ser fálico), filho de Zeus e Elara[418]. Enquanto ainda se achava na barriga da mãe, cresceu tanto e ficou tão grande que a mãe morreu por causa disso e ele acabou, portanto, nascendo da Terra, na qual o pai o escondera. Títio atacou Leto quando ela se aproximava de Delfos e arrebatou-a à força. De acordo com uma história[419], Ártemis derrubou o gigante com suas setas; de acordo com outra[420], foi o menino Apolo quem o fez. Também se disse[421] que Títio, atingido pelo raio de Zeus, jaz no Mundo Subterrâneo[422], deitado em todo o seu comprimento de novecentos pés, enquanto dois abutres lhe despedaçam o fígado. Ou então foi uma serpente que fez isso, ao passo que o fígado – de acordo com a história[423] – sempre cresce de novo com a lua.

Foi dito ainda[424] que o dragão Píton, que aparece na maioria das histórias como o verdadeiro inimigo de Apolo, perseguira anteriormente Leto, procurando obstar ao nascimento de seus filhos. Apolo vingou-se disso[425] assim que nasceu e matou o dragão. Ou, se não o fez imediatamente, fê-lo quatro dias depois. Pois o primeiro lugar visitado por Apolo foi Delfos, onde o dragão – que era filho de Geia – tinha o seu covil, uma caverna ao pé de uma fonte[426]. Em outra história, Píton enrolou-se em torno de um loureiro. Tudo isso confere com o fato de Apolo havê-lo matado a flechaços.

As histórias mais antigas faziam referência a dois dragões. Mas os dois não foram mortos. O verdadeiro inimigo de Apolo era uma criatura feminina, uma dragoa (*drakaina*) chamada Délfine[427]. O nome está ligado a uma antiga palavra que indicava não só o ventre como também o topônimo *Delphoi*, hoje em dia substituído pelo nome latino Delfos. Com a serpente feminina Délfine morava uma serpente masculina, Tífon, da qual se dizia[428] que fora dada à luz por Hera, sem o marido, num momento de raiva. Ela confiou a coisa má aos cuidados da outra, o dragão à dragoa. Mas não se diz que Apolo também matou o dragão filho de Hera. Os narradores parecem ter confundido o dragão de Delfos, Píton, com Tífon ou Tifeu, o adversário de Zeus: em todo caso, as duas histórias – a deifica e a da Ásia Menor, que já contei – estavam associadas muito

intimamente. A dragoa inimiga, sobre chamar-se Délfine, também recebia a forma masculina do nome[429], Delfino, ou até o de Píton. Este, na verdade, tornou-se uma serpente apolônica e Pítia, a sacerdotisa que dava oráculos em Delfos, assim se chamou em honra dele. Muitas imagens mostram a serpente Píton vivendo amigavelmente com Apolo e guardando o Ônfalo, a pedra sagrada do umbigo e o ponto que indica o meio da Terra, no tempo de Apolo.

Seja como for, o outro inimigo de Apolo – além de Títio, o gigante fálico – não era Píton, senão Délfine, a serpente gigante que parecia um ventre. Contava-se[430], nas histórias e canções conhecidas como peãs, contadas em honra de Apolo, o modo com que o deus chegou a Delfos nos braços da mãe, como um menininho nu, de cabelos desgrenhados. Trazia o arco e tinha uma seta na mão. Ali foi enfrentado pelo monstro, a enorme serpente. Despediu seta após seta contra o inimigo e matou-o. Dizia o canto: "*Hie, hie, paieon!*" Pois sua mãe o educara, desde que nascera, para ser o seu campeão. Narradores que confundiam Délfine com Píton – e essa confusão era completa, talvez até intencional – rematavam a história da morte do dragão[431] dizendo que o seu corpo foi dissolvido pelo poder secreto do Sol e que, após a putrefação (*puthein*), o próprio lugar passou a chamar-se Pito e o mesmo Apolo, a partir de então, se chamou Pítio.

Contava-se ainda mais[432] o modo como o deus, depois de tomar conta do sítio rochoso de Delfos, angariou seus primeiros sacerdotes. Certos homens de Creta estavam a bordo de um navio que se destinava à Grécia. Apolo saltou para dentro do navio em forma de golfinho, estendeu-se sobre o barco com um corpo imenso e conduziu-o para Crisa, o porto de Delfos. Ali saltou, qual estrela brilhante, diretamente do navio para o interior do templo, de onde saiu como um moço de cabelos compridos, colocou-se diante dos cretenses aterrorizados e iniciou-os como seus sacerdotes. Existem muitas histórias[433] sobre a maneira como construiu o famoso templo em Delfos e sobre as várias formas que primeiro lhe deu. Diz-se que um templo foi construído por abelhas, de cera e penas. Mas acreditava-se que, depois, Apolo mandou o templo para a terra dos Hiperbóreos. Para lá se dirigia todos os anos, num carro tirado por cisnes[434]. Já referi que Leto veio da mesma região, em forma de loba. Dizia-se[435] que Apolo também podia transformar-se em lobo, para destruir os inimigos ou para unir-se amorosamente à sua amante Cirene, a cujo respeito falarei depois.

Um templo délfico, construído por homens, foi incendiado por inimigos humanos de Apolo: o sacrílego Flégias, do qual também falarei, e seu povo, os flegianos. Ferido pelas setas do deus[436], expiou seu crime no Mundo Subterrâneo. Outro ser que aparecia inúmeras vezes como inimigo de Apolo era seu meio-irmão Héracles, filho de Zeus e Alcmena. A respeito de Héracles se dizia[437] que, manchado de sangue e sentindo-se mal, entrou no templo imaculado de Delfos. Quando perguntou como poderia curar-se, e não recebeu resposta, roubou a trípode sagrada de cima da qual a Pítia costumava dar oráculos. Apolo lutou com ele, e Zeus resolveu a rixa: Héracles devolveu a trípode e recebeu os conselhos do oráculo. Em outra ocasião, os meio-irmãos lutaram por causa de um veado ou de uma corça – os animais sagrados para Apolo e Ártemis. Tudo isso nos leva de novo à saga heroica.

Devo, porém, continuar contando o modo com que Apolo expiou a morte de Délfine, que

perpetrara imediatamente após o nascimento[438]. Esta era a história[439] de sua peregrinação de Delfos ao Vale de Tempe, na Tessália, e de sua servidão ao Rei Admeto, cujo nome significa "o indomável". A expiação durou um "ano grande" – ou seja, oito anos, que costumávamos chamar de *ennaeteris*, período de nove anos. Só depois disso voltou a Delfos, como "o Impoluto", *Phoibos*, com uma grinalda e um ramo do loureiro sagrado do Vale de Tempe. (Um menino de Delfos, mais tarde, costumava carregar dali a grinalda e o ramo, à imitação do deus.) Esses anos foram o famoso "tempo pastoral" de Apolo à beira do Rio Anfriso. Enquanto serviu a Admeto[440], as vacas do rei pariram bezerros gêmeos. Apolo atrelou um leão e um javali, juntos, ao carro do rei[441] e assim Admeto conquistou Alceste por esposa. Ao chegar a hora da morte do rei, Apolo salvou-o embebedando as Moiras[442] . Quando a morte chegou para Admeto pela segunda vez, Alceste foi com ele em lugar do marido, mas foi trazida de volta por Héracles. (Essa história também começa a afastar-nos da mitologia.) Outra razão dada para a servidão de Apolo a Admeto foi o haver matado os Ciclopes – ou, pelo menos, os filhos deles. Fê-lo para vingar-se de Zeus, que fulminara com o seu raio Asclépio, filho de Apolo. Contarei essa história mais adiante.

5 Apolo e suas amantes

Numa versão ulterior[443] da história da servidão de Apolo a Admeto, os dois estavam ligados um ao outro pelo amor. Havia muitas histórias de amor relativas a Apolo, o maior número das quais, e as mais famosas, terminaram tragicamente – fosse o objeto do amor do deus um rapaz ou uma moça. A razão pela qual se incluíam os moços entre os amores do deus era porque ele mesmo se achava exatamente na idade em que os rapazes costumavam deixar a tutela da mãe e passavam a viver juntos. Os grupos etários mais moços subordinavam-se aos mais velhos. Eles também se ligavam a homens de mais idade. Tanto para os moços quanto para as moças essa era a quadra do viço fugitivo. As histórias representam o amor de Apolo a uma pessoa de qualquer sexo como muito perigoso.

Jacinto era um jovem divino parecido com Adônis[444]. Afrodite vingou--se de uma Musa – assim rezava a história – porque esta última lhe havia repreendido o amor de Adônis. A Musa, Clio, deu Jacinto a Píero, pai das Musas, como Mirra dera Adônis a *seu* pai. A Musa Érato[445] e o cantor Tâmiris eram rivais em relação ao belo moço, e assim se acredita que começou a pederastia[446]. Outro conto[447] revela semelhança entre Jacinto e o menino Apolo. À semelhança de Apolo, Jacinto tinha uma irmã intimamente associada a ele, chamada Polibeia. Juntamente com ela, foi conduzido ao Olimpo. Afirmava-se que a sua imagem de culto em Amiclas, Esparta[448], representava um ser duplo com quatro orelhas e quatro braços. Nas lendas subsequentes Jacinto é sempre um jovem delicado, às vezes retratado a cavalo num cisne. Dizia-se[449] que Apolo o amava e porfiava com ele no arremesso do disco. Numa tarde, o deus atingiu o amado com o disco de pedra. Do sangue da vítima acidental nasceu o jacinto, flor agreste, azul-escura. Jacinto, naturalmente, estava tão "morto" quanto Adônis: sobre ser um deus, era, com efeito, adorado também como herói morto. E afiançava-se que o bulbo da sua flor podia ser usado para adiar a puberdade dos meninos.

Entre os jovens que Apolo amou, faz-se menção de um rapaz chamado Ciparisso, "Cipreste"[450]. Em todas essas narrativas os formosos meninos eram duplos do próprio Apolo. Ciparisso foi um deles por haver matado sem querer uma criatura amada por ele, como Apolo matara Jacinto. A criatura amada era um veado, animal, como eu já disse, sagrado para Apolo e Ártemis. Ele pompeava grandes chifres dourados e trazia na testa ornamentos de prata. Era manso, e Ciparisso o amava. Engrinaldava o veado e cavalgava-o. Numa tarde quente, enquanto o animal jazia à sombra, o jovem caçador Ciparisso confundiu-o com um veado qualquer. Atirou-lhe o seu dardo e ficou inconsolável ao descobrir que matara o seu animal favorito. Queria morrer ou pranteá-lo eternamente. O único remédio que Apolo pôde oferecer ao lamentoso jovem foi transformá-lo numa árvore plangente, o cipreste, árvore sempre-verde em que Ciparisso vive para todo o sempre.

Quem quer que deseje falar das donzelas que Apolo amou terá de falar também, na maior parte dos casos, de um rival, amiúde mais feliz do que o deus. A alusão aos rivais é feita pelo poeta cego, autor de um grande hino a Apolo[451], que se supõe tenha sido Homero. As próprias histórias de amor só foram minudenciadas mais tarde. O primeiro amor de Apolo foi Dafne, o nome do loureiro. Dizia-se[452] que Dafne era filha do deus-rio Ládon e da Terra. Outros contadores de histórias[453] afirmavam que seu pai era o deus-rio Peneu, senhor do Vale de Tempe, na Tessália. Era uma virgem selvagem, como Ártemis, que possuía, como Dafneia ou Dáfnia, seus próprios loureiros sagrados. Dafne era amada não só por Apolo, mas também por um moço chamado Leucipo[454], "o do cavalo branco", ou "o garanhão branco". Leucipo disfarçou-se em moça a fim de que lhe permitissem acompanhar Dafne. Enquanto se banhava, contudo, foi descoberto pelas companheiras. Em resultado disso, teve de morrer ou desaparecer. Perseguida por Apolo, Dafne implorou à Mãe Terra que a salvasse e foi convertida em loureiro, o qual, dali por diante, passou a ser a árvore favorita do deus, um ramo da qual ele usava como grinalda. Uma árvore naturalmente bissexuada, como a maioria delas, proporciona, por força, o mais perfeito exemplo da união dos dois sexos.

Outra história[455] envolve Dríope, filha de Dríops, "o Homem-Carvalho", companheira de folguedos das Hamadríades, ninfas do carvalho. Para conquistá-la, em primeiro lugar, Apolo transformou-se num cágado. As ninfas brincaram com a estranha criatura, e Dríope conchegou-a do seio. Nisso, o cágado mudou-se em serpente. As ninfas fugiram aterradas. Apolo teve um filho de Dríope. A jovem não falou no caso com ninguém. Tomou para si um marido e deu à luz o filho como esposa desse homem. Depois disso, as Hamadríades roubaram a jovem e fizeram dela uma das suas. Em outra metamorfose de Apolo de que se tem notícia, ele transmudou-se em lobo[456], com cuja forma se uniu à ninfa Cirene. Existem muitas histórias pertinentes aos casos de amor de Apolo com moças, mas concluirei o meu relato deles com a história de Cirene, cuja versão mais conhecida contarei[457].

Caçadora virgem, figura que se parecia com Ártemis, ela era filha do rei tessálico Hipseu – nome que se refere às alturas celestes e, portanto, quer dizer que ele era um deus do céu – e de uma ninfa das águas. Dizia-se também[458] que Ártemis lhe dera dois cães de caça. Cirene vivia nas

florestas do Monte Pélion, e com a lança e a espada protegia os rebanhos do pai contra animais de presa. Apolo espiou a moça quando esta lutava, desarmada, com um leão. Abismado, fez vir o sábio Centauro Quíron de sua caverna, que ficava ali perto. Quíron aconselhou-o a tomar Cirene secretamente por esposa. Assim, Apolo carregou a virgem selvagem em seu carro de ouro puxado por cisnes, para a África do Norte, onde, mais tarde, seria fundada a cidade de Cirene. No áureo tálamo nupcial da Líbia eles consumaram o casamento. Quíron profetizou que Cirene teria um filho divino. Hermes se encarregaria dele e o levaria para as Horas e para a deusa Geia. Maravilhando-se do infante colocado em seus regaços por Hermes, elas deixariam cair o néctar e a ambrosia entre os seus lábios, e isso o tornaria imortal. Fariam dele um Zeus, um santo e imaculado Apolo, para ser uma alegria entre os homens, que o amariam; para ser o mais fiel guardião de rebanhos; para ser Agreu e Nômio, caçador e pastor, como Apolo também o era; para ser Aristeu, "o melhor de todos os deuses".

Dizia-se[459] deste segundo Apolo e segundo Zeus-menino que o pai o levou para a caverna de Quíron, a fim de ser educado pelo sábio Centauro. Quando ele se tornou plenamente crescido, as Musas prepararam-lhe o casamento (mencionarei, dentro em pouco, seu filho Actéon, que lhe deu Autônoe, filha de Cadmo) e ensinaram-lhe as artes de curar e adivinhar a sorte. Nomearam-no guarda dos seus rebanhos no país tessálico da Ftia. Quando Sírio, estrela do calor do verão, ardeu sobre as Cíclades e o povo não encontrou salvação da peste, o mesmo povo, por ordem de Apolo, invocou Aristeu. Em vista disso, e igualmente por ordem do pai, ele deixou Ftia e estabeleceu-se na Ilha de Ceos, onde fez sacrifícios a Zeus e a Sírio. Em sua honra, os Etésios, os ventos alísios, sopraram durante quarenta dias sem parar. Ele inventou[460] a colmeia e a apicultura, o lagar e o fabrico do queijo. Dizia-se também que foi o primeiro a fazer armadilhas para pegar lobos e ursos e a libertar a Ilha da Sardenha de pássaros selvagens.

6 Nascimento e morte de Asclépio

Uma das histórias de amor de Apolo é a do nascimento do médico divino e deus da cura, Asclépio. O próprio Apolo também era médico, e sua arte de curar só falhava em relação aos que ele mesmo matara. Homero[461] alude a Peão como o médico dos deuses, que curava os imortais quando feridos. "Peão" era um sobrenome de Apolo. Asclépio, que curava mortais e até os trazia, depois de mortos, à vida, era, como Aristeu, um segundo Apolo que, além de ser considerado filho de Apolo, também era chamado "Zeus" – sem embargo do fato de, segundo uma lenda que dentro em pouco contarei, ter sido Zeus quem o matou.

Narra-se uma antiga história[462] do caso de amor de uma deusa do Lago Bebe, no norte da Grécia. No dialeto local esse nome significava "o lago de Febe". A própria deusa também se chamava Brimo, "a forte". De acordo com a história, cujos pormenores foram mantidos em segredo, seu amante era Hermes, deus fálico que, nos tempos antigos, era simplesmente um falo. Também nos tempos antigos, mas já no estilo da saga heroica, contava-se outra história do caso de amor no Lago Bebe[463]. Uma donzela banhou os pés no lago. Era filha do Rei Flégias, "o vermelho

flamejante", que já tive ocasião de citar como inimigo de Apolo. Seu nome era Corônide, "A Donzela do Corvo". Apolo teve um filho dela, mas ela tomou por marido Ísquis, filho de Elato, "o Homem-Pinheiro". O nome Ísquis tem relação com "força". Os latinos[464] não erraram ao traduzi-lo por *Valens*. Estava reservado também para o pai do filho divino de Corônide. A história[465] em que Apolo era o pai continuava dizendo que o corvo – pássaro favorito de Apolo que, naquele tempo, não era preto, mas branco – trouxe ao deus a notícia do casamento de Corônide com Ísquis. A primeira cólera de Apolo recaiu sobre o corvo, que desde então tem sido preto. O castigo de Corônide e o nascimento de Asclépio são descritos no conto seguinte, de data posterior[466].

A jovem já tinha dentro de si o sêmen puro do deus. Chegou, então, um hóspede da Arcádia, chamado Ísquis, filho de Elato. Corônide não pôde resistir-lhe e entregou-se secretamente a ele, sem o conhecimento do pai. Apolo não deixou de observar-lhe a infidelidade. Mandou a irmã a Lacereia (cujo nome significa que se trata de uma cidade de corvos palradores) no Lago Bebe, onde se situava a casa de Corônide. Ela foi morta pelas setas de Ártemis, e muitas mulheres dos flegianos foram mortas com ela. Seguiu-se uma pestilência devastadora e piras fúnebres arderam em grande número. Quando o fogo já estava crepitando à roda de Corônide, Apolo disse: "Já não posso tolerar a ideia de que meu filho morra com a mãe!" Arrancou Asclépio do cadáver sobre a pira e levou-o para o Centauro Quíron, que lhe ensinou a arte de curar.

Outras histórias circulavam em Epidauro, o famoso local de culto de Asclépio, onde tantas pessoas doentes se curavam pelo simples fato de dormir no templo. Essas histórias nada diziam da infidelidade e da morte de Corônide. Em vez disso, diziam[467] que a mãe do deus tinha um segundo nome, "Aglaia", "a luminosa". Seu pai era Flégias, sua mãe era filha de Érato, a Musa. Quando do nascimento da criança divina, que se verificou no santuário, as atendentes foram Ártemis e as Moiras[468]. Dizia-se também que Flégias, homem de guerra, chegara com más intenções ao Peloponeso, pois tencionava espiá-lo e, mais tarde, conquistá-lo. Com ele veio Corônide, que já naquele tempo, e sem que o pai o soubesse, estava grávida de Apolo. Ela deu à luz Asclépio em solo epidaureu e abandonou-o na montanha antes denominada Monte de Mirtas, mas que, posteriormente, recebeu o nome de Monte do Mamilo. Asclépio foi amamentado por uma cabra e guardado por um cão pastor. Arestanas, o pastor, notou a ausência dos dois animais e pôs-se a procurá-los. Assim, encontrou a criança e pensou em levá-la para casa. Mas, à proporção que se aproximava dela, viu uma como radiância, igual à de um raio, desprender-se do recém-nascido. Compreendeu que havia ali algo divino e afastou-se. Circulou sem tardança a notícia de que aquela criança, no futuro, encontraria remédios para os doentes e chegaria a devolver a vida aos mortos. O cão tornou-se um animal sagrado para Asclépio, como a serpente para Apolo.

Nunca se disse que Asclépio devolveu a vida aos mortos na própria Epidauro. Vários contos fazem menção de heróis que ele ressuscitou, entre os quais figura Hipólito[469], o favorito da deusa virgem Ártemis. As histórias nos informam de que a ressurreição de uma pessoa morta provocava a cólera de Zeus. Ele fulminou o médico divino com o seu raio. Apolo vingou o filho matando os Ciclopes. Tudo isso é tão somente uma explanação ulterior da servidão do deus a Admeto, que o

primeiro teve de sofrer pela morte de Délfine.

7 Histórias de Ártemis

O leitor há de lembrar-se de que um dos nomes da Grande Mãe dos Deuses na Ásia Menor (deusa que, além de ser mãe, também possuía características hermafroditas vigorosas) era Grande Ártemis. A nossa Ártemis nunca foi chamada "mãe", conquanto estivesse tão próxima de sua mãe Leto quanto de seu irmão Apolo. Ela aparecia sempre como donzela, mas também semelhava um rapaz na força e na violência, como acontece com as raparigas dessa idade especial que ficava sob a sua proteção. Afirmava-se[470] que ela pediu ao pai que só lhe desse por companheiras pessoas de nove anos de idade. Essa era a idade em que as meninas deixavam suas mães e entravam para o serviço de Ártemis: em tempos mais recuados todas as raparigas o faziam, mas, depois, somente as escolhidas. Permaneciam a serviço da deusa até se tornarem núbeis. Em Atenas as pequenas servas de Ártemis eram chamadas *arktoi*, "ursas". A própria Ártemis, em determinada ocasião, deve ter sido havida por uma ursa – ou, em tempos mais antigos, quando a fauna da Grécia era mais meridional, por uma leoa.

Por outro lado, descreviam-na sempre como caçadora virgem, e suas companheiras também eram virgens. Ai do homem que a espiasse quando ela se banhava nos riachos e lagoas selvagens! Por essa ofensa o cretense Siproites[471] foi transformado em mulher. Muitos conhecem a história[472] de Actéon, filho de Aristeu e Autônoe e sobrinho de Sêmele, mãe de Dioniso. História trágica, era contada de várias formas. Segundo a versão mais conhecida, Actéon, que Quíron educara para ser caçador, surpreendeu Ártemis no banho. A deusa puniu-o, transformando-o em veado, seu animal favorito, mas que, nessa ocasião, foi sua vítima. Os cinquenta cães de caça de Actéon despedaçaram o amo metamorfoseado, e a Autônoe coube o penoso trabalho de reunir os ossos do filho. Há de ter sido uma versão mais antiga aquela em que Actéon, vestindo uma pele de veado, aproximou-se de Ártemis com esse disfarce. Numa versão posterior da mesma história, o caçador selvagem teria tentado violentar Ártemis; ou então foi Sêmele, a amada de Zeus, que ele cobiçou, e foi Ártemis quem lhe atirou a pele de veado sobre os ombros. Mas todas as histórias concordam no seu despedaçamento.

Outra história respeitante a Ártemis tem como heroína trágica uma companheira da deusa, Calisto. Esse nome próprio, formado do adjetivo *kalliste*, "a mais bela", era um nome da própria Ártemis. Dizia-se[473] que Calisto fora uma ninfa do séquito de Ártemis, uma caçadora que usava os mesmos trajos da deusa. Em histórias diferentes ela tem diferentes pais: Nicteu, "o homem da Noite"; Ceteu, "o homem do monstro do mar"; ou Licáon, "o lupino". A própria Calisto, com efeito, também tinha vários nomes, como Megisto[474], "a maior", ou Temisto[475], uma forma do nome Têmis. No dizer de um autor cômico, Zeus a seduzira depois de assumir a forma da própria Ártemis[476]. Nas antigas histórias, Ártemis, naturalmente, tinha forma de ursa e Zeus juntou-se a Calisto como urso. A história original era a de um enlace de animais e foi descrito como tal[477]: na forma de animal, Calisto subiu no leito de Zeus. Em histórias subsequentes, Ártemis descobriu,

enquanto se banhava, que sua companheira estava grávida e, num assomo de cólera, transformou-a numa ursa. Acredita-se que a deusa tenha também matado o culpado. Não obstante, Calisto apareceu finalmente no céu como a Ursa Maior[478], depois de ter dado a Zeus um filho que foi o primeiro antepassado dos habitantes da Arcádia. O seu nome, Árcade, está ligado a *arktos*, urso. Dizia-se também[479] que Calisto deu à luz gêmeos: Arcas e Pã, o deus de pés de cabra do mesmo país. A rusticidade da Arcádia e o caráter antigo dos seus habitantes apropriavam-se muito bem a tais deuses e a tais antepassados.

8 A história de Britomártis

A história de Britomártis é também uma narração que diz respeito a Ártemis. Por esse nome os cretenses invocavam uma donzela divina particularmente amada por Ártemis. Traduzido do cretense, o nome quer dizer "virgem suave"[480]. Em outras partes da grande ilha ela era chamada Dictina, a deusa do Monte Dictineu. Esse nome também contém um eco da nossa palavra que indica rede, *diktys*. Uma rede realmente representa um papel na história.

Contava-se[481] que Britomártis era filha de Zeus, nascida em Creta, ninfa e caçadora. Minos, filho de Zeus, apaixonou-se por ela. Perseguiu a donzela selvagem pelas montanhas de Creta. A ninfa escondia-se ora nas florestas de carvalhos, ora nas regiões baixas. Ele quase a pegou num rochedo íngreme do Monte Dictineu. Seu vestido ficou preso num galho de mirta, mas ela mesma saltou daquela altura ao mar e foi cair nas redes dos pescadores, que a salvaram. Ártemis elevou-a à categoria de deusa.

Nas histórias[482] narradas pelos habitantes da Ilha de Egina, Britomártis ali chegou num barco de pescador. O pescador, cujo nome era Andrômedes, tentou estuprá-la. A deusa, porém, desapareceu na floresta que, já naquele tempo, recobria a montanha onde ela tem o seu santuário. Em Egina, todavia, não a chamavam Britomártis, mas Afeia, porque ela, de repente, se tornou invisível (*aphanes*). A explicação, com certeza, é incorreta, visto que as duas palavras não têm relação alguma entre si. Mas o templo de Afeia, num esporão da montanha meridional de Egina, ainda pode ser visitado.

9 Sobrenomes de Apolo e de Ártemis

Muitos sobrenomes e denominações de Apolo e Ártemis já foram entretecidos nas histórias que venho contando. Alguns que ainda não mencionei, como Delfínio, que liga Apolo a delfins (golfinhos), explicam-se por si mesmos. Outros – numerosos – se referem a contos ou descrições conhecidos.

Foi-nos descrito[483] que Apolo, que primeiro chegou a Delfos com o arco retesado, passeou mais tarde pela cidade com uma túnica longa e fragrante e uma lira na mão, e dali, num momento, apareceu no Olimpo numa assembleia dos deuses, que se viram imediatamente tomados de um anseio de música e de canto. As Musas cantaram antífonas que celebravam os dotes imortais dos

deuses e as tristezas dos homens, ignorantes e fracos. As Cárites, as Horas, Harmonia, Hebe e Afrodite – num grupo de nove deusas – dançaram em círculo, cada qual segurando o pulso da vizinha. Ártemis também entrou na dança, e Ares e Hermes brincavam com as dançarinas. No meio deles Apolo tangia a lira, passeando entre todos formoso e alto, com uma fúlgida radiância. Resplandeciam-lhe os pés e os trajos. Assim apareceu ele como *Musagetes* e *kitharodos*, "Chefes das Musas" e "Cantor acompanhado da Lira". Para os antigos contadores de histórias e poetas era como se a luz do sol se houvesse transformado em música. "Ele põe em harmonia toda a Natureza", contou um desses poetas nossos[484], "o esplêndido Apolo de Zeus, que une o Princípio ao Fim, e o plectro de sua lira é o rútilo raio do sol".

Da mesma maneira, Ártemis nem sempre era a Caçadora que desferia suas setas delicadamente mortíferas contra mulheres e animais selvagens mortais. Era também adorada debaixo de apelações que revelam o prazer que sentia ao ver bailar dançarinos estranhos, tanto masculinos quanto femininos. Como Caríates, regozijava-se com as danças das raparigas da aldeia da nogueira de Caria, aquelas Cariátides que, na sua extática dança de roda, carregavam na cabeça cestos de canas vivas, como se fossem plantas dançantes. Em honra de Ártemis como Cordaca, os homens executavam a dança *kordax*, com movimentos femininos. Outra prática na sua homenagem era a das moças que usavam falos, como os atores de comédias também costumavam fazer. Num dos seus festivais, os homens ostentavam chifres de veado na cabeça. Mascarados fálicos adoravam a deusa como Coritália, sobrenome que significa o mesmo que Dafneia, "Donzela do Loureiro". Ela também tem sobrenomes que se referem à lua, como Hegêmone e *keladeine* (já lhes expliquei o significado), que partilhava com as Cárites. Quando a lua brilhava, Ártemis se fazia presente e animais e plantas dançavam.

IX
Hera, Ares e Hefesto

Já é tempo de falar de Ares e Hefesto, filhos de Hera. De acordo com Homero, ambos também eram filhos de Zeus, mas, de acordo com Hesíodo, somente Ares o era. Entretanto, Homero cita Zeus[485] como tendo dito que odiava Ares porque este só encontrava prazer em brigas, guerras e batalhas (observação, a propósito, que também poderia aplicar-se a Palas Atena) e por ser ele parecido com a mãe, Hera; o seu verdadeiro lugar era entre os Titãs, nas mais fundas profundezas do Tártaro. A despeito disso, na própria descrição que dele faz Homero[486], Ares aberrava da própria mãe. Não respeitava Têmis e ajudava o inimigo. Era uma figura gigantesca que, quando caía ao chão[487] (como aconteceu de uma feita, ao ser atingido por uma pedra arremessada por Atena), se estendia no solo por uma extensão de setecentos pés. Essa figura, em todos os sentidos, carecia de dignidade. Quando "o Ares de bronze" foi ferido[488], berrou como nove ou dez mil homens.

Homero não achava que Hefesto, como Ares, fosse especialmente digno. Sabia-se que ele manquejava e era mais anão do que gigante. Mas era, pelo menos, um habilidoso mestre-artífice e um pacificador dos pais. O riso que provocava entre os deuses no Olimpo punha termo às suas rixas[489]. Da descrição dada por Homero dos dois irmãos é fácil depreender o quanto o nosso maior poeta odiava a guerra e os conflitos. É a ele, provavelmente, que devemos agradecer o fato de conhecermos tão pouco a respeito de Ares: quase nada, com efeito, a não ser que era filho de Hera e aliado da terra selvagem da Trácia. O seu nome soava como *ara*, "maldição" – conquanto, na verdade, a palavra também signifique "oração" – e era quase outro sinônimo de guerra; e as histórias que deram outrora uma notícia mais pessoal do deus, talvez como infante, foram quase completamente esquecidas.

Entretanto, ele é mostrado como criança nos retratos feitos pelos etruscos, que devem ter conseguido os protótipos dos retratos de nossos antigos artistas. O que se conta sobre haver sido ele concebido sem o concurso de um pai só se preservou entre os romanos, os quais, por certo, não inventaram a história, pois tais relatos são característicos da nossa deusa Hera. Tífon também foi dado à luz por Hera sem um pai: é uma figura que não deveria ser desprezada nesse contexto. Continuarei falando mais alguma coisa de Tífon, como maneira de encetar minha narrativa a respeito de Hera como mãe. Hera é o elo que une entre si todas as histórias que se seguem.

1 As maternidades de Hera

O leitor há de lembrar-se de que a dragoa de Delfos, que Apolo mais tarde matou, recebeu de

Hera um dragão, Tífon, que a grande deusa dera à luz num assomo de cólera contra o marido quando este, Zeus, deu à luz Palas Atena. Encolerizada, Hera dirigiu-se – assim reza a história[490] – aos imortais reunidos em assembleia:

> Ouvi, todos vós, deuses e deusas, o modo com que Zeus se dispõe a cobrir-me de vergonha – o modo com que é o primeiro a fazê-lo, depois de ter-me tomado por esposa. Sem mim, ele deu à luz Atena, gloriosa entre todos os imortais, ao passo que meu próprio filho, que dei à luz, Hefesto, é o menor de todos nós. Eu mesma o joguei ao mar; mas Tétis, filha de Nereu, pegou-o e cuidou dele com suas irmãs: ela bem poderia ter-nos prestado outro serviço! Ó tu, monstro enganoso! Como ousaste dar à luz Atena? Não poderia eu ter-te dado um filho? Não era eu tua esposa? Agora me empenharei em ter um filho glorioso entre os deuses! Fá-lo-ei sem desonrar a tua e a minha cama, mas sem te procurar. Manter-me-ei apartada de ti e permanecerei com os outros deuses!

Depois disso, Hera afastou-se também dos outros deuses. Orou e feriu a terra com a palma da mão: "Ouvi-me, Geia e Urano, tu que estás no alto, e vós, Titãs, que morais debaixo da terra no Tártaro, vós que sois os antecessores dos deuses e dos homens: ouvi-me, todos vós, e dai-me um filho que não seja mais fraco do que o próprio Zeus! Assim como Zeus era mais poderoso do que Crono, assim deixai que meu filho seja mais poderoso do que ele!" Bateu na terra com mão vigorosa. Geia, a fonte da vida, estremeceu; e Hera rejubilou-se, pois adivinhou que teria satisfeita a sua vontade. Dali por diante, durante um ano inteiro, não se deitou com Zeus, nem se sentou ao lado dele no lugar em que anteriormente se consultavam. Morava em seus templos, e comprazia-se nos sacrifícios. Quando, um ano depois, chegou o momento, deu à luz alguma coisa que não se parecia nem com os deuses nem com os homens: Tífon, o terrível desastre para os mortais. Hera conduziu-o a Delfos e a dragoa tomou conta dele.

A história da concepção de Ares, tal como a conta um poeta latino[491], é, a um tempo, semelhante e diferente. Aqui a deusa Geia aparece na forma de mãe das plantas, em especial das flores, e era invocada pelos romanos como Flora, "a deusa-flor". Ela mesma fala e narra a quase a mesma história que acabei de relatar. A esposa do rei dos deuses sentiu-se insultada pela razão que expus e propôs-se envidar todos os esforços para engravidar sem a ajuda do marido. Ia a caminho da residência de Oceano, em busca de consolo e conselho, mas interrompera a jornada no palácio da grande deusa Flora, que lhe deu a erva "consoante essa história, uma flor, mas em outra uma espécie de relva[492] – o símplice mágico, cujo toque poderia tornar fértil o mais infértil dos seres. Tocada pelo símplice, Hera concebeu o deus da guerra. Grávida, voltou para a Trácia, onde deu à luz o filho.

Hefesto – de acordo com o relato feito aqui pela própria Hera – não foi um nascimento sem pai, mas apenas um nascimento ilegítimo e, como daqui a pouco explicarei, prematuro. Essa história não soa menos antiga nem menos apropriada a tempos muito remotos do que a da concepção sem marido. Hesíodo preferiu usar a última versão[493], em que Hera procurou competir com o marido dando à luz o mais bem-dotado mestre-artífice de todos os descendentes de Urano. Eu poderia passar imediatamente às narrativas que dizem respeito a Hefesto; mas preciso relatar primeiro uma antiga história respeitante a Ares, da qual pelo menos um traço se preservou. Ela introduz outro tema muito antigo, comum tanto em nossa mitologia quanto na mitologia de outros povos: o tema

dos gêmeos.

2 Ares e os Alóades

Os Dioscuros Castor e Polideuces, filhos de Leda, não foram os únicos gêmeos da nossa mitologia. A declaração de que esse par, no tocante a uma das suas metades, estava sujeito à morte – ou seja, associado ao Mundo Subterrâneo – não conflita com a declaração de que eram ambos seres divinos. Apesar disso, os seus feitos pertencem muito mais à saga heroica do que à mitologia. Outros pares de gêmeos originalmente divinos – como os Afareidas Idas e Linceu, adversários dos Dioscuros – passaram completamente para a saga heroica. Um par muito antigo de gêmeos foi o dos *Aktorione Molione*, "os dois filhos de Actor e Molione", jovens heroicos tirados de um ovo de prata e cujos corpos estavam unidos entre si[494]. Héracles só conseguiu matá-los mediante um estratagema, e a mãe deles os vingou. Por outro lado, os Dioscuros tebanos, Anfião e Zeto, filhos de Zeus e Antíope, foram os vingadores de sua mãe. Vingaram-se em outra mulher, que usurpara a posição de sua mãe. Entre esses pares antigos e originalmente divinos de gêmeos estavam os Alóades, que quase conseguiram matar Ares e foram traídos pela própria mãe.

Contava-se[495]: Oto e Efialtes eram meninos gêmeos que não viveram muito tempo. O pai deles era Aloeu, cujo nome deriva de *aloe* e *halos*, "lugar redondo" e "disco redondo". Sua mãe, Ifimedia, afirmava ter sido engravidada por Posídon. Apaixonada pelo deus[496], ia repetidamente para o mar e, formando uma concha com as mãos, jogava água no seio até Posídon gerar nela os gêmeos. Em matéria de beleza esses meninos só perdiam para Oríon, do qual ainda terei mais para falar. A Terra dadora de vida os criara para serem gigantes. Aos nove anos de idade já mediam nove varas de largura e nove braças de altura. Dizia-se, ainda mais precisamente[497], que, todos os meses cresciam nove "dedos". Eles declararam guerra aos deuses do Olimpo e planejaram colocar o Monte Ossa em cima do Monte Olimpo, o Monte Pálion em cima do Ossa e assim escalar o céu. Teriam, com efeito, executado o plano se tivessem crescido até ficar moços. Mas Apolo matou-os primeiro. De acordo com outra história[498], eles só poderiam ser mortos um pelo outro. Quando estavam tentando vencer Hera e Ártemis, uma veadinha correu entre eles: ela ou havia sido mandada por Ártemis ou era a própria Ártemis em forma de animal[499]. Os gêmeos atiraram suas lanças à veadinha, e cada qual feriu o outro. Assim chegaram ao Mundo Subterrâneo, onde foram amarrados, separadamente, a um pilar: no pilar estava sentada a pavorosa coruja "Estige".

Uma das proezas temerárias[500] dos Alóades foi capturar Ares e encerrá-lo num jarro de bronze – um desses jarros grandes, geralmente feitos de barro, como os que temos até hoje. Ali o deus permaneceu por treze meses e teria sem dúvida perecido se a madrasta dos gêmeos, Eribeia, não tivesse revelado a Hermes o paradeiro do deus desaparecido. Hermes roubou o prisioneiro, que estava quase morto de aflição. Podemos presumir que, nesse tempo, Ares ainda era um menino, da mesma idade dos Alóades. Nas figuras etruscas que mencionei, veem-se os meninos de pé sobre a borda de um jarro em que arde um fogo: trata-se, claramente, dos preliminares de uma cerimônia de iniciação. O conto seguinte[501], em que Ares, na Ilha de Naxos, se escondeu numa "pedra que

comia ferro", lembra o menino Dáctilo Célme, atormentado e purificado como o ferro na bigorna pelos dois irmãos. A respeito da educação de Ares e do seu preceptor Priapo, que lhe ensinou primeiro a dança e só depois a guerra, falarei mais adiante.

3 A queda e a educação de Hefesto

Outras histórias a respeito de Ares concernem às suas relações com Hefesto. Aquela em que ambos aparecem com Afrodite é famosa. Outra, em que aparecem com a mãe, Hera – mais uma vez, uma mulher entre os dois –, virá depois. O nascimento prematuro e, aliás, infeliz de Hefesto – que forma o pano de fundo do que se seguiu – já foi mencionado. Mas preciso explicar-lhes o significado mais rigorosamente. A narrativa descrevia o nascimento de uma criança manca dos dois pés, visto que a sola dos pés e os calcanhares eram virados de trás para diante e não se apropriavam ao andar, mas apenas a um movimento giratório de todo o corpo para a frente. Esse desfiguramento é mostrado claramente em antigas pinturas de vasos; e mais adiante chegarei ao relato do modo como Hefesto, quando foi arremessado do Olimpo, levou um dia inteiro caindo, como uma espécie de rosácea, antes de chegar à terra. Seu nascimento foi prematuro porque ocorreu durante os trezentos anos em que a relação de Hera com Zeus se manteve secreta. Esse parto disparatado foi consequência da sua prematuridade, e a história da concepção sem marido foi apenas uma desculpa para ele: assim se dizia[502], e dizia-se também[503] que Hefesto nasceu da coxa de Hera.

Homero deixou o próprio Hefesto contar a história[504] – com palavras que não fazem tentativa alguma para ocultar a angústia do filho pelo fato de Hera haver tentado manter secreto o parto prematuro. A própria deusa declarou o que fez. Jogou a criança no mar e esta se teria dado mal se Eurínome e Tétis não a tivessem segurado quando caiu, aconchegando-a de si. Durante nove anos ficou Hefesto com as duas deusas; modelou para elas, numa gruta ao pé de Oceano, broches e fivelas, brincos e colares. Ninguém sabia disso, nem deus nem homem, exceto as duas deusas que o tinham salvado. Homero coloca na boca de Hefesto outra história[505] da sua queda. Talvez fosse a mesma, porém com outra explicação para a queda: Hefesto procurou ajudar sua mãe contra Zeus, mas o pai agarrou-o pelo calcanhar e arrojou-o do sagrado limiar do palácio dos deuses. Hefesto levou o dia inteiro caindo. Quando o sol já estava no ocaso, foi dar com os costados em Lemnos, quase sem poder respirar. Descobriram-no e cuidaram dele os cíntios, povo bárbaro que, segundo consta, o adorou na ilha. Isso aconteceu numa ocasião em que Zeus colocara a esposa, pendurada por uma corda de ouro, entre o Céu e a Terra, como castigo pela perseguição que ela movia a Héracles[506]. Hera estava amarrada pelas mãos e trazia duas bigornas nos pés.

Mencionarei em poucas palavras outra ocasião em que Hera foi atada – desta feita – por Hefesto, que queria vingar-se da mãe por havê-lo jogado fora. A propósito, nem todas as histórias concordam em que foi a mãe quem fez isso. Consoante uma delas[507], Hera levou o filho, depois do nascimento, para Cedálion, que deveria ser o seu preceptor e ensiná-lo a trabalhar com metais na Ilha de Naxos. Cedálion era uma figura parecida com os Cabiros. Seu nome queria dizer, nem mais nem menos, "o fálico". Era também citado entre os Ciclopes[508], no meio dos quais Hefesto

escolheu seus coartífices: Hefesto, porém, só o fez mais tarde, quando as histórias tinham começado a ligar o deus com os grandes vulcões do oeste, o Etna e o Vesúvio. Num lugar onde o fogo salta da terra, em Lemnos, na montanhazinha de Mosiclo, os companheiros de Hefesto eram Cabiros chamados Cárcinos, "Caranguejos". Ele mesmo passava por ser o deus do fogo subterrâneo. Em nossa língua *hephaistos* também significava, num sentido geral, "fogo". Voltarei a falar de Cedálion nas histórias respeitantes à constelação de Oríon.

4 O atamento de Hera

Uma história antiga contava o atamento de Hera por Hefesto – história da mesma espécie da do atamento de Ares e Afrodite, ou das dos primeiros furtos de Hermes, que contarei adiante. Todas são narrativas de feitos fraudulentos, executados por deuses ardilosos, principalmente num tempo em que eles ainda não se tinham juntado à família no Olimpo, se bem Zeus e Hera já estivessem reinando ali. A estes últimos se haviam reunido seus irmãos e irmãs. A filha de Zeus, Palas Atena, e seu filho Apolo partilhavam ambos do seu poder. Leto lá estava com o filho, Ártemis com o irmão. A grande deusa Afrodite também pertencia à companhia, assim como Ares e Dioniso. Hefesto, todavia, mantinha-se apartado, como ainda contarei. A história não se refere a Hermes. A ordem cronológica em que os deuses mais jovens, nomeados por último, foram recebidos no Olimpo nunca foi estabelecida com certeza e, de qualquer maneira, não tem importância.

Falava-se[509], como eu já disse, que Hera se envergonhava do filho mal-nascido, que o lançou de si e procurou ocultar sua maternidade e que o filho se doeu disso. Afirmava-se que lhe fora cometida a tarefa, como famoso mestre-artífice, de modelar tronos para os Olimpianos. Fosse como fosse, ele mandou um belo trono para Hera. Ela agradou-se do presente, sentou-se nele e foi, de repente, amarrada com correntes invisíveis. E o que é mais, o trono ascendeu às alturas com a deusa acorrentada. Ninguém pôde libertá-la, e reinou grande consternação entre os deuses. Estes perceberam o estratagema de Hefesto e mandaram-lhe uma mensagem intimando-o a vir soltar sua mãe. O astuto mestre-artífice respondeu, teimoso, que não tinha mãe. No conselho dos deuses todos silenciaram e não atinaram com o modo de trazer Hefesto ao Olimpo. Ares encarregou-se da tarefa. Mas teve de recuar diante das chamas de Hefesto e voltou ignominiosamente derrotado. Antiga pintura de vaso mostra como a luta entre os dois irmãos, por causa da mãe entronizada e acorrentada, foi levada à cena no teatro cômico. Eles lutam com lanças, tendo sido dado a Ares o nome de Eniálio, outro de seus apelidos, e a Hefesto o de Dédalo, que revela a identidade original do divino mestre-artífice com Dédalo de Atenas.

O modo como a história continuou após a derrota de Ares foi não só contado em palavras, mas também retratado em pinturas magníficas, com que os nossos artistas antigos decoraram um sem-número de vasos. Foi Dioniso, filho de Zeus e Sêmele, quem conseguiu trazer o autor do estratagema. Deu-lhe vinho, com cujos efeitos Hefesto, evidentemente, ainda não estava familiarizado, colocou o deus emborrachado no lombo de uma mula e escoltou-o até o Olimpo, como numa procissão triunfal. Os deuses devem ter-se descompostos em gargalhadas ao avistarem

o mestre-artífice embriagado. Mas ele não estava tão bêbado que concordasse em livrar a mãe por nada. O preço que pediu foi Afrodite, ou o casamento com outra deusa igualmente nossa conhecida, Palas Atena. Sabemos que ele nunca teve muita sorte com deusas. Mas, seja como for, Hera foi libertada.

5 Hera, Íxion e os Centauros

O leitor deve ter notado que Hera, mesmo quando desejava ter um filho sem Zeus, tomava todo o cuidado para não desonrar a cama do marido. Punha nisso uma ênfase toda especial. A forma de casamento que ela protegia, como nossa deusa do casamento, era a monogamia, ou – como pode ser visto pelo prisma da mulher – a realização de si mesma através de um só marido, para quem deveria ser a única esposa. Daí o ciúme e o ódio de Hera pelos filhos dados a Zeus por outras mulheres. Zeus, por outro lado, não somente era o deus do casamento na nossa religião, mas também representava o princípio da outra origem, não materna, da vida; o princípio da origem paterna como sendo mais alta, por não estar o pai associado a uma única mulher nem se achar em relação de servidão ao gênero feminino em geral – como a relação dos Dáctilos com a Grande Mãe – e ainda menos a uma mulher, mas, em vez disso, proporcionando descendentes, como dádiva divina, a todas as mulheres. Hera parece ter preservado, de uma época anterior, pré-olimpiana, a associação com seres de natureza dactílica. Dizia-se[510] que, em seus dias pré-matrimoniais, ela foi violentada por um Gigante chamado Eurimedonte, e dele concebeu um filho. Esse filho não foi Hefesto, mas Prometeu, que está muito próximo de Hefesto. E havia também contos a respeito do modo com que a esposa de Zeus – presumivelmente nos dias negros da sua separação do marido, quando visitava deuses primordiais como Oceano ou os Titãs no Mundo Subterrâneo – foi atacada por seres fálicos chamados Sátiros, como se vê em quadros dessa cena encontrados em seu famoso templo perto de Pesto ou em pinturas de vasos.

Outra história semelhante[511] tinha por cenário o Céu. Dizia respeito a Íxion, rei dos Lápitas, que nos tempos primitivos habitavam a Tessália. Diz-se que o pai de Íxion foi Ares, ou Flégias, o notório malfeitor; mas outras pessoas também são nomeadas como seu genitor. Sua mulher terrena chamava-se Dia, apenas outro nome de Hebe, filha de Hera e, com efeito, provavelmente o nome da própria Hera, como "a que pertence a Zeus" ou "a Celestial" – pois tal é o sentido da palavra. Íxion prometera pagar ao sogro, Deioneu, "o destruidor", um rico enxoval. Quando Deioneu veio recebê-lo, o genro cavou para ele uma cova ardente, recoberta de madeira fina e poeira, e imaginou um jeito de fazê-lo despencar dentro dela. Íxion foi, assim, o primeiro a introduzir o parricídio entre os mortais. Em consequência disso, enlouqueceu e ninguém, nem deus nem homem, se prontificou a purificá-lo do assassínio, até que o próprio Zeus se amiserou dele e não somente lhe deu a absolvição, mas também o elevou ao Céu, onde o tratou como hóspede e conferiu-lhe a imortalidade. No palácio em que se hospedava, Íxion avistou Hera e cobiçou-a. Hera foi contá-lo a Zeus. Para descobrir a verdade, Zeus modelou, com uma nuvem, a imagem da esposa. Íxion abraçou a nuvem e gerou nela uma criança, metade homem metade cavalo. Irado pelo duplo pecado de Íxion, Zeus mandou amarrar o malfeitor a uma roda alada de fogo, que gira

eternamente no ar, ao mesmo passo que o penitente repete estas palavras: “Pagarás a teu benfeitor com gratidão!” A cena do castigo foi mais tarde transferida para o Mundo Subterrâneo. Pode-se reconhecer facilmente em toda a história a punição de um deus solar mais velho, selvagem, que precisava ser domado sob o jugo de Zeus.

Íxion gerou na nuvem sem Carites – vale dizer, sem Afrodite: o mesmo se dizia[512] da concepção de Hefesto. Do filho de Íxion, ser de forma dupla chamado Centauro, dizia-se[513] que se unia às éguas no Monte Pélion. Tal foi a origem dos Centauros, selvagens habitantes das florestas, a cujo corpo quadrúpede de cavalo se juntava a parte superior do corpo de um homem. Eles eram os perigosos vizinhos dos lápitas, que tinham de lutar duramente contra os Centauros quando estes procuravam raptar-lhes as mulheres – famoso acontecimento ocorrido por ocasião do casamento de Peritoo e Hipodâmia, mas que pertence apropriadamente à saga heroica. Outro ser nomeado[514] como filho de Íxion era Quíron, do qual já tive ocasião de falar, o mais justo dos Centauros[515]. Numa caverna abaixo do topo do Pélion educou os heróis e os filhos dos deuses, entre todos os quais se notabilizou o médico divino, Asclépio; pois o próprio Quíron foi o primeiro médico e o primeiro a conhecer o uso das ervas. Contava-se também[516] de Quíron que Crono, em forma de cavalo, gerou-o em Filira, “Tília”, filha de Oceano. Numa antiga pintura de vaso, ele aparece numa túnica coberta de estrelas, com uma árvore arrancada pela raiz, carregando os despojos da caça e com o seu cachorro ao lado: um caçador selvagem e um deus escuro. Suas tristezas e sua bondade serão descritas na história de Prometeu.

X

Maia, Hermes, Pã e as Ninfas

A propósito de Maia, que deu a Zeus o seu filho mais esperto, Hermes, o mensageiro dos deuses, não é fácil dizer **a** espécie de deusa que ela foi no princípio. Seria tão somente uma ninfa, como aparece no Hino atribuído à velhice de Homero? Costumávamos empregar o nome "Maia" como termo com que nos dirigíamos **a** uma velha sábia e boa. A palavra também significava "parteira" e, num dialeto, queria dizer "avó". Como já falei, foi com essa palavra que Zeus se dirigiu à deusa Noite quando lhe solicitou um oráculo[517].

A mãe de Hermes habitava, na ocasião em que concebeu e deu à luz o filho, numa caverna escura do Monte Cilene, na Arcádia. Mas não era a deusa da montanha: se o fosse, Sófocles, numa peça baseada na história contada no Hino, não teria apresentado especialmente a ninfa Cilene como a ama da criança. Cilene pertencia à montanha desde a sua origem: Maia, por outro lado, estava ligada ao céu noturno em seu caráter de Plêiade. Todas essas estrelas eram deusas solteiras aposentadas. Conjeturava-se[518] que fossem filhas de Atlas, do qual sabemos que ficava no oeste sustentando o arco do céu. Diz-se que a mãe das Plêiades foi Plêione, ou melhor, Etra, "a brilhante", ambas as quais eram Oceânidas. Das filhas se dizia que formavam o bando virginal de Ártemis e eram perseguidas pelo caçador selvagem Oríon, até que Zeus as transformou em pombas (*pleiades*), convertendo depois em estrelas tanto as perseguidas quanto o perseguidor. Especialmente próxima de Maia estava Calisto, companheira de Ártemis: já me reportei a ela mais ou menos extensamente. Quando Calisto, em forma de ursa, deu a Zeus o filho Arcas e ela mesma desapareceu da face da terra, o filho foi cuidado por Maia[519].

Não teria sido Maia, até nos tempos mais recuados, mais que uma Plêiade? Sua associação com o Céu e a Noite sugere que ela era da maior importância. Não existe, todavia, nenhuma história em que desempenhe o papel principal – a não ser na famosa história narrada no Hino homérico, em que ela se apresenta como mãe de Hermes. Contarei agora a dita história, em sua maior parte com as palavras originais.

1 O nascimento e as primeiras proezas de Hermes

Maia, a ninfa modesta – assim começa a história[520] –, nunca entrou na assembleia dos deuses abençoados. Morava numa caverna profundamente umbrosa, onde Zeus jogava com ela o jogo do amor, na noite impenetrável, enquanto Hera dormia. Ninguém mais sabia disso, nem deus nem homem. O desejo de Zeus encontrou sua realização. O décimo mês chegou para a ninfa e

esclareceu o assunto, desvelando-se o mistério: ela teve um filho, de grande astúcia, lisonjeador traiçoeiro, salteador e abactor, portador de sonhos e gatuno noturno, como os que espreitam na rua diante das portas. Não tardaria a lograr fama entre os deuses pelas suas façanhas. De manhã cedinho nasceu, à tarde tangeu a lira, à noite roubou as vacas de Apolo – tudo no mesmo quarto dia da lua em que Maia o trouxe ao mundo.

Escassamente saído do corpo imortal de sua mãe, não demorou muito tempo no berço sagrado, mas ergueu-se em pé e transpôs o limiar da alta caverna, a fim de procurar as vacas de Apolo. Encontrou um cágado e fez dele um companheiro inestimável. Hermes foi o primeiro a fazer da casca do cágado um instrumento sonoro. O cágado deparou-se-lhe à entrada da caverna, pastando e arrastando os pés, como soem fazer as tartarugas. O filho de Zeus, o rápido Hermes, viu-o e riu-se: "Já um sinal feliz! Não me desagrada ver-te. Bem-vindo sejas, belo dançarino, companheiro do banquete! Chegas no momento exato. Onde, cágado, encontraste tão delicioso brinquedo, a casca que te protege as costas, ó tu que moras nas montanhas? Levar-te-ei para minha casa; ficarás a meu serviço! É melhor permanecer dentro de casa, porque fora dela é perigoso. Até em tua vida és uma proteção contra a magia malfazeja. Quando morreres, cantarás belamente!"

Assim começou Hermes inventando a lira. Com as mãos carregou o cágado para dentro da caverna, onde o cortou em pedaços: suas palavras e seus movimentos eram tão rápidos quanto o pensamento. Ele pregou na casca dois caniços ocos com uma argola no topo e tudo o mais que se vê num instrumento desse gênero nas velhas gravuras. Ajustou-lhe as sete cordas dos intestinos do carneiro. Depois, quando aprontou o lindo brinquedo, experimentou-lhe as notas com o plectro: a lira soou poderosamente em sua mão. O deus cantou a primor, encontrando as palavras e a música à medida que cantava, no modo musical em que os jovens nos banquetes trocam remoques espirituosos. Cantou a respeito de Zeus e Maia, e do modo com que jogavam o jogo do amor, e louvava o seu próprio nascimento, que dele resultara. Comemorou também as riquezas que a ninfa recebera. Entretanto, seus pensamentos estavam alhures. Colocou a lira no berço sagrado; ansiava por carne. Saltou fora da caverna fragrante, a fim de vaguear e espreitar em silêncio, como fazem os ladrões na escuridão da noite.

Hélio ia descendo com sua parelha e seu carro quando Hermes chegou a Piéria, na montanha umbrosa dos deuses, onde também estava o divino rebanho de gado pastando na relva fresca ou abrigado nos estábulos. O filho de Maia, o gatuno, o que logo depois mataria Argos, o de muitos olhos, roubou cinquenta vacas do rebanho. Conduziu-as às arrecuas, de modo que os cascos traseiros ficassem na frente e os dianteiros atrás. Chegaram a um solo arenoso. Hermes fez para si sandálias como ninguém mais poderia conceber, com ramos de tamargueira e mirto, e amarrou-as debaixo dos pés. Estava com pressa e ainda tinha de ir muito longe. Foi observado por um velho que cultivava um vinhedo na Beócia, perto de Onquesto, mais ou menos na metade do trajeto que o deus devia percorrer. Disse-lhe Hermes: "Velho, terás uvas em quantidade; mas não viste o que viste, e não ouviste o que ouviste! E quedarás em silêncio, pois, do contrário, será pior para ti!"

Dessa maneira tangeu as vacas, celeremente, por montanhas, vales e prados em flor. A Noite

escura, sua ajudante divina, já havia passado, e era quase manhã. Selene, filha de Palas, apareceu no céu no momento em que o filho de Zeus chegava com o gado de Apolo ao pé do Rio Alfeu. Descansadas, as vacas entraram no pátio da caverna e comeram a relva macia e bela. Entrementes, Hermes juntou a madeira e preparou-se para acender uma fogueira. De loureiro fez uma mecha fácil de manejar. O calor expandiu-se numa conflagração. Hermes foi o primeiro a acender um fogo. De uma fossa ergueram-se enormes chamas de madeira seca que alcançaram grandes alturas, propagando-se o calor a uma distância considerável. Enquanto o poder de Hefesto mantinha o fogo ardendo, Hermes, com muita força, levou duas vacas do pátio para a fogueira. Atirou-as de costas no chão, virou-as de lado e quebrou-lhes a espinha. Fê-lo primeiro com uma, depois com a outra. Cortou-lhes a carne e a gordura e assou tudo em espetos de madeira. Deixou as peles secando numa rocha, onde, consoante a história, ainda podiam ser vistas na ocasião em que o caso foi narrado. Seguiu-se a divisão exata da carne em doze partes, para os doze deuses do Olimpo, com uma porção para o próprio Hermes. E por mais que ele ansiasse pela carne sacrificial, por mais que a saborosa fragrância o atormentasse, resistiu e não pôs sequer um bocado na boca – pois os deuses, para quem são feitos os sacrifícios, não consomem a carne das vítimas. Amontoou a carne no pátio, como um marco do primeiro roubo. O resto queimou-se na fogueira.

Quando o deus terminou, atirou as sandálias no rio, apagou o fogo e espalhou as cinzas negras. Assim se passou a noite inteira – a segunda noite, e Hermes ainda não chegara a casa. Selene já brilhava no céu. Antemanhã, ele abeirou-se do divino Monte Cilene; ninguém o encontrara na longa jornada, nem deus nem homem, nenhum cachorro latiu para ele. O veloz Hermes, filho de Zeus, chegou ao átrio da caverna passando pelo buraco da fechadura, como o sopro do outono, como a névoa. Diretamente, com pés ligeiros, cruzou a caverna até chegar ao santuário mais recôndito, com passo silencioso. Rapidamente, deitou-se no berço, puxou os cueiros para os ombros e brincou, qual criancinha, com os lençóis em torno das ilhargas. Assim permaneceu, com a lira debaixo do braço esquerdo. Mas a deusa sua mãe, que observara tudo, interpelou o deus seu filho: "De onde vens, dissimulado, de onde vens tu pela noite, menino sem-vergonha? Receio que, daqui a pouco, o filho de Leto te arrastará pela porta fora com o teu corpo carregado de grilhões! Ou passarás a vida como fazem os ladrões, nas ravinas. Volta para o lugar de onde vieste! Teu pai te gerou para seres um triste vexame para deuses e homens".

Astuto, Hermes respondeu-lhe: "Por que tais palavras, mãe, pronunciadas como para um infante que ainda pouco sabe a respeito do mal, mas se assusta e aterroriza facilmente quando a mãe o repreende? De minha parte, optei pela habilidade magistral que melhor proverá às minhas e às tuas necessidades para todo o sempre. Não, não desejamos sentar-nos entre os deuses sem presentes nem orações, como é o teu plano! É melhor, sem dúvida, divertir-nos por toda a eternidade entre os imortais, entre riquezas inexauríveis, do que ficarmos alapardados aqui nesta caverna soturna! Tenciono obter a mesma reverência sagrada prestada a Apolo! Se meu pai não ma der, ajuntarei toda a coragem – e posso fazê-lo! – para tornar-me o príncipe dos ladrões. Se o filho de Leto me apanhar, alguma coisa ainda pior poderá acontecer-lhe: irei a Pito e lhe assaltarei a casa. Ali terei trípodes, bacias, ouro, ferro reluzente e mantos em grande quantidade para saquear. É o

que verás, se assim o desejares!"

Assim falaram um ao outro o filho de Zeus e a Senhora Maia. A manhã veio do Oceano e trouxe luz para os homens. Apolo já chegara a Onquesto, ao bosque sagrado de Posídon. Ali topou com o estranho velho em seu vinhedo, ao lado da estrada. Dirigiu-lhe a palavra e referiu-se ao gado que procurava: uma manada de vacas com os chifres enrugados. Somente o touro e o cão tinham sido deixados para trás; as vacas haviam desaparecido no momento em que o sol se punha. Não vira o velho um homem passar com elas? O velho respondeu: "Meu amigo, é difícil falar de tudo o que a gente vê. Muitos viandantes passam por este lugar, bons e maus. Como seria possível examinar todos eles? Além disso, passei capinando o dia inteiro, até o pôr do sol, aqui no vinhedo. Entretanto, parece-me ter visto um menino, mas não tenho certeza, e não sei quem era, que veio com o gado, com um cajado na mão. Caminhava às arrecuas, atrás das árvores, olhando de contínuo por cima dos ombros: as cabeças das reses estavam viradas na sua direção". Assim falou o velho. Estugando o passo, Apolo observou um pássaro de asas estendidas e imediatamente conheceu, pelo sinal, que era um filho de Zeus que se tornara ladrão. De um salto, viu-se em Pilo, envolto numa névoa que brilhava escuramente; observou os astros e disse entre si: "Que coisa singular! Estes são, com certeza, rastros de gado e, no entanto, parecem seguir na direção oposta, na direção do prado de asfódelos! Mas as pegadas não são de homem, nem de mulher, nem de lobos, ursos ou leões. Não posso acreditar que até um Centauro deixasse pegadas tão grandes. Isso é ainda mais desconcertante".

Apolo apenas falara e já estava no arborizado Monte Cilene, ao pé do esconderijo na rocha, profundamente sombreado, onde a ninfa imortal dera à luz o filho de Zeus. Tudo ali à volta exalava uma doce fragrância. Muitos carneiros pasciam na montanha. Apolo transpôs a soleira de pedra e entrou na caverna. Quando o filho de Zeus e Maia avistou o colérico recém-chegado, desapareceu imediatamente no meio dos cueiros rescendentes. Assim como a madeira queimada se esconde debaixo das próprias cinzas, assim se escondeu Hermes de Apolo. Fez da cabeça, das mãos e dos pés uma bola só, como alguém que acaba de banhar-se e chama pelo doce sono. Na verdade, porém, estava inteiramente desperto, com a lira debaixo do braço. O filho de Zeus e Leto reconheceu-os, pois bem os conhecia, a linda ninfa da montanha e seu filho muito querido, o pequenino tão prudente e enganosamente enrodilhado. Apolo vasculhou todos os cantos da caverna, com a chave de metal abriu três câmaras ocultas, todas cheias de néctar e ambrosia. Havia ali muito ouro e muita prata, muitos mantos carmesins e alvinitentes, como os que se guardam nas casas sagradas dos deuses benditos. Depois de haver explorado todos os recantos da casa, o filho de Leto dirigiu-se a Hermes: "Ó tu, criança que estás aí, ó tu, criança, que estás no berço! Dize-me, onde estão as vacas? E quanto mais depressa, melhor! De outro modo, dificilmente nos despediremos em paz! Arremessar-te-ei no Tártaro negro, na escuridão mortal da qual não há salvação. Nem tua mãe nem teu pai conseguirão devolver-te dali para a luz. Daqui por diante pertencerás ao Mundo Subterrâneo e terás o teu domínio no meio do povo miúdo!" (Com estas palavras, Apolo se referia aos mortos.)

Insidioso, respondeu-lhe Hermes: “Que palavras inamistosas proferes, filho de Leto? Que vacas procuras? Nada vi nem ouvi a respeito delas, e tampouco o soube por boca de terceiros. Nada posso declarar-te, nem sequer ganhar a recompensa do informante. Acaso pareço um homem forte, capaz de carregar vacas à força? Não é assim que emprego o meu tempo, senão de modo muito diferente – dormindo e bebendo o leite de minha mãe, deitado entre os meus cueiros ou em meu banho quente. Toma cuidado, portanto, para que ninguém venha a conhecer a razão da tua reprimenda! Seria, com efeito, uma notícia deveras surpreendente que uma criança recém-nascida fosse tão longe à procura de vacas. Nasci ontem, meus pés são delicados e o solo é duro! Se quiseres, jurar-te-ei, pela cabeça de meu pai, que não sou culpado nem vi ninguém roubar tuas vacas – sejam elas quais forem! Foi esta a primeira vez que ouvi uma referência a elas!” Enquanto assim falava, piscava, muito sério, erguia as sobrancelhas e emitia um longo assobio para encobrir o vazio das palavras.

Sorrindo, tornou Apolo: “Ah, tu, queridinho! Tu, enganador astucioso! Falas como um ladrão experimentado! Muitos pastores sofrerão em tuas mãos nas montanhas quando, com fome de carne, caíres sobre os seus rebanhos! Mas se for teu desejo que este teu sono não seja o último, pula do berço, tu, companheiro da noite negra! Pois esta será a tua glória especial entre os deuses imortais: serás o Príncipe dos Ladrões por toda a eternidade!” Assim falou Apolo; agarrou a criança e pensou em carregá-la nos braços para fora. Mas Hermes já esperava por isso: deixou cair uma lembrança na mão do meio-irmão, um mau mensageiro do estômago, e, imediatamente depois, espirrou. Apolo deixou-o cair incontinenti e, a despeito da pressa, sentou-se no chão ao lado da criança e ralhou com ela. Logo, porém, ajuntou: “Vamos, vamos indo, alegremente, infante encueirado, filho de Zeus e Maia! Com essas lembranças de passarinhos encontrarei minhas vacas! Serás meu guia!”

Hermes deu um pulo e correu diante de Apolo, com os cueiros em torno dos ombros, fazendo sinais com as mãos ao lado das orelhas, lamentando a sua sina, maldizendo todas as vacas do mundo, insistindo em sua inocência e até ameaçando Apolo com a cólera de Zeus. Mas seria supérfluo citar-lhe as palavras com exatidão, pois o leitor terá compreendido com certeza que aqueles deuses estavam brincando. De outro modo, por que se teria sentado Apolo no chão ao lado de Hermes? A história, todavia, continuou, descrevendo minuciosamente a forma com que a brincadeira prosseguiu no Olimpo, nos joelhos do pai: Zeus procedeu como se Hermes fosse um estranho para ele e perguntou a Apolo onde encontrara aquele adorável cativo, aquele menino recém-nascido que tanto se parecia com um mensageiro. Seria decoroso, perguntou, trazer um objeto daquela natureza à assembleia dos deuses? Ouvindo-o, Apolo descreveu os feitos do ladrãozinho. Referiu o modo com que suas vacas tinham sido roubadas, o modo com que Hermes realizara o truque das sandálias imensas e a forma com que Apolo finalmente o encontrara, no canto mais escuro da caverna sinistra, onde nem uma águia poderia tê-lo avistado. E o que era mais, Hermes tentara esconder o brilho dos seus olhos cobrindo-os com as mãos! Em seguida, Apolo passou a fazer um relato das mentiras que Hermes proferira.

Logo a seguir, Hermes apontou um dedo para Zeus e disse: "Pai Zeus, a ti contarei a verdade. Pois sou veraz e não posso mentir. Ele entrou em nossa casa hoje de manhã à procura das suas vacas. Não trouxe consigo nenhuma testemunha que pudesse ter visto o que aconteceu e pudesse depor perante os deuses. Tentou obrigar-me, à força, a uma confissão, e ameaçou atirar-me no Tártaro – visto que ele, de fato, está no apogeu da mocidade, ao passo que apenas nasci ontem, como ele mesmo o sabe..." E assim por diante: o próprio pai de Hermes seguramente acreditaria nele e as coisas poderiam piorar para Hermes, se não estivesse dizendo a verdade! Ele, Hermes, sentia-se envergonhado diante de Hélio e dos outros deuses! Agora, mais uma vez, Hermes cometeu perjúrio, mas, desta vez, na presença de Zeus, não pela cabeça do pai, mas pela esplêndida entrada do palácio dos deuses; e ameaçou Apolo da retaliação. Zeus, disse ele, devia ajudar o mais moço! Ouvindo isso, o pai explodiu numa enorme gargalhada, ordenou aos dois que se reconciliassem, e mandou Hermes conduzir o irmão ao lugar onde escondera as vacas. Dito isso, fez com a cabeça o sinal a que o próprio Hermes tinha de obedecer, como todos os deuses e homens.

Nessas condições, os dois esplêndidos filhos de Zeus deram-se pressa a ir para Pilo. Hermes tirou as vacas do cercado onde as havia escondido, numa caverna, ao pé do Rio Alfeu; conduziu-as para a luz do dia. Apolo já vira, de longe, as peles das vacas estendidas nas rochas poderosas e maravilhou-se da força do menino, capaz de matar duas cabeças de gado. Hermes levou a cabo mais outro prodígio: quando Apolo tentou amarrá-los, a ele e às vacas, com juncos, fez os juncos se enraizarem de novo no chão e crescerem sobre as vacas, de modo que elas não pudessem sair dali. Em seguida, apaziguou a ira do irmão com o som da lira. Apolo riu alto de alegria. O som maravilhoso penetrou-lhe o coração e ele, tomado de doce enternecimento, ouvia com toda a alma. O filho de Maia lá estava, à sua mão esquerda, destemeroso, tangendo a lira e entoando, com voz dulcíssima, loas aos deuses imortais e à Terra escura, contando como vieram a existir e como cada qual recebeu o seu quinhão. Em seu canto exaltou, acima de todos os deuses, Mnemósine, visto que ele mesmo, filho de Maia, pertencia ao seu lote. Exaltou outros deuses, todos na ordem mais bela e conveniente, de acordo com suas dignidades e com a ordem do tempo em que passaram a existir.

O desejo da lira que se apossou de Apolo era insaciável. Calculou que o instrumento bem valia as cinquenta vacas e admirou o irmão por havê-la inventado. Enalteceu a lira, cujo som tinha um efeito triplo: a alegria, o amor e o doce sono. Ele também, confessou Apolo, era um companheiro constante das Musas olimpianas, mas, até aquele momento, apenas como tocador de flauta. Dali por diante a fama de Hermes e de sua mãe estaria assegurada entre os deuses; e ele, Apolo, prometeria qualquer coisa em troca da lira. O ladino Hermes comportou-se graciosamente: deu-lhe a lira e recebeu em troca o cajado de pastor pertencente a Apolo e o *status* de pastor, como primeira recompensa. Mas foi-lhe preciso, naturalmente, jurar ao irmão que não lhe furtaria a lira nem o arco. Em vista disso, Apolo deu a Hermes mais um presente, um cajado de ouro, de três folhas, que confere riqueza. (O conto não se refere aqui especialmente ao conhecido caduceu de Hermes, com a serpente dupla enrolada – o caduceu do Mensageiro.) A única coisa que Apolo não cedia ao irmão era o poder da alta vidência: pois só a Apolo fora confiado o conhecimento das decisões de

Zeus. Mas deu a Hermes a vidência das três virgens enxameantes – três irmãs abelhas do Parnaso – e também seu próprio e antigo domínio sobre os animais, juntamente com o ofício de mensageiro, iniciado no caminho que conduz à Casa de Hades no Mundo Subterrâneo: o ofício de Psicopompo, escoltador de almas. Tanto assim se agradara Apolo do filho de Maia, o qual, além disso, recebeu de Zeus o direito de traficar com imortais e mortais: o ofício de mensageiro dos deuses. Os seres humanos também são beneficiados por Hermes – porém não muito: pois ele, às vezes, os desencaminha de caso pensado na noite escura.

2 Hermes, Afrodite e Hermafrodito

Ou a história dos primeiros feitos de Hermes, em certa ocasião, era contada por miúdo, ou era mais tarde ampliada com a história[521] do modo como o ladrão de gado aproveitou a sua oportunidade, enquanto o irado Apolo o ameaçava, para roubar-lhe também o carcás e as setas: diante disso, o irmão pôs-se a rir a bandeiras despregadas. Todos esses fatos aconteceram no "tempo pastoril" de Apolo, que ele passou na Tessália, onde seu irmão mais moço podia sentir-se tão à vontade quanto na Arcádia. As imagens religiosas erigidas em sua honra ou exibiam um estilo "cileniano", em que a imagem era um falo de madeira ou de pedra, ou então um estilo parecido, em que a imagem era um pilar retangular com uma cabeça e um falo ereto – imagem que, em nossa língua, se denomina *herma*. Diz-se[522] que essa imagem proveio dos Mistérios dos Cabiros – o que quer dizer, do norte da Grécia, onde se situa a Tessália. O Lago Bebe, na Tessália, foi o cenário do amor de Hermes, que mencionei ao falar no nascimento de Asclépio. Contava-se[523] que quando o deus avistou a deusa – às vezes chamada Perséfone, às vezes Brimo[524] – seus impulsos naturais foram indecorosamente excitados. Naquela região, a mesma deusa deve ter sido igualmente considerada mãe do deus; pois às vezes se fala em Hermes[525] como o fruto do caso de amor no Lago Bebe. Quando se afirma também[526] que Hermes houve Eros de Ártemis, é mais uma vez a mesma história. Temos sempre diante de nós a Grande Deusa, da qual Hermes –na forma das suas antigas imagens religiosas, ligada aos Dáctilos – era, a um tempo, marido e filho.

Numa história mais conhecida, a deusa tão proximamente associada a Hermes era Afrodite. Consideravam-se os dois irmão e irmã, visto serem ambos, numa genealogia[527], filhos de Urano, o céu noturno, e Hêmera, o brilho do dia. Hermes e Afrodite, com efeito, foram claramente gêmeos, pois tinham o mesmo dia de nascimento[528], o quarto dia do mês lunar. O filho deles foi Eros[529]: ou então, na verdade, seria ele o outro ser de quem agora falarei. Este último, criança ainda, fora confiado por Afrodite às ninfas do Monte Ida[530], que o criaram, até a virilidade, numa caverna. Nos traços do lindo menino podiam discernir-se, ao mesmo tempo, os do pai e os da mãe. Quando completou quinze anos, deixou o lar na montanha e percorreu, impetuoso, toda a Ásia Menor, admirando os rios, mananciais e fontes de cada região. Assim chegou à Caria, à fonte magnífica da ninfa Sálmacis. Esta não era companheira de Ártemis, jamais caçou, mas simplesmente lhe penteava os cabelos e admirava-se no espelho das águas. Quando viu o moço – cujo nome poderia ter sido igualmente Eros –, apaixonou-se por ele; mas não conseguiu seduzi-lo. Ele repeliu a ninfa, mas, como não podia resistir à água, mergulhou na fonte. Sálmacis abraçou o rapaz, e os deuses lhe

satisfizeram o desejo: ela tornou-se uma com o filho de Hermes e Afrodite, o filho chamado Hermafrodito, que, desde então, passou a ser realmente um hermafrodita, um moço feminino – mas não como Átis, que perdeu completamente a virilidade.

Nessa versão, a história não é antiga. O leitor há de estar lembrado de que em Amatunte, na Ilha de Chipre, a própria Afrodite era adorada como Afrodito. Desse modo, naquele país, encontramos também, num único ser, a união do masculino e do feminino, também conseguida por Sálmacis: união que até nos dias de hoje encontra expressão em nossa língua, quando falamos de duas pessoas casadas como sendo um *androgyno*, um "homem-mulher". O reverso dessa realização mútua nos é apresentado pela história de Narciso, trágica figura de menino, tão parecido com Jacinto que os dois eram amiúde confundidos um com o outro. Falava-se[531] do belo Narciso que, aos dezesseis anos de idade, viu, pela primeira vez, o seu reflexo numa das muitas fontes do Hélicon, na região dos tespienses na Beócia, região onde Eros era adorado especialmente. Narciso apaixonou-se pelo próprio reflexo e foi definhando, ou se matou[532]. Do seu corpo ergueu-se uma flor que ainda hoje se chama narciso: nome derivado da nossa antiga palavra *narke*, "estupor".

Outra figura que poderia igualmente confundir-se com a de Jacinto e que, portanto, era também considerada[533] um menino amado por Apolo, foi Himeneu, assim chamado por causa do grito de "Hímen", refrão melódico em nossos epitalâmios. A palavra também significa a virgindade de uma rapariga – a sua "flor", como é chamada metaforicamente[534]. Havia mais de uma história[535] sobre o modo com que, em seu casamento, o belo jovem Himeneu morreu na câmara nupcial; e havia também uma história[536] segundo a qual ele usava roupas de mulher a fim de seguir a adorada donzela com quem devia casar. Ele pode ser visto num mural de Pompeia, onde o pintaram como um segundo Hermafrodito. Essa qualidade do jovem deus parece referir-se à condição que levava ao casamento e terminava com o casamento, assim para moços como para moças: uma condição que liga Himeneu não só a Jacinto, mas também a Adônis.

3 O nascimento e os casos de amor de Pã

Incluído entre os filhos de Hermes figurava o grande deus fálico dos habitantes do Peloponeso, especialmente da Arcádia – um deus com chifres e pernas de cabra chamado Pã. Contava-se também de Hermes uma história semelhante à da servidão de Apolo ao Rei Admeto na Tessália[537]. Além disso, o caso de amor ligado a ela introduz Dríops, o "Homem-Carvalho", assim como Dríope, da qual já falei, ocorre na história de Apolo. A história de Hermes, por outro lado, teve por cenário a Arcádia. Hermes apascentava o gado de um amo mortal e, enquanto o fazia, apaixonou-se por uma ninfa, a "Ninfa de Dríops". Não se declara que Dríops era o amor mortal de Hermes, mas parece que sim. O desejo de Hermes realizou-se e uma criança mágica nasceu, com pés e chifres de cabra, cantando e rindo. Quando o deu à luz, a mãe ergueu-se em pé e saiu correndo, não deixando ninguém para aleitar o filho: tão apavorada ficou ao ver-lhe o rosto, selvagem e barbudo. Hermes apanhou-o, envolveu-o numa pele de lebre e levou-o à pressa para o Olimpo. Sentou-se ao lado de Zeus e dos outros deuses e apresentou-lhes o filho. Os imortais se deliciaram

com a criança – sobretudo Dioniso. Chamaram-lhe Pã porque "todos" se haviam agradado dele.

Em nossa língua *pan* significa "Todo", e o deus foi mais tarde identificado com o Universo físico – embora o seu nome, a não ser pelo som, não tenha relação alguma com isso. A história que acabo de contar dá a entender que Pã era membro da mais jovem geração de deuses. Cumpre não esquecer, todavia, que cada geração de deuses deve ter tido o seu próprio Pã, visto que já havia um Pã na caverna de Zeus, que o ajudou contra os Titãs, ou contra Tífon, e visto também que um Pã – juntamente com Árcade – era filho de Zeus e Calisto. Nosso grande poeta e mitólogo Ésquilo[538] distinguia entre dois Pãs: um filho de Zeus, irmão gêmeo de Arcas, e um filho de Crono. A distinção entre vários Pãs expressava-se também em nomes compostos, como Titanopã, Diopã, Hermopã – referindo-se em cada caso ao pai – ou Egipã, usado pelos que não queriam atribuir nenhum parentesco especial ao deus. Na comitiva de Dioniso, ou nas pinturas de paisagens agrestes, aparecia não somente um grande Pã, mas também pequenos Pãs, *Paniskoi*, que representavam o mesmo papel dos Sátiros, sobre os quais falarei logo. A semelhança com os Sátiros, que devem ter sido, a princípio, mais de um, provocou a dispersão e multiplicação do deus Pã, o qual, quando começou a existir, talvez tivesse um único irmão gêmeo e representasse a metade mais escura de um divino par masculino.

Toda a gente conhece as características imputadas a Pã num sem-número de contos menores: escuro, aterrorizante, fálico, mas nem sempre maligno. Está claro que ele, às vezes, poderia ser maligno, sobretudo à tarde, se fosse despertado do sono[539]. À noite, dirigia a dança das ninfas e fazia as vezes de arauto da manhã, vigiando desde os cumes da montanha[540]. Dele se contaram muitas histórias de amor[541] em que perseguia ninfas. Essas perseguições tinham, não raro, o mesmo resultado da perseguição de Dafne empreendida por Apolo: a ninfa Pítis transformou-se num pinheiro; Siringe converteu-se numa haste de cana, com a qual Pã modelou a *syrinx*, flauta de pastor com uma fieira de orifícios; Eco, perseguida por Pã, tornou-se uma simples voz, mero som refratado. Mas a maior paixão de Pã foi Selene. A respeito desse caso falava-se[542] que a deusa da lua se recusou a acompanhar o deus escuro. Diante da recusa, e a fim de agradar-lhe, vestiu-se Pã com peles de carneiros brancos e, assim, seduziu Selene. Chegou até a carregá-la nas costas. Não se sabe ao certo se lhe era necessário, até nos primeiros tempos, mudar de forma para desempenhar o papel de amante bem-sucedido de uma deusa que, repetidamente, se deixa abraçar pela escuridão.

4 As histórias relativas a Priapo

Como se chamava o deus de quem se dizia publicamente que era, ao mesmo tempo, pai e filho de Hermes?[543] Não pode ser nomeado com absoluta certeza, pois das linhas da inscrição que forneciam as informações necessárias só se preservou um fragmento. Eu já disse que o próprio Hermes apareceu, na qualidade de deus fálico, como marido e filho da mesma deusa. Disso se segue que outro deus fálico poderia desempenhar os dois papéis: quando Hermes era considerado o pai, esse outro era o filho, e vice-versa. A relação entre os dois correspondia à relação entre a Grande Mãe e seu parceiro masculino, que ela deu à luz, tomou por esposo e deu à luz outra vez.

Na inscrição dedicatória supramencionada esse outro deus era, muito provavelmente, Priapo, o deus fálico das cidades de Priapo e Lâmpsaco, no Helesponto, que são os modernos Dardanelos. Priapo era também incluído entre os filhos de Hermes[544], e dele se afirmava[545] que outro não era senão Hermafrodito. Adiantava-se que sua mãe era Afrodite, e geralmente se supunha que seu pai fosse Dioniso, ou Adônis[546], ou até o próprio Zeus[547]. A história do nascimento de Priapo foi obviamente modelada pelas do nascimento de Hefesto e Pã. Era a história[548] de uma ilegitimidade. Afrodite dera à luz um filho tão monstruoso – com uma língua imensa e uma barriga portentosa, uma criatura excessivamente fálica e, na verdade, fálica por trás (coisa que se dizia também de Fanes) – que o lançou de si, abandonou-o e renegou-o. A causa atribuída ao nascimento ilegítimo foi a inveja ou o ciúme de Hera (tema barato e, sem dúvida, nada antigo). Dizia-se que Hera aplicara ao corpo de Afrodite grávida um toque mágico, malfazejo. Um pastor encontrara o monstro e compreendera que a posição peculiar do seu órgão fálico – em outras palavras, a característica que não era apenas fálica, senão também hermafrodita – aproveitaria à fertilidade das plantas e animais.

Tínhamos outras divindades de caráter excessivamente, ou melhor, puramente fálico, cuja esfera era a geração e a fertilidade: como Ortano, "o ereto" (do qual também se dizia[549] que era filho de Hermes); Conisalo, "o turbilhão de pó"; ou Tícon, "o que acerta o alvo". Entre nós, a esfera do Priapo helespontino era tão restrita que ele só representava a parte de um grotesco deus de jardim, uma espécie de espantalho. Escritores inventaram situações obscenas e cômicas para ele. Contavam[550] que tentou atacar Héstia adormecida – ou a Vesta romana – e foi traído pelo zurrar de um burro. Com efeito, os sacrifícios de burros feitos a ele, em seu próprio país, ficaram famosos. Dele se dizia[551] na Bitínia, Ásia Menor, que era um deus guerreiro, um dos Titãs ou um dos Dáctilos do Monte Ida. Hera fê-lo preceptor do menino Ares, mas ele, primeiro que tudo, exercitou o pupilo para ser um perfeito dançarino e só depois para ser um guerreiro. Isso coloca Priapo no grupo de preceptores fálicos ou semianimais dos deuses, grupo que inclui Cedálion, Quíron e Sileno, mas também Palas, o preceptor de Atena.

5 Ninfas e Sátiros

As ninfas apareceram em muitas histórias de grandes divindades. Não poderia haver melhor lugar para falarmos delas do que neste relato referente a Hermes. Dentre todos os deuses, Hermes era o único filho de ninfa que tinha um lugar permanente no Olimpo; e esse fato refletia-se claramente em sua próxima e firme associação com as deusas chamadas *Numphai*, razão pela qual a grande deusa saudada, sob *um* dos seus nomes, como Maia se viu obrigada, na qualidade de mãe de Hermes, a rejeitar ou esconder seu *status* original. A palavra *numphe* significava um ser do sexo feminino através do qual o homem se tornava o *numphios*, ou seja, o noivo feliz que havia realizado o propósito da sua virilidade. Tanto se empregava o termo em relação a uma grande deusa quanto a uma donzela mortal. Se, contudo, se descrevesse algum ser simplesmente como ninfa, ainda que fosse também descrito expressamente como "deusa" e "filha de Zeus", isso não queria dizer que ela possuía o caráter eterno dos grandes deuses.

Entre os seres eternos poderiam incluir-se, por exemplo, as Nereidas (que estavam mais próximas das ninfas) – tão eternas quanto o seu elemento, o mar. Por outro lado, as ninfas da água (Náiades ou Naides) que pertenciam às fontes, e não às águas maiores, eram tão permanentes quanto as próprias fontes. Menos ainda o eram as ninfas associadas ao campo e à floresta, em especial a determinadas árvores, como as Dríades ou Hamadríades, as "Ninfas do Carvalho". Elas morriam com o seu carvalho. Havia[552] um método antigo de calcular o tempo de vida de uma ninfa: "Nove durações humanas de vida vive a gralha tagarela; um veado vive tanto quanto quatro gralhas; um corvo tanto quanto três veados; uma palmeira tanto quanto nove corvos; e tanto quanto dez palmeiras vivem as ninfas de vetustos cabelos, as filhas de Zeus".

Uma declaração praticamente no mesmo sentido[553] encontra-se no conto de Afrodite e Anquises, em que a grande deusa confiou o filho mortal às ninfas do Monte Ida – deusas de peitos profundos. Pois as ninfas, na maior parte das vezes, eram amas de deuses e heróis, deputadas e múltiplas imagens de suas mães, mais do que mães elas mesmas.

> "Não são seres humanos nem imortais", está dito nesse conto, "vivem muito tempo, alimentam-se de ambrosia e dançam com os deuses suas danças de roda. Sileno e Hermes jogam com elas o jogo do amor nos cantos de suas grutas aprazíveis. Pinheiros e carvalhos começaram a crescer quando elas nasceram, e medram com elas. Poderosamente se erguem tais árvores, seu nome é 'Bosque dos Deuses', e os mortais nunca lhes chegam o ferro. Se, porém, por vontade do Destino, a morte sobrevêm, as belas árvores, primeiro que tudo, murcham, depois perdem as cascas, partem-se-lhes os galhos e, nesse momento, as almas de suas ninfas também se despedem da luz do sol".

Essas palavras deixam claro que as ninfas, de início, se associavam às árvores de um Bosque dos Deuses: especialmente a árvores caras a uma ou outra grande deusa e cujas aflições – assim, pelo menos, se dizia[554] – causavam também aflições à grande deusa.

Tanto nos tempos remotos quanto nos mais próximos, as ninfas também apareciam como elas mesmas: com pulcros semblantes, trajando longos vestidos, conduzidas por Hermes, geralmente três de cada vez. Três parece ter sido o número básico, o número das Graças e de outras Trindades conhecidas, todas as quais representavam a forma dispersa de uma grande Deusa Tríplice. Pode dizer-se também, com certeza, que as ninfas faziam o mesmo. Hermes, seu companheiro constante – frequentemente em presença de Pã – representava a quarta parte masculina ao lado da Trindade feminina. Os Silenos, que acabo de mencionar, participavam de uma relação correspondente em que o elemento masculino era representado no plural. Tais seres – originalmente, sem dúvida, homens que nas danças e procissões apresentavam os acompanhantes fálicos da grande deusa – eram chamados, num antigo dialeto peloponesiano, *Satyroi*, Sátiros, "os plenos": termo descritivo de sua condição "abundante" e, portanto, sexualmente excitada. Esse era o nome mais genérico que se lhes dava. "Bodes" que representavam o mesmo papel – homens envoltos em peles de cabras; ou, nos contos, brinquedos divinos, caprídeos, das ninfas – também se chamavam Sátiros. A palavra *silenos* estava igualmente ligada aos dançarinos que, nesse papel, acrescentavam caudas de cavalos às suas pessoas. Os Silenos, criaturas de orelhas pontudas, cascos e cauda de cavalos, mas, em outros sentidos, em forma fálico-humana, com caras de nariz arrebitado e modos indisciplinados, tinham o mesmo privilégio de apresentar-se como tropa de divindades masculinas, igual à dos

Sátiros. Havia até histórias de um único Sátiro[555] que oprimia o povo da Arcádia e foi morto por Argos, que tudo via; ou de um único Sileno, preceptor de Dioniso. Pois todas essas figuras – Sátiros e Silenos, fossem humanos ou divinos – estavam associadas a esse deus. Entretanto, eram todos mortais, até os divinos[556]. Na Ásia Menor havia histórias de um Sileno que, quando embriagado e aprisionado, revelava verdades profundas; e de outra figura, Mársias, tão tolo que pretendeu competir com Apolo na música e foi derrotado e despojado da sua pele hirsuta: penalidade que não parecerá especialmente cruel se considerarmos que a forma animal de Mársias não passava de um disfarce.

Fora supérfluo continuar falando dos "Sátiros imprestáveis e malfazejos", como têm sido descritos em todos os tempos[557]. Eles não eram castigados por amarem ninfas, o que, para mortais comuns, teria sido perigosíssimo; como, por exemplo, quando o formoso menino Hilas desapareceu enquanto tirava água do poço – desastre provocado pela ninfa do poço e pelo luar[558], ou por uma trindade de ninfas[559], "deusas terríveis para os homens que vivem ao ar livre". Em nossa língua, usava-se a palavra *numpholeptos*, "agarrado pelas ninfas", para indicar o que os latinos chamavam *lymphaticus*, termo em que *lympha* é tradução de "ninfa", mas no sentido de "água" – ou *lunaticus*, "doente da lua", palavra com que mais tarde se designou o que ficava louco de quando em quando, ou apenas ligeiramente, e era considerado vítima das ninfas. Havia uma relação especial entre a humanidade como um todo e as Mélias, as "Ninfas do Freixo": mas estas tinham uma ascendência especial, pois eram filhas de Urano e Geia, nascidas do sangue do pai mutilado. Descreverei a relação quando contar a maneira como os seres humanos vieram a existir.

XI

Posídon e suas esposas

Depois de falar de Zeus e de suas esposas, de suas filhas e filhos – a respeito das quais eu ainda não disse tudo: as histórias sobre Dioniso ainda estão por vir, e as que se referem a Héracles têm o seu lugar apropriado na saga heroica –, falarei agora do irmão de Zeus, Posídon, e dos casamentos que celebrou.

É mister dizer-se que apenas um desses casamentos tem o significado dos casamentos de Zeus, que conduziram ao estabelecimento e à confirmação do seu domínio e, por esse modo, à ordenação final do mundo. Foi o casamento de Posídon e de Anfitrite, por cujo intermédio Posídon desposou o mar e tornou-se seu soberano. Na história que envolve Hália, ele ainda não era o soberano reconhecido do mar. Sua aliança com Deméter – que também se reflete provavelmente no nome Posídon, ou Potídan, "Marido da deusa Da" – pressupõe uma aliança anterior e íntima com a terra firme e o solo. Ainda que não se aceite que o componente "Da" do nome do deus é a forma mais curta de "Deméter", em seu significado de "Terra", o sobrenome de Posídon, Geiaoco, significa a mesma coisa, "Marido da Terra". Os contos que a ele se referem pintam-no como um deus turbulento, que nem servia à fêmea, como os seres puramente fálicos, nem detinha o domínio supremo sobre todos, como Zeus. Na qualidade de pai – pois também poderia ser chamado simplesmente Pater[560], "Pai" – encaixava-se em algum lugar entre as duas espécies de deus masculino: os que, de um lado, serviam à Grande Mãe; e os que, de outro, serviam ao Pai olimpiano – o qual, todavia, nos tempos de luta e enquanto o novo domínio estava sendo estabelecido, ainda se parecia com Posídon. Posídon continuou a ser um pai mais escuro ao lado do irmão celestial; continuou, por mais tempo e mais intimamente do que Zeus, a associar-se com formas animais; e o mar, com efeito, era o seu domínio mais apropriado. Entretanto, não era tão escuro quanto Hades, rei do Mundo Subterrâneo, o terceiro irmão e também o sinistro reverso de Zeus, uma vez que este último só reinava acima da superfície da terra.

Retratos conhecidos de Posídon mostram-no empunhando, majestoso, o emblema do seu poder, o tridente. Sua selvageria reprimida e sua cólera ameaçadora eram igualmente clássicas.

1 O nascimento de Posídon e o casamento em forma de carneiro

A história do nascimento de Posídon liga o deus a duas criaturas da terra, o carneiro e o cavalo. As divindades na Grécia e, na verdade, em todo o Mediterrâneo, tinham formas de carneiro muito antes de terem formas de cavalo. Dos dois animais, o cavalo foi o último a ser introduzido,

proveniente do norte. Em tempos mais recuados, Hermes e Apolo apareciam igualmente como carneiro: o primeiro, contudo, apenas como deus genitor, o último também como deus solar. Traços dessas manifestações preservaram-se em nossa religião, mas não existe história alguma que lhes diga expressamente respeito. No que toca a Posídon, que fez do cavalo seu próprio animal sagrado mais do que qualquer outro dos nossos deuses, temos duas histórias que envolvem a ovelha e o carneiro.

Contava-se[561] que Reia, quando deu à luz Posídon, escondeu a criança no meio de um rebanho de carneiros, ao pé de uma fonte chamada Arne, "a fonte dos carneiros". A Crono, que tentava devorar o recém-nascido, deu um poldro – como lhe deu uma pedra em lugar do filho Zeus. Em outra versão[562] da história, a ninfa da fonte a quem Reia confiou a guarda da criança tinha, naquele tempo, um nome diferente. Só quando Crono exigiu seu filho da ninfa, e esta negou que o tivesse, ela e a fonte adquiriram o nome Arne, como se a palavra tivesse relação, não com "carneiro", mas com o verbo, que soa de maneira diferente e significa "negar". Esta versão, com certeza, é tardia e incorreta. Outra história respeitante a Posídon, em que ele casou na forma de um carneiro inteiro, reza deste teor:

A noiva de Posídon, cuja história se contava ao jeito da saga heroica[563], chamava-se Teófane, que significa "a que aparece como deusa" ou "a que faz um deus aparecer". Seu pai, o Rei Bisáltis da Macedônia, era[564] filho de Hélio e Geia. Vários pretendentes disputavam a bela Teófane, mas Posídon raptou-a e levou-a para uma ilha cujo nome talvez significasse "a Ilha do Carneiro". Como quer que fosse, a história continua relatando que Posídon transformou a noiva em ovelha e a si mesmo em carneiro – na verdade, transformou em carneiros todos os habitantes da ilha. E quando os pretendentes se apressaram a persegui-la, não conseguiram descobrir o casal, e Posídon, como carneiro, consumou o casamento do qual nasceu o carneiro com o velocino de ouro que Frixo, mais tarde, levaria à Cólquida, dando origem assim à viagem dos Argonautas. Tudo isso, entretanto, pertence à saga heroica.

2 Posídon entre os Télquines

De acordo com uma história[565] a que já aludi quando discorri sobre os Télquines, Reia carregou Posídon recém-nascido para a segurança do seu povo de artífices habilidosos, os habitantes do Mundo Subterrâneo da Ilha de Rodes. Cafira, filha de Oceano, era a ama de Posídon. Foram os Télquines que lhe forjaram o tridente[566]. Mas nunca se aventou a hipótese de lhe haver esse povo cioso ensinado suas artes. Fazia-se menção também de uma irmã dos Télquines, uma irmã cujo nome era Hália, "a deusa do mar".

Quando Posídon chegou à virilidade – assim prossegue a história –, apaixonou-se por Hália e teve dela seis filhos, além de uma filha chamada Rodes, da qual a ilha recebeu o seu nome. Esse foi um tempo em que os Gigantes tinham irrompido na parte oriental da ilha e Zeus já derrotara os Titãs. Afrodite acabara de nascer do mar, perto de Citera, e já estava a caminho de Chipre. Os filhos insolentes e despóticos de Posídon impediram-na de desembarcar em Rodes. Por isso a deusa

os puniu com a loucura, de tal modo que eles procuraram deitar-se com a própria mãe. Isso fizeram, e também oprimiram os ilhéus com atos de violência. Ciente desses fatos, Posídon vingou a vergonha que os filhos tinham trazido à própria mãe fazendo-os descer abaixo da terra; desde então têm sido chamados Deuses, ou Espíritos, do Oriente. Hália atirou-se ao mar e, a partir daí, tem usado o nome de Leucoteia, "a deusa branca", adorada pelos habitantes da ilha como imortal.

Sobre a deusa chamada Leucoteia terei, mais tarde, uma história muito diferente para contar. A filha de Hália, Rodes, é a mesma Rode da qual também se dizia ser filha de Afrodite ou de Anfitrite. Os três nomes – Hália, Afrodite, Anfitrite e, além disso, Cafira – devem ter sido aplicados à mesma grande deusa. Nas ilhas mais setentrionais do Mediterrâneo ela também se chamava Hécate, Cabiro ou Deméter Cabíria e era considerada mãe dos Cabiros.

3 Deméter e os casamentos de Posídon feito garanhão

Da era um nome antigo correspondente a Ga ou Geia. Chamavam-na provavelmente De-méter ou Da-mater em sua qualidade de "Mãe-Terra", na qual desposou Posídon. Ambas as divindades tinham em comum o fato de estarem associadas de forma particularmente íntima com a vida rural e seus produtos. Claro está que a mesma afirmação pode ser colocada de outra maneira: que as duas divindades estavam associadas aos fatores que governavam e, portanto, produziam, até certo ponto, determinada forma agrícola de existência: a deusa ao trigo – em relação a essa associação havia histórias sagradas que relatarei adiante – e o deus ao cavalo, desde que se introduziu a criação de cavalos. Em sua aliança conjugal com Zeus, Deméter era predominantemente o *alter ego* de Mãe Reia, que deu à luz Perséfone para seu próprio filho e, ao fazê-lo, deu à luz de novo o seu próprio eu – mistério a cujo respeito pouco ou nada se falava publicamente. Em sua aliança com Posídon, por outro lado, ela era a Terra, que produz plantas e animais, e poderia, portanto, assumir a forma de uma espiga de trigo ou de uma égua.

Dizia-se[567] que quando Posídon principiou a perseguir Deméter com importunidades amorosas, a deusa já estava empenhada na busca da sua raptada filha Perséfone. Deméter transformou-se em égua e misturou-se aos cavalos do Rei Ôncio, que pastavam. Posídon percebeu o truque e uniu-se a Deméter na forma de um garanhão. A deusa, colérica, converteu-se em Erínis, a deusa da cólera, e foi efetivamente chamada Deméter Erínis até lavar a cólera no Rio Ládon; depois do banho, adquiriu o sobrenome de Lúsia. Ela deu a Posídon uma filha, cujo nome não podia ser pronunciado fora dos Mistérios e, ao mesmo tempo, o famoso corcel Aríon, o cavalo de crina preta. Aríon herdou a crina preta de Posídon – assim foi concebida a história até nos tempos de grande antiguidade. No conto[568] do casamento de Medusa e Posídon, a crina se converteu nas "madeixas escuras" do deus. Quando Perseu cortou a cabeça de Medusa da Górgona – cabeça que tinha o aspecto de uma Erínis – do pescoço da noiva de Posídon saltou o cavalo mágico Pégaso. Outra história[569] declarava que a noiva de Posídon, a que lhe deu Aríon, era uma Harpia. Como já observei, designações como Erínis, Gorgo e Harpia queriam todas dizer, praticamente, a mesma coisa.

Deméter reproduziu-se numa filha que não se pode nomear – aqui também reconhecemos um traço dos contos dos Mistérios – e Posídon reproduziu-se num corcel. Muito conhecida é a história[570] do modo como o primeiro cavalo foi criado por Posídon em competição com Palas Atena: a um toque do seu tridente, o cavalo irrompeu do solo rochoso da Ática. Havia também outra versão[571] da história em que Posídon adormeceu sobre uma rocha na Ática Colono e seu sêmen caiu sobre a rocha, que deu à luz o primeiro corcel, cujo nome era Cífio, "o torto", ou Cironites, "a criança de calcário".

4 Posídon e Anfitrite

Nenhum dos deuses que governaram o nosso mar antes de Posídon teve alguma coisa que ver com o cavalo: nem o centímano Briareu, cujo segundo nome, Egeon, está ligado a *aix*, "cabra", nem "o Velho do Mar" debaixo de nenhum dos seus vários nomes ou metamorfoses tiveram forma de cavalo. Antes de existir qualquer coisa como um cavalo-marinho, um deus em forma de touro costumava levar a reboque uma deusa mar afora. O próprio Posídon assumiu a forma de touro[572] e, em sua qualidade de deus do mar, tinha touros sacrificados a ele. Pois o touro também apareceu nas praias do Mediterrâneo muito antes do cavalo. Hipocampos – "monstros cavalares" – meio cavalos e meio peixes semelhantes a serpentes; Centauros do mar, cujos corpos animais inferiores eram uma combinação de cavalo e peixe; Oceânidas e Nereidas, com nomes que lhes revelam a natureza equina feminina – como Hipo, Hipônoe, Hipótoe e Menipe: todos apareceram pela primeira vez no mar grego depois que Posídon tomou posse dele. O que fez pelo seu casamento com Anfitrite.

Hesíodo incluía Anfitrite entre as cinquenta filhas de Nereu[573]. Ela poderia ter sido, entretanto, facilmente tomada por uma Oceânida[574], uma filha de Tétis. Pois cada uma dessas duas, Anfitrite e Tétis, era, sem termo de comparação com todas as outras deusas e em qualquer sentido particular, *a* senhora e dona do mar, a quem pertenciam todas as ondas espumantes e monstros marinhos. De Anfitrite isso se afirma expressamente[575]. Dizia-se[576] que Posídon espiava a deusa quando ela dançava com as Nereidas na Ilha de Naxos e raptou-a. Prossegue a história dizendo que Anfitrite[577] fugiu de Posídon até a extremidade ocidental do mar, até Atlas ou até o palácio de Oceano, situado na mesma vizinhança. O seu esconderijo foi revelado ao perseguidor pelos golfinhos. Em realidade, um golfinho persuadiu a deusa e levou-a até o noivo. E, como recompensa, foi colocado entre as estrelas.

Após o casamento com Anfitrite, Posídon passou a ser o senhor do nosso mar. O casal reinante se parecia, em muitos aspectos, com Zeus e Hera. Assim como Zeus podia ser invocado simplesmente como "Marido de Hera"[578], assim Posídon podia ser saudado como "Marido de Anfitrite, a do fuso de ouro"[579]. Sua procissão nupcial inspirou-se na de Dioniso e Ariadne: não somente cavalos, touros e carneiros, mas também veados, panteras, leões e tigres apareciam como monstros marinhos montados por Nereidas. Acerca dos Tritões, participantes masculinos dessas procissões de divindades tantas vezes retratadas, ainda terei mais alguma coisa a dizer.

5 Os filhos de Anfitrite

Posídon, o marido turbulento não só de Anfitrite, mas também de muitas Nereidas, Náiades, ninfas e heroínas, foi o pai de numerosos filhos que desempenharam suas partes na saga heroica. Entre estes havia não somente heróis, mas também seres selvagens e violentos que foram derrotados pelos heróis – seres como Polifemo, o Ciclope, cujo castigo, aplicado por Ulisses, reclamava a vingança de Posídon. As histórias dos deuses que estou relatando agora não fornecem ensejo para uma nova descrição desses seres. Mas posso falar dos filhos dados por Anfitrite a Posídon – ou, pelo menos, dos dois mais famosos e que já mencionei: Tritão e a deusa-ilha Rodes.

Hesíodo[580] chamava Tritão de "o da força ampla" e descrevia-o como um grande deus que habitava o fundo do mar, no palácio de ouro de sua adorada mãe Anfitrite e seu senhor e pai Posídon. Segundo o poeta, era uma divindade terrível. Já fiz alusão ao seu caso de amor com Hécate, e também ao modo com que Héracles o venceu pela força na presença do tríplice "Velho do Mar" – cuja arte de metamorfose o deus mais moço aparentemente não possuía. Tritão tinha uma forma semipíscea e semi-humana e pode ser melhor comparado com os Silenos e os Sátiros. A única diferença existente entre eles estava em que estes se haviam desenvolvido a partir de seres humanos disfarçados em criaturas da terra, ao passo que os protótipos de Tritão eram homens que se enfeitaram com caudas de peixes ou de golfinhos. Antiga pintura de vaso da Itália mostra um trio de dançarinos assim.

Os contos que falam em Tritão podem ser sintetizados da seguinte maneira: ele era o Sileno ou o Sátiro do mar, estuprador de mulheres – na verdade, estuprador de meninos também, e desde os tempos mais remotos esses estupros eram levados a efeito por vários Tritões ao mesmo tempo –, um ser capaz de despertar o terror e desencaminhar os homens com a sua trompa de concha. Os Tritões eram às vezes seguidos de Tritões femininos. De ordinário, porém, as Nereidas os acompanhavam quando eles nadavam em procissões nupciais mar afora, celebrando o casamento de Posídon e Afrodite, ou o nascimento de Afrodite, ou os mistérios revelados, segundo consta, pelas Nereidas ao gênero humano.

A história da deusa Rodes, filha de Anfitrite, passa-se, toda ela, no meio das vagas espumejantes de sua mãe; no entanto, ela também nos apresenta à família do deus-sol. O nome Rodes está inseparavelmente ligado a *rhodon*, "rosa", assim como a deusa está inseparavelmente ligada à ilha. Dizia-se[581] que quando Zeus e os outros deuses partilharam a terra entre si, a Ilha de Rodes ainda não era visível: jazia escondida nas profundezas do mar. Hélio, o deus-sol, ainda não se apresentara à partilha, de modo que os outros o deixaram, o deus imaculado, sem propriedades. Quando, de inopino, se lembraram dele, Zeus propôs que cancelassem a partilha e começassem de novo. Hélio, porém, não consentiu nisso. Afirmou ver uma frágil nesga de terra erguendo-se do mar. Chamou Láquesis, a deusa da partilha, para que erguesse as mãos e jurasse, juntamente com os outros deuses e o filho de Crono, que o que quer que estivesse agora aparecendo caberia a ele como seu quinhão. E assim aconteceu: a ilha brotou das águas salgadas e passou a pertencer ao pai gerador dos raios do sol, o auriga dos corcéis que despedem fogo. Na ilha, o deus se consorciou

com a deusa Rodes e dela teve filhos. No princípio, a ilha e a deusa eram uma única pessoa, assim como o eram Delos e a deusa-estrela Astéria; ou, como Lemnos, Ilha dos Cabiros e de Hefesto, e sua Grande Deusa, que também se chamava Lemnos[582].

XII
O Sol, a Lua e a sua família

O Sol e a Lua – considerados unicamente como eles mesmos e sob os nomes de Hélio e Selene, palavras gregas designativas desses corpos celestes –não desempenharam um papel muito grande na nossa mitologia. Ao invés disso, emprestaram seus raios dourados e prateados a outras divindades que eram pelo menos tão humanas quanto eles eram celestes e astrais. Por mais semelhantes ao sol e à lua que possam parecer as outras divindades – Zeus e Hera, Apolo e Ártemis, para não nomear os outros –, em nosso entender elas ocupavam uma posição *acima* dos corpos celestes. Esses deuses ensinavam aos homens segredos da vida em forma de imagens – coisa que o Sol, a Lua e outras estrelas nunca poderiam fazer sozinhas.

Entretanto, até o deus Hélio, o deus "Sol", tinha uma conexão mais íntima com a existência humana do que a que possuía, fora da mitologia, o corpo celeste, o "sol". Isso acontecia não só porque o medíamos instintivamente por padrões humanos, mas também porque o víamos em forma humana. Considerando-o dessa maneira, nós o julgávamos infatigável[583] – um auriga perseverante, originalmente tirado por touros[584] e só mais tarde por "corcéis que despediam fogo"[585]. Ele estava ligado à nossa existência como a fonte da visão: externamente como pai gerador dos raios do sol[586], mas também interiormente, e por uma razão mais profunda, como se nossos próprios olhos fossem filhos do sol, o "olho incansável"[587]. "Ó tu, raio do Sol, mãe dos olhos que muito vê"[588], eram as palavras iniciais de um peã composto pelo nosso grande poeta Píndaro – peã, canto em honra de Apolo. Não era *a priori* impossível considerar o Sol como divindade maternal. Nossa língua tinha até um nome feminino, "Hélia"[589], que significa "sol": nome de uma das filhas do Sol, irmã de Faetonte – pois a família de Hélio contém muitas donzelas e mulheres divinas.

Para nós, acima de tudo, Hélio era um pai e, como pai, estava entrelaçado com toda a nossa existência: como testemunha, que tudo vê e tudo ouve[590], de nossos atos – uma espécie de consciência superior que pairava sobre nós e podia ser convocada para dar testemunho da verdade[591] – e como pai genitor, do qual se originam todos os dias de nossa vida. Todas as manhãs ele nos concede um dia de vida, a menos que decida tirar-nos um ou todos eles. Tirou, por exemplo, de Ulisses, por muito tempo, e para sempre dos seus companheiros, o dia de regresso a casa[592]. Deus gerador e consciente, não foi em nossa mitologia apenas uma força produtiva cega. Quando se punha, todas as tardes, nossos avós entendiam que isso acontecia, simplesmente porque Hélio tinha outro domínio: ou do outro lado da terra, sobre os homens, vivos ou mortos, que lá

moravam (essa ideia foi expressa[593] até por poetas e filósofos muito antigos); ou nas profundezas da sagrada escuridão da Noite[594], onde morava com a mãe, a esposa e os filhos queridos. Quando os gregos dizem, até o dia de hoje: "Hélio é rei", isso só algumas vezes significa que é meio-dia; usa-se comumente a frase para descrever o pôr do sol.

Contava-se[595] que, na hora em que se põe, o deus-sol sobe a uma grande taça de ouro – a mesma que ele, certa vez, emprestou a Héracles, quando o herói viajou para as ilhas ocidentais de Oceano em busca do gado de Gerião. A taça carrega o deus – assim nos afirmam[596] – sobre as ondas espumantes. É um sítio oco de repouso, cheio de delícias, vaso que Hefesto forjou de ouro precioso e equipou com asas. Ele carrega sobre a superfície da água o deus adormecido, a uma velocidade furiosa, desde a morada das Hespérides até a terra do Etíope, onde o rápido carro e os céleres corcéis se detêm para ele até a aproximação da Deusa da Manhã, Éos, que nasceu cedo. O modo com que Hélio, no oriente, sobe no carro e surge de novo no Céu nos foi amiúde descrita e pintada. Como diz um poeta[597]: "Terrivelmente cintilam os seus olhos desde o elmo de ouro, ofuscantemente se projeta o brilho dos raios. Sobre suas têmporas esplendem as peças do elmo que lhe circundam o rosto, em torno de um semblante delicioso, que refulge ao longe. Ao sopro do vento impetuoso, o manto fino do deus luz como os raios à sua volta. Debaixo dele resfolegam os garanhões". Na maioria das imagens que dele se conhecem, Hélio não usa elmo, apenas a coroa de raios na cabeça, e é um belo mancebo. Seus cavalos são alados e, diante do seu carro, meninos saltam longa e amplamente ou se preparam para saltar: são as estrelas. As duas deusas, Éos e Selene, irmãs de Hélio, seguem à frente – a deusa da lua, muitas vezes, num carro que mergulha para baixo.

A genealogia de Hélio já foi descrita nos contos dos Titãs. Com efeito, sob o domínio de Zeus, somente ele conservou a apelação de Titã. A Titânida Teia deu-o, com suas duas irmãs, ao Titã Hiperíon: Teia, deusa de muitos nomes, por amor da qual os homens estimam o ouro – era isso, pelo menos, o que se dizia[598], talvez porque ela fazia jus a presentes de ouro, como também, e especialmente, o fazia Perséfone. Além de chamar-se Teia – "a Divina", palavra que se ajusta precisamente à qualidade em virtude da qual os deuses eram deuses –, a mãe do Sol também se chamava Eurifessa, "a que brilha amplamente"[599], e se adornava com o apelido de "a que tem olhos de vaca". Esses nomes relembram os de Europa e Pasífae, ou Pasifessa – nomes de deusas lunares associadas com touros. Na mãe de Hélio podemos reconhecer a deusa da lua, assim como em seu pai, Hiperíon, o próprio deus do sol. Este último nome significa "ele acima", "o que fica por cima da cabeça" – em outras palavras, o Sol, a quem Homero dá o mesmo nome, chamando-lhe não somente Hélio, mas também, em outros passos, Hiperíon[600], ou dando-lhe o nome duplo de Hiperíon Hélio[601]. Nossos antepassados parecem tê-lo considerado uma divindade autogerada, semelhante ao marido e filho de muitos nomes da Grande Mãe, um Dáctilo ou um Cabiro. Admitia-se que a esposa de Hélio era chamada por um nome diferente do de sua mãe; mas o seu, Perse[602] ou Perseida[603], era também um dos nomes da deusa da lua Hécate e representava, sem dúvida, o aspecto subterrâneo da deusa "que brilha amplamente". O nome da rainha do Mundo Subterrâneo, Perséfone, pode ser tomado como uma forma mais longa, talvez simplesmente mais

cerimoniosa, de Perse. Outra designação da esposa do deus do sol[604], Neera, "a Nova" – o que quer dizer a lua nova, a lua em sua fase mais escura –, forneceu uma ideia mais acurada da ocasião em que a deusa da lua se tornou mãe dos filhos de Hélio: a ocasião do encontro aparente entre o Sol e a Lua no tempo da lua nova.

Nomeadas como filhas de Hélio e Neera figuravam Lampécia, "a que ilumina", e Faetusa, "a que brilha". De acordo com a história contida na Odisseia[605], as duas guardavam as trezentas e cinquenta cabeças de gado de Hélio na Ilha de Trinácria. O número é o dos dias do ano[606], em que doze meses lunares juntos constituem um ano incompleto do sol. Era natural que Hélio, depois que os companheiros de Ulisses lhe devoraram o gado, retaliasse[607], tirando de todos eles o dia da volta ao lar. Tampouco surpreende que na história do filho de Hélio, Faetonte – história que contarei num momento –, o número das filhas do sol fosse aumentado para três. A terceira irmã chamava-se[608] Aglaia, "Luz" – o que quer dizer "luar" – ou Febe, também uma apelação conhecida da deusa da lua. Mais tarde ainda, falou-se que Faetonte tinha sete irmãs[609], que se imaginavam reconhecíveis nas sete estrelas das Híades – entre as quais se incluía Hélia, o Sol feminino. Supunha-se também[610] que as três Cárites fossem filhas do Sol, mas deviam ser distinguidas das famosas Helíades: Circe, filha de Hélio, e Perse, a sedutora feiticeira da Odisseia[611], que costumava transformar seus visitantes em animais; Pasífae, que aparece em contos cretenses; e Medeia, que, de acordo com histórias que nos chegaram, era uma feiticeira cruel, que fazia em pedaços suas vítimas e a quem as sagas concernentes a Jasão e aos Argonautas deram a fama permanente de assassina do irmão, do sogro e, finalmente, dos próprios filhos. Ela se achava intimamente ligada à lua; mas, como indiquei, o seu lugar apropriado é na saga heroica.

Dois filhos de Hélio tornaram-se famosos. Eeta, pai de Medeia, possuía características escuras. Na saga heroica é rei da Cólquida, país que fica no Cáucaso; no princípio, todavia, escassamente se distinguia de Hades, o rei do Mundo Subterrâneo, invisível e dador da invisibilidade, oposto e reverso de Hélio. O outro filho, Faetonte, "o brilhante", era chamado por esse apelido do pai, que também se chamava Hélio Faetonte[612], exatamente como o pai deste último se chamava Hiperíon Hélio.

1 A história de Faetonte

Até na Antiguidade havia estudiosos que, se não pudessem reconhecer a história comum por trás dos vários contos de uma dada figura mitológica, singular e singularmente nomeada, saíam da dificuldade asseverando que existiam diversas figuras com o mesmo nome. Essa afirmação quase sempre era muito precipitada; e seria igualmente muita precipitação de nossa parte tentar distinguir entre dois jovens divinos chamados Faetonte. Sabemos que o nome foi dado a um filho de Hélio, uma espécie de sol mais jovem ou menor. Acrescente-se que a outros corpos celestes poderia ser dado esse nome, mas somente se semelhassem "um pequeno sol". Em épocas subsequentes o planeta Júpiter[613] – ou o planeta Saturno[614], o qual, entre nós mesmos e no Oriente, tinha o nome idêntico ao do Sol[615] – era havido por Faetonte. Originalmente, contudo, a denominação foi dada

à estrela mais próxima da deusa Afrodite. No leste, a estrela era o planeta da deusa do amor, e até hoje se denomina Vênus. Em nossa nação ela era estimada como a estrela da tarde e a estrela da manhã, como Héspero e Fósforo ou Heósforo, como se fossem duas estrelas diferentes. Dizia-se que Fósforo nascera de Éos e Céfalo[616], como também nasceu Faetonte na narrativa que vou fazer, na qual a relação da estrela com Afrodite era de tal natureza que nos recorda Adônis. A história de Faetonte deveria, por justiça, ser incluída entre as que dizem respeito aos grandes amantes da deusa do amor.

Dizia-se[617] que Afrodite se tomou de amores pelo divino Faetonte, filho de Éos e Céfalo. Ele mal chegara ao tenro florescer da mocidade, era quase um menino, quando a deusa do amor o roubou. Logo a seguir, tornou-se guardião do santuário mais sagrado da deusa, nomeado para o posto por Afrodite, que o alçou à condição de deus ou de espírito divino, de *Daimon*, posto que trazia consigo a mesma imortalidade que possuía Adônis. Até nas outras histórias em que o pai de Faetonte não era o semidivino Céfalo, mas o próprio Hélio, tinha Faetonte, pelo menos, uma mãe e um padrasto que o ligavam ao mundo dos mortais e dos mortos. Numa história[618], sua mãe era chamada Climene. Supunha-se que o marido dela – o que quer dizer, o padrasto de seu filho – fosse[619] Mérope, rei de um país especialmente amado pelo deus do sol: a Etiópia, ou a Ilha de Cós. Muito possivelmente, "Mérope" significava o próprio sol. Climene era um nome da Rainha dos Mortos, Perséfone; e, numa história[620], a esposa de Mérope chegou prematuramente ao reino dos mortos, como também aconteceu com Perséfone.

A história de Faetonte, filho de Hélio e Climene, contava[621] que o menino, como jovem deus do sol, certa manhã subiu no carro do pai. Ergueu-se alto demais e caiu. Podemos reconhecer aqui a estrela da manhã, que se levanta muito cedo e logo desaparece. Na mesma história se acrescenta que Zeus arremessou violentamente seu raio contra o cocheiro audacíssimo, mas só o atingiu depois que Faetonte já mergulhara no Rio Erídano. Ali rebentou uma grande conflagração, que só pôde ser extinta pelo dilúvio. No princípio, com certeza, a conflagração não entrava na história, de acordo com a qual o moço foi meramente detido em seu soberbo voo. Em contos ulteriores[622] Faetonte guiou o carro do Sol rente à terra, destruindo tudo pelo fogo, e por isso teve Zeus de abatê-lo. Na Antiguidade, o Rio Erídano era identificado com o Pó. As filhas do Sol prantearam o irmão às suas margens. Dessas lágrimas surgiu o âmbar, e elas mesmas se metamorfosearam em choupos. Por fim, todos, juntamente com Erídano[623], foram elevados ao céu como constelações. O fim original da história, todavia, encontra-se num conto cretense. Em Creta[624], o cocheiro destruído se chamava Adimno, ou Atímnio. Irmão de Europa[625], podia ser visto reaparecendo todas as noites. É fato que a estrela da manhã, cadente, reaparece como estrela da tarde e, no céu vespertino, é um acólito de Afrodite.

2 Selene e Endimião

Com suas mudanças visíveis e seus movimentos quase visíveis, sua relação mutável com o sol e com a terra e sua participação tanto na luz quanto na escuridão, a lua fornecia material para

inúmeras histórias: para histórias cujas heroínas eram grandes deusas, ou talvez apenas uma deusa, a maior de todas, uma deusa cujas múltiplas facetas nos impede *a priori* de identificá-la com um corpo celeste. Com a deusa visível Selene estavam associadas muitas heroínas: caçadoras e corredoras femininas, virgens perseguidoras e perseguidas da saga heroica. Até na Antiguidade se sabia que as rápidas alternações da lua e do sol no céu correspondiam a essas imagens. Das velhas histórias dos deuses em que uma Deusa da Lua em forma de vaca consumava o seu casamento com o touro do sol[626] só restou, em relevos ulteriores, o carro de Selene puxado por muares. Ela possuíra uma equipagem de biga, em contraste com a quadriga de Hélio, e pode também ser vista montada sozinha num boi ou num cavalo, numa mula ou num veado. Era invocada como ser celestial alado[627], mas podia ser arrebatada por uma cabra – em certa ocasião, com efeito, pelo próprio Pã, o qual, como já contei, a seduziu, envolvendo-se numa pele de carneiro.

Além de ser chamada Selene – palavra ligada a *selas*, "luz" – a deusa tal e qual aparecia no céu era também chamada Mene, forma feminina de *Men*, palavra que significava lua, o mês lunar, e na Ásia Menor também significava um deus da lua. Numa história[628] sobre o casamento de Selene com Zeus, a deusa da lua deu ao soberano celeste uma filha chamada Pândia, "a que brilha inteiramente" ou "a inteiramente brilhante" – sem dúvida o brilho das noites de lua cheia. As duas histórias de amor referentes a ela – as dos seus casos com Pã e Zeus – entraram em nossa mitologia: o que não aconteceu, entretanto, com uma história[629] posterior de um casamento entre Selene e Hélio como a deusa da lua e o deus da lua nas formas com que podem ser vistos no céu. A nossa Selene era irmã de Hélio, ser tão puramente fraterno quanto Ártemis o era em relação a Apolo. Qualquer casamento entre eles teria de ter sido inteiramente circunscrito às regiões invisíveis, subterrâneas, onde ambos tinham nomes inteiramente diversos e outras formas de manifestação do que as que tinham no céu. A única história de amor famosa que se contava da nossa deusa da lua originou-se na Ásia Menor e teve por cenário uma caverna.

Dizia-se[630] que quando Selene desapareceu por trás da crista da montanha de Latmo, na Ásia Menor, estava visitando seu amante Endimião, que dormia numa caverna naquela região. Endimião, que em todos os seus retratos aparece como um formoso jovem, pastor ou caçador, recebeu o dom do sono perpétuo – sem dúvida, na história original, da própria deusa da lua[631], de modo que ela sempre pudesse encontrá-lo e beijá-lo na caverna. O nome Endimião quer dizer alguém que "se encontra *dentro*", envolvido pela sua amada como num vestido comum. Segundo um poeta de um período subsequente[632], o deus Hipno, o deus alado do sono, apaixonou-se por Endimião. Conferiu ao moço a capacidade de dormir de olhos abertos. Em nossos contos[633], Endimião era rei da Élida, o país dos Jogos Olímpicos, fundados, segundo se sabe, por um Dáctilo do Monte Ida (Endimião está mais próximo de um Dáctilo do que de Adônis). Ele teve de Selene cinquenta filhas, o mesmo número dos meses de uma Olimpíada. Seu sono perpétuo foi uma dádiva de Zeus, que lhe permitira escolher o próprio modo de morrer[634]: e Endimião escolheu o sono perpétuo em vez da morte. De acordo com outros contadores de histórias, essa condição lhe foi infligida como castigo porque, depois de ter sido alçado ao Céu por Zeus, procedera como Íxion, tentando fazer amor com Hera. É evidente que a deusa da lua, além de aparecer sob o nome de

Selene, poderia também sustentar realmente a dignidade da Rainha dos Deuses.

3 Éos e seus amantes

Os filhos do casal de Titãs Hiperíon e Teia constituíam uma trindade; além de Selene, Hélio tinha outra irmã, a Deusa da Manhã, Éos[635], que pode ser vista, exatamente como a deusa da lua, correndo à frente do deus do sol que se levanta ou flutuando, figura alada, numa quadriga, um carro do sol apropriado. Não seria de todo correto traduzir Éos por "rubor da manhã". Seus braços e dedos eram, de fato, rosados, e sua túnica tinha uma coloração amarelo-açafroado, mas ela mesma era algo mais do que um simples fenômeno colorido do céu. Era o novo dia, e era também assim chamada[636], como Hêmera, "Dia", ou pelo nome antigo de Tito[637], forma feminina de Titã, que significava igualmente "dia"[638]. Como no nome Hélia, também em Éos encontramos o reverso feminino do sol e uma irmã mais selvagem e turbulenta de Selene: irmã cujas histórias de amor eram mais apaixonadas do que as da própria deusa da lua.

De todos os seus amores, o mais famoso foi o que ela dedicou a Titono. Arrebatara-o num carro de ouro[639], e Homero nos conta[640] que toda vez que ela traz luz aos homens, levanta-se da cama onde estava deitada ao lado de Titono. Titono é uma forma masculina de Tito e pertencia, como o nome de Éos, a uma língua mais antiga, que não era a grega. Como deus e jovem mortal, nascera na Ásia Menor e estava, sem dúvida, próximo de Adônis e Faetonte. O nomeado por derradeiro aparece[641] – sob o seu nome, e como Fósforo[642], Heósforo[643] ou Heoo[644] – juntamente com o cíprio Pafo[645] na lista dos filhos de Éos, ou como seu neto, filho de seu filho Titono, que ela deu à luz na Síria. Contava-se[646] que Éos, a deusa do trono de ouro, arrebatara o divino Titono, jovem da família dos reis de Troia. Em seguida, teria procurado Zeus e pedido a ele que concedesse a vida eterna ao seu amado. Zeus teria diferido o pedido. Não lhe ocorrera, porém, que teria sido melhor solicitar para Titono a bênção da mocidade e proteção contra a velhice. Por conseguinte, enquanto Titono foi moço, viveu alegremente com Éos, ao pé de Oceano, na borda oriental do mundo. Mas quando fios brancos lhe apareceram na bela cabeça e na barba, a deusa deixou de compartir com ele o seu leito. Em vez disso, tratava-o como a uma criancinha, dava-lhe a comida dos deuses e lindos trajos. E quando a velhice encanecida tirou dele todo o poder de movimento, a deusa instalou-o num quarto e trancou a porta. Só a voz de Titono emergia desse quarto: ele já não tinha força nos membros. Certas minúcias da história, não encontradas na narrativa anterior, são fornecidas por outros narradores[647]: Titono transformou-se em cigarra. Éos deu-lhe filhos. O mais famoso foi Mêmnon[648], que chegou a Troia vindo da terra oriental do Sol, Etiópia, a fim de ajudar a família de seu pai, e tombou às mãos de Aquiles: trágico episódio da saga heroica, que, dizem, mergulhou a deusa em profundo pesar. Uma magnífica pintura de vaso mostra-a carpindo o filho morto.

O grande amor de Éos aos moços bonitos, que ela costumava arrebatar à força, dominava de maneira tão considerável as suas histórias que houve quem dissesse[649] que suas contínuas paixões eram uma punição infligida por Afrodite, que não lhe perdoava o haver feito Ares desertar a deusa

do amor. Com efeito, Éos aparece em nossa mitologia como uma segunda e implacável Afrodite. Dos mancebos que amou, muitas vezes só se conhecem os nomes – o nome, por exemplo, de Clito[650], "o renomado". Sua beleza fizera a deusa raptá-lo, para que ele pudesse figurar entre os imortais. Nome curioso era o do loiro Céfalo, a que já fiz alusão como filho de Hermes e Herse e pai de Faetonte. *Kephale*, palavra da qual deriva o nome, significa "cabeça". Por essa bela cabeça travou-se uma disputa na Ática entre Éos e Prócris, esposa de Céfalo. A história de Céfalo e Prócris leva-nos de novo à saga heroica. Essa rival feminina de Éos era uma heroína que tinha mais características lunares do que qualquer deusa. Na Ilha de Cefalânia contava-se a história[651] de um Céfalo que ali se uniu a uma ursa. Sabemos que esse animal é uma forma de manifestação de Ártemis ou, na história de Calisto, duplo da mesma deusa que tinha outro nome. Finalmente, Éos apropriou-se de Céfalo[652]. Fez o mesmo com muitos lindos meninos, como vemos em antigas ilustrações. Pode ser que Céfalo, "Cabeça", se veja agora no céu. Talvez seja a "Cabeça" da Constelação de Oríon, outro favorito astralizado de Ártemis e Eos, de quem falarei agora.

4 Histórias de Oríon

Toda uma guirlanda de histórias se reúne em torno da constelação de Oríon. Em nossos céus brilha ela com esplendor especial, e dizia-se que fora anteriormente o selvagem caçador Oríon, figura gigantesca que avulta na nossa mitologia como se tivesse saído de uma idade bárbara e primitiva. Seu nome era associado com justeza[653] aos dos meninos-gigantes Oto e Efialtes, os Alóades, dos quais se dizia que só perdiam em beleza para Oríon. Contei, na minha narrativa acerca da deusa Maia, que um grupo de donzelas divinas fugiu de Oríon e foi finalmente convertido na constelação de sete estrelas das Plêiades. Oríon perseguiu-as – numa história[654] o seu alvo era uma donzela apenas, chamada Plêione, mas em outras[655] ele perseguia Plêione e suas filhas – através da Beócia, durante cinco ou sete anos. Talvez já nas histórias antigas elas fossem pombas silvestres (*peleiades*) que o selvagem caçador estava, de fato, querendo matar, mas, ao mesmo tempo, eram deusas, como também o era a ursa que entrou nos céus em companhia delas e de Oríon[656]. Explicarei a seguir a estreita relação entre esse determinado caçador e Ártemis. Tal é, sem dúvida, a razão por que se dizia que as Plêiades que Oríon perseguia[657] tinham sido companheiras de caçada da deusa. Contarei agora as histórias pertinentes ao caçador.

Numa delas[658] se supunha que Oríon fosse filho de Posídon e Euríale, filha de Minos. Essa história do seu parentesco revela quão próximo esteve ele, em dado momento, do selvagem caçador de Creta, também conhecido por Zagreu, e do próprio Minos, o perseguidor de Britomártis. Na Beócia, no entanto, contava-se uma história diferente[659] do parentesco do gigante caçador. Em Tânagra morava o hospitaleiro Hirieu, cujo nome significa "o Homem-Abelha". Referi, na história de Crono, que nos tempos primordiais os deuses se embriagavam com mel. Consoante outros narradores, não foi Hirieu, mas um rei chamado Eneu[660], ou Enópion[661], que representou um papel importante na história de Oríon. Esses nomes estão ligados a *oinos*, "vinho", exatamente como o nome Hirieu e o da cidade de Hírie, que pertencia a Tânagra, estavam ligados a *hyron*, "colmeia". Contava-se que Hirieu, ou Enópion, foi visitado por três deuses. (Geralmente os deuses

mencionados eram Zeus, Posídon e Hermes.) Esses deuses consentiram que o seu sêmen fluísse para dentro da pele de um touro sacrificado e ordenaram ao hospedeiro que enterrasse o saco de couro enchido dessa maneira. Dele, depois de dez meses, ergueu-se Oríon, gigante nascido da Terra[662]. Assim os deuses deram um filho ao seu hospedeiro, que até então não tivera nenhum.

Na continuação da história[663] – sobretudo como é contada na Ilha de Quios – os efeitos do vinho representaram papel importante. Embriagado, Oríon violentou Mérope, a esposa do seu padrasto Enópion. Em outra história[664], a Mérope vítima do gigante bêbado foi uma filha de Enópion. Contava-se[665] que Oríon cortejou Mérope e, para conquistá-la, libertou a Ilha de Quios de animais ferozes; mas Enópion decidiu faltar à palavra dada e, por essa razão, Oríon se embebedou e forçou o caminho para o quarto de Mérope. Ou então o próprio Enópion avinhou o selvagem caçador, cegou-o enquanto dormia e atirou-o, cego, à praia. O cerne de todas essas histórias parece ser que o gigante avinhado pôs mãos violentas na esposa do padrasto e Enópion, por castigo, cegou-o. O seu ato deve ter sido especialmente terrível, para merecer tão medonha pena. Não fosse pela história dos três deuses – que poderia ter sido inventada por amor de um trocadilho: uma das palavras que significam "derramar sêmen" é *ourein* e, na história, o nome Oríon deriva dela – a penalidade dá a entender que o gigante devia ter violentado a própria mãe. Conta-se de Licurgo, inimigo de Dioniso, uma história semelhante acerca dos efeitos do vinho[666]. O castigo do seu pecado pela cegueira se encontra em outros relatos além do de Édipo[667].

Mérope poderia ter sido mãe de Oríon, como Sêmele o foi de Dioniso, e Elara do gigante fálico Títio, se bem o deus e o gigante não fossem realmente nascidos dessas mães, mas de outras maneiras. Havia também uma história[668] acerca de uma esposa de Oríon, chamada Side, "Romã", que ele arrojou ao Mundo Subterrâneo porque ela se comparou em beleza a Hera. Tal nome se apropriava à rainha do Mundo Subterrâneo, como o próprio nome Mérope. Oculta nessas designações está uma esposa-mãe, com quem Oríon pecou e, por isso, o pecado foi castigado com a cegueira. Um adivinho disse a Oríon[669] que ele só conseguiria curar-se expondo as órbitas dos olhos aos raios do sol. O gigante cego ouviu o estridor de um ferreiro e seguiu na direção do ruído. Atravessou o mar – caminhando sobre ele[670] ou, mais provavelmente, visto que era um gigante, vadeando-o – e chegou a Lemnos, onde a ferraria de Hefesto trabalhava com grande estridor[671]. Posto que as narrativas façam menção expressa desse deus, foi Cedálion, preceptor de Hefesto, que Oríon colocou nos ombros, de modo que o anão pudesse levar o gigante na direção do sol. O cego Oríon encontrou-se com Hélio, que se levantava, e curou-se. Contava-se também[672] que ele voltou para punir Enópion. Mas este último se havia escondido debaixo da terra, numa câmara de bronze. Assim principiaram as peregrinações de Oríon, que terminaram com o seu transporte para os céus. Como caçador, ele ameaçava[673] exterminar todas as criaturas sobre a terra. Ártemis e Leto estavam em Creta quando ele caçava nas imediações. Mas a Terra produziu contra ele o escorpião, que ferroou o caçador selvagem e depois o acompanhou aos céus como uma constelação. Ou então[674] foi Ártemis que mandou o escorpião contra o agressor, quando ele já lhe havia agarrado a túnica. Está visto que ela também era capaz de matar o atacante com suas setas[675], e realmente o fez em outra história, única no gênero.

Afirmava-se[676] que Éos já havia tomado Oríon por marido quando Ártemis o matou a flechadas na Ilha de Ortígia, lugar onde o sol se levantava: era o local de nascimento de Apolo, a ilha também chamada Delos. Aqui Oríon desafiara Ártemis a competir com ele no arremesso do disco[677]. Zangou-se a deusa – ou então, na maioria dos contos, irou-se com o fato de haver o gigante atacado a donzela hiperbórea Ópis (outro nome da própria Ártemis). De acordo, porém, com essa história única[678], Ártemis estava apaixonada pelo caçador. Apolo deu tento disso e não gostou. Repreendeu-a, mas suas palavras foram baldadas. Nisso, de repente, ele avistou a cabeça de Oríon, muito longe no mar, mostrando-se como um ponto escuro, e desafiou a irmã a competir com ele no tiro àquele alvo. Ártemis atingiu a cabeça, que não reconhecera, e depois transportou o amado para um lugar entre as estrelas. Muitas vezes também a constelação de Oríon só mostra a sua cabeça acima do horizonte. As pessoas, no entanto, que se recusavam a aceitar a história da metamorfose de Oríon numa constelação afiançavam[679] que ele continua caçando nos prados de asfódelos do Mundo Subterrâneo, com a maça de bronze na mão, perseguindo os animais que matara na terra.

5 Contos dos deuses dos ventos

Havia também o conto[680] de um marido de Éos, que alcançou uma posição mais elevada que qualquer outra já atribuída a um marido seu a cujo respeito falei. Esse era Astreu, "o Estrelado", cujo nome mencionei como o de filho da poderosa deusa Euríbia e do Titã Crio[681]. Dele se diz expressamente[682] que era "o antigo pai das estrelas". A ele, ao deus do céu noturno, a deusa da manhã deu não só a Estrela Matutina, Heósforo, mas também os deuses dos ventos: ou seja, deuses apenas dos ventos principais, os que merecem culto. Destes, entretanto, ela deu à luz os quatro, conquanto Hesíodo mencione apenas três pelo nome: Zéfiro, o vento do oeste, Bóreas, o vento do norte, e Noto, o vento do sul. Ao quarto – Afeliote, o vento do leste, ou Euro, o vento do sudeste – Hesíodo se refere apenas chamando-o pelo sobrenome, Argeste, "o que traz a claridade". Esses ventos, diz-nos ele[683], de origem divina, trazem grandes benefícios para os mortais. Mas existem também as tempestades, filhas de Tifeu, que descem sobre o mar para grande dano da humanidade. Elas sopram sucessivamente de várias direções, afundando embarcações, destruindo marinheiros, enquanto outras devastam a terra florescente, as lindas obras dos homens, e cobrem tudo de pó e confusão.

A rosa dos ventos, que entre nós também consistia em pelo menos oito ventos, não tinha, evidentemente, lugar em nossa mitologia. Nem sequer do aprazível Zéfiro, precursor da primavera, posso contar alguma novela antiga[684]; a não ser que seja a da sua união com a Harpia Podargo, a égua de pés ligeiros, no prado ao pé de Oceano, gerando o corcel adivinho de Aquiles. Bóreas, o vento do norte, é o único que a nossa mitologia apresenta como figura maior: com asas, dois rostos, olhando para a frente e para trás – nesse sentido Bóreas se assemelha a Argos, que tudo vê. Em retratos bem antigos, Bóreas ostentava realmente pés de serpente[685]. Não somente se unia a éguas puro-sangue[686], mas era o reverso masculino de Éos – um violentador de donzelas. Acreditava-se que fosse um trácio selvagem, visto que soprava do norte, da Trácia; e dele se dizia[687] que raptara

uma donzela ática, filha do Rei Erecteu, chamada Oritia, que significa "a que enxameia nas montanhas". Ela estava brincando com sua companheira Farmaceia, "a feiticeira", ao pé da corrente fria do Ilisso, perto de Atenas, quando Bóreas a arrebatou. Desse casamento nasceram na Trácia os gêmeos alados Calais e Zetes, a respeito dos quais já ficou dito que somente eles poderiam derrotar as Harpias.

Consoante outro conto, os ventos estavam sujeitos a um rei chamado Éolo, de quem eram instrumentos, não possuindo personalidade própria. O nome Éolo significa, ao mesmo tempo, "o móvel" e "o multicolorido": ele fora, sem dúvida, no começo, um deus dos céus estrelados, como Astreu. A história a seu respeito preservou-se na narrativa das aventuras de Ulisses[688]. Falava-se do Rei Éolo, ao estilo das patranhas de marinheiros, que ele, amigo dos deuses, reinava sobre a ilha flutuante da Eólia, ilha íngreme, rochosa, cercada de muros de bronze. Em seu palácio, tinha doze filhos, seis meninas e seis meninos. As filhas eram casadas com os filhos, e os casais pandegavam o dia inteiro com o pai e a mãe. À noite, dormiam juntos. Ulisses chegou à ilha com os seus marujos e, durante um mês, Éolo os entreteve em seu palácio. Quando eles manifestaram o desejo de encetar a viagem de regresso ao lar, deu-lhes um saco feito do couro de um touro de nove anos. Nesse saco encerrara todos os ventos, para poder silenciá-los ou soltá-los a seu talante. Amarrou-os com firmeza, com uma corda de prata, ao navio de Ulisses, de modo que nenhum pudesse desviá-lo do seu curso, e deixou apenas o vento do oeste soprando nas velas. Toda a gente conhece a história na Odisseia: foi tudo em vão. Os companheiros de viagem de Ulisses, imaginando que ele estava escondendo ouro ou prata no saco, soltaram os ventos. Dessa maneira, a própria mitologia se desvia para a fábula.

XIII

Prometeu e a raça humana

Já mencionei toda a progênie dos Titãs e das Titânidas, com exceção da linha de Jápeto, intimamente relacionada com a raça humana. A humanidade, considerada como uma grande família, é o reverso da raça dos deuses – vale dizer, a família dos deuses olimpianos – e tem tanto lugar em nossa mitologia quanto tiveram o Sol e a Lua e todos os céus estrelados. A raça dos deuses compunha-se de imortais; a raça humana, de mortais. Esta última, contudo, era ligada de maneira particularmente íntima a certas divindades que não chegaram ao Olimpo, mas pareciam estar tão sujeitas à morte e, sobretudo, ao sofrimento quanto os mortais. Muitos de nossos filósofos sustentavam o ponto de vista de que a raça humana era eterna. Em nossa mitologia consideravam-na, pelo menos, vivedoura. Pois conquanto estivesse condenada à aniquilação não estava circunscrita a uma só idade, tanto quanto não o estavam, por exemplo, as ninfas. As ninfas, com efeito, aparecem também como esposas dos primeiros homens, numa quadra anterior à criação de Pandora, quando os seres humanos eram apenas homens, espécie puramente masculina.

Essa espécie masculina, a dos primeiros homens, estava ligada à raça titânica de Jápeto, em particular a dois de seus filhos, Prometeu e Epimeteu. Contarei, adiante, as histórias em que esses dois atuavam como representantes da humanidade. De acordo com os seguidores de Orfeu, os Titãs eram os antepassados pecaminosos dos homens. Hesíodo[689] contou-nos que o Pai Urano lhes dera o nome de "Titãs" como trocadilho depreciativo, como se a palavra derivasse de *titainein*, "presumir demasiado de si mesmo", e de *tisis*, "castigo": os Titãs haviam "presumido demasiado de si mesmos", em sua temeridade, tentando realizar uma grande obra, e por isso, mais tarde, foram punidos. Essa obra não foi levada a cabo na linha ancestral de Urano-Crono--Zeus; pois os Titãs sempre foram hostis a Zeus, o rebento finalmente vitorioso dessa linha, e não tomaram parte na mutilação nem na derrubada dos pais. Sua qualidade especial de audácia (*atasthalia*) partilharam-na com os homens[690], os quais, por essa mesma razão, foram reiteradamente ameaçados de destruição pelos deuses. Hesíodo descreve a raça de Jápeto como inteiramente consistente em malfeitores punidos. A história dos Titãs, inimigos de Zeus e dos deuses, é uma preliminar da história da raça humana.

O nome Jápeto tem para nós um som estrangeiro. Pondo de parte o fato[691] de que ele foi, afinal de contas, arremessado ao Tártaro, juntamente com os demais Titãs, tudo o que sabemos a seu respeito é a história genealógica[692] do casamento com Clímene (em outro lugar, um nome da rainha do Mundo Subterrâneo), em vez da qual encontramos, não raro, Ásia[693] ou Asópis[694].

Jápeto levou Clímene, a Oceania de belos tornozelos, de volta à sua casa e com ela montou o seu tálamo comum. Ela lhe deu o robusto Atlas e o enfatuado Menécio, e também Prometeu e Epimeteu. De Menécio se dizia[695] que era um malfeitor fulminado pelo raio de Zeus, por sua imprudência e mania de agressão, e por ele atirado no Érebo. Atlas sustentava os céus imensos[696], de pé e escorando o fardo com a cabeça e as mãos, no extremo da terra, ao lado do Jardim das Hespérides. Sentia-se vigorosamente compelido a fazê-lo, pois tal era o seu destino, decretado por Zeus. É conhecido como pai de muitas deusas – das Hespérides, de Maia e das Plêiades. Em histórias antigas, ora perdidas[697], era um deus de sabedoria perigosa, bem familiarizado com as profundezas do mar. Até nos primeiros tempos era dono dos pilares que mantinham o céu e a terra separados. Sob o domínio de Zeus, apresentava a imagem de um gigante condenado à labuta eterna, na borda mais ocidental da terra, enquanto Prometeu sofria o seu castigo na borda oriental. A propósito de Prometeu e Epimeteu, estender-me-ei mais no decorrer da história seguinte.

1 A origem do gênero humano

Deuses e homens têm a mesma origem, diz Hesíodo[698], que toma por base dessa afirmação as histórias mais antigas. Uma delas já contei[699]: Geia, Mãe da Terra, concebeu do sangue derramado pelo mutilado Pai Urano e produziu sobre a terra poderosa as Erínias, os imensos Gigantes e as ninfas chamadas Melíades, "Cinzas". Na grande história[700] das várias e sucessivas raças humanas – "as idades da Antiguidade", como foram chamadas mais tarde –, as "Cinzas" produziram a raça de bronze. Em sua narrativa do roubo do fogo, Hesíodo[701] preservou para nós a palavra *melioi*, forma masculina de *meliai*, significando os seres humanos – ou, mais precisamente, os homens – que pertenciam às Ninfas-Cinzas. Esses homens, os *Melioi*, foram mais tarde descritos[702] deitados debaixo dos freixos como frutos caídos. Em muitos outros contos – e quase todos os países da Grécia ou da Ásia Menor tinham um conto desses – o primeiro ser masculino, o Homem Primordial, saiu diretamente da terra, a qual, dessa maneira, também foi a mãe comum dos deuses e dos mortais.

A propósito dos primeiros povos dos vários países – de cujos habitantes subsequentes proveio invariavelmente a descendência de toda a raça humana – foi-nos feito[703], mais ou menos, o relato seguinte: "Foi a Terra quem primeiro produziu os homens, dando à luz um lindo fruto, visto que desejava ser mãe não só de plantas insensíveis e animais irracionais, mas também de criaturas ordenadas e devotas; é difícil, porém, descobrir se o primeiro homem a surgir foi Alalcomeneu, à beira do Lago Copais, na Beócia; ou se os primeiros homens foram os Curetes do Monte Ida, raça divina, ou os Coribantes frígios, os primeiros avistados pelo deus do sol quando surdiram como árvores; ou se o lugar de nascimento do primeiro homem, ou dos primeiros homens, foi a Arcádia, que deu à luz Pelasgo, homem que existiu antes da lua – ou Elêusis, que deu à luz Disaules, habitante dos Campos Rarianos – ou Lemnos, que deu à luz Cabiro, no meio de Mistérios inefáveis – ou Palene, que deu à luz o flegreu Alcioneu, o mais velho dos Gigantes". Outra história[704] – ou, mais corretamente, uma fala, que se dizia em Atenas ter sido pronunciada por certa mulher sábia – conferiu o crédito ao solo da Ática: "Nos dias em que toda a terra produzia seres vivos de todas as

espécies, assim animais como plantas, e com eles florescia, a nossa terra Ática revelou-se, no que tange a animais ferozes, estéril e pura; dentre todas as criaturas vivas ela preferiu o homem e deu à luz um ser que ultrapassa todos os outros em razão e é o único que cultua a justiça e os deuses".

Pode detectar-se nessas palavras certo propósito, deslocado na mitologia, em que tudo é espontâneo e evidente por si mesmo, e nada polemicamente dirigido contra outros. A pessoa que falou tencionava não só estabelecer uma distinção lisonjeira entre os atenienses, como *gegeneis*, "nascidos da terra", ou *autochthones*, autóctones (que, a princípio, significava a mesma coisa), e os habitantes de todas as outras regiões, mas também para marcar a diferença entre o solo da Ática e o resto da terra – embora ela mesma reconheça a divindade da Terra como um todo quando continua dizendo[705] que não é a Terra que imita as mulheres no conceber e no parir, mas as mulheres que imitam a Terra. Além disso, não se dizia dos atenienses, senão dos habitantes da Ilha de Egina, que haviam rastejado para fora da terra como um povo inteiro – o que fizeram, como quer que seja, não como seres humanos, mas como formigas. Dizia-se[706] que depois de haver a deusa Egina dado Êaco a Zeus, seu filho foi deixado inteiramente só na ilha. Quando cresceu e se transformou num jovem, achou enfadonha a solidão. Em vista disso, Zeus converteu as formigas da ilha em homens e mulheres e concedeu a Êaco o povo dos Mirmidões – nome que soa como *murmekes*, "formigas". Foi esse povo que construiu o primeiro navio. Numa versão ulterior do conto, Zeus, para agradar a Êaco, fez os homens crescerem da terra. O nome poético para seres humanos, *meropes*, refere-se, com certeza, a uma história contada pelos habitantes da Ilha de Cós. O Rei Mérope, cujos súditos foram o primeiro povo a nomear-se assim, era, como já ficou dito, padrasto de Faetonte, e seu nome, provavelmente, apenas outro nome do próprio Sol. *Merops* era também como chamávamos o abelharuco, pássaro que põe os ovos no chão e, por conseguinte, é uma espécie de marido da Terra. Dessarte, o termo *meropes*, aplicado a seres humanos, expressa o fato de que eles nasceram da Terra – e também, é lógico, o fato de que são os rebentos de um deus do sol capaz de gerar.

Toda vez que a história da origem do gênero humano tinha por cenário determinada ilha, dizia-se que a deusa dessa ilha era sua mãe: em outras palavras, a nossa conhecida Grande Deusa-Mãe, sob o nome da própria ilha. Na Ásia Menor o papel era representado por Reia, em nosso continente pela mesma deusa em suas manifestações locais particulares. Ela deu à luz os seres que se tornaram antepassados da raça humana. O leitor há de estar lembrado de que ela, a Grande Mãe, sempre tinha consigo Dáctilos, Curetes, Coribantes ou Cabiros, que gerara dentro de si mesma e com os quais voltaria a gerar. Nos vários contos, tais seres tornaram-se povos primitivos inteiros, como os Télquines, habitantes aborígines da Ilha de Rodes. Todos os deuses primordiais dessa espécie foram, ao mesmo tempo, homens primordiais. A diferença entre as qualidades dos dois residia no fato de que, como homens primordiais, deixavam de ser maridos da Grande Mãe e recebiam outras esposas. Em Lemnos havia histórias[707] de três ninfas cabírias, *Nymphai Kabeirides*, filhas da Grande Deusa e dos Cabiros que se reproduziram nela e que tinham três irmãos, com os quais formavam três pares, que podem ser descritos como os primeiros casais humanos primordiais.

Na maioria das narrativas, os primeiros seres do sexo masculino, considerados homens primordiais, tinham uma qualidade em comum com Crono, o filho da Mãe Terra, com o qual começou a história da raça dos deuses: a qualidade da astúcia. Dizia-se[708] de Alalcomeneu, o homem primordial da Beócia, que dera a Zeus o astuto conselho de reconquistar a ofendida Hera e convencê-la a voltar ao matrimônio. Como eu já disse, supunha-se que Alalcomeneu fora o preceptor da deusa Atena, que deve, portanto, ter nascido depois dele. Sob o nome de *Athenais* ela se tornou, provavelmente, esposa do homem primordial. Na história de Pelasgo, o homem primordial da Arcádia, cumpre não esquecer que nem mesmo a Lua – em nossa mitologia, do sexo feminino – ainda existia. Contarei adiante, com maiores minúcias, como os primeiros homens – um casal de irmãos, na história de Prometeu e Epimeteu – se juntaram ao primeiro ser feminino que podiam desposar. Aqui direi apenas que Pandora, a primeira mulher, foi criada, numa história, como estátua, mas, em outra, emergiu da terra como deusa.

A história da criação da primeira mulher por mestres-artífices, dos quais foram exemplos conhecidos os Dáctilos e os Cabiros, formou o pano de fundo dos relatos posteriores da origem da humanidade. Como artífices capazes dessa obra já mencionei Hefesto, o maior dos Cabiros de Lemnos, e Pigmalião, ou *Pygmaion*, rei de Chipre. Outro artífice foi Prometeu, também um ser "de pensamentos tortos"[709], como Crono. As histórias que contarei em seguida distinguem-no de Hefesto. Entretanto, dizia-se também de Prometeu que ele era filho ilegítimo de Hera – embora, na verdade, não fosse filho de Zeus, senão do Gigante Eurimedonte[710]; que ajudou no nascimento de Atena com o seu machado de dois gumes[711]; e que importunou a deusa, como Hefesto[712]. Deveria acrescentar-se que era considerado o deus mais velho dos dois. Afirmara-se[713] que, no início, se chamava Itas, ou Itax, e era o arauto dos Titãs. De acordo com outra história[714], Prometeu pertencia a uma tribo primitiva de Cabiros. Ele e seu filho Etneu – que pode ser tomado como significando Hefesto – eram dois Cabiros nas imediações de Tebas, onde os visitava Deméter, que lhes trouxe os seus Mistérios, assim como os trouxera, em outros relatos, ao homem primordial Disaules ou ao rei de Elêusis. Subsistia, porém, uma diferença entre Prometeu e o celeste e banido deus do fogo Hefesto: o último era um ser simples, tão simples quanto o próprio fogo, ao passo que Prometeu era um ser duplo, geralmente acompanhado de um parceiro menos astuto, seu irmão Epimeteu, uma espécie de mão esquerda sua.

Prosseguia a história[715]: Houve uma época em que os deuses existiam, mas ainda não havia mortais. Quando soou o momento designado para os mortais começarem a existir, os deuses afeiçoaram-nos debaixo da terra, com terra e fogo e tudo o que se mistura com eles. Quando pensaram em trazê-los à luz, ordenaram a Prometeu e Epimeteu que equipassem aquelas criaturas e distribuíssem entre elas as capacidades mais adequadas a cada uma. Epimeteu pediu a Prometeu que o deixasse levar a termo a distribuição sozinho. O desastrado sujeito distribuiu tudo entre os animais, de modo que o homem ficou completamente desprotegido e descoberto. Nessas condições, o próvido Prometeu viu-se compelido a roubar o fogo, assim como as artes de Hefesto e Palas Atena, do templo que os dois deuses partilhavam e doá-los à humanidade. Desde então, o homem pôde sobreviver, mas Prometeu – se bem que a culpa fosse do irmão – foi castigado pelo que fizera.

A história chegou-nos por intermédio de um sábio – Protágoras, o Sofista, que imprimiu, ao que se diz, sua própria característica a uma história antiga. Alguém mais afirmou[716] que Prometeu criou um primeiro homem de beleza maravilhosa e o manteve escondido. Eros revelou o segredo a Zeus, que mandou Hermes buscar o venusto ser. Deram de beber à figura o elixir da imortalidade e ela agora fulge nos céus como Fênon, "o que cintila", nome que damos ao planeta Júpiter. Assim como esse ser[717], Prometeu também criou outros homens, de água e terra[718]. Conforme as mesmas narrativas, não muito antigas, também criou os animais[719]. Sarcófagos do último período, em Roma, são adornados com relevos que mostram Prometeu afeiçoando o homem: na forma de uma estatuazinha, a que Atena confere uma alma, trazendo-lhe uma borboleta – que em nossa língua se chama *psyche*, como a alma. Em nosso país, na região da Fócida, mostravam-se aos visitantes[720] grandes blocos de uma pedra que, segundo se dizia, cheirava como um corpo humano, resto do barro do qual Prometeu fizera os homens. Adiante voltarei a contar as histórias de como os homens nasciam, ou renasciam, de pedras.

2 A rivalidade com Zeus e o roubo do fogo

Não era apenas em *nossa* mitologia que os antepassados do gênero humano, como seres divinos, tinham de ser sujeitos a privações e limitações antes de se poder estabelecer uma clara distinção entre deuses e homens. Em outras mitologias também havia histórias em que os primeiros homens foram criaturas muitíssimo deficientes. Para falar apenas dos nossos avós: ou nasceram de freixos; ou eram formigas metamorfoseadas em homens; ou irrompiam da terra – como vegetais, poderia dizer um chalaceiro[721]; ou eram formados de torrões de terra; e sempre necessitavam do remate perfectivo, uma espécie de segunda criação, que lhes permitisse viver como homens. Por exemplo, uma raça humana consistente apenas em seres do sexo masculino era incompleta por sua própria natureza, ainda que tivesse por mãe a Mãe dos Deuses. Em nossa mitologia, a tarefa dupla de separar a humanidade dos imortais e dar completação aos mortais coube a Prometeu. Ele começou criando um espírito de rivalidade com Zeus – um tipo de rivalidade entre irmãos – e assim provocou uma nítida separação, em resultado da qual ele e o irmão, juntamente com os seres humanos, foram derrotados depois de uma vitória aparente e Zeus e os deuses se sagraram os verdadeiros vencedores. Em consequência disso, Prometeu acudiu em auxílio da humanidade vencida pelo menos com *uma* dádiva divina, a do fogo. A segunda dádiva, a mulher – dádiva que, de acordo com a continuação da primeira narrativa, foi concedida pelos deuses, mas, de acordo com outras histórias[722], foi obra de Prometeu –, revelou-se um formoso mal. A elevação do homem a um ser pleno e completo exigia – como contarei em seguida – os dons adicionais de Deméter e Dioniso.

Os nomes Prometeu, "o previdente" ou "o providente", e Epimeteu, "o que só aprende com o que acontece" ou "o estouvado", contêm uma referência à existência de seres que precisam ser próvidos e correm o risco da desatenção – em outras palavras, de homens – na medida em que o provido e o estouvado estão inseparavelmente ajoujados um ao outro. Prosseguia a história[723]: Quando deuses e homens se encontraram em Mecone, no lugar denominado "Campo das

Papoulas", onde deveriam ser separados uns dos outros, Prometeu repartiu um touro portentoso. Colocou-o, com mostras de amizade, defronte da assembleia, procurando burlar a visão interior de Zeus. Para si mesmo e para o seu povo, encheu o estômago do animal com carne fatiada e miúdos gordos. Para Zeus, envolveu lindamente os ossos de gordura reluzente, de maneira que não se podia perceber o conteúdo de nenhuma porção. Falou-lhe então o pai dos deuses e dos homens: "Filho de Jápeto, ilustre senhor, quão desiguais fizeste as porções!" Assim o repreendeu Zeus, repleto de conselho eterno. Prometeu, o dos pensamentos tortos, respondeu-lhe com um sorriso suave, ciente da sua burla: "Zeus, famosíssimo e grandíssimo entre os deuses eternos, escolhe a porção que desejas!" Zeus, repleto de conselho eterno, percebeu, sem dúvida, o estratagema, mas, em sua alma, guardava um intento mau contra os homens – intento que acabaria sendo levado a efeito. Com ambas as mãos agarrou a porção branca, cheia de unto. Encheu-se-lhe o coração de raiva amarga ao dar com os ossos alvacentos, tão habilidosamente escondidos. Desde esse tempo, os mortais terrenos, quando fazem sacrifícios aos deuses, têm queimado apenas os ossos brancos sobre os seus altares. Nessa ocasião, todavia, tomado de cólera súbita, disse Zeus: "Filho de Jápeto, tu que és mais sábio do que todos nós, pensastes, ao que parece, em trair-nos!" Assim falou Zeus, repleto de conselho eterno, em sua cólera. Nunca esqueceu a traição e negou aos homens, progênie dos freixos, o dom do fogo. Escondeu-o deles – ou assim explica a mais recente repetição da mesma história[724]. O grande filho de Jápeto tornou a furtá-lo de Zeus e levou-o para os homens, no caule oco de um nártex.

Assim termina a história, que continua imediatamente na de Pandora. A Primeira Mulher foi bem-acolhida por Epimeteu, e os homens voltaram a enfraquecer-se, como se haviam enfraquecido por causa do escondimento do fogo. A questão do sítio em que Prometeu encontrou o fogo escondido é respondida em diversos contos, todos os quais se perderam, como também se perdeu a tragédia em que Ésquilo conta a busca do fogo pelos Titãs. Sendo o cenário da tragédia a Ilha de Lemnos, acreditava-se – e também se registrou pictoricamente – que Prometeu tirou a chama da oficina de Hefesto. Existe, contudo, uma história mais pormenorizada[725] segundo a qual Prometeu chegou secretamente ao fogo de Zeus (o que deve querer dizer o fogo da lareira do palácio divino no Olimpo), tirou-o de lá e escondeu a chama no caule oco de um nártex – a mesma espécie de planta que servia nas procissões dionisíacas, como o tirso, o comprido dardo das Bacantes masculinas e femininas. A seguir, brandindo a haste para que a chama não se apagasse, correu alegremente, como se voasse, de volta à humanidade. Foi dito também[726] que Prometeu, como um segundo Cedálion, alcançou o próprio Sol e acendeu sua tocha na roda do Sol. Na última versão em que se preservou essa narrativa, o Titã foi ajudado por Palas Atena. Nas histórias originais, dificilmente poderia ter sido esse o caso, e apenas nos três últimos contos a ação de Prometeu foi um roubo verdadeiro.

3 A história de Pandora

Deixem-me prosseguir agora com o conto da rivalidade entre deuses e homens – entre Prometeu e Epimeteu, de um lado, e Zeus, do outro. Como eu disse, sua continuação é a história

de Pandora. Na conhecida versão de Hesíodo desse conto, é sem dúvida notável o preconceito do poeta contra as mulheres, mas não a ponto de nos levar a supor que ele tenha inventado inteiramente a história. Deve tê-la encontrado pronta, ao seu alcance, e tê-la apreciado tanto que a contou duas vezes, ligando-a, em ambas as ocasiões, ao retorno bem-sucedido do fogo. Um dos relatos reza deste teor[727]: O Trovejador foi ferido até a alma, e a cólera encheu o coração de Zeus quando avistou as luzes, visíveis de longe, das fogueiras acendidas pelos homens. Preparou no ato, para os homens, uma coisa má que pesaria tanto quanto a dádiva do fogo. Por ordem de Zeus, o famoso mestre-artífice Hefesto esculpiu a imagem de uma tímida donzela. A deusa Atena enfeitou-a com um cinto e vestidos alvinitentes. Da cabeça da donzela fez pender um véu ricamente trabalhado, uma coisa maravilhosa; colocou-lhe dos lados festões de flores e, na cabeça, uma grinalda de ouro, afeiçoada pessoalmente pelo mestre-artífice, como um favor especial a Zeus. Na grinalda muitos animais da terra e do mar foram maravilhosamente retratados, quase como se estivessem vivos; a obra toda brilhava com deleitoso encanto. Quando o belo mal ficou pronto, à guisa de contrapeso do bem, Zeus conduziu a donzela, tão elegantemente adornada pela filha de olhos de coruja do poderoso pai, ao sítio em que deuses e homens estavam reunidos. Assim, imortais como mortais se quedaram maravilhados ao contemplar a perigosa artimanha contra a qual os homens não tinham defesa: dela descendeu a raça das mulheres.

A outra história de Hesíodo[728] sobre o mesmo assunto diz o seguinte: "Filho de Jápeto", falou Zeus, "és mais sábio do que todos nós e exultas por haveres roubado o fogo e por me haveres enganado. Isso acarretará o mal para ti e para os homens vindouros. Pois eles receberão de mim, em retaliação pelo furto do fogo, uma coisa má com a qual se alegrarão, cercando de amor sua própria dor". Assim falou o Pai dos Deuses e dos Homens, e despediu uma gargalhada. Mandou Hefesto misturar sem demora terra com água, incutir na mistura voz e força e criar uma formosa donzela capaz de despertar o desejo, com um rosto igual ao das deusas imortais. Atena recebeu ordens para ensinar-lhe as habilidades femininas e a tecedura. A dourada Afrodite ordenou-se que lho envolvesse e cabeça com a radiância do encanto irresistível e dos desejos lacerantes. Obediente a uma ordem de Zeus, Hermes encheu a figura do despudor da prostituta e da traição. Todos fizeram o que o soberano lhes ordenara. O famoso mestre-artífice modelou com terra a imagem de uma donzela recatada. Palas Atena enfeitou-a com cinto e vestidos. As Cárites e Peito colocaram nela ornamentos de pele para o pescoço. As Horas engrinaldaram-na com rosas primaveris. Em seu seio Hermes plantou mentiras, lisonjas e traição. O Mensageiro dos Deuses, além disso, deu-lhe uma voz e chamou à mulher Pandora, visto que todos os Olimpianos a tinham criado como um presente, para desgraça dos homens comedores de pão.

Quando a artimanha ameaçadora, contra a qual não há defesa, ficou pronta, o Pai enviou o glorioso e célere Mensageiro, levando consigo o presente dos deuses, a Epimeteu. Este não deu atenção ao que Prometeu lhe dissera de uma feita, ou seja, que não devia aceitar presente algum de Zeus, mas devia devolvê-lo, a fim de que nenhum mal para os mortais adviesse dele. Ele aceitou o presente e só mais tarde percebeu o dano que causara. Antes disso, a humanidade vivera na terra sem mal, sem penas nem doenças que pudessem trazer a morte aos homens. Agora a mulher

destampou o grande vaso e fê-lo transbordar por toda a parte, para profundo sofrimento da humanidade. Apenas Élpis, "Esperança", ficou dentro dele, em inquebrável cativeiro, debaixo do seu rebordo, e não voou para fora. A mulher fechou a tampa sobre ela – pois tal era a vontade de Zeus. O resto do enxame, inumerável e portador do sofrimento, vagueia por toda a parte no meio da humanidade; a terra está cheia de mal, cheio de mal está o mar. As doenças visitam os homens durante o dia, surgem à noite sem ser convidadas – ruinosas e silentes, pois Zeus, repleto de sábio conselho, negou-lhes o dom da fala. E tudo isso quer dizer que não há fugir à visão interior de Zeus.

Tal foi a continuação da história da criação da mulher, segundo a qual a jovem criatura, recém-chegada ao mundo, por mera curiosidade, retirou a tampa de um receptáculo semelhante aos grandes jarros de cerâmica em que até hoje guardamos azeite e grãos e assim deixou escapar o enxame de males que – como Ares em ocasião anterior – haviam sido encerrados dentro dele. Com esses males – ou seja, com as doenças – a morte também veio ao mundo dos homens. Assim se completou a separação entre os homens e os deuses imortais. A figura feminina, antepassada de todas as mulheres mortais, chamou-se Pandora, nome cuja interpretação correta é "a rica em presentes", "a que tudo dá": nome que é também o da própria Terra[729], de que ela era feita. Numa velha imagem, o nome escrito ao lado, na realidade, é Anesidora, "a que dá presentes", um dos nomes da deusa da terra. Entretanto, a primeira esposa dos primeiros homens, embora viesse da Terra e estivesse associada a ela pelo nome, como um *alter ego* (já citei a frase consoante à qual a mulher imita a Terra, e não o contrário), foi, sem dúvida, uma criação artificial. Nas histórias que acabei de mencionar, ela era obra de Hefesto; em outras histórias perdidas, uma criação de Prometeu – ou, na verdade, de Epimeteu. Nesta versão mais recente, que só se preserva em pinturas de vasos, Pandora surgiu da terra – amiúde aparece apenas como uma poderosa e bela cabeça de mulher –, mas a terra já tinha sido previamente trabalhada com martelos. Epimeteu ainda segura o martelo na mão, enquanto Pandora exsurge à sua frente. Um Eros lhe voa acima da cabeça, com sua tropa de álacres arautos do casamento. Hermes aproxima-se à pressa, trazendo uma flor: foi mandado por Zeus, por cuja vontade tudo isso aconteceu. Entretanto, os homens primordiais – que nas pinturas de vasos não são Cabiros, senão Silenos ou Sátiros – nunca teriam recebido o presente de uma mulher, erguendo-se como uma lua cheia em seu meio, debaixo de martelos e picaretas, se a Mãe Terra não tivesse querido conceder a ela sua mesma imagem. Está visto que não o fez sem a cooperação dos próprios filhos industriosos.

4 O castigo e a libertação de Prometeu

A história do castigo da humanidade por meio da Primeira Mulher era assaz antiga, mas a nossa mitologia falava de punições ainda mais antigas, de penas e sofrimentos mais cruéis – ou, pelo menos, que assim pareciam. Cumpre ter em mente que os nossos deuses não somente possuíam qualidades humanas, mas também tinham muita coisa em comum com o Sol, com certas constelações e, acima de tudo, com a Lua e seus padecimentos: padecimentos manifestos, que podiam ser vistos no céu. Como eu já disse, Hera foi punida, ficando suspensa entre o Céu e a

Terra, com bigornas atadas aos pés. Uma história antiga[730] descrevia o modo como ela foi ferida: uma seta de Héracles atingiu-lhe o seio direito, infligindo à deusa um ferimento que nunca poderia ser curado. Também já contei a fábula do castigo de Tício: seu fígado era arrancado a dentadas, mas voltava a crescer repetidamente com a lua. Todos esses sofrimentos – tanto os de Hera, pendurada ou ferida no seio, quanto os de Tício, com o fígado diminuindo e crescendo – correspondem a sofrimentos visíveis nos céus.

Prometeu sofreu o mesmo castigo de Tício e, demais disso, foi suspenso em cadeias no pico mais alto do Cáucaso, pregado ali por Hefesto[731]. Afirmava-se[732] que Zeus amarrou Prometeu, o astuto Titã, com correntes especiais e enfiou-lhe um pilar, feito uma estaca, no meio do corpo. Antiga pintura de vaso mostra Prometeu com o "pilar atravessando-lhe o meio": está sendo atacado por uma águia, a qual, como sempre, o acomete pela frente. Zeus – assim reza a história[733] – mandara o pássaro devorar o fígado imortal do Titã. Tudo o que a águia arrancava durante o dia crescia de novo durante a noite. O castigo destinava-se a ser demorado. Zeus há de ter pretendido que o acorrentamento durasse por toda a eternidade, para que os homens nunca mais tivessem um aliado tão astuto contra os deuses. No fim da tragédia perdida de Ésquilo, *Prometeu, o Portador do Fogo,* asseverava-se[734] que o Titã ficou acorrentado por trinta mil anos, o que, naqueles dias, significava o período mais longo do mundo. Na tragédia preservada, *Prometeu acorrentado*, profetizou-se[735] que ele seria libertado na décima terceira geração. E foi o que aconteceu.

O libertador foi Héracles, que matou o pássaro atormentador com a sua flecha. Se isso fosse tudo, as histórias de rivalidade entre os homens e os deuses acabariam sendo simplesmente absorvidas pela saga heroica. Mas acontece que todos os sofrimentos de Prometeu por amor da humanidade foram sofrimentos de um deus. Na opinião de Ésquilo e de todos os que estavam bem-dispostos em relação à humanidade, esses sofrimentos foram injustos e de tal natureza que haveriam de acarretar, por força, o fim do próprio Zeus. A explicação de Hesíodo[736] para a libertação era que o olimpiano queria conferir fama a seu filho Héracles. Ésquilo nos lembra a possibilidade de Zeus ter sido sucedido por outro soberano do mundo, de quem falarei adiante. Prometeu aprendeu esse segredo com sua mãe Têmis – ou Geia, como lemos num texto interpolado[737]. Zeus pô-lo em liberdade como prêmio por ter guardado o segredo. Mesmo assim, Prometeu teve de arranjar um herdeiro para os seus tormentos[738], um imortal que descesse ao Mundo Subterrâneo e sofresse em seu lugar. Esse imortal foi o sábio Centauro Quíron[739], que Héracles havia ferido acidental e incuravelmente com uma seta envenenada. O inventor da arte de curar tomou sobre si o sofrimento e a morte do benéfico Titã. Não obstante, o Prometeu desatado – assim terminou a história na versão teatral de Ésquilo – dali por diante passou a usar uma grinalda[740] como sinal de sua sujeição ao poder de Zeus. Como outro emblema, usava um anel de ferro[741] que, dizia-se[742], tinha uma pedra embutida para lembrá-lo da rocha em que sofrera. É possível, naturalmente, que o anel de ferro fosse um último sobrevivente do tempo em que Prometeu era um Cabiro ou um Dáctilo que trabalhava com ferro.

5 A história de Níobe

Já deixei claro que a história do gênero humano não começou em todas as partes da Grécia com Prometeu, Epimeteu e Pandora. Na Beócia, o homem primordial Alalcomeneu surgiu ao pé do Lago Copais e ali fundou sua família com Atenais – vale dizer, com a deusa Atena, que, nessa narrativa, surgiu das águas no mesmo lugar. Em outra história[743], a esposa de Alalcomeneu se chamava Níobe. Como primeira mãe da humanidade, recebeu a distinção adicional[744] de ser honrada em Tebas como mãe das sete Melíades, as Ninfas do Freixo mortais, que eram, sem dúvida, as esposas dos homens primordiais da região. Em Argos dizia-se que Foroneu, filho de uma Melíade, foi o Primeiro Homem[745], fundou a primeira comunidade humana[746] e trouxe o fogo do Céu[747]. Ele precisava do fogo para fazer trabalhos de ferreiro e para sacrifícios[748]. A deusa a quem sacrificava e oferecia suas armas forjadas era Hera[749]. A fim de obsequiá-la, Zeus fez de Foroneu o primeiro homem: anteriormente, o próprio Zeus reinara sobre os homens, mas Hermes criou uma confusão tão grande de línguas humanas que tirou de Zeus o prazer de governar. Associada a Foroneu nessa história está Níobe[750], a primeira mulher mortal a ser amada por Zeus[751]. Dela se dizia também[752] que era mãe de Foroneu ou, às vezes, sua filha. É mais provável, no entanto, que, em Argos, também fosse esposa do primeiro homem, como na Beócia. Ela deu a Zeus, como filhos, os antepassados dos habitantes do país, Argos e Pelasgo.

As outras histórias não diziam que Níobe foi a Primeira Mulher ou a mãe dos avós dos povos gregos. Em vez disso, destacavam o grande número de filhos seus e o modo com que ela se ergueu contra a deusa Leto, que dera à luz apenas Apolo e Ártemis. Leto e Níobe tinham sido, em certa ocasião, amigas muito íntimas – como nos ensina a nossa grande poetisa Safo[753]. No tempo dessa amizade não havia, obviamente, nenhuma distinção absoluta entre deuses e seres humanos. A própria Níobe, às vezes, é descrita como deusa[754], ainda que na saga[755] se conjeture que foi apenas uma rainha arrogante, filha do rei lídio Tântalo. Em todas essas histórias ela teve de sujeitar-se a uma pesada expiação. Os fatos nos são contados por Homero[756]. Seus doze filhos pereceram, seis filhas e seis robustos meninos. Apolo matou os filhos com o seu arco de prata, e Ártemis matou as filhas, irada contra Níobe porque esta entrara em competição com Leto, gabando-se de que Leto dera à luz apenas dois filhos, ao passo que ela tivera muitos. Por nove dias jazeram as crianças no próprio sangue e não havia ninguém para sepultá-las, pois o filho de Crono transformou todos os vizinhos em pedras. No décimo dia, os próprios deuses celestiais enterraram os mortos. Nesse dia, Níobe, exausta de tanto chorar, pela primeira vez quebrou o jejum. Finalmente, foi transformada numa rocha, que agora se ergue na serrania de Sípilo e, como pedra, continua a carpir-se; pois tal era a vontade dos deuses.

Outros narradores acreditavam que Níobe tinha catorze, dezoito, dezenove ou vinte filhos, que pereceram, sem culpa nenhuma, para que ficasse bem claramente assinalada a diferença entre deuses e homens. Diz-se[757] que apenas uma filha, Clóris, foi poupada e tornou-se esposa do macróbio Nestor, o herói a quem Apolo deu os anos que tirara dos filhos de Níobe. As lágrimas inextinguíveis que fluem de uma rocha na Cordilheira de Sípilo, na Ásia Menor[758], como até hoje se acredita, rolam dos olhos de Níobe, a mãe petrificada das penas, que se mostra aos viajantes. Nunca se deve esquecer que, em nossa mitologia, ela foi uma mãe original da humanidade.

6 Tétis e o futuro soberano do mundo

Referindo-me a Tétis (Thetis) tenho repetido que, embora descrita apenas como Nereida[759], ela foi, de fato, uma das nossas maiores deusas do mar, como Anfitrite, Eurínome ou sua própria avó Tétis (Tethys). Juntamente com o centímano deus do mar, Briareu, protegera Zeus; e ela e Eurínome socorreram Hefesto quando criança. Se Tétis houvesse casado com um filho de Crono, como Eurínome casou com Zeus ou como Anfitrite casou com Posídon, as consequências para o futuro do mundo teriam sido ainda maiores do que os efeitos dessas duas uniões.

Contava-se[760] que Zeus e Posídon foram pretendentes rivais de Tétis. Ansiavam por consorciar-se com a linda deusa. Eros senhoreara os dois. Sem embargo disso, o divino discernimento deles impediu-os de consumar o casamento, pois seguiram o conselho de um oráculo. Têmis, a dispensadora de conselhos, ergueu-se entre eles e profetizou que, conforme a vontade do Destino, se a deusa do mar viesse a dar um filho a Zeus ou a seu irmão, esse filho possuiria uma arma mais poderosa que o raio ou o tridente. A profecia foi o segredo que a Prometeu, na história em que ele figura como herói, confidenciara sua mãe Têmis. Na peça[761], o acorrentado Titã proclama o advento de um novo soberano do mundo, pois previa que Zeus não tardaria a unir-se a Tétis pelo matrimônio. Em outras histórias[762], a deusa do mar resistiu a Zeus, fosse por medo, fosse por lealdade a Hera[763], que a criara. Mas Zeus não teria renunciado ao seu propósito se não tivesse sido avisado e se não temesse sofrer o destino de Crono. De acordo com Ésquilo, ele arrancara o aviso de Prometeu em meio aos sofrimentos infligidos pela águia.

Têmis aconselhou[764] os irmãos rixentos, Zeus e Posídon, a darem Tétis a um herói mortal, o devoto Peleu, numa noite de lua cheia. Os irmãos consentiram. Dizia-se também[765] que Zeus jurara casá-la com um mortal porque estava com raiva da resistência que lhe opusera a deusa. Peleu, que morava no Pélion, a montanha de Quíron, foi ajudado pelo sábio Centauro[766]. Debalde se valeu Tétis de todos os truques de metamorfose, como os que eram usados pelas antigas divindades do mar contra seus atacantes. Converteu-se[767] em fogo e água, em leão e serpente e em várias criaturas do mar. Foi uma luta silenciosa[768]. Os que moravam à beira-mar disseram[769] que ela, finalmente, assumiu a forma de uma lula e, nessa forma, Peleu a tomou. Cumpria-se o destino[770]. Os deuses trouxeram seus presentes e puderam celebrar condignamente o nascimento do que seria o maior herói da Guerra de Troia, Aquiles, filho de Tétis, morto demasiado prematuramente. Nessa celebração, a maçã de Éris caiu entre as três deusas, Afrodite, Hera e Palas Atena. A isso seguiu-se o julgamento de Páris – acontecimento que marcou época na história do mundo, como nos conta a nossa saga heroica. Era o princípio não só da Guerra de Troia, mas também da Idade dos Heróis, mais uma tentativa dos deuses para enfraquecer o gênero humano, como foi expressamente declarado num poema épico que descreveu os acontecimentos causadores dessa grande guerra[771]: A Terra sofreu sob o fardo da humanidade, que se tornara numerosa demais. A Terra decidira aliviar a sua carga.

7 O destino da humanidade

Os feitos e sofrimentos dos heróis não tinham lugar em nossas histórias dos deuses – conquanto nossos narradores gostassem muitíssimo de levar os deuses para as aventuras e guerras dos heróis. Por outro lado, as histórias dos deuses estavam enredadas no destino da raça humana – ou, mais propriamente, das raças humanas das quais, a crermos no relato que farei agora, havia uma série. Relatos como esse, ou como o dos sofrimentos da Terra sob o fardo da humanidade, ou o do dilúvio, nos chegaram todos do leste; mas na Grécia nunca obtiveram tamanha aceitação quanto a que lograram entre os povos orientais. Os contadores de histórias apenas ocasionalmente se referiam a um Dilúvio, ao qual atribuíam várias causas, a fim de explicar fenômenos como o desaparecimento dos Télquines de Rodes. Com efeito, suas referências ao Dilúvio divergem tanto entre si que precisamos finalmente distinguir entre, pelo menos, três grandes dilúvios[772]: o de Ogigos, o de Deucalião e o de Dardano, nomeados segundo os três sobreviventes e salvadores da raça humana. Adiante contarei a história de Deucalião; mas, primeiro, preciso contar a história das séries de raças, ou idades.

De início havia quatro idades ou raças distintas. Hesíodo, contudo, descreveu cinco, pois não queria identificar nossos heróis com a raça de bronze nem com a sua própria raça, a de ferro. Atribuía até a origem da primeira, a de ouro, aos deuses olímpicos: o que não era de todo correto, pois ele mesmo declara que, nesse tempo, Crono ainda reinava, e não os olimpianos subsequentes. Consoante o seu relato[773], os imortais que moravam no Olimpo, primeiro que tudo, criaram a raça de ouro da humanidade. Os homens dessa raça viviam sob o império de Crono, que, na ocasião, reinava no Céu. Viviam como os deuses, livres de cuidados, sem preocupações nem tristezas. A velhice lamentável não pendia sobre eles; com membros sem idade, divertiam-se nos banquetes, livres de todo o mal. Quando morriam, pareciam homens alcançados pelo sono. Todas as coisas boas estavam ao alcance de suas mãos: os campos dispensadores de vida produziam sozinhos e ofereciam frutos em abundância. Os homens viviam alegremente desses frutos, em paz consigo mesmos, numa comunidade inteiramente composta de homens bons, ricos em gado e amigos dos deuses abençoados. Quando essa raça mergulhou nas profundezas protetoras da terra, transmudou-se – de acordo com a vontade de Zeus – em espíritos benfazejos que caminham sobre a terra como observadores dos homens, protegem a justiça e combatem a injustiça, invisivelmente presentes em toda parte. Conferem riqueza: pois isso também está de acordo com a sua natureza real.

A segunda raça criada pelos olimpianos, a de prata, era muito inferior. Não se parecia com a de ouro nem no corpo nem na alma. Durante cem anos, os filhos permaneciam sob a tutela da mãe, brincando em casa como crianças. Quando, afinal, amadureciam e se achavam na flor da mocidade, só viviam mais um curto lapso de tempo, pois estavam sujeitos, em sua insensatez, a todos os tipos de padecimentos. Incapazes de refrear o anseio ilimitado de poder sobre os outros, recusavam-se a adorar os deuses ou a fazer sacrifícios, como é costumeiro fazerem os homens de acordo com seus vários modos e usos. Por conseguinte, em sua cólera, Zeus fê-los desaparecer, porque não se entregavam ao culto dos olimpianos. Depois que essa raça também mergulhou nas profundezas protetoras da terra, os homens passaram a chamá-los de abençoados subterrâneos e eles ocupam

apenas uma segunda posição, embora também se lhes conceda certa veneração.

Pai Zeus criou então uma terceira raça de homens, a raça de bronze, que nem sequer se assemelhava à de prata. Criou os homens dos freixos. Raça terrível e poderosa, comprazia-se apenas com as obras calamitosas e os atos violentos de Ares. Esses homens não comiam alimento feito de farinha; de aço era a alma dos intratáveis. Tinham a força de gigantes e mãos poderosas nos braços poderosos. De bronze eram suas armas, de bronze suas habitações, e no bronze trabalhavam; pois o ferro negro ainda não existia. Perecendo por suas próprias mãos, em lutas uns contra os outros, desciam ao bafiento palácio do medonho Hades, homens sem nomes: por mais destemidos que fossem, a Morte negra os levava e eles eram compelidos a deixar a luz brilhante do sol.

Quando essa raça também mergulhou nas profundezas protetoras da terra – essa foi a variação de Hesíodo das quatro idades –, Zeus criou a raça divina dos heróis, os que guerrearam nas famosas guerras de Tebas e Troia. Mais justos e melhores que os da raça de bronze, iam, depois da morte, para as ilhas dos abençoados, rodeadas por Oceano. As ilhas onde os prados dispensadores de vida dão frutos doces três vezes por ano, onde reina Crono, libertado por Zeus de suas correntes. Para a quinta raça, a do ferro, que se seguiu a esta última, Hesíodo só tinha injúrias: teria preferido viver antes ou depois dela. Sua descrição dessa raça descambava para profecias sinistras, começando com a profecia segundo a qual as crianças chegariam ao mundo grisalhas e terminando com a de que as deusas Edos e Nêmesis, envergando vestidos brancos, voltariam ao lar deuses e deixariam a humanidade perecer indefesa.

A narrativa de Hesíodo não faz menção de um grande Dilúvio. Outros contadores de histórias[774], no entanto, declararam que foi desse modo que Zeus pretendeu exterminar a raça de bronze. Na versão mais simples da história, Prometeu tinha um filho chamado Deucalião, que reinava no país da Ftia, na Tessália, e tomou por esposa Pirra, "a loira vermelha", filha de Epimeteu e Pandora. Quando Zeus procurou destruir a raça de bronze, Deucalião, a conselho de Prometeu, fez uma caixa de madeira, guardou nela tudo o que era necessário e nela se embarcou com Pirra. Zeus fez jorrarem chuvas enormes do Céu e, assim, inundou a maior parte da Grécia. Todos os homens pereceram, salvo uns poucos que tinham fugido para as altas montanhas mais próximas. Aconteceu também nessa época que as montanhas da Tessália foram rachadas e separadas e todo o país até o Istmo e o Peloponeso se transformou num único lençol de água. Deucalião flutuou sobre esse mar em sua caixa durante nove dias e nove noites e, afinal, abicou no Parnaso. Ali desembarcou, quando as chuvas cessaram, e sacrificou a Zeus, que lhe guiara a fuga. Zeus mandou-lhe Hermes e autorizou-o a pedir o que quisesse. Ele quis seres humanos. Zeus mandou-o pegar pedras e atirá-las por cima do ombro. As pedras atiradas por Deucalião converteram-se em homens, e as que Pirra atirou converteram-se em mulheres. Daí a palavra *laoi* para pessoas e povos: em nossa língua, a palavra usada para indicar "pedra" é *laas* ou *laos*.

O relato da segunda criação da humanidade não se estribava tão só nesse antiquíssimo trocadilho. Em outra versão[775] da história, Deucalião e Pirra receberam instruções do oráculo de Têmis, que ficava próximo – e que foi, mais tarde, o oráculo de Delfos –, para atirar por cima do

ombro os ossos da “grande mãe”. Por esta devem ter entendido tratar-se de Pandora, que, em outras histórias, também se dizia[776] ter sido mãe de Deucalião: a solução do enigma consistia em descobrir de quem se tratava. O casal jogou para trás os ossos da Mãe Terra. Os novos seres humanos que saltaram desses ossos – ou melhor, das pedras – descendiam igualmente da mais velha Mãe de todos. Havia, outrossim, uma história[777] relativa ao primeiro ser humano a ser criado nessa ocasião, a jovem Protogênia, violentada por Zeus. O nome significa exatamente o mesmo que Protógono, “o primeiro a nascer”, que é também sobrenome tanto da deusa Terra[778] quanto de uma filha raptada mais famosa, Perséfone[779].

XIV
Hades e Perséfone

O terceiro dos três filhos de Crono que governaram o mundo foi o escuro reverso não só de Zeus, mas também de Hélio. A forma mais recente do seu nome é Hades; uma forma mais antiga foi Edes, ou Edoneu, e uma forma mais antiga ainda foi Es, que só se preservou em conexão com a palavra indicativa de "casa" ou "palácio". A "Casa de Hades" era o Mundo Subterrâneo, o qual, com efeito, mais tarde foi chamado simplesmente Hades, quando o lugar adquiriu o nome do seu senhor. O significado mais provável de Es, Edes ou Hades é "o invisível" ou "o que dá a invisibilidade", em contraste com Hélio, o visível e o que torna visível. Também expressa um contraste ainda mais acentuado do que o existente entre Hades e o deus celeste Zeus, cujo nome outrora significava "o brilho do dia". Esse significado, porém, foi relegado a um segundo plano pelo rosto humano do senhor dos deuses. Zeus exercia uma função que, em nossa mitologia, nunca foi exercida pelo deus do sol: Hélio nunca aparece no papel de rei do Mundo Subterrâneo e nunca é saudado como "Sol da Noite". Ao invés disso, como Zeus Catactônio, ou Ctônio – já fiz referência a esses cognomes –, Zeus *era* um "Zeus subterrâneo"; e esse, mais uma vez, era apenas outro nome de Edes ou Hades[780]. Quando se faz menção de "outro Zeus"[781] ou do "hospitaleiro Zeus dos que partiram"[782], a menção sempre se refere a Hades. Nunca significa "outro deus dos céus diurnos", mas um soberano do Mundo Subterrâneo, correspondente e igual ao Zeus do mundo superior.

A nossa mitologia, com efeito, dividia o mundo em três partes: ou porque, nos tempos antigos, o mundo era governado muito mais por uma deusa tríplice do que por uma divindade masculina – sendo esta última meramente o marido da primeira – ou porque a deusa mais velha, a Mãe dos Deuses, sempre teve três filhos, dois mais velhos e mais intimamente identificados como irmãos, e um terceiro, o mais moço, destinado a lograr a supremacia. Precisamos aqui reconhecer um esquema básico em que predomina a trindade feminina ou a trindade masculina. A trindade feminina está subordinada a um quarto elemento masculino, e a trindade masculina a um quarto elemento feminino. Por conseguinte, assim que o terceiro irmão apareceu em nossas praias e tornou-se um novo senhor do mar, nossa religião encontrou espaço para ele. (Estou falando, naturalmente, de Posídon.) Existem registros do culto de uma trindade em que ele não se inclui, um culto de Zeus como "Deus Celestial" (*Hypsistos*), como Deus do Mundo Subterrâneo (*Chthonios*), e sob um terceiro aspecto, sem nome[783]. Com o advento de Posídon, a trindade definiu-se ainda mais claramente. Antiga pintura de vaso mostra os três irmãos como os três soberanos do mundo, com os seus emblemas de poder: Zeus com o raio, Posídon com o tridente, Hades com a cabeça virada para trás. Este último era o que não podia ser contemplado, o terrível

deus da morte, que fazia todas as coisas vivas desaparecerem, que as tornava invisíveis. As pessoas que ofereciam sacrifícios aos seres do Mundo Subterrâneo tinham de fazê-lo olhando para outro lado.

O irmão subterrâneo de Zeus – pois foi nisso que Hades se tornou em nossa mitologia, ainda que, originalmente, fosse apenas o aspecto escuro de um deus brilhante – tinha muitos nomes além dos que já mencionei. Não somente nomes que lhe expressavam a qualidade de deus dos mortos – como Polidegmon, "o recebedor de muitos convivas", mas também Plutão, "o rico" ou "o que dá riquezas", e Eubuleu ou Eubulo, "o bom conselheiro". Os mesmos nomes – Plutão, Eubulo, Eubuleu – foram dados também ao filho místico, desconcertante, que ele recebeu de uma deusa igualmente conhecida por muitos nomes, tanto como mãe quanto como filha: como Geia e Reia, como Reia e Deméter e, especialmente em sua relação com Hades, como Deméter e Perséfone. Na versão pública da história, Hades não coabitou com sua irmã Deméter. Foi Zeus quem o fez, na história mais secreta que já narrei, ou foi Posídon, em outra história com a qual os leitores também já estão familiarizados. Hades, porém, raptou a sobrinha, Perséfone, também chamada simplesmente Core, "a Donzela". O nome Perséfone está ligado a Perse, Perseida, Perses, Perseu e Pérseo – nomes de Hécate e suas associadas – e era provavelmente usado desde os tempos pré-gregos como o da rainha do Mundo Subterrâneo. Ela adquiriu o nome de "a Donzela" quando, como primeira e única filha de sua mãe (característica que, mais uma vez, partilhou com Hécate, e também com Pandora e Protogênia), caiu vítima do deus da morte. Eis aí a história da fundação do reino dos mortos, que para nós seria inconcebível sem a sua rainha e que é também a história da fundação dos Mistérios Eleusinos. Eu a contarei, primeiro que tudo, tal como era contada num grande hino composto ao estilo de Homero.

1 O rapto de Perséfone

Hades raptou a filha de Deméter[784], a filha que Zeus lhe dera sem o conhecimento da mãe. A donzela estava brincando com as filhas de Oceano, apanhando flores – rosas e açafrões, violetas, íris e jacintos – no prado luxuriante. Quase apanhou também o narciso, a flor que a deusa Geia, para agradar ao deus do Mundo Subterrâneo, fizera surgir, prodígio radioso, como artimanha para seduzir a donzela cujo rosto se diria um botão de rosa. Todos os que viram a flor, assim deuses como homens, ficaram maravilhados. Uma centena de florações rebentou-lhe das raízes, doce fragrância espalhou-se em torno dela, os céus abriram-se num sorriso e assim também a terra e a corrente salgada do mar. Com ambas as mãos, a donzela atônita tentou apanhar a joia. Escancarou-se a terra, um abismo apareceu nos Campos Niseus e dele saltou o Senhor do Mundo Subterrâneo com seus corcéis imortais, o Filho de Crono, o deus de muitos nomes. Colocou a donzela, que se debatia, no carro de ouro e levou-a embora, a despeito das suas lamentações.

Estridentemente ela gritou para o Pai, filho de Crono, soberano supremo. Nem deus nem homem lhe ouviram a voz, nem uma oliveira se mexeu. Somente a terna filha de Perses, a deusa de toucado cintilante, a deusa Hécate, ouviu o grito desde a sua caverna; e ele foi ouvido também por

Hélio, o esplêndido filho de Hiperíon. Sentado distante dos deuses, no seu templo muito frequentado, o Pai recebia sacrifícios. Foi obra sua o rapto da filha pelo tio, comandante de muitas almas, hospedeiro de muitos hóspedes, filho de Crono, deus de muitos nomes. Enquanto pôde ver a terra e o céu estrelado, o mar e o sol, a deusa esperou ver de novo a mãe e os deuses eternos. Os picos das montanhas e as profundezas do mar ecoaram-lhe a voz imortal. A senhora sua mãe ouviu-a. Uma dor aguda salteou-lhe o coração, ela arrancou o toucado da cabeça, arrancou dos ombros o vestido escuro e voou como um pássaro sobre a terra e a água, em busca da filha.

Ninguém estava querendo contar-lhe a verdade – nem deus nem homem. Nem mesmo um pássaro voou para encontrar-se com ela como um sinal. Por nove dias a Senhora Deméter peregrinou pela terra, com duas tochas ardentes nas mãos. Em sua dor, não provou da ambrosia nem do néctar e tampouco molhou o corpo com água. Somente na terceira manhã Hécate – que também carregava uma tocha – deparou com ela e trouxe-lhe notícias: "Senhora Deméter, portadora do desenvolvimento pleno e distribuidora de ricos presentes, quem roubou Perséfone e tão profundamente te perturbou o coração? Ouvi teu grito, mas não vi quem foi. Se o tivesse visto, eu te contaria a verdade". Sem uma palavra, a filha de Reia saltou com ela, carregando nas mãos as duas tochas ardentes, até Hélio, o que observa deuses e homens. Detiveram-se diante dos cavalos dele, e a grande deusa indagou da filha e do raptor. Respondeu-lhe o filho de Hiperíon: "Filha de Reia, Senhora Deméter, saberás a verdade. Reverencio-te e apiedo-me da tua dor pela donzela de pulcros tornozelos. Nenhum dos imortais é responsável senão Zeus, que a deu por esposa a seu irmão Hades. Hades carregou-a em seu carro, levando-a à força para o reino da escuridão e pouco se dando do pranto dela. Mas tu, deusa, deixa de lamentos! Não tens necessidade de resmungar tão inconsolavelmente. Em teu irmão Hades não recebeste nenhum genro indigno entre os deuses. Desde a partilha, ele foi honrado com um terço do mundo, e lá onde habita é realmente rei".

Assim falou Hélio, e seguiu em frente com o carro. Os corcéis obedeceram-lhe à voz e puxaram-no com a rapidez de pássaros. A deusa mergulhou num sofrimento ainda mais terrível e torturante. Em sua cólera contra Zeus, deixou o Olimpo e a assembleia dos deuses, foi para o meio dos homens e visitou-lhes as cidades e locais de trabalho. Por muito tempo descurou da aparência exterior, ninguém a reconheceu, nem homem nem mulher, até que ela chegou ao palácio do sábio Céleo, que, naquela ocasião, era rei de Elêusis, a cidade fragrante de sacrifícios. Sentou-se à beira da rua, retransida de dor, junto ao Poço da Virgem, onde o povo da cidade ia buscar água. Ali permaneceu sentada na sombra, ao pé de uma oliveira. Dir-se-ia uma velha que já não pudesse parir filhos nem tivesse participação nos presentes da deusa do amor. Assim se mostram as amas de crianças reais e as mais velhas das criadas de palácios reboantes. Ali foi vista pelas filhas de Céleo, filho de Elêusis, quando foram tirar água em cântaros de bronze para a casa de seu pai. Eram quatro, na flor da virgindade: Calídice, Clisídice, Demo e Calítoe, a mais velha. Não reconheceram a deusa – com efeito, não é tão fácil para mortais contemplar imortais – e perguntaram-lhe: "De onde vens, velha, e para onde vais? Por que deixaste o teu lar, e por que não vens para o palácio? Dentro das suas paredes umbrosas estarias em casa, em tua velhice, como estão as mulheres mais jovens, que te tratariam bem, tanto com palavras quanto com atos".

A deusa respondeu de modo bondoso: chamou as donzelas de "queridas filhas", revelou o próprio nome, mas de forma torcida, e contou uma história inventada. Disse que piratas a haviam levado de Creta para lá, contra a sua vontade. Quando desembarcaram perto de Tóricos e estavam preparando uma pândega na praia para eles e para as outras mulheres, escapara, e agora não sabia onde estava. Suplicava ajuda e hospitalidade na casa em que as donzelas eram filhas. Talvez houvesse ali uma criança de que ela poderia cuidar como ama? Prepararia a cama para o dono e a dona e ensinaria trabalhos manuais às outras mulheres da casa. Calídice, a mais formosa das donzelas, contou-lhe os nomes dos senhores da terra: Triptólemo, Díocles, Políxeno, Eumolpo, Dólico e seu próprio pai. Todos tinham esposas e nenhum repeliria uma mulher que lhe suplicasse proteção. Qualquer um a aceitaria à primeira vista, tão grande era a sua semelhança com as deusas. Mas ela precisava esperar que as quatro donzelas pedissem à mãe, Metanira, que convidasse a estrangeira a vir para a sua casa, e a estrangeira não teria necessidade de ir a nenhum outro lugar. Havia, de fato, um meigo menino recém-nascido no palácio: qualquer uma que cuidasse dele e o criasse seria invejada pelas outras mulheres, e com muita razão, pois seria ricamente recompensada.

Dessa maneira a deusa foi convidada, com a promessa de um grande ordenado, a ir para a casa de Céleo. As donzelas voltaram correndo e levaram-na para casa. Deméter seguiu-as com o rosto coberto por um véu, vestindo um longo e escuro manto, que lhe caía, roçagante, até os pés delicados. Entraram na sala externa de Céleo, onde estava sentada Dama Metanira defronte da sua câmara. Tinha no colo a criança, o novo rebento. As donzelas correram para a mãe. A deusa transpôs o limiar, sua cabeça tocava o teto, a porta se encheu de luz divina. A Rainha foi tomada de respeitoso temor, de assombro e de terror; levantou-se do seu assento e pediu que a deusa se acomodasse ali. Deméter não quis fazê-lo, mas permaneceu em silêncio, com os olhos postos no chão, até que a prudente criada Iambe colocou um tamborete à sua frente e atirou sobre ele uma pele de carneiro alviprateado. Em seguida, Deméter sentou-se e abaixou o véu da cabeça sobre o rosto. Por muito tempo se quedou sentada, sem emitir nenhum som, sem pronunciar uma palavra, sem fazer um sinal. Sem sorrir, sem tocar em comida nem bebida, ficou ali sentada, pranteando a filha, até que a prudente Iambe, com troças e brincadeiras, alegrou tanto a divina dama que ela primeiro sorriu e depois riu-se, e sua alma voltou a ser alegre. Mais tarde também, Iambe soube consolar a deusa quando a via irada. Metanira ofereceu-lhe uma taça de vinho doce, mas Deméter recusou-o, dizendo que não lhe era permitido beber vinho tinto. Pediu que se misturasse cevada com água, para poder tomá-la com a delicada hortelã. A Rainha preparou a poção, a deusa tomou-a e, depois disso, sempre o fizeram os que se dedicam à sagrada pureza e não podem tomar vinho.

Só então proferiu Metanira as palavras de saudação e deu as boas-vindas à estrangeira. Ela acreditava, disse, poder ler nos olhos da deusa a sua régia posição, até na desgraça, que vem dos deuses, como deles vem também a boa sorte. Mas, dali por diante, a deusa seria tratada exatamente como ela mesma. Confiou-lhe aos cuidados o filho tardiamente nascido, que já não era esperado. Se a deusa consentisse em cuidar dele e educá-lo até que atingisse a idade da juventude, seria justamente invejada pelas outras mulheres, tão rica seria a sua recompensa. Deméter, a deusa da bela grinalda, empreendeu a educação da criança e prometeu à mãe que seria uma boa ama, pois

conhecia os feitiços contra todas as influências malignas. Com as mãos imortais pegou Demofoonte, filho de Céleo, e conchegou-o do seio fragrante. Metanira jubilou. Deméter cuidou do menino dentro do palácio. A criança cresceu qual um deus, sem comer nem beber. A deusa ungiu-o com ambrosia, soprou nele o seu hálito suave e segurou-o no colo. Todas as noites, sem o conhecimento dos pais, expunha a criança à plena força do fogo, como acha de lenha que está sendo transformada em tocha. Para os pais era uma grande maravilha o modo com que o filho se desenvolvia, tão belo quanto um deus. Deméter o teria até transformado num imortal, que nunca envelheceria, se Metanira, em sua imprevidência, numa noite, não tivesse espiado para fora da sua câmara e visto o que estava sendo feito à criança. Ela gritou, aterrorizada, bateu com as mãos nas coxas e rompeu em lamentações: "Demofoonte, meu filho, a estrangeira deixa que te exauras na grande fogueira e a mim mergulha na aflição!"

Assim se lamentou ela. Ouviu-a a deusa e encheu-se de raiva contra a Rainha. Com mãos imortais pôs a criança de lado, no chão, depois de havê-la tirado iradamente do fogo e, ao mesmo tempo, disse a Metanira: "Ignorantes sois vós, seres humanos, e imprevidentes, pois não podeis prever nem o bem nem o mal. Tu também sofreste, em tua imprevidência, um dano irremediável. Juro o grande juramento dos deuses, pela água do Estige, que eu teria transformado teu querido filho num imortal, que se conservaria eternamente jovem, e teria obtido para ele um renome imperecível. Agora já não lhe é possível evitar a morte. Receberá o renome imperecível, porque se sentou no meu colo e dormiu nos meus braços. Os filhos dos eleusinos, em intervalos determinados, travarão guerras em sua honra. Mas eu, de minha parte, sou Deméter, a senhora de todos os cultos, divindade da maior beneficência, que traz a maior alegria tanto a imortais quanto a mortais. Agora tu e todo o teu povo erigirão para mim um grande templo e um altar defronte, debaixo do muro da cidade e acima do poço com o belo local de danças, no alto da colina. Ensinar-vos-ei os ritos sagrados, para que no futuro possais oferecer-me o culto que me conforta a alma".

Assim falou a deusa, reassumindo a estatura original e a verdadeira forma. Já não era uma velha: banhada em beleza, uma fragrância que despertava o desejo se evolava à sua volta, vinda do suave aroma do manto; longe resplandecia a radiância do seu corpo imortal; áureos lhe caíam os cabelos sobre os ombros; um resplendor enchia a câmara, como se fosse a fulguração de um raio. Com passos majestosos a deusa saiu do palácio. A rainha caiu desmaiada. Por longo tempo ali jazeu sem dizer palavra, sem pensar em erguer o filho do chão. As filhas ouviram-lhe o choro e saltaram da cama. Uma delas pegou a criança e pô-la no colo. Outra acendeu uma fogueira. Uma terceira correu para a mãe, ajudou-a a pôr-se de pé e tirou-a do quarto. Todas se afanaram com a criança, lavando-a enquanto ela se debatia e cercando-a de amor. Mas a criança não queria ser confortada, pois agora suas amas eram piores. Elas passaram a noite inteira rezando para a deusa, tremendo de medo. Antemanhã, contaram tudo ao poderoso Céleo, como lhes ordenara que o fizessem a própria Deméter da formosa grinalda. O Rei convocou o povo e convidou-o a construir um rico templo e um altar para Deméter, no alto da colina. O povo obedeceu incontinenti e construiu o templo como ele ordenara. O templo ergueu-se pela vontade dos deuses.

Quando os construtores terminaram e viram o fruto dos seus trabalhos, voltaram para casa. No templo sentou-se Deméter, longe dos deuses abençoados, e chorou a filha. Mandou à terra que tudo nutre um ano terrível, um ano de amarga penúria para a humanidade. De nenhuma semente permitiu a terra brotasse alguma coisa; Deméter fez que todas as coisas permanecessem escondidas no chão. Em vão arrastavam os bois os arados pelos campos, em vão caiu a alva cevada nos sulcos. Ela teria destruído toda a humanidade com a fome perversa, e os olimpianos não mais teriam recebido adoração nem sacrifícios, se Zeus não tivesse mudado de ideia. Primeiro que tudo, mandou Íris, a linda deusa de asas de ouro, buscar Deméter. Íris obedeceu e deu-se pressa a ir a Elêusis. Encontrou Deméter no templo envergando vestes escuras, e implorou-lhe, mas em vão: a deusa não quis consentir. Em seguida, o Pai mandou-lhe todos os deuses abençoados; eles vieram, um depois do outro, buscar Deméter, e trouxeram-lhe presentes esplêndidos. Mas ninguém conseguiu persuadir a deusa irada a alterar sua decisão. Ela não poria os pés no fragrante palácio do Olimpo, nem a terra voltaria a dar frutos, enquanto não visse mais uma vez a filha.

Quando soube disso, Zeus mandou Hermes, o deus do caduceu de ouro, à escuridão do Mundo Subterrâneo, a fim de convencer Hades, com brandas palavras, a trazer Perséfone de volta da treva para os deuses e para a luz. Hermes obedeceu e, desde a morada olimpiana, mergulhou nas profundezas subterrâneas. Ali encontrou o dono do palácio em casa. Estava deitado na cama, ao lado da esposa envergonhada, que, em sua aflição, ansiava por rever a mãe. Hermes postou-se diante deles e explicou a Hades, o senhor dos mortos, a razão da sua chegada. As sobrancelhas de Hades ergueram-se num sorriso. Obediente ao Rei Zeus, ele falou incontinenti com a esposa: "Vai, Perséfone, para tua mãe, a deusa das vestes escuras, vai com o teu generoso coração e não fiques mais tão triste. Não serei um marido indigno de ti entre os imortais – não sou, acaso, irmão do Pai Zeus? Se porventura vieres aqui de vez em quando, reinarás sobre todas as criaturas vivas e terás as honras maiores entre os deuses. Quem quer que te insulte, e não trouxer nenhum sacrifício contributivo, expiará por isso eternamente".

Assim falou ele. Perséfone ergueu-se da cama, jubilosa. O marido, no entanto, seguiu-a secretamente e colocou-lhe na boca a semente, doce como o mel, de uma romã, para que ela não ficasse sempre com Deméter. Atrelou os corcéis imortais ao carro de ouro. A deusa subiu no carro e Hermes, com as rédeas e o chicote na mão, dirigiu a parelha para fora do palácio. De boa mente voaram os corcéis e, céleres, cobriram a grande distância. Nem o mar, nem os rios, nem as ravinas, nem os precipícios lhes detiveram o ímpeto; voaram acima deles, através do ar. Hermes conteve-os no lugar em que Deméter estava sentada diante do templo fragrante. Ao avistar o carro, ela ergueu-se de um salto, como uma Bacante nas montanhas. Perséfone, deixando o carro, voou ao seu encontro. Enquanto se abraçavam, Deméter já estava perguntando à filha se ela comera alguma coisa no palácio de Hades. Pois, se o tivesse feito, teria de passar um terço do ano debaixo da terra e só nos outros dois terços poderia ficar com a mãe e com o resto dos imortais, voltando para eles com a primavera.

Perséfone contou que, no momento em que saltava de alegria com a ideia de voltar para a mãe,

o marido colocara secretamente a semente de uma romã em sua boca e a obrigara a comê-la. Também contou que fora raptada enquanto estava brincando e apanhando flores com as filhas de Oceano e com Atena e Ártemis. Assim passaram elas o dia inteiro, abraçadas uma à outra com amor. Depois veio Hécate, a do toucado cintilante, e também acolheu, carinhosa, a filha da sagrada Deméter. Desde então tem sido companheira e criada delas. Zeus enviou sua mãe Reia, a deusa do manto escuro, como mensageira às duas, Deméter e Perséfone, para trazê-las de volta. Prometeu conferir-lhes todas as honras que desejassem, acrescentando que a filha passaria dois terços do ano com a mãe e o resto dos imortais. Reia saltou do Olimpo na direção dos Campos Rarianos, outrora férteis, mas agora estéreis, sem uma única haste verde, guardando a cevada branca dentro do solo, de acordo com a vontade de Deméter, a deusa dos belos tornozelos. Logo, porém, à proporção que a primavera se adiantasse, os campos voltariam a cobrir-se densamente de espigas de grãos. Foi nesses campos que a deusa, vinda do Céu, pôs os pés pela primeira vez. Alegres se entreolharam, mãe e filha, Reia e Deméter. Reia contou o que Zeus prometera e pediu a Deméter que permitisse ao trigo dispensador de vida voltar a crescer.

Deméter consentiu e fez que o fruto dos campos de terra abundantemente povoada brotasse. Densamente se cobriu a terra de hastes e flores. Entrementes, a deusa dirigiu-se aos reis de Elêusis, ensinou-lhes os ritos sagrados e iniciou-os no culto sacrossanto, que não pode ser revelado nem ouvido, nem sequer comentado em voz alta, pois o sagrado terror da deusa abafa suas declarações. Abençoado é o homem na terra que viu essas coisas. Mas o que continua não iniciado e não tem participação nelas não terá, quando estiver morto, porção alguma das bênçãos correspondentes na escuridão bafienta lá debaixo.

Depois que Deméter deu todas as instruções, as deusas foram para o Olimpo e juntaram-se aos outros imortais. Ali moraram ao lado de Zeus, gozando de grande honra. Abençoado é o homem na terra que eles amam, pois lhe enviarão prontamente Pluto, o rei da riqueza, ao seu palácio, a fim de ser para ele o hóspede que confere riquezas aos mortais.

2 Outras histórias de rapto, consolação e ascensão

Na história anterior, Hades arrebatou Perséfone das plagas distantes de Oceano, dos Campos Niseus, os prados do Monte Nisa, que também aparecerão na história do nascimento de Dioniso. A hora do dia em que o rapto se consumou pode ser calculada pelo fato de, durante a jornada para o Mundo Subterrâneo, a donzela raptada ter visto não só o céu estrelado, mas também o Sol. Hélio, de sua parte, também a viu quando ela desapareceu da superfície da terra, no carro do deus do Mundo Subterrâneo – o que quer dizer, de manhã cedinho, presumivelmente. Suas companheiras de folguedos, além das Oceânidas, eram Atena e Ártemis. As três grandes deusas virgens, entre as quais ainda se incluía Perséfone, constituíam uma trindade, uma terça parte da qual caiu nas mãos do raptor e ficou, durante uma terça parte do ano, debaixo da terra. Ausente quando a filha foi raptada, de acordo com uma história[785], Deméter estava, naquele momento, na sua amada ilha da Sicília, onde – segundo outra história[786] – ocorreu o rapto, perto do Lago Pergo, que fica próximo

da cidade de Ena. Nesta última história, o raptor desapareceu com a vítima nas vizinhanças de Siracusa, no lugar onde, a partir de então, nasceu a fonte de Cíane, "a fonte escura".

No nosso continente, muitas localidades também afirmavam que Deméter as visitara na busca da filha roubada. Nessa busca – assim se falava[787] – ela visitou a casa de um homem daquele tempo, um dos nossos homens primordiais, e foi recebida hospitaleiramente. Em Argos, o anfitrião foi o homem primordial Pelasgo, cuja esposa Crisântis, "Flor de Ouro", inteirou a deusa do destino da filha raptada. Mas a cidade mais famosa como o lugar em que Deméter teve, pela primeira vez, notícias do destino de Perséfone sempre foi Elêusis. Os discípulos de Orfeu preservaram uma história a esse respeito, muito mais antiga do que a narrativa ao estilo de Homero que já era o nome do Rei Céleo, "o Pica-pau", adequado a um rei que reina sobre habitantes de florestas, que só tiveram conhecimento da agricultura depois que Deméter os visitou e deu-lhes grãos, em agradecimento aos que lhe haviam dado hospitalidade e notícias da filha. O tema da gratidão estava faltando na história que relatei, mas essa preservou outro tema antigo: o da consolação. A deusa foi consolada pelas brincadeiras de Iambe. Esse nome deriva de *iambos*, palavra nossa para indicar o verso chocarreiro e que, com certeza, não é tão velho quanto o próprio tema da consolação. Contarei agora a história da consolação de Deméter tal como a narravam os seguidores de Orfeu.

Nos Campos Rarianos[788], entre Atenas e Elêusis, Deméter encontrou mortais que haviam saltado da terra: a mulher Baubão, o homem Disaules e seus filhos Triptólemo, Eumolpo e Eubuleu. O nome Baubão significa "Barriga". *Dusaules* recebeu o seu da "casa onde não é bom morar". Dizia-se dos seus filhos – pois os três eram seus filhos, embora isto só seja expressamente declarado de dois deles[789] – que Triptólemo era vaqueiro, Eumolpo pastor e Eubuleu guardador de porcos. A julgar pelo nome, Triptólemo, "o guerreiro triplo", deve ter sido originalmente – como o filho de Céleo, Demofoonte, "matador do povo" – uma figura semelhante à do deus da guerra Ares. Sob o nome de Eumolpo, "o doce cantor", reconhecemos o sacerdote oficiante dos Mistérios Eleusinos; e, do nome Eubuleu, deduzimos que ele era o próprio deus do Mundo Subterrâneo. Na história original não havia dúvida de que este último desempenhava a parte principal, e aparecia sozinho na qualidade de pastor. Dizia-se[790] que os porcos de Eubuleu foram engolidos pelo mesmo abismo que tragou Perséfone. Foi por isso que ele pôde contar a Deméter o que acontecera à filha. A maioria das histórias menciona Triptólemo também como informante de Deméter ou, às vezes, somente como Triptólemo. Este último foi o homem que recebeu da deusa agradecida a dádiva dos grãos e saiu pelo mundo afora partilhando o presente com a humanidade. Se, nos primeiros tempos, fora um ser guerreiro, depois se tornou, graças a Deméter, o domesticador dos modos selvagens dos homens primordiais que ainda não conheciam o pão. As pinturas de vasos mostram-no montado num carro que consiste apenas em duas rodas e um trono: acima das rodas, em que há asas e serpentes, está sentado Triptólemo com espigas de grãos na mão.

A consolação de Deméter foi também descrita da seguinte maneira[791]: Baubão recebeu a deusa hospitaleiramente e deu-lhe a bebida de cevada de que já falei. A deusa rejeitou-a e recusou-se a

quebrar o jejum. Em seguida, Baubão fez outra coisa. (Deve-se imaginá-la sentada, com as pernas bem-abertas, diante da deusa atribulada, como nas estátuas dos santuários mais tarde erguidos para ela.) Ela levantou o vestido, desvelando o ventre deselegante, e eis que lá estava o infante laco rindo-se na barriga de Baubão. Diante disso, a deusa riu-se também e, com um sorriso, aceitou a bebida. Iaco era um nome dado à criança divina dos Mistérios Eleusinos, filho de Perséfone, cujo nascimento foi proclamado pelo sacerdote oficiante. Os iniciados declaravam publicamente[792], comemorando uma consolação semelhante, que eles mesmos tinham recebido a caminho da iniciação: "Jejuei, bebi a bebida de cevada". O que tinham visto não podiam revelar. Nem seria fácil descrever com mais exatidão o que Deméter viu no ventre aberto de Baubão. Aqui já tocamos na parte inefável dos Mistérios.

Talvez essa história tenha significado alguma vez que a própria Deméter desceu ao Mundo Subterrâneo e ali encontrou Baubão e Disaules – seres em cuja casa era tão ruim morar. Segundo a história contada pelos seguidores de Orfeu[793], ela desceu ao Mundo Subterrâneo pelo mesmo abismo hiante que tinha engolido Perséfone e os porcos – os animais sacrificiais das duas deusas. Os famosos corcéis negros de Hades[794], e também o carro de serpentes de Deméter[795], em que ela saiu à cata do raptor, são de origem posterior à da história do desaparecimento da donzela através de um abismo na terra. As histórias da ascensão de Perséfone desde o Mundo Subterrâneo foram adaptadas correspondentemente. Na história menos antiga[796], ela subiu para o Olimpo atrás de corcéis brancos. Mas também se dizia[797] que Perséfone foi reconduzida à luz pelas Moiras, pelas Horas e pelas Cárites, um grupo de nove dançarinas. Outra confortadora da mãe aflita – vale dizer, de Reia e Deméter na mesma pessoa – foi Afrodite[798]. O leitor há de estar lembrado de que essa deusa era servida pelas Horas e pelas Cárites em todas as suas idas e vindas, não só em seu nascimento como também em suas outras epifanias. A única diferença entre a ressurreição de Perséfone do Mundo Subterrâneo e o nascimento de Afrodite foi que a primeira surgiu de um abismo na terra. Duas criadas divinas envolveram a deusa num manto, visto que ela vestia apenas uma camisa muito leve. A cena pode ser admirada no trono dos Ludovisi. Terracotas no mesmo estilo e do mesmo período, tiradas de santuários gregos na Itália Meridional, mostram a deusa conduzida em seu carro por Eros e uma donzela alada.

3 Histórias do mundo subterrâneo

Se houvesse sido preservada a história das andanças de Deméter no Mundo Subterrâneo a fim de encontrar a filha, teríamos mais informações acerca do próprio Reino dos Mortos. Pois na nossa mitologia as histórias do Mundo Subterrâneo estavam geralmente ligadas às fábulas relativas às viagens ao Reino dos Mortos por divindades ou heróis, por iniciados ou até por não iniciados. Nessas histórias, os deuses ou heróis conseguiam voltar, ao passo que os iniciados e não iniciados se arranjavam de outro modo e o destino dos iniciados era diferente do dos não iniciados. Os maiores malfeitores, como Títio, Flégias ou Íxion, estavam sujeitos a punições eternas; e reservavam-se castigos especiais também para os que haviam golpeado seus pais[799] ou ofendido um hóspede (ou seja, um estranho pedindo abrigo) e para salteadores de templos e perjuros – sem mencionar os

culpados de pecados mais incomuns. No Mundo Subterrâneo tais malfeitores, além disso, eram atormentados pelas Erínias, as quais, em muitos casos, já os tinham perseguido em vida. Fazia-se menção também de demônios especiais do Mundo Subterrâneo[800], como aquele Eurínomo que, na pintura da cena feita por Polignoto, foi pintado numa cor negro-azulada, lambendo os dentes e sentado na pele de um lince. A mesma pintura também mostrava[801] Ocno, "o procrastinador", entrançando uma corda dos caniços do rio paludoso do Mundo Subterrâneo, ao passo que um burro, atrás dele, ia comendo continuamente a corda. Os não iniciados poderiam esperar o mesmo castigo infligido às filhas de Dânao, que mataram seus maridos na noite do casamento e permaneceram irrealizadas: elas iam buscar água em peneiras ou em cântaros sem fundo.

Essas figuras e muitas outras foram descritas nas histórias das jornadas dos heróis ao Mundo Subterrâneo. A viagem de Héracles foi empreendida com o propósito de trazer de volta Cérbero, o cão furioso de Hades, ao qual já me referi. Teseu e seu companheiro Pirítoo procuraram roubar a Hades sua rainha, Perséfone. Essas histórias se perderam e, de qualquer maneira, pertencem propriamente à saga heroica, como pertence a história, ainda mais famosa, da visita de Orfeu ao Reino dos Mortos. Ele foi para lá a fim de encontrar Eurídice, sua esposa, e conquistá-la de volta com canções. Ela lhe foi entregue, mas, a crermos numa versão, Orfeu tornou a perdê-la. A história do modo como ele a perdeu preservou-se com maiores minúcias do que a do modo como desceu ao Mundo Subterrâneo pela primeira vez. Temos igualmente parcas informações acerca da descida de Deméter, que conviria contar neste ponto. Pode ser que, ao chegar ao rio que limita o Reino dos Mortos, a deusa o cruzasse na balsa de Caronte: Polignoto pinta[802] a sua sacerdotisa Cleobeia viajando dessa maneira. Talvez a deusa tenha observado a prática, costumeira entre os que viajavam na balsa de Caronte por favor especial, de carregar na mão um ramo de ouro – o famoso ramo de ouro que apaziguava o rústico balseiro. Isso parece ter sido sugerido pelo poeta latino Virgílio[803] –que ainda pode ensinar-nos uma ou duas coisas respeitantes ao Mundo Subterrâneo. Segundo pinturas de vasos da Itália Meridional, o iniciado usa uma grinalda de trigo – a grinalda de Deméter – e carrega um ramo na mão ao chegar à presença de Hades e de Perséfone, que se sentam entronizados entre os mortos num edificiozinho parecido com um palácio, como se estivessem num santuário aberto. Se ele seguir as instruções dos discípulos de Orfeu[804], terá bebido da fonte que jorra à sua mão direita, Mnemósine, "Memória", e evitado a fonte à sua mão esquerda com o cipreste branco ao lado – Lete, a água do esquecimento.

Quanto à questão de saber como os não iniciados, e todos os que morreram depois de uma vida pouco santa, chegaram ao Além, encontra-se a resposta, até certo ponto, na história que nos descreve a função de Hermes como Psicopompo, "Escoliador de Almas". Conta-se na Odisseia[805] o modo como ele tratou as almas dos pretendentes mortos que haviam atormentado a fiel Penélope. Hermes, deus de Cilene, reunia as almas dos mortos que pervagavam por ali. Trazia na mão o belo caduceu de ouro com o qual, se quiser, pode fechar os olhos dos homens como por um encantamento mágico. Ou, se quiser, pode usá-lo para despertar os dorminhocos. Com esse caduceu, colocava as almas em seus lugares. Elas o seguiam, sussurrando, feito morcegos no canto de uma caverna sagrada, quando um deles cai da corrente da qual pendem todos juntos.

Sussurrando voavam as almas, conduzidas por Hermes, o deus que mitiga todo o mal. Voam, por caminhos escuros, além da corrente de Oceano e dos rochedos brancos, além da porta pela qual entra Hélio, além do País dos Sonhos. Assim chegam, céleres, aos prados de asfódelos onde habitam as almas, as imagens de homens que a vida exaure. Ali se encontram com as dos heróis tombados diante de Troia: num prado cheio de asfódelos, que lançam altos brotos, cuja floração incolor ondula como um véu roxo-acinzentado sobre um sem-número de prados litorâneos na orla do Mediterrâneo.

Em relação aos mortos, a Odisseia tem outra história para contar[806] – uma história narrada no mesmo estilo das de Cila e Caribde, de Proteu e das Sereias. Foi Circe, filha de Hélio, que mandou Ulisses à Casa de Hades – ou, pelo menos, ao sítio em que Hades borda a corrente de Oceano. Ali estão as bocas – assim informou Circe a Ulisses[807] – do Rio Periflegetonte, "o rio que queima como o fogo", e do Cocito, "o Lamentado", rio que flui do Estige ao Aqueronte, o rio da aflição. Ali, disse ela, havia um bosque sagrado de Perséfone, um bosque de choupos negros e salgueiros estéreis, na borda do reino da escuridão sem sol. Tão longe chegaram as almas do Além para encontrar-se com Ulisses, em torno de um fosso para dentro do qual fluía o sangue dos carneiros e ovelhas pretas sacrificadas a Hades e Perséfone. As almas enxameantes revigoravam-se bebendo o sangue e falaram com Ulisses. Ele também avistou – e como, a história não explica – as almas que tinham ficado para trás, na Casa de Hades: Minos, como juiz dos mortos, com o seu cetro de ouro; Oríon, o eterno caçador; Títio, com os abutres; Tântalo, rei da Lídia, hóspede e comensal indigno dos deuses, torturado pela sede e pela fome, mas que não conseguia alcançar nem a água que quase lhe fluía dos lábios, nem os frutos pendentes da própria boca; o mal guiado Sísifo, que em vão empurrava uma grande pedra morro acima; e a imagem de Héracles. Ulisses pode ter visto também Teseu e Pirítoo, punidos pela tentativa de raptar Perséfone. Mas não tinha tempo para isso: as vozes sussurrantes da nação inumerável dos mortos amedrontavam o herói, e ele temia também que a ilustre Perséfone mandasse contra ele a cabeça imensa da Górgona.

Tal era a descrição que nos deu do Mundo Subterrâneo uma pintura, por assim dizer, de cinza sobre cinza, imagens tão atormentadoras quanto pesadelos. Para contrastar com isso, entretanto, tínhamos também histórias brilhantemente coloridas[808]; das Ilhas dos Abençoados, das quais já tive ocasião de falar, onde Crono mantinha o seu império e para onde se enviavam os heróis amados dos deuses. Aqui também reinava Radamanto, irmão de Minos, na planície do Elísio, os Campos Elísios. Ou havia histórias[809] do outro lado da terra, onde o sol brilha enquanto aqui é noite. Há o prado em que os falecidos se divertem com disputas equestres e atléticas, jogando dados e tocando alaúde; o prado que floresce – diz-se – com rosas vermelhas e é sombreado por olíbanos: por cima da cabeça pende, pesado, o fruto de ouro. É provável que tenhamos herdado relatos como esses dos antigos cretenses, visto que Radamanto era rei dessa nação; e deles provavelmente também herdamos a palavra "Elísio", só mais tarde adaptada à nossa língua, na qual pode ser tomada como significando "as planícies da chegada". Foram os nossos poetas e filósofos que primeiro associaram os contos das Ilhas dos Abençoados e dos Campos Elísios à doutrina da transmigração das almas e do modo como as vidas se repetem várias vezes em ambos os lados da

terra[810]? Ou essa associação, mais antiga, se originou dos habitantes mais velhos da Ilha de Creta? Nenhuma das histórias que se puderam contar sobre o assunto nos fornece alguma informação a esse respeito.

XV

Dioniso e suas companheiras

Ainda preciso contar as últimas histórias dos nossos deuses: histórias de Dioniso, o mais jovem filho imortal de Zeus, um deus cuja deificação não ocorreu, como a de Héracles, somente mais tarde. Num grupo de histórias que lhe dizem respeito, ele nasceu – como também nasceu Héracles, filho de Alcmena – de mãe mortal. Em outras histórias, considerado filho de Perséfone, Dioniso recebeu o sobrenome de Ctônio, "o subterrâneo". Devo começar explicando quem era o marido de Perséfone, que o gerou.

Um dos nomes dados ao pai da criança é Hades[811]. Quando Perséfone comeu a semente de romã, relutou em deixar o marido, ou – de acordo com outra história[812] – nunca o deixou de fato. Ela era a rainha venerada e sacrossanta do Reino dos Mortos e não permitiu que Teseu e Pirítoo a raptassem. De mais a mais, o régio casal do Mundo Subterrâneo revelou-se digno dos mortos – ou assim, pelo menos, se ensinava aos não iniciados – por terem ficado sem filhos, como a própria morte. O mesmo nome de Hades só transmite uma impressão negativa, de acordo com a imagem descorada do Mundo Subterrâneo feita pelos homens. Isso representa, todavia, apenas um aspecto de um grande deus. Mas sabemos que o marido de Perséfone também se chamava Zeus Catactônio, "Zeus subterrâneo", e que foi Zeus quem seduziu a própria filha. Como Catactônio, Zeus era o pai do subterrâneo Dioniso e, na mesma qualidade, também se chamava Zagreu[813], "o grande caçador", um dos nomes do filho[814]. Aludi à identidade entre os dois quando contei a história de Zeus. Posso acrescentar que essa identidade não é indicada apenas pelo nome, particularidade comum em Creta[815]. Para nós, Dioniso tinha formas variadíssimas. Mesmo quando não aparecia efetivamente como máscara – carregada por homens ou pendurada para ser adorada –, tinha um rosto de máscara peculiar e fascinante. Antigos retratos mostram-no segurando o *kantharos*, jarro de vinho com grandes asas, e ocupando o lugar onde se esperaria ver Hades. Num vaso pintado pelo mestre arcaico Xênocles vemos, de um lado, Zeus, Posídon e Hades, cada qual com os seus emblemas de poder – o último tem a cabeça virada para trás –, e, do outro, o subterrâneo Dioniso recebendo Perséfone, que lhe está sendo, obviamente, mandada por Hermes e por sua mãe. Dioniso caminha, a passos largos, ao encontro da noiva: um noivo barbudo, escuro, com o cântaro na mão, contra um fundo de uvas. Ou será esta uma cena de despedida? A ser assim, vemos que a deusa retornará ao esposo.

Na maioria dos contos, entretanto, Dioniso mostra-se como um menino delicado, filho de sua mãe. Esta desaparece imediatamente e é logo substituída por amas carinhosas. Podemos reconhecer

os dois aspectos que Zeus também estadeava: de um lado o do pai e do marido e, do outro, o do filho e da criança divina. Na nossa mitologia outros seres além de Zeus e Dioniso têm esse duplo aspecto. Mas nenhum outro deus pareceu tanto ser um segundo Zeus quanto Dioniso: um Zeus de mulheres, reconhecidamente, ao passo que o olimpiano era muito mais um Zeus de homens. Os animais mais característicos desses dois deuses – isto é, nas formas do culto e em certas histórias, em que até hoje são escassamente distinguíveis – eram a serpente e o touro, ambos os quais apareceram no Mediterrâneo antes do cavalo. Começarei minha narrativa sobre Dioniso com uma história em que entra uma serpente: uma história em parte já conhecida dos leitores, visto que se refere a um caso de amor de Zeus – talvez o mais secreto de todos.

1 Dioniso, Deméter e Perséfone

O conto segundo o qual Zeus se uniu à mãe de Perséfone – e, mais tarde, à mesma Perséfone, sua filha – em forma de serpente só se preservou numa história órfica[816], e apenas nuns poucos fragmentos. O lugar desses casamentos, e dos nascimentos que deles resultaram, foi uma caverna que os seguidores de Orfeu imaginaram ser a caverna de Fanes e das três deusas da noite[817]. No entanto, essa caverna – como explicarei dentro em pouco – era também retratada independentemente da sua concepção órfica e, nessa forma, estava cheia de figuras puramente gregas, nenhuma das quais remonta a contos orientais de divindades nascidas em cavernas. A deusa que deu Perséfone[818] a Zeus era originalmente sua mãe Reia: Deméter aparece como terceira pessoa interposta entre mãe e filha, ambas as quais surgiram na Grécia antes dela. Ela é descrita como o *alter ego* de Reia[819], embora seja também identificada com Perséfone: Zeus gerou Dioniso – assim está expressamente declarado[820] – com Deméter *ou* com Perséfone.

Aqui, em primeiro lugar, está uma poética versão do conto[821]: Deméter veio de Creta para a Sicília, onde, perto da fonte de Cíane, descobriu uma caverna. Ali escondeu a filha Perséfone e escolheu para guardá-la duas serpentes que, em outros tempos, andavam atreladas ao seu carro. Na caverna, a donzela trabalhava com lã – costumeira ocupação das moças protegidas de Palas Atena, em sua sagrada cidadela de Atenas. Perséfone principiou a tecer uma grande teia[822], um manto para o pai ou para a mãe[823], em que se pintava o mundo inteiro. Enquanto estava entretida nesse trabalho, Zeus aproximou-se dela na forma de serpente e gerou na filha o deus que, nas histórias órficas, deveria ser seu sucessor, o quinto soberano do mundo. Isso também nos revela um hino dos seguidores de Orfeu[824] em que se contavam histórias do casamento de Zeus com Perséfone. A crermos neles, este não foi um caso de sedução levado a cabo ao arrepio da vontade da mãe: tudo aconteceu – até a metamorfose de Zeus em serpente – como Deméter pretendera e por instigação dela. Isso nos mostra os tempos antigos de que deve datar a história original: os tempos em que eram ainda as mães que davam as filhas aos maridos, e não os pais que tinham autoridade sobre as filhas e permitiam que fossem roubadas. O nascimento do filho e sucessor do trono, em realidade, ocorreu na caverna materna. Um relevo mais recente em marfim mostra a cama na caverna: a cama em que a criança dotada de chifres – os chifres significam que ele é filho de Perséfone – acabava de ter sido dada à luz pela deusa.

A mesma ilustração, recente, mas baseada num original antigo, mostra a cena subsequente na caverna, com a criança entronizada: a entronização é uma cerimônia antiga[825] nos mistérios da grande mãe Reia e de seus Coribantes, ou como quer que se chamassem os seus companheiros. Nesta ilustração são dois Curetes, que dançam ao redor do trono com espadas desembainhadas, enquanto uma mulher, ajoelhada, segura um espelho diante da criança, que se delicia com a cena. A história órfica[826] também dava nomes aos brinquedos do novo soberano do mundo: brinquedos que se tornaram símbolos desses ritos de iniciação, os primeiros sofridos pelo menino divino, o primeiro Dioniso: dados, bola, pião, maçãs de ouro, berrante e madeira. Os dois últimos representavam um papel na cerimônia de iniciação, os outros estavam mais ligados ao conto propriamente dito. Essa história só pode ser contada agora na versão adotada pelos seguidores de Orfeu, que nela introduziram os Titãs. Existe, contudo, outra versão[827], de acordo com a qual não foram necessariamente os Titãs que se houveram tão cruelmente com o filho de Zeus e Perséfone, mas simplesmente "seres nascidos da terra", sem maiores minúcias. Sabe-se, porém, que os Curetes estavam incluídos entre esses seres[828]. Sabe-se também que, dos filhos da Grande Mãe, os dois mais velhos sempre foram hostis ao terceiro. E declara-se expressamente que foram dois os Titãs que assassinaram o primeiro Dioniso[829].

Na continuação órfica da história, os Curetes foram substituídos, como já indiquei, pelos Titãs. Contava-se[830] que eles haviam surpreendido o deus-infante quando este se distraía com os brinquedos. A ciumenta Hera instigara-os a fazê-lo[831]: ela também, numa ocasião anterior, mandara os Curetes contra Épafo[832], o filho semelhante a Dioniso de Zeus e Io, a que tinha forma de vaca. Os Titãs haviam alvejado o rosto com cal[833]. Chegaram como espíritos de mortos[834], vindos do Mundo Subterrâneo, para onde Zeus os banira. Atacaram o menino que brincava, cortaram-no em sete pedaços[835] e jogaram os pedaços num caldeirão colocado sobre uma trípode[836]. Depois de ferverem a carne, puseram-se a assá-la ao fogo em sete espetos.

Sentir-nos-íamos inclinados a considerar a refeição preparada dessa maneira como um repasto de canibais, não fosse o fato de que os chifres usados pela criança dilacerada, fervida e assada dava a entender que a vítima, na verdade, era um cabrito ou uma vitelazinha – visto que o primeiro animal era usado em certas circunstâncias e em certos locais, e o segundo em outras regiões. Eles eram tratados exatamente como o deus foi tratado nesta história. Num conto[837], o próprio Zeus compareceu ao banquete dos Titãs, atraído pelo cheiro da carne assada. Com o raio, arremessou os Titãs de volta ao Tártaro e deu os membros do deus-infante a Apolo, que os levou para o Parnaso e colocou-os ao lado de sua própria trípode, em Delfos. Em outra história[838] parece que, quando Zeus desbaratou os Titãs com o raio, eles já tinham comido a carne de Dioniso. Devem ter sido rechaçados de volta ao Mundo Subterrâneo, visto que, no hino órfico[839], são invocados como os antepassados subterrâneos do gênero humano. Mas com o vapor causado pela chama do raio, que os abrasou, formou-se uma espécie de cinza. A cinza converteu-se na substância da qual, segundo os ensinamentos dos seguidores de Orfeu, os homens foram feitos. Tais ensinamentos, todavia, são de data muito posterior à história dos padecimentos do deus-infante chifrudo.

Contava-se também a história da seguinte maneira[840]: Os membros cozidos do primeiro Dioniso, filho de Deméter, foram para dentro da terra. Os seres nascidos da terra o haviam feito em pedaços e cozido, mas Deméter juntou os membros uns aos outros. Isso pode ser, entretanto, uma história sobre a criação da videira. Sabemos, por intermédio dos seguidores de Orfeu[841], que o derradeiro presente de Dioniso foi o vinho e, com efeito, ele mesmo assumira por esse tempo o nome de *Enos*, "Vinho". Foi Zeus quem trouxe a realização, mas Dioniso a completou – ou, para usar uma expressão moderna, "depôs a coroa sobre a criação do mundo". Essa noção, contudo, é também de data posterior. Na história original, os membros cozidos do deus foram queimados – com exceção de um único – e podemos presumir que o vinho proveio das cinzas. Todas as narrativas se referem à exceção de um membro, que não foi devorado pelos Titãs, nem pelo fogo, nem pela terra. Uma deusa esteve presente à refeição – em relatos ulteriores[842], a deusa Palas Atena – e escondeu o membro numa cesta coberta. Zeus tomou conta dele. Diz-se que era o coração de Dioniso. Essa afirmação contém um jogo de palavras: pois também se dizia[843] que Zeus confiou o *kradiaios Dionysos* à deusa Hipta, para que ela pudesse carregá-lo na cabeça. Na Ásia Menor, "Hipta" era o nome que se dava à grande mãe Reia, e *kradiaios* é uma palavra de duplo sentido: tanto pode derivar-se de *kradia*, "coração", quanto de *krade*, "figueira", sendo que, na última acepção, significa um objeto feito de madeira de figueira. A cesta na cabeça de Hipta era um *liknon*, uma peneira de joeirar, tal como a carregada na cabeça em procissões festivas, e continha um falo escondido debaixo de uma pilha de frutas – tendo o próprio Dioniso feito o falo do tronco da figueira. Relata-se também[844] que o *Liknites*, "o que está na peneira de joeirar", era repetidamente "despertado" pelas Tíades, as mulheres que serviam Dioniso no Monte Parnaso.

2 Dioniso e Sêmele

Além do filho da deusa do Mundo Subterrâneo – o filho chifrudo que a filha e duplo subterrâneo da Grande Mãe dera a Zeus –, nossa mitologia também falava num segundo Dioniso, filho de Sêmele, filha, por sua vez, do rei Cadmo. *Sêmele* era o nome dado pelos frígios na Ásia Menor, e pelos seus parentes e vizinhos europeus, os trácios, a Ctônia, "a subterrânea". Dizia-se[845] que o lugar em que Zeus consumou o seu casamento com a deusa Sêmele na Ásia Menor foi o Monte Sípilo. Em Tebas, por outro lado, mostrava-se uma ruína queimada no recinto sagrado de Deméter[846], onde se afirmava ter-se erguido o palácio de Cadmo[847], e dizia-se aos visitantes que esse era o lugar em que Zeus consumira Sêmele com o raio. Como o filho do casamento era um homem, Zeus encarregou-se dele. Essa história não difere muito da anterior, em que da conflagração resultou o vinho, ao passo que nesta o resultado da conflagração é o deus do vinho. Provavelmente, aconteceu a Dioniso a mesma coisa que aconteceu à Grande Mãe dos deuses, cujo culto, como o de Dioniso, foi introduzido entre nós mais de uma vez. Em tempos bem antigos nós a conhecíamos como Reia, porém mais tarde pelo nome frígio de Cibele: pois se o termo "deusa de muitos nomes" pode ser aplicado a qualquer deusa em nossa mitologia, pode, com muito maior razão, aplicar-se a Reia. Dioniso também tinha diversos nomes ou cognomes; além de ser Zagreu, "o Caçador", era também Baco, "o Rebento", palavra que indica ramos que germinam ou gavinhas

da videira. Mais frequentemente, porém, era sua mãe que aparecia sob vários nomes. Quando ela chegou a ser considerada uma princesa mortal, os contadores de histórias acharam difícil coordenar os relatos do filho de Perséfone – ou seja, de Dioniso como ele nos chegou primeiro, provavelmente vindo de Creta – com as histórias do filho de Sêmele – ou seja, do Dioniso que nos foi apresentado mais tarde.

Afiançava-se[848] que, quando Zeus procurou Sêmele, esta não foi uma união divina. Ele preparara uma poção do coração de Dioniso e dera-a de beber a Sêmele. A poção engravidou a moça. Quando Hera soube disso, tentou impedir o nascimento. Disfarçou-se na ama de Sêmele e persuadiu a jovem não suspeitosa a formular o desejo de que Zeus fosse ter com ela da mesma forma com que fora ter com Hera, a fim de que Sêmele também pudesse experimentar o abraço de um deus. Está visto que essa última história é produto do trocadilho a que já fiz alusão, o trocadilho com "coração" e "madeira de figueira". As restantes versões conhecidas[849] da mesma história só concordam num ponto, a saber, que quando Zeus procurou Sêmele pela primeira vez não o fez na forma do deus do Céu portador do raio. A forma assumida pelo marido secreto de Sêmele era a de um mortal. Desencaminhada pela pretensa ama, Sêmele rogou a Zeus que lhe concedesse a satisfação apenas de um desejo. Zeus prometeu fazê-lo e, quando a sua amada lhe pediu que ele aparecesse para ela como aparecera para Hera, visitou-a com o raio. As pinturas de vasos mostram-na tentando fugir. Mas era tarde demais: o raio fulminou-a e ela desceu ao Mundo Subterrâneo. Zeus tirou-lhe do corpo o fruto ainda não maduro, o infante Dioniso.

O Pai abrigou na própria coxa o deus prematuramente nascido, costurando a criança dentro dela[850] ou prendendo esse ventre paterno com fivelas de ouro[851]. Asseverou-se também[852] que nenhuma das cidades em que se disse que Dioniso nasceu de Sêmele – pois a reivindicação foi feita por outros lugares além de Tebas – poderia gabar-se justamente de ter sido o local de nascimento de Dioniso, visto que o pai o deu à luz, quando chegou o momento azado do nascimento, muito longe, na direção do leste, no Monte Nisa. Depois, despachou a criança com Hermes, ou ele mesmo a confiou às amas divinas que tomariam conta dela numa caverna. Uma das nomeadas é Nisa[853], a montanha em sua qualidade de deusa. Outras amas mencionadas são Ino, uma das três irmãs de Sêmele, sobre a qual terei, logo mais, uma história para contar, e Tione, a mesma Sêmele sob outro nome. Antiga pintura de vaso mostra três ninfas chamadas "Atysai", e sabe-se também, por outras fontes, que as amas do deus eram três. Na ilha de Naxos uma das três se chamava Corone, "a Virgem do Corvo"[854], como Corônide, a amante de Apolo, cujo destino foi tão parecido com o de Sêmele.

Relevos subsequentes mostram quatro mulheres atarefadas com a amamentação de Dioniso: tal é o número das filhas de Cadmo – Sêmele e suas três irmãs. Uma delas aleita o menino. O banho dele está sendo preparado, ou ele já se banhou. Uma figura do sexo masculino, presente, espera o momento de cumprir suas obrigações para com a criança: é Sileno, que, em relatos posteriores[855], mas não muito posteriores[856], foi o preceptor de Dioniso. A expressão "figura do sexo masculino" é quase um exagero. Como preceptor do deus, Sileno ficou muito pouco parecido com os Silenos

amantes das ninfas: é uma figura idosa, efeminada, com um estômago volumoso e seios quase femininos, ou enverga um vestido comprido – o qual, a propósito, é também o trajo característico de Dioniso adulto. Dir-se-ia que o único ser masculino em cena é a criança de peito. Conquanto nascido de Zeus – esse fato recebe uma ênfase exagerada[857] – e, de certo modo, sendo a continuação apenas de seu pai, só aparece associado a mulheres: nesse período de sua vida, a mulheres maternais, que lhe dão o seio. Depois que elas o criaram até alcançar a estatura plena, ele entrou nas florestas – assim se dizia[858] – engrinaldado de hera e louro, mas ainda não de folhas de parreira, acompanhado por mulheres, as ninfas dos bosques. Adiante direi mais alguma coisa a respeito das proezas do deus e das suas companheiras no segundo período de sua vida.

A história de Dioniso e Sêmele não terminou quando ela foi fulminada pelo raio de Zeus. Há quem diga[859] que ela não morreu. Deve ser imaginada parecida com Perséfone durante a estada desta última no Mundo Subterrâneo. Sêmele teve de ser trazida do Mundo Subterrâneo por Dioniso. Na região da fonte profunda de Lerna (região em que os mistérios de Deméter eram igualmente celebrados) contava-se uma história[860] relativa a Dioniso que se parece com a da jornada de Deméter em busca de Perséfone. Dioniso foi ao Mundo Subterrâneo à procura de Sêmele. Precisava de um guia e de um batedor e, como preço desse serviço, teve de prometer uma completa rendição feminina. Somente se o fizesse poderia chegar até sua mãe e trazê-la de volta. Cumpriu a promessa com a ajuda de um falo de madeira de figueira, que ergueu nesse lugar. O batedor – que, no início, deve ter sido o mesmo objeto de culto – chamava-se Prosino ou Polimno, "o muito cantado". Contava-se mais[861] que, quando Dioniso trouxe Sêmele de volta e a tornou imortal, chamou-lhe Tione, "a que se enfurece extaticamente". Um nome no mesmo sentido, Tíades, foi aplicado às sacerdotisas extáticas de Dioniso no Parnaso, as quais, como eu já disse, "despertaram" o *Liknites*. Finalmente, porém – assim termina a história[862] –, Dioniso levou Tione para o Céu.

3 Companheiras e inimigas de Dioniso

Quando cultuavam Dioniso, nossas mulheres ficavam sozinhas. Nenhum homem podia estar presente enquanto elas representavam em suas próprias pessoas os papéis das deusas associadas ao deus. Quem quer que as observasse de longe via-as nas formas várias e escassamente discerníveis da "raiva": essa talvez seja a melhor tradução da nossa palavra *mania*, mas deve ser tomada como encerrando todos os seus diversos sentidos ao mesmo tempo – tanto o do amor enraivecido como o da cólera enfurecida. Por isso as mulheres que rodeavam Dioniso se chamavam *mainades*, "Mênades", e o próprio deus era cognominado *mainomenos*[863] ou *mainoles*[864] que significa "enfurecendo-se" no sentido mais amplo da palavra, e nada parecido com "maníaco"; assim como, de sua parte, as mulheres dionisíacas eram chamadas "*Bakchai*", Bacantes femininas, embora fossem mais propriamente "*Bakchoi*", em plena identificação do adorado com as adoradoras. Muitas representações delas mostram-nas envoltas em túnicas compridas, com a cabeça rigidamente atirada para trás, engrinaldadas de hera, carregando o tirso – longo bastão de nártex encimado por uma pinha. Assim vestidas, corriam mais do que dançavam, acompanhadas de

flautas, tambores e tamborins.

O leitor já travou conhecimento com Dioniso na primeira fase de sua vida: o infante divino na caverna, cercado de cuidados femininos. Nessa fase, adoravam-no como o segredo no interior da peneira de joeirar. As mulheres divinas à sua volta ainda não eram Mênades "furiosas", senão amas, entre as quais sua própria mãe. Dei outrossim algumas indicações a respeito da aparência de Dioniso na sua segunda fase: um jovem deus da floresta. A narrativa que descreve suas companheiras nesse período – as mesmas mulheres divinas transformadas em Mênades "furiosas" – pareceu tão estranha aos contadores de histórias subsequentes que estes acabaram por tachá-las de inimigas de Dioniso. Dizia-se[865] que Mínias, rei de Orcômeno, na Beócia, tinha três filhas extremamente industriosas. Elas censuravam as mulheres que deixavam a cidade e corriam para as montanhas em honra de Dioniso. O próprio deus apareceu para as três sisudas criaturas na forma de uma donzela e admoestou-as a não negligenciar os ritos secretos. As filhas de Mínias não obedeceram. Diante disso, o deus converteu-se num touro, depois num leão e, finalmente, num leopardo. Heras e sarmentos cresceram na cadeira de tecer, serpentes aninharam-se nas cestas de lã. As três mulheres, amedrontadas, tiraram a sorte para saber qual delas oferecia o filho em holocausto. A criança, então, foi feita em pedaços pela própria mãe e suas irmãs. Engrinaldadas de hera, bons-dias e louros, elas passaram a vagar pelas montanhas, até serem metamorfoseadas: uma em morcego, a segunda em coruja, a terceira em mocho-real ou em corvo.

Contava-se outra história no mesmo sentido[866] relativa às filhas do rei Preto, de Tirinto, em número de duas ou três: Quando as filhas de Preto atingiram a idade do amadurecimento, a fúria caiu sobre elas porque não tinham tomado parte nos ritos secretos de Dioniso. De acordo com outras histórias, foi a cólera de Hera que as mergulhou na loucura, de modo que passaram a julgar-se vacas; ou, então, foi a cólera de Afrodite[867] que as encheu de um desejo louco de homens. Delas também se dizia que seus corpos ficaram cobertos de manchas brancas: forma um pouco mais suave da história da transformação em vacas. Como vacas, vieram a ser, afinal, companheiras dignas do deus-touro Dioniso. Vagueavam por todo o Peloponeso e entregavam-se a práticas lascivas no ermo. O vidente Melampo, "o nigrípede", prometeu a Preto curar-lhe as filhas se ele, Preto, lhe desse uma terça parte do seu reino. Preto recusou a proposta. As moças tornaram-se ainda mais loucas e passaram também a mergulhar as demais mulheres na fúria. Todas deixaram suas famílias, mataram os próprios filhos e se meteram no mato. Quando o mal cresceu desse jeito, o rei mostrou-se disposto a ceder uma terça parte do reino a Melampo. Mas agora o vidente exigiu duas terças partes, e obteve-as. Levou as mulheres delirantes para o lugar onde poderia purificá-las. Uma filha de Preto morreu durante o castigo, mas as outras mulheres se curaram.

Uma terceira história diz respeito às irmãs de Sêmele, tias de Dioniso. Os seus nomes eram Agave, Autônoe e Ino. O seu número – três, ou quatro, incluindo Sêmele – era o das amas do deus, e formavam o protótipo dos coros bacânticos de mulheres[868], as quais, durante os ritos secretos, costumavam erguer quatro vezes três altares a Dioniso e sua mãe. Agave e Autônoe foram também mencionadas entre as Nereidas[869], e Ino, como Leucótea, tornou-se deusa marinha. Cumpre não

esquecer que, de acordo com uma história ora extinta, foram as Nereidas que primeiro mostraram aos homens os Mistérios de Dioniso e de Perséfone. Cada irmã de Sêmele, como ela mesma, teve um filho: Ino teve Melicerta, do qual falarei adiante; Autônoe teve Actéon, despedaçado pelos próprios cães a cujos ossos tiveram de ser reunidos por sua mãe; e Agave, "a sublime", teve Penteu, que as três mulheres, em sua loucura dionisíaca, tomaram pela própria caça. Essa história foi minuciada numa tragédia de Eurípides, que explicou a loucura das mulheres afirmando que as três irmãs foram punidas por se haverem recusado a acreditar na divindade do sobrinho. A punição consistia em serem elas obrigadas a cultuar Dioniso no ermo como Mênades genuínas e, como eu disse, escolheram o filho de Agave para caçar. Desempenhando elas mesmas o papel de sabujos[870], e chamando o deus de caçador[871] e companheiro de caçada[872], fizeram Penteu em pedaços.

Essas mulheres, portanto, sob a influência de Zagreu, "o grande caçador", perseguiram um animal que era filho de uma delas. A criança divina, tão recentemente tratada como lactente, tornou-se, dentro delas, o caçador e sua presa martirizada. Mais de uma história refere a perseguição sofrida por Dioniso nessa quadra de sua vida – ou como menino bonito, ou como adolescente delicado, semifeminino, parecido com Adônis ou Átis – por haver levado as mulheres à loucura. Talvez a mais velha das histórias seja aquela[873] em que Perseu o matou e jogou na fonte profunda de Lerna. Em outra história antiga[874], um rei assassino da Trácia, Licurgo, "o Homem-Lobo", perseguiu as amas de Dioniso como se fossem vacas. Aterrorizado, o pequenino deus atirou-se ao mar, onde Tétis pegou-o no colo. Licurgo foi castigado com a loucura e, imaginando estar exterminando o vinhedo, matou o próprio filho e esquartejou-o. Na história anterior, relativa a Penteu, "o homem do sofrimento", este apareceu também como perseguidor de Dioniso; mas o seu nome revela que ele estava condenado, desde o início, ao sofrimento dionisíaco. A história dos sofrimentos do chifrudo infante Dioniso descrevia o modo como os despojos da caça eram cozidos e assados: a história de Ino, que logo mais contarei, contém uma descrição mais ou menos parecida. Mas nós conhecemos o resultado dos sofrimentos do deus-infante sacrificado: a criação do vinho, que nossos antepassados consideravam como sendo, à semelhança do pão, um remédio contra a crueza animal e a selvageria. A morte de Sêmele – o protótipo das mulheres dionisíacas – deve ter sido, no começo, o castigo pelo que seu filho imortal haveria de sofrer, não dos Titãs, mas de suas companheiras. O reaparecimento de Dioniso, sua epifania como portador da felicidade após o obscuro período da caça e do sacrifício, proporcionou o material para velhos relatos de que ainda restam vestígios. Está claro que podemos encontrar remanescentes de um desses relatos na visão que se apresentou, na peça de Eurípides, às Bacantes femininas quando acompanhavam o seu deus[875]: o leite vinha da terra, o vinho vinha da terra, vinha da terra o néctar das abelhas.

4 Dioniso, Ino e Melicerta

A história da perseguição de Dioniso foi contada de outra forma além daquela em que ele estava sozinho quando pulou no mar, ou quando o seu corpo morto foi arrojado na água profunda. Nessa outra forma ele estava com sua mãe Sêmele e os dois sofreram juntos de maneira muito parecida. A história foi preservada[876] pelo povo de Brásias, pequena cidade litorânea da Lacônia.

Sêmele, diz ela, carregou secretamente Dioniso na barriga enquanto ainda estava no palácio de seu pai e teve o filho no devido tempo. Quando Cadmo descobriu a desonra que se abatera sobre sua casa, encerrou mãe e filho numa arca, na costa da Lacônia, e mandou atirá-la ao mar. A arca flutuante foi parar no litoral lacônio, onde as ondas a lançaram na praia. Os habitantes locais encontraram Sêmele morta no interior da arca e sepultaram-na solenemente. A criança criou-se entre eles. Os lacônios também tinham outra história que lhes era peculiar[877]: a irmã de Sêmele, Ino, foi procurá-los em suas peregrinações malucas e ofereceu-se para tomar conta do pequeno Dioniso como sua ama. O povo de Brásias costumava mostrar a caverna onde Ino se encarregou da criação da criança divina. Chamou-se à região "o Jardim de Dioniso".

A maioria das outras histórias contadas a respeito de Ino, tia por parte de mãe e ama de Dioniso, está ligada aos preparativos para a viagem dos Argonautas e, portanto, pertence à saga heroica. Nessas histórias ela aparece como esposa do Rei Atamante, a perversa madrasta de Frixo e Helle, filhos do rei. Os dois foram as primeiras pessoas a viajar para a Cólquida, no lombo do carneiro do velocino de ouro, filho de Posídon e Teófane. Ino persuadiu as mulheres da Beócia, assim rezava a saga[878], a assar a semente do trigo, a fim de que nada crescesse dela. É possível, contudo, que no início ela não induzisse ninguém a assar a semente de trigo, mas introduzisse a prática de assar o trigo em geral. Demais disso, não se deve ver nenhum mal no que aconteceu aos seus próprios filhos: essa pode ter sido, basicamente, apenas a história do deus-infante sacrificado. Contava-se[879] que, quando Zeus retirou o infante Dioniso de sua coxa, mandou a criança com Hermes para Ino e Atamante, para que o criassem como menina. Mas Hera ensandeceu o casal, que tinha dois filhos. Atamante perseguiu o mais velho, Learco, como se fosse um veado, e matou-o. Ino atirou o mais moço, Melicerta, num caldeirão de água fervente e em seguida lançou-se ela mesma, juntamente com o filho morto, nas profundezas do mar. Ou então – assim também se contava[880] – atirou Learco morto no caldeirão e, em seguida, lançou-se ao mar agarrado a Melicerta vivo. Seu tutelado Dioniso foi salvo por Zeus, que primeiro o transformou num cabrito e depois o mandou, em companhia de Hermes, para as ninfas do Nisa, que foram mais tarde, em recompensa dos seus serviços como amas, educadas para serem as Híades nos céus.

Depois de haver-se atirado ao mar, Ino tomou o nome de Leucoteia, "a deusa branca"[881]. A Odisseia também tem uma história relativa a ela: embora tivesse sido outrora filha de Cadmo, recebeu o mesmo culto das deusas do mar. Ela emprestou o seu véu a Ulisses para que este, amarrando-o à volta da cintura, pudesse escapar do naufrágio e nadar até a costa distante. Em seguida ele teria de devolver o véu ao mar. Afirmou-se depois[882] que esse véu, na realidade, era a faixa de pano purpúreo que as pessoas iniciadas nos Mistérios dos Cabiros recebiam na Samotrácia e sempre usavam em torno do corpo como proteção contra os perigos do mar. O menino Melicerta veio a ser, sob o nome de Palêmon, uma divindade protetora dos marinheiros. No destino que lhe coube, chegou muito perto de Dioniso e de Glauco, o qual, como eu disse, morreu em Creta mergulhado num jarro cheio de mel, mas, de acordo com outras histórias, tornou-se um deus marinho. O nome "Melicerta" significa "o cortador de mel", termo ligado não somente à apicultura, mas também à preparação da embriagante bebida feita de mel. Afirmava-se[883] que um golfinho

trouxe Melicerta – ou o seu cadáver[884] – para o Istmo de Corinto, onde os Jogos ístmicos foram instituídos em sua honra. O cavaleiro do golfinho, o menino divino do mar, nos é familiar através de muitas pinturas. Chamado tanto de Melicerta como de Palêmon, aparecia qual segundo Dioniso. Mas também tinha nome de Taras, o deus da cidade grega de Tarento, na Itália Meridional, e era um segundo Apolo ou Jacinto – para não dizer que também foi o deus-menino Eros, que cavalga o golfinho e segura uma lula.

5 Dioniso no mar

Embora Homero diga repetidamente que o mar é um lugar "onde não há colheita de vinho", em tempos mais remotos deve ter havido muitos outros relatos, além dos que ora sobrevivem, das ocasiões em que Dioniso apareceu – ou, mais corretamente, reapareceu – na superfície do mar. Uma velha pintura de vaso mostra o deus, em sua manifestação como figura barbuda, deitado sozinho num navio cujo mastro e cujas velas são eclipsados por videiras, das quais pendem uvas imensas: em torno do navio veem-se golfinhos. Outra pintura de vaso mostra a sua entrada cerimonial entre os homens. Ele está sentado, envolto em panos artisticamente dispostos, num navio sobre rodas puxado em terra firme por bois: símbolo da sua epifania do mar. Tínhamos uma longa história[885] sobre o modo como Dioniso, de uma feita, se manifestou no mar com toda a sua força divina.

O deus apareceu pela primeira vez num promontório, na forma de um jovem na sua primeira floração. Pendiam-lhe, formosas, as madeixas escuras à roda da cabeça, vestes purpúreas cobriam-lhe os ombros robustos. Naquele momento, piratas etruscos se aproximavam rapidamente, pelo mar vinho-escuro, em seu navio de muitos remos. Maus fados os levaram até lá. Quando avistaram o moço, os piratas fizeram entre si um sinal de assentimento. Pularam, céleres, na praia, pegaram-no sem perda de tempo e, álacres, levaram-no para o navio. Imaginavam tratar-se do filho de um rei e tentaram amarrá-lo com laços fortes. Mas nenhuma corda de casca de salgueiro pôde conter o moço; os laços lhe caíam das mãos e dos pés. Ele sentou-se ali com um sorriso nos olhos escuros. O timoneiro percebeu-o e interpelou os marinheiros: "Miseráveis infelizes! Quem é o deus forte que pegastes e aprisionastes? Este navio robusto não pode suportar-lhe o peso! Ou é Zeus, ou Apolo com o arco de prata, ou Posídon. Não se parece com nenhum mortal, senão com os deuses que habitam o Olimpo. Libertemo-lo incontinenti, aqui na terra! Que ninguém ponha nele a mão, pois, irado, ele mandará contra nós ventos adversos e tempestades!" Mas o capitão repreendeu severamente o timoneiro: "Miserável infeliz! Limita-te a prestar atenção ao vento e iça a vela com todas as escotas! Deixa para os outros o que não te diz respeito. Espero levá-lo conosco para o Egito, para Chipre, para os Hiperbóreos, ou mais longe ainda. No fim, com certeza, ele nos revelará sua família e suas riquezas, visto que sua má sorte o colocou em nossas mãos".

Assim falou o capitão, que esperava um grande resgate pelo moço. A vela foi içada, o vento soprou no meio dela, as escotas se esticaram. Para a tripulação, isso foi quase um milagre. E, então, o vinho começou a deslizar suavemente através do navio ligeiro e negro, doce de beber e doce de

cheirar: era uma fragrância divina. O assombro apoderou-se da tripulação. Perto do topo da vela uma videira rebentou de repente e as uvas penderam dela em grande quantidade. A hera enroscou-se, florida, no mastro e começou a produzir o seu fruto agradável. Guirlandas apareceram em todas as toleteiras. Quando os remeiros as viram, logo se puseram a gritar para o timoneiro, rogando-lhe que dirigisse o navio de novo para a terra! Nesse comenos, viram o jovem metamorfosear-se em leão, ali mesmo no navio, um leão que se postou, ameaçador, no convés acima deles e que rugia poderosamente. O deus fez um urso hirsuto aparecer no meio dos marinheiros. O urso apoiou-se nas patas traseiras e o leão olhava de maneira aterradora do convés. A tripulação correu para a popa e ali ficou, a tremer, ao pé do timoneiro, o único dentre eles que ainda se achava em seu juízo perfeito. O leão saltou e agarrou o capitão. O resto da tripulação, num terror mortal, atirou-se ao mar e converteu-se em golfinhos. O timoneiro foi seguro pelo deus, que se amiserou dele e confortou-o.

A esse timoneiro revelou-se o deus: era Dioniso, filho de Zeus e de Sêmele. É uma pena que, no hino que acabo de citar, o nome do timoneiro, que, ao depois, deve ter espalhado o relato entre os homens, já não seja legível. Ele talvez se chamasse Icário, como o[886] que foi o primeiro a dar hospitalidade ao deus na Ática, na aldeia de Icária, tornou conhecidos os prazeres do vinho e foi morto pelos conterrâneos porque estes acreditaram que as pessoas embebedadas por ele estavam envenenadas. Essa foi outra história trágica da epifania de Dioniso. Sentimo-nos autorizados a pensar no nome de Icário em conexão com a história dos piratas, visto que, numa versão[887] dessa história, Dioniso viajou com os piratas de Icária a Naxos. Contadores de histórias subsequentes[888] chamaram ao timoneiro dionisíaco Acetes, que significa "o marido", forma de manifestação do próprio deus.

6 Dioniso e Ariadne

Depois de descrever a infância de Dioniso, seguida pelos períodos em que ele foi caçado e perseguido e depois pelo seu reaparecimento, as histórias prosseguem contando o seu Triunfo – palavras, a propósito, que os etruscos e romanos receberam de nós. No princípio era *thriambos*, que significa um hino a Dioniso e é também um dos sobrenomes do deus. Sua procissão triunfal, que, no princípio, consistia nas amas anteriores e nas mulheres "enfuriadas" convertidas em companheiras transfiguradas e felizes, foi acrescida de Sátiros e Silenos, cujas danças e desfiles tinham sido antes executados em honra de uma grande deusa e suas representantes, as ninfas. O caráter semifeminino do deus, que tanto se expressa na longa túnica do Dioniso barbudo quanto no corpo quase hermafrodita do jovem e desnudo Baco, era uma atração para os seres fálicos, como o eram as mulheres báquicas. Quando se ouviu falar dele pela última vez[889], Dioniso e sua procissão triunfal haviam conquistado a Índia (imagem poética, mais recente, da campanha de Alexandre, o Grande) e animais cada vez mais exóticos apareciam em seu séquito, que até nos primeiros tempos incluíra grande número de animais carniceiros – leões, panteras e leopardos –, todos domesticados pelo vinho. Entre os etruscos, as mulheres dionisíacas realmente mantinham leopardos domesticados em suas casas. As Mênades mais antigas usavam serpentes mansas em torno dos

braços e o deus aparecia para elas como um touro. As peles de enhos em torno do pescoço eram despojos de sua própria caça, e os bodes comedores de uvas, que ainda podemos ver na procissão bacântica, estavam condenados a um sacrifício sangrento.

O deus triunfal era especialmente associado, nas histórias, a determinada mulher, que, numa história famosa, atingiu a posição que todas as mulheres dionisíacas supunham ocupar: a de esposa de Dioniso, sua única companheira de verdade. Ela foi a única da qual se afirmou ser esposa do deus[890], e seu nome era Ariadne. Na versão que deu fama à sua história[891], ela era filha do Rei Minos e Pasífae, filha do Sol: uma donzela mortal com nome de deusa. "Ariadne", originalmente "Ariagne", significava a "santa" e a "pura": forma superlativa de Hagne, sobrenome da rainha do Mundo Subterrâneo. A deusa que trazia esse nome era adorada em muitas de nossas ilhas. Ariadne, a donzela mortal, tinha como seu reverso uma irmã e rival chamada Fedra, "a brilhante", e também uma segunda e vitoriosa amante de Teseu, aquela cujo nome era Aglaia, "a brilhante"[892]. Este segundo e luminoso aspecto, no entanto, estava diretamente ligado à própria Ariadne, também chamada Aridela[893], "a visível de longe", nome que obviamente adquiriu depois de ter sido elevada ao céu com Dioniso.

Sob o nome de Ariadne, foi cúmplice de Teseu no assassínio do irmão, o filho de Minos com cabeça de touro, conhecido sobretudo como o monstro chamado Minotauro. Mas, a julgar pelo seu outro nome, Astério, ele era um "Astro" entre o seu próprio povo – exatamente com Dioniso, também invocado como astro na qualidade de menino dos Mistérios[894]. Na forma mais conhecida da história, a única participação de Ariadne na matança foi ter salvado Teseu e as crianças atenienses atiradas ao monstro. Ela deu ao herói o fio que lhe permitiu encontrar o caminho para fora do Labirinto em que morava o Minotauro. Teseu levou Ariadne e sua irmã Fedra para bordo do navio, mas largou Ariadne na ilha de Dia, a cujo respeito terei mais alguma coisa para dizer. A jovem abandonada jazia profundamente adormecida[895]. enquanto o navio se afastava com todos os que ela salvara. Mas não ficou sozinha. Uma história[896] refere que sua ama escapou com ela e permaneceu na ilha. Teseu nunca desposou Ariadne. Mas isso não aconteceu porque ele lhe fosse infiel: pois contava-se[897] que Dioniso lhe apareceu num sonho e anunciou que a jovem lhe pertencia, a ele, Dioniso. Segundo a maioria dos relatos, este parece ter sido realmente o caso, embora, por outro lado, esteja expressamente declarado[898] que Ariadne foi uma das grandes pecadoras, porque ajudou a matar o próprio irmão.

De acordo com a história mais conhecida, Ariadne estava dormindo quando Teseu a deixou, e Dioniso apareceu na ilha em seu lugar, como salvador e noivo. De acordo com outras histórias, muito mais antigas[899], ela já estava morta. Ártemis a matara a pedido de Dioniso: destino que Ariadne partilhou com Corônide, a amada de Apolo. Essas histórias mais antigas afirmam que ela não somente foi desleal para com o touro no Labirinto, mas também infiel a Dioniso. Contava-se[900] que o deus já a desposara enquanto ela estava em Creta. Por esse tempo ele dera a Ariadne a grinalda de ouro, coberta de joias, que ele mesmo recebera de Afrodite, e ela usou a grinalda para iluminar a passagem de Teseu através do Labirinto. A rapariga infiel entregou o presente ao herói e,

no começo, foi assim que o ajudou, e não com o fio. Inicialmente, o Labirinto não era um dédalo, mas uma espiral pela qual se podia voltar depois que se tivesse alcançado o centro. A grinalda brilhante de Ariadne permitiu a Teseu fazê-lo, e por isso ela foi castigada. Dizia-se que o seu túmulo ficava em Chipre, onde era mostrado aos visitantes[901]; e nessa mesma ilha, onde era cultuada como Afrodite Ariadne, também se dizia que ela morrera durante os trabalhos de parto, sem ter dado à luz. Em seus festivais, todavia, as suas dores de parto eram arremedadas por um jovem – uma espécie de mãe masculina, como já nos foi dado encontrar na história de Sêmele, Zeus e Dioniso.

Na versão mais antiga, a história de Dioniso e Ariadne não pode ter sido muito diferente da de Dioniso e Sêmele. A diferença surgiu quando a saga heroica principiou a ligar a figura de Teseu à senhora cretense do Labirinto "que era, no início, uma ideia antiga do Mundo Subterrâneo, Nas nossas ilhas meridionais, Ariadne e Aridela eram os nomes dessa deusa – sob dois aspectos e com um destino duplo, um escuro e outro brilhante – conhecida em nosso continente como Sêmele e Tione ou, em sua associação com Apolo e Asclépio, como Corônide e Aglaia. Antiga pintura de vaso mostra Ariadne, como ama, recebendo o infante Dioniso para cuidar dele. Já tive ocasião de mencionar que uma das amas de Dioniso se chamava Tione e que esse nome era também aplicado a Sêmele e a uma ama conhecida por Corone. Mas a similaridade mais forte e mais extensa se verificava entre a história de Sêmele e Dioniso, mãe e filho, e a de Ariadne e Dioniso, esposa e marido. Dizia-se[902] que Ariadne finalmente foi para o Céu com o deus, em seu carro; viagem também representada num registro pictórico como a ascensão ao Céu de Perséfone e seu marido e que corresponde, além disso, à subida de Sêmele com Dioniso. A diferença está em que nunca se disse de Sêmele – pelo menos em nenhuma das histórias conhecidas – que ela deixou de ser mãe, ama e companheira de Dioniso para tornar-se esposa transfigurada. A transfiguração foi atribuída apenas a Ariadne.

A subida de Ariadne ao Céu aconteceu depois que ela se juntou ao deus na Ilha de Dia. O nome Dia, que significa "celestial" ou "divina", aplicava-se a várias ilhazinhas escarpadas em nosso mar, todas situadas perto de ilhas maiores, como Creta ou Naxos. O nome "Dia" foi até transferido para a própria ilha de Naxos, visto ser ela a que mais amplamente se supunha ter sido a ilha nupcial de Dioniso. A ilhazinha de Naxos ainda tem as portentosas portas de mármore do templo a indicar onde ocorreu o casamento. Uma pintura de parede, magnificamente preservada em Roma, registra a história do encontro de Dioniso com sua noiva divina – que por certo não era nenhuma donzela terrena, mas a aparecida Perséfone ou Afrodite. Quando a encontrou, ela não estava adormecida nem desamparada. Sentada na escarpa da ilha com uma companheira, uma criada, ao seu lado, a deusa deu as boas-vindas ao jovem deus quando ele se aproximou, vindo inesperadamente do mar. Entregou-lhe uma taça, para que Dioniso pudesse enchê-la e a epifania do vinho fosse obra sua. Uma história ulterior[903] acrescentava que Dioniso festejou a deusa, sua companheira, colocando nos céus a famosa grinalda de ouro, a Coroa de Ariadne.

7 Sobrenomes de Dioniso

Devem ter sido os discípulos do cantor Orfeu que juntaram as várias histórias paralelas de Dioniso numa grande e única história em que o deus tinha duas mães e três nascimentos e era, portanto, chamado Dimetor, "o que tem duas mães", e Trígono, "o que nasceu três vezes". No início, porém, havia uma história só, em que sua mãe tinha dois aspectos e um nome para cada um deles: Perséfone e Afrodite; Sêmele e Tione; Ariadne e Aridela. Dizia-se mais que Afrodite e Dioniso se consorciaram. Mencionam-se vários filhos desse casamento: em algumas histórias Priapo[904], em outras Himeneu[905], em outras Hermes Ctônio[906], "o Hermes subterrâneo"; ao passo que, para o casal de noivos Dioniso e Ariadne, eram atribuídos[907] filhos como Enópion, "Homem do Vinho", Evantes, "o que faz florescer", e Estáfilo, "a Uva".

Os sobrenomes de Dioniso só raramente descrevem o deus como "o fálico"; mas, nas raras ocasiões em que esse aspecto é abertamente mencionado, os nomes têm uma identidade comum extensa, embora talvez incompleta: nomes como Ortos, "o erecto", e Enorques, "o bitesticulado". O último sobrenome ocorre numa história particular[908]: Enorques era filho de um irmão e uma irmã, que gerou e botou um ovo do qual ele saltou como a Molíone ou os filhos de Leda, ou o Fanes de sexo duplo dos seguidores de Orfeu. Essa história era contada em Lesbos, em cujos vinhedos havia um culto de Hermes – a saber, presumivelmente, de um ídolo fálico que as pessoas não desejavam chamar de Dioniso. De fato, aplicar o nome de Dioniso a esse objeto equivaleria a ver o deus por um prisma unilateral, visto que ele era também chamado Pseudanor, "o homem sem virilidade verdadeira" – para não falar de todos os seus nomes facetos como *gynnis*, "o efeminado", ou *arsenothelys*, "o amulherado". O sobrenome Díalos, "o híbrido", deve referir-se por certo a um ser hermafrodita e, juntamente com outros nomes desse tipo, derivar de histórias abafadas da bissexualidade do deus. Mas sobrenomes como Dendreu, Dendrites, Endendros, "o deus-três" ou "ele nos três", ou os nomes ligados à exuberância e ao crescimento de vegetais, como Fleon, Fleu ou Floio, indicam que o que se tenciona transmitir não é uma hibridez sexual humana, mas a bissexualidade característica da maioria das árvores, que constitui a sua completação natural.

Outros sobrenomes referem-se ao extremo oposto das histórias de Dioniso: a selvageria de Zagreu. Omestes e Omadios significam comedor de carne crua, ao passo que Érifo descreve o deus como um jovem cabrito – animal que era devorado em sua honra. Como Egóbolo, ele matava cabras, como Melaneges usava uma pele negra de cabra, como Antroporraistes até matava homens – tudo isso na fase que precedeu suas manifestações vegetais. Mas até no período que passou no Mundo Subterrâneo esteve associado a plantas. O louro, que, nessa ocasião, era propriedade sua, não aparece em nenhum sobrenome, pois era muito mais propriedade de Apolo, e a proximidade – na verdade, talvez a identidade – dos dois irmãos em sua esfera do Mundo Subterrâneo precisava ser mantida em segredo. Nessa esfera Dioniso era Cisso, "Hera", ou – enfatizando outro aspecto na mesma esfera – Sicites ou Siceastes, "o deus-figo". Como Onfacites ele era o deus das uvas verdes; como Lísio e Lieu, "o desatador"; como Nictélio, o deus dos festivais que se realizavam à noite; como Mistes, "o iniciado"; como Brômio, o deus da algazarra das procissões báquicas; como Eves ou Eues, o deus dos gritos de "Evoé!" Quase todos esses sobrenomes se referem à manifestação de Dioniso como o deus do vinho.

Uma epifania especial do deus estava expressa no nome Iaco: era, ao mesmo tempo, um nome e um grito de invocação, com o qual se saudava a criança divina nos Mistérios Eleusinos e que tinha uma semelhança mais do que acidental com Baco, segundo nome de Dioniso. Iaco[909] e Baco eram a mesma divindade, embora também se supusesse que o primeiro diferisse de Dioniso. Era filho de Perséfone e, ao mesmo tempo, amante de Deméter, mencionado nas histórias órficas, e a criança misteriosa que se ria na barriga de Baubão. Nesses relatos referentes a Hades e Perséfone, e a Dioniso e suas companheiras, nossa mitologia nos traz ao limiar do que constituiu o conteúdo dos Mistérios e não devia ser falado – e, de fato, quando era realmente vivenciado, *não* podia ser falado.

Portanto, não prosseguirei. Eu poderia continuar contando histórias que têm menos importância do que as que já contei. Mas a tarefa que me impus foi expor ao leitor atento, e com o melhor da minha habilidade, tudo o que é importante no tocante aos nossos deuses e no tocante à humanidade, na medida em que ela entra em nossa mitologia; e suponho que essa tarefa, por ora, já foi cumprida.

Fontes

Chave das abreviações

A.: *Ésquilo*
- Ch.: *Choephori*
- Eu.: *Eumenides*
- Pr.: *Prometheus*
- Su.: *Supplices*

AAmbr.: *Anonymus Ambrosianus in Studemundi Analectis I* p. *224 squ.*

Ae.: *Aelianus*
- NA: *De Natura Animalium*
- VH.: V*aria Historia*

ALib.: *Antoninas Liberalis Mythographus*

Ant.: *Antigonus Carystius Paradoxographus*

Ap.: *Apollodorus Mythographus*

APal.: *Anthologia Palatina*

A.Rh.: *Apollonius Rhodius*

Ar.: *Aristófanes*
- Av.: *Aves*
- N.: *Nubes*
- Pax
- R.: *Ranae*

Arat.: *Aratus*

Ari.: *Aristóteles*
- HA: *Historia Animalium*
- MA: *De Motione Animalium*
- Arn.: *Arnobius*
- AN: *Adversus Nationes*

Ath.: *Athenaeus Grammaticus*

Bion *Bucolicus*

Ca.: *Calímaco*
- Ap.: *Hymnus in Apollinem*
- Ce.: *Hymnus in Cererem*
- De.: *Hymnus in Delum*
- Di.: *Hymnus in Dianam*
- Die.: *Diegemata*
- He.: *Hecale*
- Io.: *Hymnus in Jovem*
- LP: *Lavacrum Palladis*

Cat.: *Catulo*

Chr.: *Chrysippus Stoicus*

Ci.: *Cícero*
- ND: *De Natura Deorum*
- TD: *Tusculanae Disputationes*

Cl.: *Clemens Alexandrinus*
- Pr.: *Protrepticus*
- Str.: *Stromateis*

Cla.: *Claudianus*
- RP: *De Raptu Proserpinae*

D.H.: *Dionysii Halicarnassensis Antiquitates Romane*

D.P.: *Dionysius Periegeta*

D.S.: *Diodorus Siculus*

E.: *Eurípides*
- Al.: *Alcestis*
- B.: *Bacchae*
- He.: *Hecuba*
- Hel.: *Helena*
- Her.: *Heraclidae*
- HF.: *Hercules Furens*
- Hi.: *Hippolytus*
- Ion
- IT: *Iphigenia Taurica*

Me: *Medea*
Ph.: *Phoenissae*
Rh.: *Rhesus*
Tr.: *Troades*

EGr.: *G. Kaibel, Epigrammata Graeca ex lapidibus collecta*

Er.: *Eratosthenes*
C: *Catasterismoi*

Et.Gud.: *Etymologicum Gudianum*

Et.M.: *Etymologicum Magnum*

Eu.Od.: *Eustathius ad Odysseam*

Euph.: *Euphorio*

Eus.: *Eusebius Caesariensis*
Chr.: *Chronica*
PE: *Preparatio Evangelica*

Fe.: *Festus Grammaticus*

FGH: *F. Jacoby, Fragmente der Griechischen Historiker*

fr.: fragmentum

GArat.: *Germanici Aratus*

h.Ap.: *Homeri Hymnus in Apollinem*

Harp.: *Harpocratio Grammaticus*

h.C: *Homeri Hymnus in Cererem*

Hdt.: *Herodotus*

He.: *Hesiodus*
Sc.: *Scutum Herculis*

Her.: *Herodas Mimographus*

h.Ho.: *Homeri Hymni*

Hi.: *Hippolytus*
RH: *Refutatio Omnium Heresium*

Him.: *Himerii Orationes*

h.M.: *Homeri Hymnus in Mercurium*

Hor.: *Horatius*
- AP: *Ars Poetica*
- C.: *Carmina*

Hsch.: *Hesychius Lexicographus*

h.Ve.: *Homeri Hymnys in Venerem*

Hy.: *Hygini Fabulae*

Hy.A.: *Hygini Astronomica*

Hyp.: *Hyperides*

Ib.: *Ibycus*

IG.: *Inscriptions Graecae*

Il.: *Homeri Ilias*

La.Inst.: *Lactantii Institutions*

Li.: *Libanius*
- N.: *Narrationes*
- Pr.: *Progymnasmata*

Lic.: *Licymnius Lyricus*

Lu.: *Lucianus*
- BA.: *Bacchus*
- ITr.: *Jupiter Tragoedus*
- DMar.: *Dialogi Marini*
- Ph.: *Philopseudes*
- Sa.: *De Saltatione*
- SyrD.: *De Syria Dea*

Ly.: *Lycophron*

Ma.S.: *Macrobii Saturnalia*

Me.: *Menander Comicus*

Mi.: Mimnermus Lyricus

Mo.: *Moschus Bucolicus*

MVat.: *Mythographus Vaticanus*

N.D.: *Nonni Dionysiaca*

N.N.: *Nonnus commentator Gregorii Nazianzeni*

N.Pr.: *Nicolai Progysmata*

N.Th.: *Nicandri Theriaca*

Od.: *Homeri Odyssea*

Op.: *Hesiodi Opera et Dies*

Opp.: *Oppiani Halieutica*

Or.: *O. Kern, Orphicorum fragmenta*

Or.A.: *Orphei Argonautica*

Or.H: *Orphei Hymni*

Ori.C: *Origenes contra Celsum*

Ov.: *Ovidius*
- Am.: *Amores*
- F.: *Fasti*
- M.: *Metamorphoses*

Pa.: *Pausanias Periegeta*

Par.: *Parthenius Mythographus*

Ph.: *Philostratus*
- VA.: *Vita Apollonii*

Phi.: *Philemo Comicus*

Phot.: *Photii Lexicon*

Pi.: *Pindarus*
- I.: *Isthmia*; hyp.: hypothesis ad I.
- N.: *Nemea*
- O.: *Olympia*
- P.: *Pythia*; hyp.: hypothesis ad P.

Pl.: *Plato*
- Epi.: *Epinomis*
- Ethd.: *Euthydemos*
- Le.: *Leges*
- Mx.: *Menexenus*

Phdr.: *Phaedrus*
Pr.: *Protagoras*
Sy.: *Symposium*
Ti.: *Timaeus*

Pla.: *Plautus*
Ru.: *Rudens*

Pli: *Plinius*
NH.: *Naturalis Historia*

Plu.: *Plutarchi Moralia*

Plu. Thes.: *Plutarchi Theseus*

PMag.: *H. Preisendanz, Papyri Magici Graeci*

PO.: *Oxyrhychus Papyri*

Prop.: *Propertius*

Q.S.: *Quintus Smyrnaeus*
s.: scholium in (Servius el Probus in Vergilium)

S.: *Sophocles*
An.: *Antigone*
OC: *Oedipus Coloneus*

Sa.: *Sappho*

Scy.: *Scythinus Lyricus*

Sol.: *Solinus*

St.B.: *Stephanus Byzantius Lexicographus*

Ste.: *Stesichorus Lyricus*

Str.: *Strabo Geographus*

Su.: *Suidas Lexicographus*

Syll.: *W. Dittenberger, Sylloge inscriptionum Graecarum*

Terp.: *Terpander Lyricus*

Tert. Val.: *Tertullianus contra Valerianos*

Th.: *Hesiodi Theogonia*

The.: *Theocritus Bucolicus*

Thgn.: *Theognis*

Va.: *Varro*
- LL: *De Lingua Latina*

Ve.: *Vergilius*
- A.: *Aeneis*
- E.: *Eclogae*
- G.: *Georgica*

Zen.: *Zenobius Paroemiographus*

Lista das fontes

As referências a seguir são dos números alceados no texto.

[1]: Il. 14.201

[2]: Il. 14.246

[3]: Il. 14.201

[4]: Il. 14.206

[5]: Th. 337

[6]: Th. 367

[7]: Th. 364

[8]: Or. 24

[9]: Il. 14.261

[10]: Ar. Av. 695

[11]: Or. 70.2

[12]: Or. 16.112

[13]: Or. 15

[14]: Th. 23

[15]: Th. 116

[16]: Th. 176

[17]: Th. 155

[18]: Th. 371

[19]: Th. 404

[20]: Th. 453

[21]: Il. 13.365

[22]: Th. 459

[23]: Or. 154

[24]: Pi.O. 2.70

[25]: Il. 1.399

[26]: Th. 624

[27]: Th. 713

[28]: Th. 687

[29]: Ap. 1.6.3

[30]: Th. 821

[31]: h.Ap. 307

[32]: Th. 829

[33]: Plu. 293c

[34]: N.D. 1.362

[35]: Th. 186

[36]: Ap. 1.6.1

[37]: Ov.Am. 2.1.11

[38]: Ap. 1.6.1

[39]: Il. 14.261

[40]: Or. 99

[41]: Th. 217

[42]: Th. 904

[43]: Or.H. 59.2

[44]: Or. 33

[45]: Il. 8.68

[46]: Ap. 1.6.2

[47]: A. Eu. 728

[48]: Hy. 171

[49]: He.Sc. 259

[50]: Th. 211

[51]: Il. 16.334

[52]: Th. 233

[53]: Ve.A. 6.439

[54]: Ap. 1.3.1

[55]: Th. 361

[56]: Th. 382

[57]: A.Pr. 1

[58]: s.A.Rh. 3.467

[59]: Th. 404

[60]: Th. 412

[61]: A.Rh. 4.829

[62]: s.Od. 12.124

[63]: Th. 931

[64]: PMag. 4.1434
2530
2550

[65]: Od. 12.73

[66]: Od. 12.246

[67]: Od. 12.101

[68]: s.Ve.A. 3.420

[69]: Ly. 45

[70]: E.Med. 1342

[71]: s.Od. 12.124

[72]: D.S. 20.41

[73]: s.Ar.Pax 758

[74]: Hor.A.P. 340

[75]: Tert.Val. 3

[76]: Ar.Pax 758

[77]: Ar.fr. 500-1

[78]: Ar.R. 288

[79]: PMag. 4.2334

[80]: Th. 346

[81]: Or. 16

[82]: Or. 114

[83]: Th. 237

[84]: Of. 4.354

[85]: Th. 233

[86]: Th. 270

[87]: A.Pr. 792

[88]: A.Eu. 150

[89]: Pa. 8.34.3

[90]: A.Eu. 416

[91]: S.OC.40

[92]: s.Ly. 406

[93]: s.S.OC. 42

[94]: Euph.fr. 52

[95]: Or.H. 69.8
70.2

[96]: A.Eu. 50

[97]: E.IT. 293

[98]: A.Ch. 924

[99]: A.Ch. 290

[100]: Th. 274

[101]: Th. 275

[102]: Th. 277

[103]: Od. 11.634

[104]: Ap. 2.4.2

[105]: He.Sc. 233

[106]: A.Pr. 800

[107]: A.Rh. 4.1514

[108]: Ap. 2.4.2

[109]: Th. 281

[110]: E.Ion 989

[111]: Th. 295

[112]: Il. 2.783

[113]: Th. 308

[114]: Ap. 2.1.2

[115]: Th. 305

[116]: s.A.Rh. 4.1396

[117]: Th. 334

[118]: Th. 275

[119]: Er.C. 1.3

[120]: s.A.Rh. 4.1396

[121]: Er.C. 1.3

[122]: s.Ve.A. 4.484

[123]: Ap. 2.5.11

[124]: E.HF. 394

[125]: Th. 215

[126]: s.A.Rh. 4.1399

[127]: D.S. 4.27.2

[128]: s.E.Hi. 742

[129]: s.Ve.A. 4.484

[130]: S.fr. 777

[131]: Th. 340

[132]: Il. 21.194

[133]: Li.Pr. 4

[134]: Ap. 1.7.10

[135]: Ly. 713

[136]: A.Rh. 897

[137]: E.Hel. 168

[138]: Od. 12.39

[139]: Od. 12.184

[140]: Hy. 125.13

[141]: He.fr. 88

[142]: E.fr. 911

[143]: Th. 237

[144]: Or. 117

[145]: Th. 265

[146]: s.The. 2.12

[147]: Th. 775

[148]: Od. 1.241

[149]: Od. 22.78

[150]: Il. 16.150

[151]: Th. 167

[152]: s.Ly. 165

[153]: A.Rh. 2.288

[154]: Th. 240

[155]: h.C. 420
or.H. 24.1

[156]: Th. 264

[157]: Th. 243

[158]: Eu.Od. 1954-4

[159]: Il. 18.46

[160]: Or.H. 24.10

[161]: s.GArat. 243

[162]: Pa. 1.19.2

[163]: s.Ly. 406

[164]: Pi.fr. 107

[165]: Th. 353

[166]: Or. 114

[167]: Hdt. 2.55

[168]: Il. 5.370

[169]: Th. 188

[170]: h.Ve. 2.5

[171]: Fe. 52.2

[172]: Ae.NA. 14.28

[173]: Th. 937

[174]: Th. 934

[175]: Ci.ND. 3.59

[176]: s.Ve.A. 1.664

[177]: Il. 18.418

[178]: Th. 571

[179]: Il. 18.382

[180]: Th. 945

[181]: Od. 8.265

[182]: Arn.AN. 6.22

[183]: Ov.Me. 10.243

[184]: Hsch.

[185]: Ap. 3.14, 3-4
ALib. 34
Ov.Me. 10.298
Hy. 58
s.The. 1.107
s.Ve.E. 10.18

[186]: Lu.SyrD. 8

[187]: s.Ly. 831

[188]: The. 15.100
Bion 1
Lu.SyrD. 6

[189]: h.Ve. 1.1

[190]: Hy. 94
s.Ve.A. 2.288

[191]: The. 1.106-7

[192]: Th. 481

[193]: AAmbr.

[194]: Ov.Me. 4.282

[195]: s.Pl.Sy. 215e

[196]: D.S. 65.1

[197]: s.A.Rh. 1.1126

[198]: Pa. 5.7.6

[199]: s.A.Rh. 1.1126

[200]: Ov.Me. 4.281
Hsch.

[201]: S.fr. 337

[202]: A.Rh. 1.1126

[203]: A.Rh. 1.1130

[204]: Str. 10.3.20

[205]: D.S. 5.64.4

[206]: D.S. 5.55.9

[207]: Cl. Pr. 2.19.1

[208]: Str. 10.3.21

[209]: Va.LL. 5.58

[210]: s.A.Rh. 1.916

[211]: D.S. 3.55.3

[212]: D.S. 3.55.2

[213]: Str. 10.3.19

[214]: D.S. 3.55.1

[215]: s.Ve.A. 4.377

[216]: Pi.O. 7.61

[217]: D.S. 3.56.1

[218]: Arn.AN. 5.5
Pa. 7.17.10

[219]: h.Ve. 1.24

[220]: Ov.F. 6.319

[221]: Th. 481

[222]: Ca.Io. 10

[223]: Pa. 8.36

[224]: Ca.Io. 32

[225]: Ath. 375f

[226]: Ath. 491a

[227]: Hy. 139

[228]: Ca.Io. 47

[229]: A.Rh. 3.132

[230]: Ap. 1.1.6

[231]: La.Inst. 1.22

[232]: ALib. 19

[233]: Ca.Io. 48
D.S. 5.70.3

[234]: Er.C. 13

[235]: Er.C. 27

[236]: s.Ve.A. 1.394

[237]: S.fr. 320

[238]: Il. 14

[239]: Il. 14.295

[240]: E.Hi. 748

[241]: Er.C. 3

[242]: Chr.fr. 1072

[243]: s.Il. 1.609

[244]: s.The. 15.64

[245]: S.Il. 1.609

[246]: Eus.PE. 3.1.3

[247]: Il. 8.477

[248]: Pa. 2.38.2

[249]: Pa. 8.41.4

[250]: A.Rh. 1.503

[251]: Ori.C. 1.6.42

[252]: s.S.OC. 42

[253]: Pa. 9.38.1

[254]: N.Pr. 2.12

[255]: Ci.ND. 3.44

[256]: s.Il. 14.276

[257]: s.Ly. 680

[258]: Pi.O. 14.3

[259]: Th. 909

[260]: Pi.P. 9.90

[261]: Pi.P. 9.89

[262]: Pa. 9.35.1

[263]: Pa. 9.35.2

[264]: APal. 15.25.14

[265]: Pa. 9.35.5

[266]: Hor.C. 1.4.5

[267]: Pi.fr. 10

[268]: Er.C. 13

[269]: Il. 20.4
Od. 2.46

[270]: Il. 11.134

[271]: Il. 5.749

[272]: Il. 15.88

[273]: Pal 2.13.3

[274]: Th. 55

[275]: Op. 197

[276]: Arat. 127

[277]: Th. 55

[278]: Pa. 9.39.8

[279]: Th. 24

[280]: Th. 66

[281]: Th. 1

[282]: Th. 77

[283]: Plu. 743d

[284]: Pa. 9.29.2

[285]: D.S. 4.7

[286]: Hor.C. 3.4.1

[287]: Pa. 9.29.3

[288]: ALib. 9

[289]: Th. 79

[290]: Th. 223

[291]: Op. 200

[292]: Pa. 9.35.6

[293]: Pa. 9.36.6

[294]: Pli.NH. 36.17

[295]: Pa. 1.33.3

[296]: sLy. 88

[297]: Ath. 334b

[298]: Sa.fr. 105

[299]: Ap. 3.10.7

[300]: Hy.A. 2.8

[301]: Ap. 3.10.7

[302]: h.Ho. 17

[303]: Hor.AP. 147

[304]: Pi. 10.55

[305]: Th. 357

[306]: Ap. 3.1.1

[307]: Hy. 178

[308]: s.Il. 12.292
Mo. 2

[309]: PO. 11.1358

[310]: Lu.DMar. 15.4

[311]: Er.C. 33
Hy.A. 2.33

[312]: ALib. 36

[313]: Ap. 1.9.26
A.Rh. 4.1639
Or.A. 1358

[314]: s.Il. 12.292
Ap 3.1.2

[315]: Ap. 3.1.3

[316]: MVat. 1.47

[317]: Li.N. 23

[318]: Ap. 3.3
Hy. 136
s.Ly. 811

[319]: Ath. 296b
s.Ly. 754
Ov.M. 13.917

[320]: St.B.

[321]: s.Il. 2.494

[322]: Pa. 9.12.1

[323]: Ap. 2.1.3

[324]: A.Pr. 640

[325]: Hdt. 2.153

[326]: Su.

[327]: Th. 911

[328]: s.Pl.Go. 497c

[329]: Th. 970
Ov.Am. 3.10.25

[330]: Od. 5.128

[331]: Or. 58.59
Ov.M. 6.114

[332]: Or. 60

[333]: Or. 86

[334]: Or. 148

[335]: Or. 137

[336]: Or. 145

[337]: Or. 164

[338]: Or. 167

[339]: Or. 21a

[340]: Th. 896

[341]: Th. 886

[342]: Th. 358

[343]: Ap. 1.2.1

[344]: Ap. 1.3.6

[345]: Th. 887

[346]: Th. 924

[347]: Chr.fr. 908

[348]: Pi.O. 7.35

[349]: E.Ion 455

[350]: s.Pi.O. 7.66

[351]: h.Ho. 28.5

[352]: Th. 376

[353]: Ci.ND. 3.59
s.Ly. 355
Cl.Pr. 21
Arn.AN. 4.14

[354]: s.Il. 8.39

[355]: Et.M.

[356]: Ap. 3.12.3

[357]: Pa. 9.33.5
St.B.

[358]: D.H. 1.33; 61.2

[359]: Th. 384

[360]: Pa. 5.3.2
E.Her. 771

[361]: Hy. 166

[362]: Ant. 12

[363]: Hy. 166

[364]: Ap. 3.14.6

[365]: Ap. 3.14.6

[366]: Hy.A. 2.13

[367]: N.D. 41.64
Ca.He. 1.2

[368]: Cl.Pr. 2.28
Ci.ND. 3.55; 58

[369]: Hyp.fr. 70
Ma.S. 1.17.55

[370]: Ap. 3.14.1

[371]: s.Ve.G. 1.12

[372]: Eus.PE. 10.9.22

[373]: s.Ar.Pl. 773
Ath. 555c

[374]: S.fr. 643

[375]: Ap. 3.14.2

[376]: Hsch.

[377]: Ov.M. 2.708

[378]: Ap. 3.14.3

[379]: IG. 14.1389

[380]: Ap. 3.14.6

[381]: Ph.VA. 7.24

[382]: Pa. 1.18.2

[383]: Hy.A. 2.13
Ov.M. 2.561
E.Ion 23

[384]: Ant. 12
Ca.He. 1.2; 3

[385]: Ap. 1.5.3
Ov.M. 539
s.Ve.A. 4.462

[386]: Ap. 2.5.12

[387]: Pl.Le. 796b

[388]: Harp.

[389]: Arn.AN. 3.31

[390]: h.M. 100

[391]: Hsch.

[392]: Pi.O. 7.34

[393]: Th. 919

[394]: h.Ap. 3

[395]: Th. 406

[396]: Od. 6.106

[397]: Th. 403

[398]: Hy. 140

[399]: Her. 2.98
D.S. 2.47.2

[400]: Syll. 590

[401]: Hy. 140

[402]: Ari.HA. 580a

[403]: Ae.NA. 4.4

[404]: ALib. 35
Ov.M. 6.317

[405]: Th. 409

[406]: s.Ve.A. 3.73

[407]: Pi.fr. 42.7
Ca.Del. 37

[410]: Ar.Av. 870
s.Pi.P.hyp.

[411]: Pi.fr. 79

[412]: Ca.Di. 22

[413]: Str. 14.1.20

[414]: h.Ap. 25

[415]: Thgn. 7

[416]: Ca.De. 249

[417]: Ae.NA. 4.29

[418]: s.A.Rh. 1.760
Ap. 1.3.4

[419]: Pi.P. 4.90

[420]: A.Rh. 760

[421]: Hy. 55

[422]: Od. 11.576

[423]: Hy. 55

[424]: Hy. 140

[425]: MVat. 1.36

[426]: Ath. 701c
h.Ap. 300
E.IT. 1246

[427]: h.Ap. 300
s.A.Rh. 2.706

[428]: h.Ap. 305

[429]: s.A.Rh. 2.706

[430]: E.IT. 1249
A.Rh. 2.707
Ca.Ap. 100

[431]: h.Ap. 363

[432]: h.Ap. 383

[433]: Pa. 10.6.9

[434]: Him. 14.10

[435]: s.Ve.A. 4.377

[436]: s.Ve.A. 6.618

[437]: Hy. 32
Ca.Ap. 248

[438]: s.E.Al. 1

[439]: Plu. 293b
418b
Ae.VH. 3.1

[440]: Ap. 3.10.4

[441]: Ap. 1.3.3.

[442]: A.Eu. 728

[443]: Ca.Ap. 49

[444]: Ap. 1.3.3

[445]: s.E.Rh. 347

[446]: Ap. 1.3.3

[447]: Pa. 3.19.4

[448]: Zen. 1.54

[449]: Ov.M. 10.162

[450]: Ov.M 1.452

[451]: h.Ap. 208

[452]: Li.N. 19

[453]: Ov.M. 1.452

[454]: Pa. 8.20
Par. 15

[455]: ALib. 32

[456]: s.Ve.A. 4.377

[457]: Pi.P. 9.5

[458]: Ca.Di. 206

[459]: A.Rh. 2.509

[460]: D.S. 4.81.2
Plu. 757d
PsAri.MA. 100

[461]: Il. 5.401
899

[462]: Prop. 2.2.11

[463]: He.fr. 147

[464]: Ci.ND. 3.56

[465]: He.fr. 148

[466]: Pi.P. 3.5

[467]: IG. 4.1.128

[468]: Pa. 2.26.3

[469]: Hy. 49

[470]: Ca.Di. 14

[471]: ALib. 17.5

[472]: Ca.LP. 110
Ov.M. 3.143
Hy. 180
Ap. 3.4.4
Pa. 9.2.3

[473]: Ap. 3.8.2

[474]: Hy.A. 2.1

[475]: St.B. “Arkas”

[476]: Ov.M. 2.409
F. 2.155

[477]: E.He. 375

[478]: Er.C. 1

[479]: s.E.Rh. 36

[480]: Sol. 9.8

[481]: Ca.Di. 189
Pa. 2.30.3

[482]: ALib. 40.3

[483]: h.Ap. 182

[484]: Sey.fr. 1

[485]: Il. 5.890

[486]: Il. 5.761
834

[487]: Il. 21.406

[488]: Il. 5.859

[489]: Il. 1.599

[490]: h.Ap. 309

[491]: Ov.F. 5.299

[492]: Fe. 97

[493]: Th. 928

[494]: Ib.fr. 2

[495]: Od. 11.305

[496]: Ap. 1.7.4

[497]: Hy. 28

[498]: s.Il. 5.385

[499]: s.Pi.P. 4.156

[500]: Il. 285

[501]: s.Ve.A. 10.763

[502]: s.Il. 14.296

[503]: s.Ve.A. 8.454

[504]: Il. 18.395

[505]: Il. 1.590

[506]: Il. 15.18

[507]: s.Il. 14.296
s.Ve.A. 10.763

[508]: Hsch.

[509]: Li.N.F.
Pa. 1.20.3
Hy. 166
s.Ve.E. 4.62

[510]: s.Il. 14-295

[511]: Pi.P. 2.21
s.Pi.P. 2.40
s.E.Ph. 1185
s.A.Rh. 3.62

[512]: Pi.P. 2.43
Plu. 751d

[513]: Pi.P. 2.45

[514]: s.A.Rh. 1.554

[515]: Od. 11.832

[516]: s.A.Rh. 1.554
2.1331

[517]: Or. 164

[518]: s.Il. 18.486
s.Pi.N. 2.16

[519]: Ap. 3.8.2

[520]: h.M. 5

[521]: Hor.C. 1.10.11

[522]: Hdt. 2.51
Ca.Die. 8.33

[523]: Ci.ND. 3.56

[524]: Prop. 2.2.11

[525]: Ci.ND. 3.56

[526]: Ci.ND. 3.60

[527]: Ci.ND. 3.56; 59

[528]: s.Op. 800

[529]: Ci.ND. 3.60

[530]: Ov.M. 4.288

[531]: Ov.M. 3.341

[532]: FGH. 1.197

[533]: ALib. 23

[534]: Or. 98

[535]: Pi.fr. 126.6
s.Ve.A. 1.651

[536]: s.Ve.A. 4.99

[537]: h.Ho. 19.32

[538]: s.E.Rh. 36

[539]: The. 1.15

[540]: h.Ho. 19.11

[541]: N.D. 2.118
Ov.M. 1.689
3.356

[542]: s.Ve.G. 3.391

[543]: EGr. 817

[544]: Hy. 160

[545]: s.Lu.ITr. 6

[546]: s.Ly. 831

[547]: N.N. 2.28

[548]: s.A.Rh. 1.932

[549]: Phot.

[550]: Ov.F. 6.319

[551]: Lu.Sa. 21

[552]: He.fr. 171

[553]: h.Ve. 259

[554]: Ca.Ce. 40

[555]: Ap. 2.1.2

[556]: s.Ve.A. 1.372

[557]: He.fr. 44

[558]: A.Rh. 1.1228

[559]: The. 13.44

[560]: Pa. 1.38.6

[561]: Pa. 8.8.2

[562]: S.Ly. 644

[563]: Hy. 188

[564]: St.B.

[565]: D.S. 5.55

[566]: Ca.De. 31

[567]: Pa. 8.25.5

[568]: Th. 278

[569]: s.Il. 23.346

[570]: s.Ve.G. 1.2

[571]: s.Pi.P. 4.246

s.Ly. 766

[572]: Ov.M. 6.115

[573]: Th. 243; 254

[574]: Ap. 1.2.2

[575]: Od. 3.91
5.422

[576]: s.Od. 3.91

[577]: Br.C. 31
Opp. 1.385

[578]: Il. 7.411

[579]: Pi.O. 104

[580]: Th. 931

[581]: Pi.O. 7.54

[582]: St.B.

[583]: Il. 18.239

[584]: Il. 16.779

[585]: Pi.O. 7.71

[586]: Pi.O. 7.70

[587]: Ar.Nu. 285

[588]: Pi.fr. 44

[589]: Hy. 154

[590]: Il. 3.277

[591]: A.Ch. 984

[592]: Od. 1.9

[593]: Pi.fr. 114

[594]: Ste. 6

[595]: Ath. 469

[596]: Mi.fr. 10

[597]: h.Ho. 31.9

[598]: Pi.I. 5.1

[599]: h.Ho. 31.2

[600]: Il. 19.398

[601]: Il. 8.480

[602]: Od. 10.139

[603]: Th. 371

[604]: Od. 12.133

[605]: Od. 12.127
12.261

[606]: s.Od. 12.129

[607]: Od. 12.382

[608]: s.Od. 17.208

[609]: Hy. 154
Il. 17.735

[610]: Pa. 9.35.5

[611]: Od. 10.136

[612]: Il. 11.735

[613]: Ci.ND. 2.20

[614]: Hy.A. 2.42

[615]: Pl.Epi. 987c

[616]: Hy.A. 2.42

[617]: Th. 986

[618]: Hy. 52A

[619]: E.fr. 771

[620]: Hy.A. 2.16

[621]: Hy. 52A

[622]: Hy. 54
Ov.M. 1.751

[623]: Arat. 358

[624]: N.D. 11.131

12.217

[625]: Sol. 11.9

[626]: Hy. 205

[627]: h.Ho. 32.1

[628]: h.Ho. 32.14

[629]: Q.S. 10.337

[630]: A.Rh. 4.57

[631]: Ci.TD. 1.92

[632]: Lic.fr. 3

[633]: Pa. 1.5.4

[634]: s.A.Rh. 4.57
Ap. 1.7.5

[635]: Th. 372

[636]: Pa. 1.3.1

[637]: Ly. 941

[638]: s.Ly. 941

[639]: E.Tr. 856

[640]: Il. 11.1

[641]: Th. 987

[642]: Hy.A. 2.42

[643]: Th. 381

[644]: s.D.P. 509

[645]: Ap. 3.14.3

[646]: h.Ve. 218

[647]: s.Il. 11.1
s.Ly. 18

[648]: Th. 984

[649]: Ap. 1.4.4

[650]: Od. 15.250

[651]: Et.M. 144-25

[652]: E.Hi. 454

[653]: Od. 11.310

[654]: Pi.fr. 239

[655]: Hy.A. 2.21
s.Arat. 254

[656]: Il. 18.487

[657]: s.Il. 18.486

[658]: Er.C. 32

[659]: s.Il. 18.487

[660]: s.Od. 5.121

[661]: s.Ve.A. 1.535

[662]: Ap. 1.4.3

[663]: s.N.Th. 15

[664]: Er.C. 32
Hy.A. 2.34

[665]: Par. 20
Ap. 1.4.3

[666]: Hy. 132

[667]: ALib. 5.4

[668]: Ap. 1.4.3

[669]: s.Ve.A. 10.763

[670]: Hy.A. 2.34

[671]: Er.C. 32

[672]: Ap. 1.4.4

[673]: Er.C. 32

[674]: Arat. 638

[675]: Hor.C. 3.4.70

[676]: Od. 5.121

[677]: Ap. 1.4.5

[678]: Hy.A. 2.34

[679]: Od. 11.572

[680]: Th. 278

[681]: Th. 376

[682]: Arat. 99

[683]: Th. 869

[684]: Il. 16.150

[685]: Pa. 5.19.1

[686]: Il. 20.224

[687]: Hdt. 7.189
Pl.Phdr. 229
A.Rh. 1.214

[688]: Od. 10.1

[689]: Th. 207

[690]: Od. 1.34

[691]: Il. 8.479

[692]: Th. 507

[693]: Ap. 1.2.3

[694]: s.Op. 48

[695]: Th. 510

[696]: Th. 517

[697]: Od.I. 52

[698]: Op. 108

[699]: Th 183

[700]: Op. 145

[701]: Th. 563

[702]: s.Th. 563

[703]: Hi.RH. 5.6.3

[704]: Pl.Mx. 237b

[705]: Pl.Mx. 238a

[706]: He.fr. 76

[707]: Str. 10.3.21

[708]: Eus.PE. 3.1.3

[709]: Th. 546

[710]: s.Il. 5.205

[711]: E.Ion 455

[712]: s.A.Rh. 2.1249

[713]: Hsch.

[714]: Pa. 9.25.6

[715]: Pl.Pr. 320c

[716]: s.GArat. 437

[717]: Hy.A. 2.42

[718]: Ap. 1.7.1

[719]: Phi.fr. 89

[720]: Pa. 10.4.3

[721]: Lu.Ph. 3

[722]: Me.fr. 535

[723]: Th. 535

[724]: Op. 50

[725]: Hy.A. 2.15

[726]: s.Ve.E. 6.42

[727]: Th. 567

[728]: Op. 53

[729]: s.Ar.Av. 970

[730]: Il. 5.312

[731]: A.Pr. 4

[732]: Th. 521

[733]: Th. 523

[734]: s.A.Pr. 4
Hy.A. 2.15

[735]: A.Pr. 774

[736]: Th. 539

[737]: A.Pr. 210

[738]: A.Pr. 1027

[739]: Ap. 2.5.11

[740]: Ath. 672f

[741]: Cat. 64.295

[742]: Hy.A. 2.15

[743]: s.Il. 24.602

[744]: s.E.Ph. 159

[745]: Cl. Str. 1.21

[746]: Pa. 2.15.5

[747]: Pa. 2.19.5
s.S.E. 4

[748]: Hy. 274.8

[749]: Hy. 143

[750]: Pl.Ti. 22a

[751]: Ap. 2.1.1

[752]: Eus.PE. 55
Chr. 278

[753]: Sa.fr. 119

[754]: S.An. 834

[755]: Ov.M. 6.148

[756]: Il. 24.603

[757]: Hy. 9; 10

[758]: S.An. 828

[759]: Th. 244

[760]: Pi.I. 8.30

[761]: A.Pr. 907

[762]: Hy.A. 2.15
A.Rh. 4.790

[763]: Il. 24.58

[764]: Pi.I. 8.39

[765]: Ap. 3.13.5

[766]: Pi.N. 4.60

[767]: s.Pi.N. 3.60

[768]: S.fr. 161

[769]: s.Ly. 178

[770]: s.Il. 16.140

[771]: s.Il. 1.5

[772]: N.D. 3.204

[773]: Op. 109

[774]: Ap. 1.7.2

[775]: Ov. 1.350

[776]: s.A.Rh. 3.1086

[777]: Pi.O. 9.41

[778]: Or. 47

[779]: Pa. 4.1.8

[780]: Il. 9.4.57

[781]: A.Su. 231

[782]: A.Su. 156

[783]: Pa. 2.2.8

[784]: h.C. 2

[785]: Or. 49.47

[786]: Ov.M. 5.385

[787]: Pa. 1.14.2

[788]: Or. 52

[789]: Pa. 1.14.3

[790]: Or. 50

[791]: Or. 52

[792]: Cl.Pr. 21.2

[793]: Or.H. 41.5

[794]: Or.A. 1194

[795]: Ov.F. 4.497

[796]: s.Pi.O. 6.95

[797]: Or.H. 43.7

[798]: E.He. 1349

[799]: Il. 19.259
Op. 327
Ar.R. 147
Pa. 10.28.4

[800]: Pa. 10.28.7

[801]: Pa. 10.29.1

[802]: Pa. 10.28.2

[803]: Ve.A. 6.409

[804]: Or. 32

[805]: Od. 24.1

[806]: Od. 11.1

[807]: Od. 10.508

[808]: Od. 4.563
Pi.O. 2.70

[809]: Pi.fr. 114

[810]: Pi.O. 2.61
fr. 127

[811]: A.fr. 228

[812]: Ve.G. 1.39

[813]: A.Su. 156 cum

Et. Gud.

[814]: Ca.fr. 171

[815]: E.fr. 472

[816]: Or. 58

[817]: Or. 98; 105

[818]: Or. 58

[819]: Or. 145

[820]: D.S. 3.64.1

[821]: N.D. 6.121

[822]: D.S. 5.3.4

[823]: Cla.R.P. 1.246

[824]: Or.H. 39.7

[825]: Pl.Ethd. 277d

[826]: Or. 34

[827]: D.S. 3.62.7

[828]: D.S. 5.65.1

[829]: N.D. 48.29

[830]: Or. 14

[831]: Or. 214

[832]: Ap. 2.1.3
D.S. 3.74.1

[833]: N.D. 6.169

[834]: Euph. 88

[835]: Or. 210

[836]: Or. 35

[837]: Or. 34; 35

[838]: Or. 220

[839]: Or.H. 37.2

[840]: D.S. 3.62.6

[841]: Or. 216

[842]: Or. 214

[843]: Or. 199

[844]: Plu. 365a

[845]: s.Il. 24.615

[846]: E.B. 6

[847]: Pa. 9.16.5

[848]: Hy. 167

[849]: Hy. 179
Ov. M. 3.260
N.D. 7.312

[850]: Ap. 3.4.2

[851]: E.B. 97

[852]: h.Ho. 1

[853]: Terp.fr. 8

[854]: D.S. 5.52.2

[855]: Or.H. 54

[856]: E.C. 4

[857]: h.Ho. 1.6

[858]: h.Ho. 26

[859]: Pa. 2.31.2

[860]: s.Ly. 212

[861]: D.S. 4.25.4

[862]: Ap. 3.5.3

[863]: Il. 6.131

[864]: Cl.Pr. 11

[865]: ALib. 10
Ov.M. 4.1; 389
Ae.VH. 3.42

[866]: Ap. 2.2.2

Ae.VH. 3.42

[867]: He.fr. 29

[868]: The. 26

[869]: Th. 247; 258

[870]: E.B. 731

[871]: E.B. 1189

[872]: E.B. 1146

[873]: s.Il. 14.319

[874]: Il. 6.130
Ap. 3.5.1
Hy. 132

[875]: E.B. 141

[876]: Pa. 3.24.3

[877]: Pa. 3.24.4

[878]: Ap. 1.9.1

[879]: Ap. 3.4.3

[880]: s.Pi.I.hyp.

[881]: Od. 5.332

[882]: s.A.Rh. 1.917

[883]: Pa. 1.44.8

[884]: s.Pi.I.hyp.

[885]: h.Ho. 7

[886]: Ap. 3.14.7

[887]: Ap. 3.5.3

[888]: Ov.M. 3.582

[889]: Lu.Ba. 1

[890]: Th. 948
E.Hi. 339

[891]: Plu.Thes. 19
D.S. 4.61

Ov.M. 152

[892]: Plu.Thes. 20

[893]: Hsch.

[894]: Ar.R. 342
S.An. 1146

[895]: Hy. 43

[896]: Plu.Thes. 20

[897]: D.S. 5.51.4

[898]: Hy. 255

[899]: Od. 11.321

[900]: Hy.A. 2.5

[901]: Plu.Thes. 20

[902]: Prop. 3.510
Ov.F. 3.510

[903]: Arat. 72

[904]: Pa. 9.31.2

[905]: s.Ve.A. 4.127

[906]: Or.H. 57.3

[907]: s.A.Rh. 3.996

[908]: s.Ly. 212

[909]: s.Ar.R. 324

Imagens

Introdução

Os pintores de vaso devem ser incluídos entre os narradores das histórias dos deuses gregos, e as variantes das narrativas que eles produziram devem ser vistas como mitologia, tal como apresentada neste livro. Este deve ser o critério para avaliar as imagens que se seguem aqui: não como ilustrações, mas como narrativas e descrições, que, ao lado dos outros textos, tinham sua própria existência e justificação como textos-imagem. "Não há uma imagem grega que meramente ilustra um texto – sempre está presente uma invenção própria" – assim foi constatado na teoria da arte grega. Devido à ciência da mitologia, aquela fonte supraindividual que se derrama no indivíduo deve ser aplicada apenas para a "invenção própria", o que também faz uma imagem mitológica de vaso aparecer não como mera criação subjetiva, mas como uma variação individual, enquanto o tema variado preserva uma validade mais geral.

"Vasos do século VII a.C." – prossegue a constatação da história da arte – "já representam em vários frisos do mesmo recipiente temas numa multiplicidade que não pode ser entendida exclusivamente com base no desenvolvimento da cerâmica e nos faz pensar em livros ilustrados como modelos. Tais observações em relação aos vasos são feitas com frequência. O conhecimento etrusco do mundo de imagens gregas é inconcebível sem tais modelos. Os vizinhos dos gregos, que falavam uma língua diferente, não entendiam coisa alguma nos livros de textos gregos, mas conseguiam muito mais com livros de imagens".

A narrativa em imagens corresponde à essência da mitologia, tal como compreendida neste livro. No máximo, eram escritos os nomes junto às figuras – e este também era geralmente o caso. Mas a universalidade das figuras e materiais também torna isso desnecessário. Duas cenas de uma narrativa pictórica do primeiro roubo de Hermes – uma versão que difere da narrativa do Hino Homérico e tem, no mínimo, a mesma idade que esta, sendo provavelmente ainda mais antiga – são mostradas por um vaso jônico do século VI a.C., encontrado na Caere etrusca: de um lado, as vacas olham para fora de seu esconderijo numa gruta coberta por árvores; de outro, na própria caverna indicada apenas por uma linha divisória, Apolo discute com Maia e uma figura barbada, presumivelmente o pai Zeus, que, segundo esta narrativa, estava passando um tempo na casa da deusa ou apareceu após ser chamado pelos contendores, enquanto o bebê Hermes se encontra entre eles, sobre uma mesa móvel. Outro pintor, que no século V havia adornado com imagens as obras do oleiro ático Brygos, deixou-se inspirar pelo Hino Homérico. Mas ele também é um narrador ao lado do poeta Homero e do pintor-narrador anterior a ele.

Certamente, não havia narrativas-imagem de todas as histórias da mitologia grega em livros modelo para pintores de vaso, e só relativamente poucos fragmentos de pinturas de vasos foram conservados. No entanto, não eram simples fragmentos de uma sequência de imagens: eles também ofereciam material individual ainda vivo, que continuava a ser plasmado nas mãos dos artistas e era submetido aos efeitos de artes afins – particularmente da arte cênica em Atenas. O palco emprestou aos silenos – o coro dos sátiros – sua entrada na história do pequeno Hermes, do arquiladrão (são chamados os "Cães de caça" na peça satírica de Sófocles), ou na história de Pandora, da qual se pode, por acaso, apresentar uma pequena série de variações pictóricas. Além do acaso, o reduzido número de livros ilustrados mitológicos – tal como o reduzido número de "Hinos homéricos" nas narrativas com palavras – foi o motivo das grandes lacunas no que vem a seguir. Trata-se de uma seleção de vestígios da floresta de imagens mitológicas, das quais se pode encontrar muito mais nos museus e publicações, mas com muito pouca relação com o que se perdeu.

Pelos dados que aqui precedem as próprias imagens, a atenção deve-se voltar também para as obras-fontes, com agradecimento a seus autores e editores. A constatação da teoria da arte, acima citada, é de Karl Schefold: "Buch und Bild im Altertum", *Stultifera Navis*, Mitteilungsblatt der Schweizerischen Bibliophilen Gesellschaft 7, 1950, 107.

Lista das ilustrações

1 Deusa alada com leão (Reia ou Ártemis)

Archäologische Zeitung, 12, 1854, T. 61. Cf. p. 297

2 Zeus e Tífon

RUMPF, A. *Chalikidische Vasen*. Berlim 1927, T. 25 Cf. p. 298

3 Posídon mata o gigante Polibotes em presença de Geia

Pelo pintor Aristófanes. FURTWÄNGLER-REICHHOLD.
Griechische Vasenmalerei, III, 127. Cf. p. 299

4 A "Deusa Forte" em seu reino triplo

Vaso beócio no estilo geométrico. ZERVOS, C. *L'arte en Grèce*. Paris, 1946, 53. Cf. p. 300

5 Cila

Vaso da Campânia. LENORMANT DE WITTE. *Élite des monuments céramographiques*, III, 36. Cf. p. 301

6 Górgona de rosto escuro

Vaso ródio. *The Journal of Hellenic Studies*, 6, 1885, 281. Cf. p. 302

7 Górgona de rosto claro

Vaso ródio. *The Journal of Hellenic Studies*, 6, 1885, est. LIX. Cf. p. 303

8 Quimera

LÜCKEN, G. "Greek Vase-paintings". *The Hague*, 1923, 61. Cf. p. 304

9 Equidna

Vaso coríntio. RAYET-COLLIGNON. *Histoire de la céramique grecque*. Paris, 1888, pl. 4. Cf. p. 305

10 Hespéride roubando um pomo de ouro

Pelo pintor Sósias. MURRAY, A.S. *White Athenian Vases in the British Museum*, pl. VIII. Cf. p. 306

11 Héracles entre as hespérides

De SCHEFOLD, K. *Kertscher Vasen*. Berlim, 1930, T. 11. Cf. p. 307

12 Perseu com a cabeça de Medusa sob a árvore

LÜCKEN, G. "Greek Vase-paintings". *The Hague*, 1923, 60. Cf. p. 308

13 Ninfas-serpentes

Philologus, 57, 1889. Cf. p. 309

14 Héracles e Aqueloo

Pelo pintor Pamphaios. GERHARD. *Auserlesene griechische Vasenbilder*, II, 115. Cf. p. 310

15 Ulisses e as sereias

Vaso coríntio. *Strena Helbigiana*. Lepzig, 1900, p. 31. Cf. p. 311

16 As harpias

Vaso ático com desenhos pretos. "Corpus Vasorum". *Antiquarium*, 1, 47, 2. Cf. p. 312

17 Nereu, Dóris e as Nereidas

Pelo pintor Duris. POTTIER. *Vases antiques du Louvre*, 3, pl. 109. Cf. p. 313

18 Afrodite e Ares

Vaso de Naxos. *Jahrbuch Arch. Inst.*, 52, 1937, 177, fig. 12. Cf. p. 314

19 Afrodite e o ganso

DIEPOLDER, H. *Der Penthesilea-Maler*. Leipzig, 1936, T. 6. Cf. p. 315

20 Zeus com a águia

Vaso com desenhos pretos, provavelmente ceretano. *Archaeologische Zeitung*, 39, 1881, T. 12, 3. Cf. p. 316

21 Hera

PHILIPPART. *Les coupes attiques à fond blanc*. Paris, 1936, pl. XXXI. Cf. p. 317

22 A "ártemis alada"

Vaso coríntio. *Expl. arch. de Delos*, X, pl. 67. Cf. p. 318

23 Leda, os dióscuros e o ovo de Nêmesis

Vaso ático, com desenhos vermelhos. *Bulletin de Correspondance Hellénique*, 56-57, 1942-1943, PL. II. Cf. p. 319

24 Europa no touro tricolor

Vaso de Cere. *Monumenti inediti*, 6-7, 1857-1863, T. 77. Cf. p. 320

25 O fim dos dióscuros contemporâneos, de Posidon, de Anfitrite e de Nereu

Furtwängler-Reichhold I, T. 38. Cf. p. 321

26 O nascimento de Palas Atena

Pelo pintor Frino. *Die Antike*, VI, 3. Cf. p. 322

27 A alada Palas Atena

Vaso com desenhos pretos. *Romische Mitteilungen*, 12, 1897, T. XII. Cf. p. 323

28 Atena recebe Erictônio de Geia, na presença de Cécrope, Hefesto e Herse

Pelo pintor Kodros. *Monumenti inediti*, X, 39. Cf. p. 324

29 Leto, Apolo, Ártemis e o dragão

Vaso ático com desenhos pretos. LENORMANT-DE WITTE. Élite des monuments ceramographiques, II, 1a. Cf. p. 325

30 Tício tenta raptar Leto na presença de Apolo e Edo, isto é, Ártemis

Pelo pintor Fíntias. FURTWÄNGLER-REICHHOLD. *Griechische Vasenmalerei*, II, T. 122. Cf. p. 326

31 Apolo acompanhado de duas musas encontra-se com Ártemis

CONZE, A. *Melische Thongefässe*, T. IV. Cf. p. 327

32 Apolo sobre a taça de uma trípode alada

BEAZLEY, J.D. *Der Berliner Maler. Berlim*, 1930, T. 26. Cf. p. 328

33 Ártemis mata Actéon

BEAZLEY, J.D. *Der Pan-Maler*. Berlim, 1931, p. 1. Cf. p. 329

34 Ártemis e Apolo matando as Nióbides

VIGNEAU-MASSOUL. *Les vases grecs*, III, 23. Cf. p. 330

35 Hefesto escoltado ao Olimpo por Dioniso, uma Mênade e Sileno

Vaso ceretano. LÜCKEN, G. *Greek Vase-paintings*. Haia, 1923, est. 62. Cf. p. 331

36 Silenos atacam Hera na presença de Hermes e Héracles

Pelo pintor Brygos-Malers. FURTWÄNGLER-REICHHOLD. *Griechische Vasenmalerei*, I, 47. Cf. p. 332

37 Hermes, Maia, Apolo e Zeus

VIGNEAU-MASSOUL. *Les vases grecs*, I, 264. Cf. p. 333

38 Hermes e Maia com as vacas roubadas

Pelo pintor Brigo. HOORN, G. *De vita atque cultu puerorum*. Amsterdã, 1909, p. 9. Cf. p. 334

39 Hermes com a lira

BUSCHOR. *Griechische Vasen*. Munique, 1940, p. 167. Cf. p. 335

40 Ninfa e Selene

RUMPF, A. *Chalikidische Vasen*. Berlim 1927, T. IV. Cf. p. 336

41 Sátiro e Mênade

VIGNEAU-MASSOUL. *Les vases grecs*, III, 3. Cf. p. 337

42 Tritão

BEAZLEY, J.D. *Der Berliner Maler*, T. 17, 1. Cf. p. 338

43 Hélio, as estrelas como meninos saltadores, Endimião, Éos, Céfalo e Selene

FURTWÄNGLER-REICHHOLD. *Griechische Vasenmalerei*, III, T. 126. Cf. p. 339

44 Selene

Pelo pintor Brygos-Malers. FURTWÄNGLER-REICHHOLD. *Griechische Vasenmalerei*, III, T. 160. Cf. p. 340

45 Éos pranteando Mêmnon

Pelo pintor Exequias. TECHNEAU, W. *Exekias*, 1936, T. 29. Cf. p. 341

46 Bóreas rapta Oritia

BEAZLEY, J.D. *Der Pan-Maler*, T. 5, 2. Cf. p. 342

47 Atena e Hefesto criam Anesidora, isto é, Pandora

PHILIPPART, H. *Les coupes attiques à fond Blanc*. Paris, 1936, T. XX. Cf. p. 343

48 Zeus, Hermes, Epimeteu e Pandora

Corpus Vasorum. Oxford, 1, T. 21, 1. Cf. p. 344

49 Pandora erguendo-se da terra

LENORMANT-DE WITTE. *Élite des monuments céramographiques*, I, T. 52. Cf. p. 345

50 Pandora rodeada de cupidos

SCHEFOLD. *Untersuchungen zu den Kertscher Vasen*. Berlim, 1934. T. 1. Cf. p. 346

51 Atlas e Prometeu

Vaso com desenhos pretos. KERÉNYI, K. *Prometheus*. Zurique, 1946 [Albae Vigilae, Nova Série IV]. Cf. p. 347

52 Prometeu é desamarrado

Vaso com desenhos pretos. LÜCKEN, G. Greek *Vase-paintings*, T. 32. Cf. p. 348

53 Peleu lutando com Tétis na presença de Quíron e da Nereida Pontomeda

Vaso com desenhos pretos. *Corpus Vasorum*. Munique, 1, T. 46, 2. Cf. p. 349

54 Triptólemo em frente a Demeter

VIGNEAU-MASSOUL. *Les vases grecs*, III, 21. Cf. p. 350

55 Coronte

VIGNEAU-MASSOUL. *Les vases grecs*, IV, 53. Cf. p. 351

56 Hades e Perséfone em seu palácio, cercado por cenas de submundo

FURTWÄNGLER-REICHHOLD. *Griechische Vasenmalerei*, I. T. 10. Cf. p. 352

57 Hades, Posídon e Zeus, entre dois cavalos alados

Pelo pintor Xênocles. LENORMANT-DE WITTE. *Élite des monuments céramographiques*, I, T. 34. Cf. p. 353

58 Deméter, Hermes, Perséfone e Dioniso

Pelo pintor Xênocles-Malers. LENORMANT-DE WITTE. *Élite des monuments ceramographiques*, I, T. 24. Cf. p. 354

59 Nascimento e entronização de Dioniso

GRAEVEN, H. *Antike Schnitzereien*. Hanover, 1903, I. Cf. p. 355

60 A máscara de Dioniso no Liknon, entre duas mulheres

HOORN, G. *Choes and Anthesteria*. Amsterdã, 1951, 38. Cf. p. 356

61 Dioniso no mar

Pelo pintor Exequias. TECHNAU, W. *Exekias*, T. 5. Cf. p. 357

62 Dioniso e duas mênades oferecendo uma lebre e um enho

Pelo pintor Amasis. BUSCHOR, E. *Grieschische Vasen*. Munique, 1940, fig. 133. Cf. p. 358

63 Dioniso o Caçador, isto é, Zagreu, com Mênades, uma caçadora com tocha, e Silenos

TRENDALL, A.D. *Frühitaliotische Vasen*. Leipzig, 1938, T. 24. Cf. p. 359

64 A criança no caldeirão

Vaso ático com desenhos pretos. GERHARD. *Auserlesene Vasenbilder*, I, T. 69-70, fig. 5. Cf. p. 360

65 Dioniso rapta Ariadne, Atena ordena a Teseu que se vá

Pelo pintor Sileu. GERHARD. *Etruskishe und kampanische Vasenbilder*, T. VI-VII. Cf. p. 361

66 Dioniso com o seu alter ego, o infante Iaco

Vaso com desenhos vermelhos. AURIGEMNA, S. *Museo di Spina*. Ferrara, 1936, T. 85. Cf. p. 362



1 Deusa alada com leão (Reia ou Ártemis)



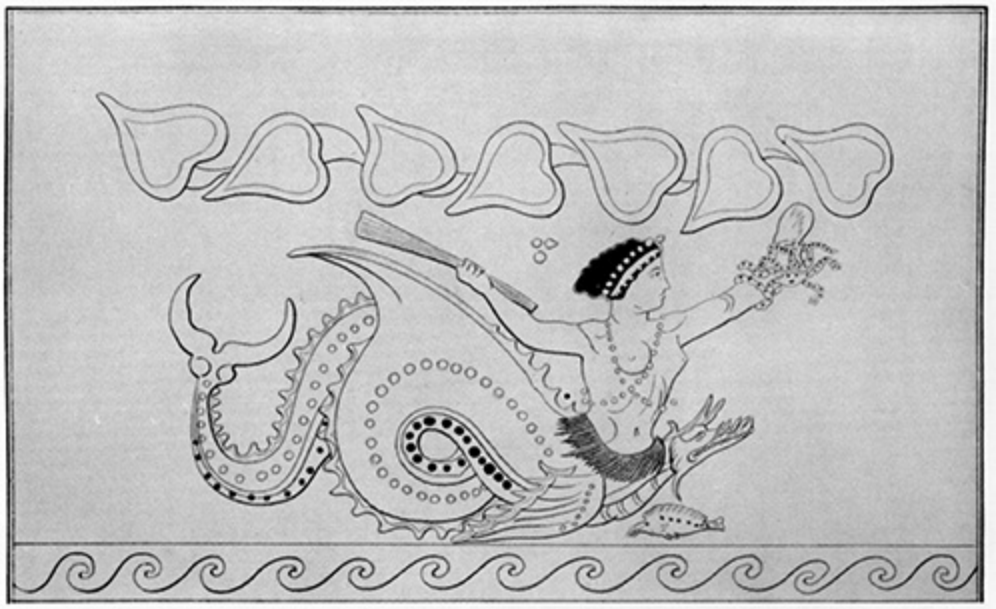
2 Zeus e Tífon



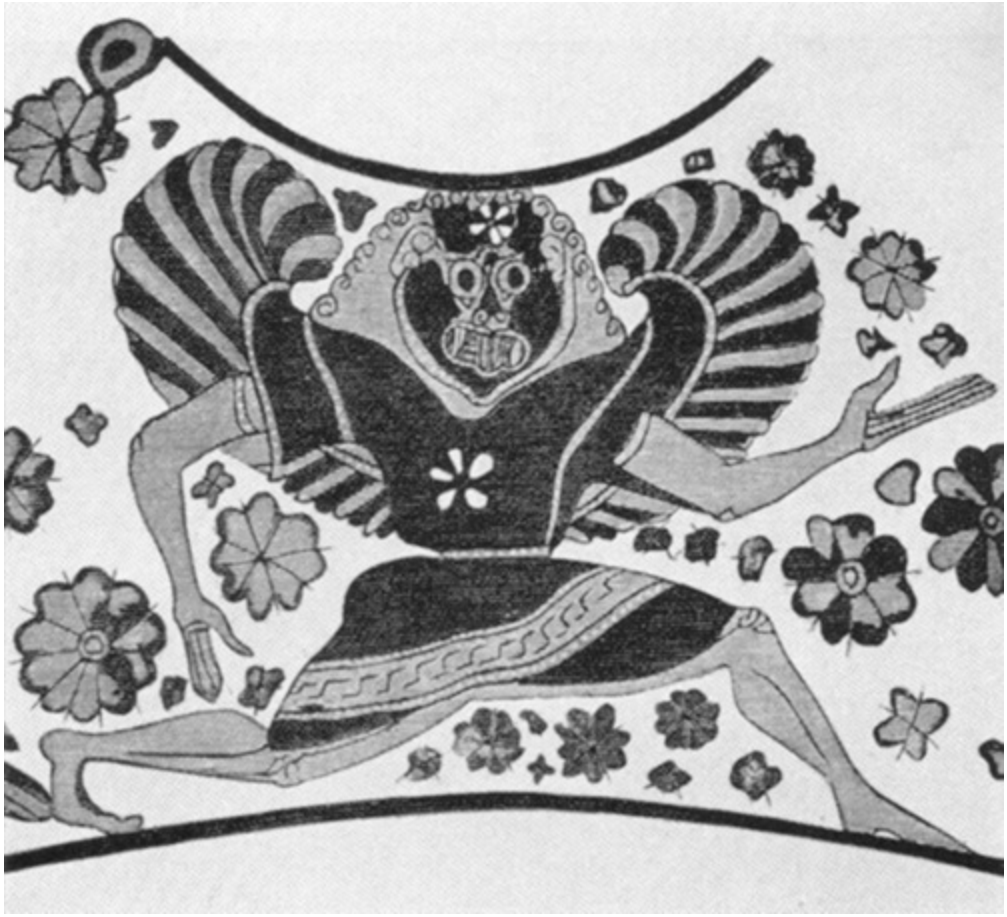
3 Posídon mata o gigante Polibotes em presença de Geia



4 A “Deusa Forte” em seu reino triplo



5 Cila



6 Górgona de rosto escuro



7 Górgona de rosto claro



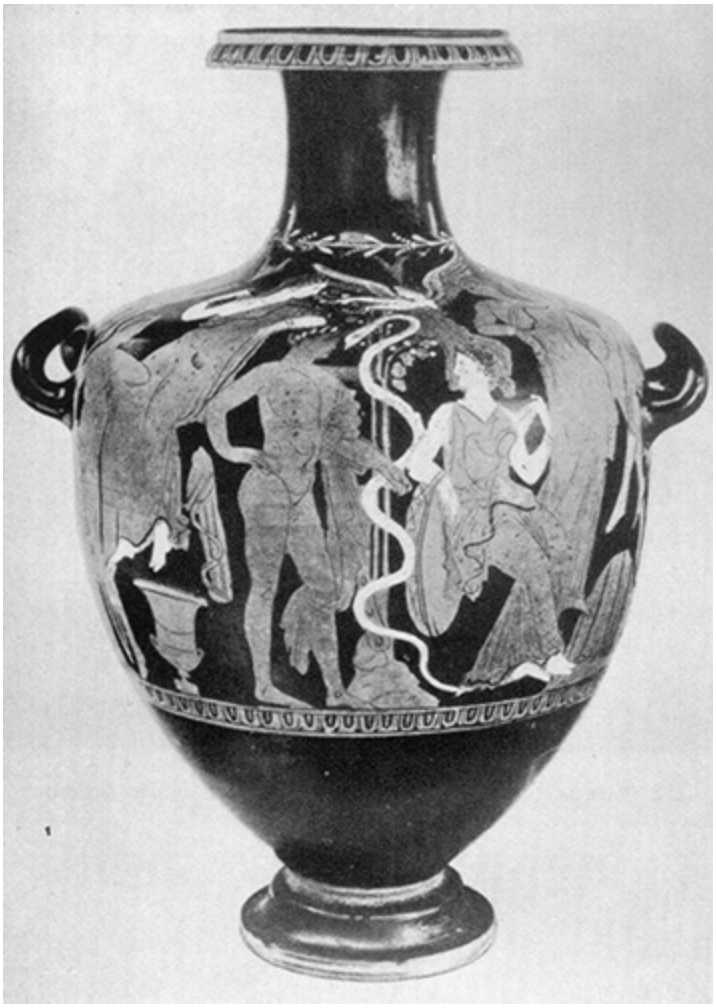
8 Quimera



9 Equidna



10 Hespéride roubando um pomo de ouro



11 Héracles entre as hespérides



12 Perseu com a cabeça de Medusa sob a árvore



13 Ninfas-serpentes



14 Héracles e Aqueloo



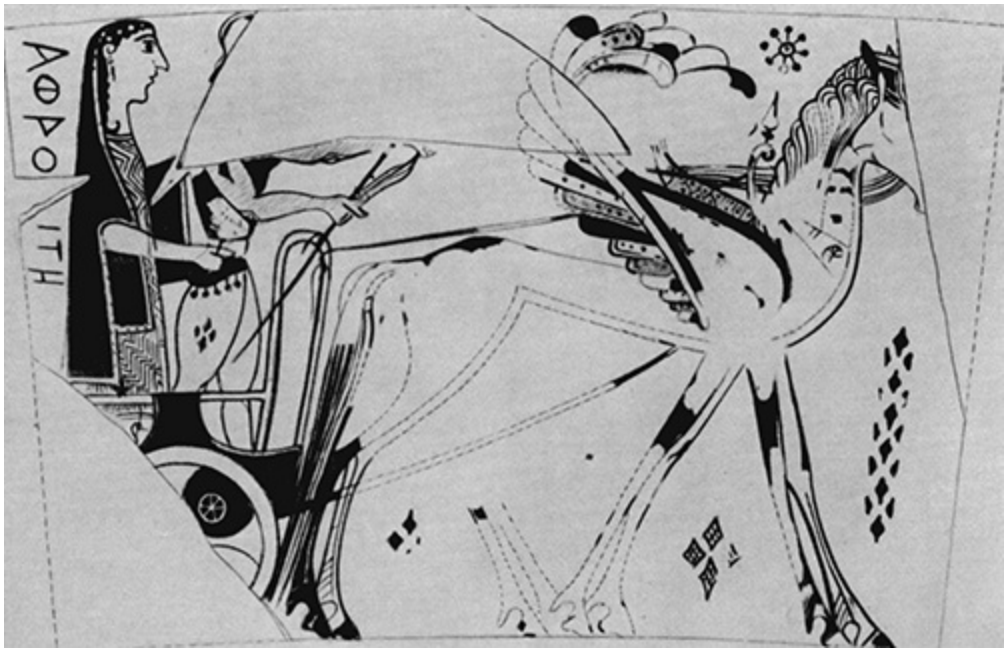
15 Ulisses e as sereias



16 As harpias



17 Nereu, Dóris e as Nereidas



18 Afrodite e Ares



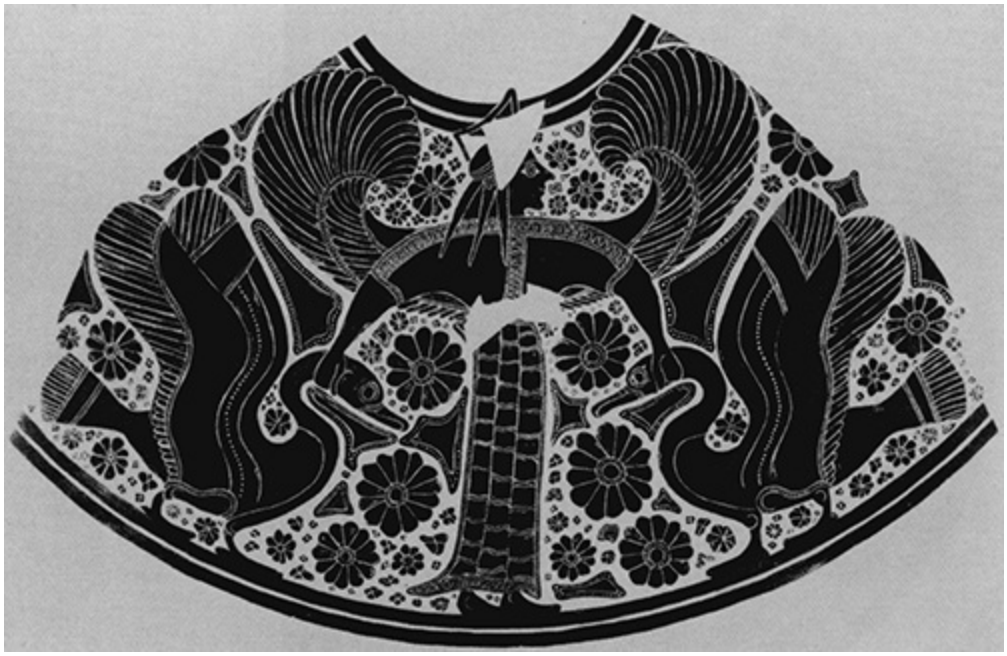
19 Afrodite e o ganso



20 Zeus com a águia



21 Hera



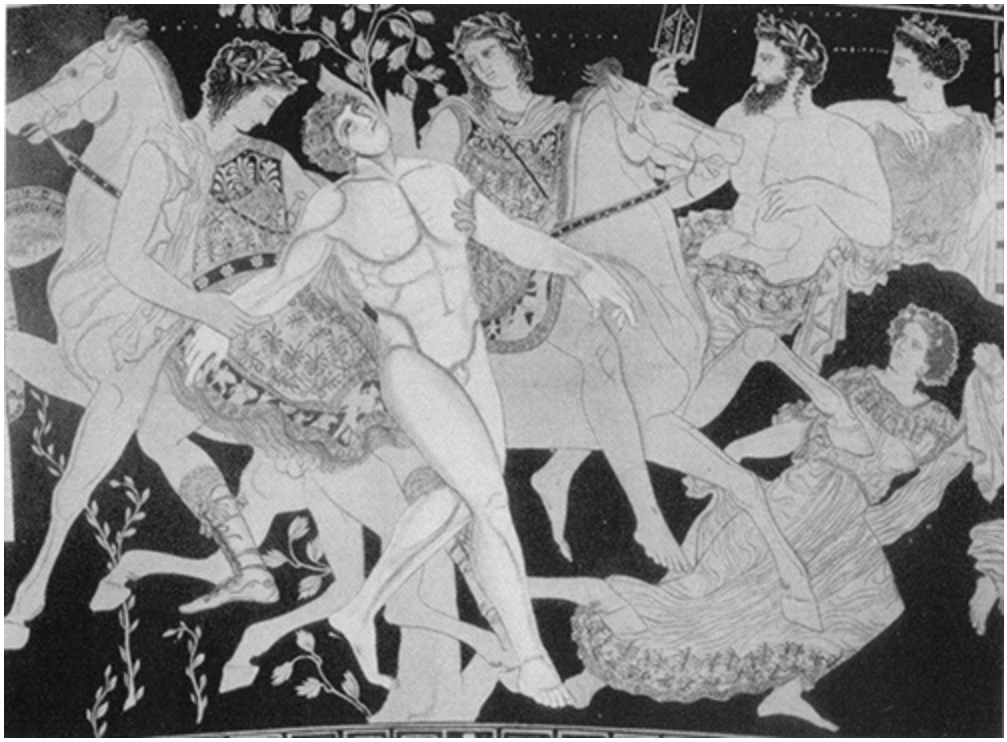
22 A “ártemis alada”



23 Leda, os dióscuros e o ovo de Nêmesis



24 Europa no touro tricolor



25 O fim dos dióscuros contemporâneos, de Posidon, de Anfitrite e de Nereu



26 O nascimento de Palas Atena



27 A alada Palas Atena



28 Atena recebe Erictônio de Geia, na presença de Cécrope, Hefesto e Herse



29 Leto, Apolo, Ártemis e o dragão



30 Títio tenta raptar Leto na presença de Apolo e Edo, isto é, Ártemis



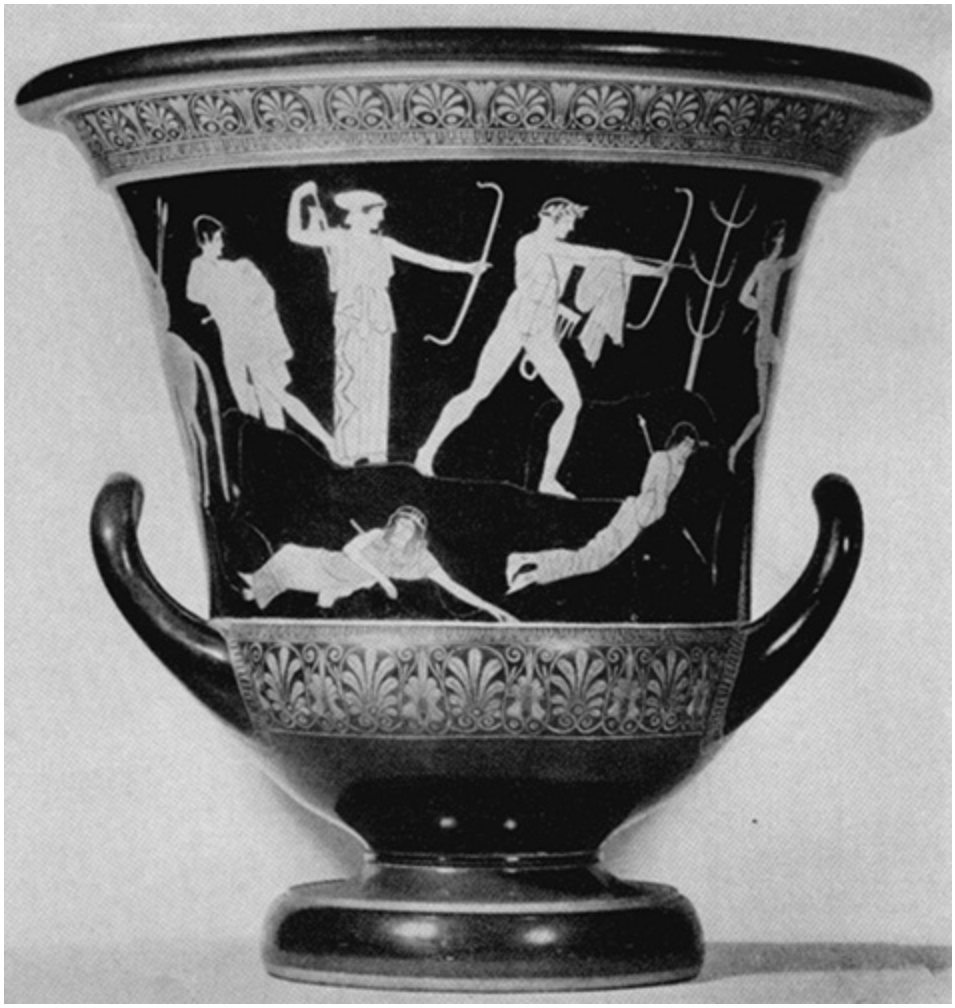
31 Apolo acompanhado de duas musas encontra-se com Ártemis



32 Apolo sobre a taça de uma trípode alada



33 Ártemis mata Actéon



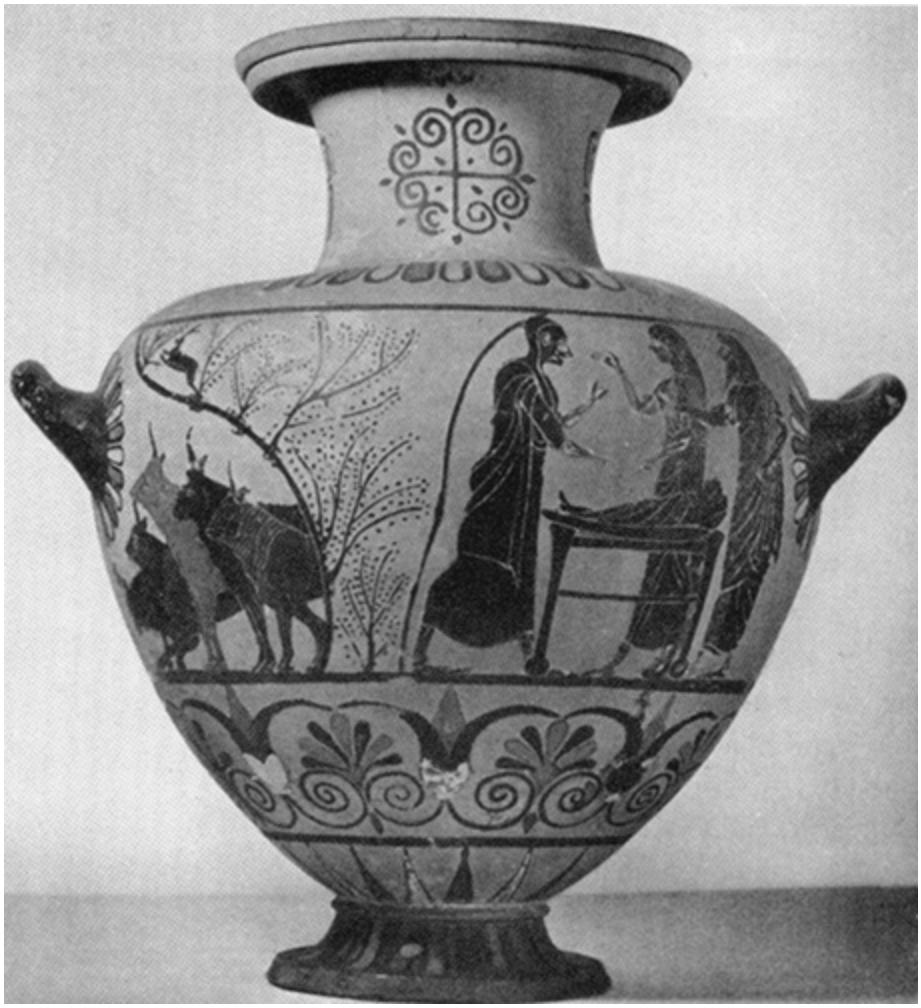
34 Ártemis e Apolo matando as Nióbides



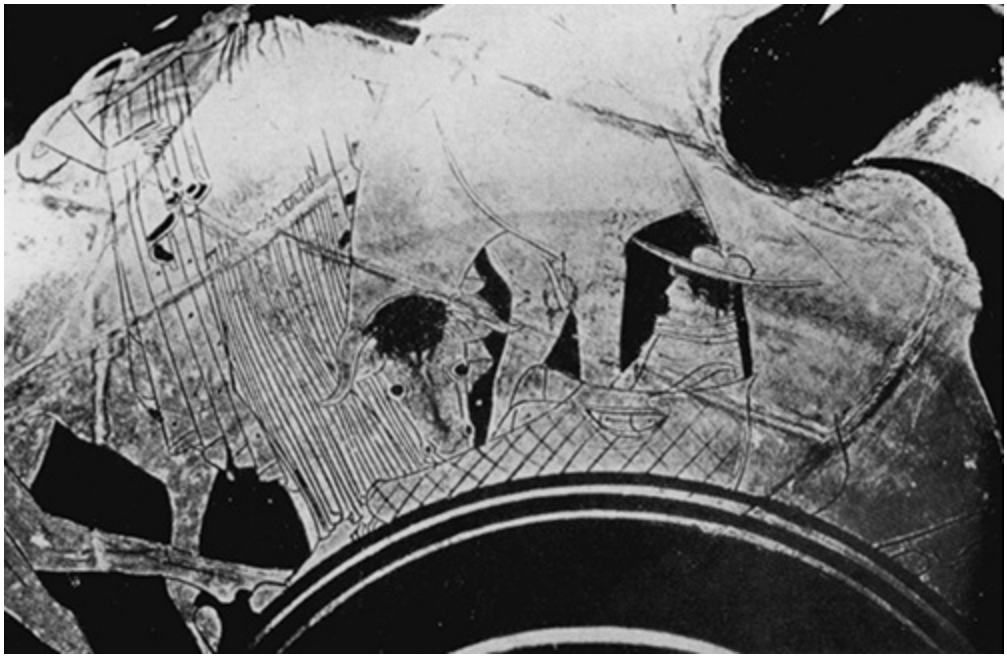
35 Hefesto escoltado ao Olimpo por Dioniso, uma Mênade e Sileno



36 Silenos atacam Hera na presença de Hermes e Héracles



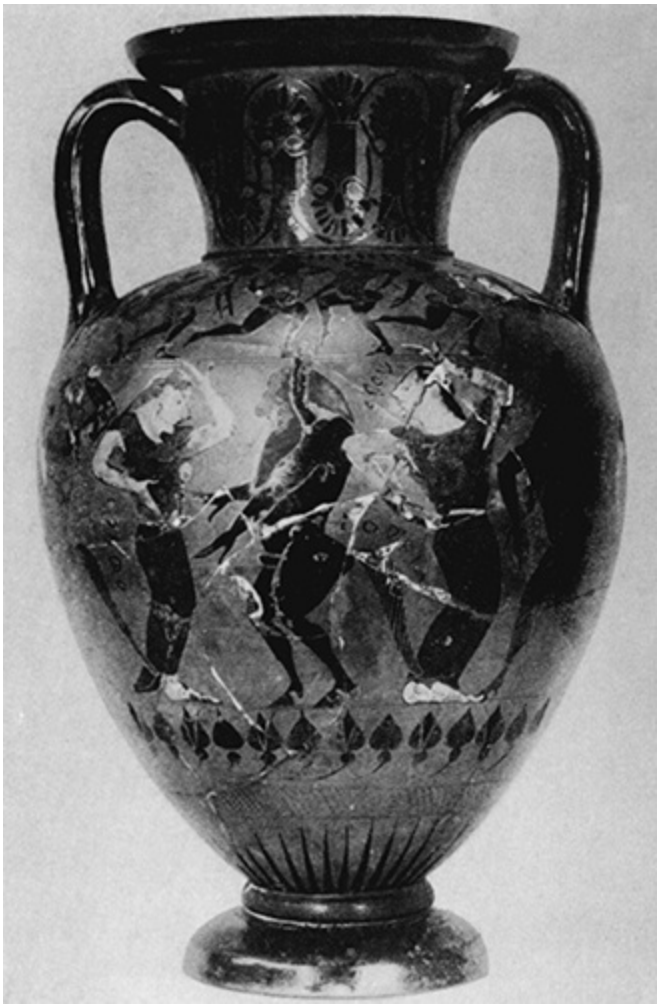
37 Hermes, Maia, Apolo e Zeus



38 Hermes e Maia com as vacas roubadas



39 Hermes com a lira



40 Ninfa e Selene



41 Sátiro e Mênade



42 Tritão



43 Hélio, as estrelas como meninos saltadores, Endimião, Éos, Céfalo e Selene



44 Selene



45 Éos pranteando Mêmnon



46 Bóreas rapta Oritia



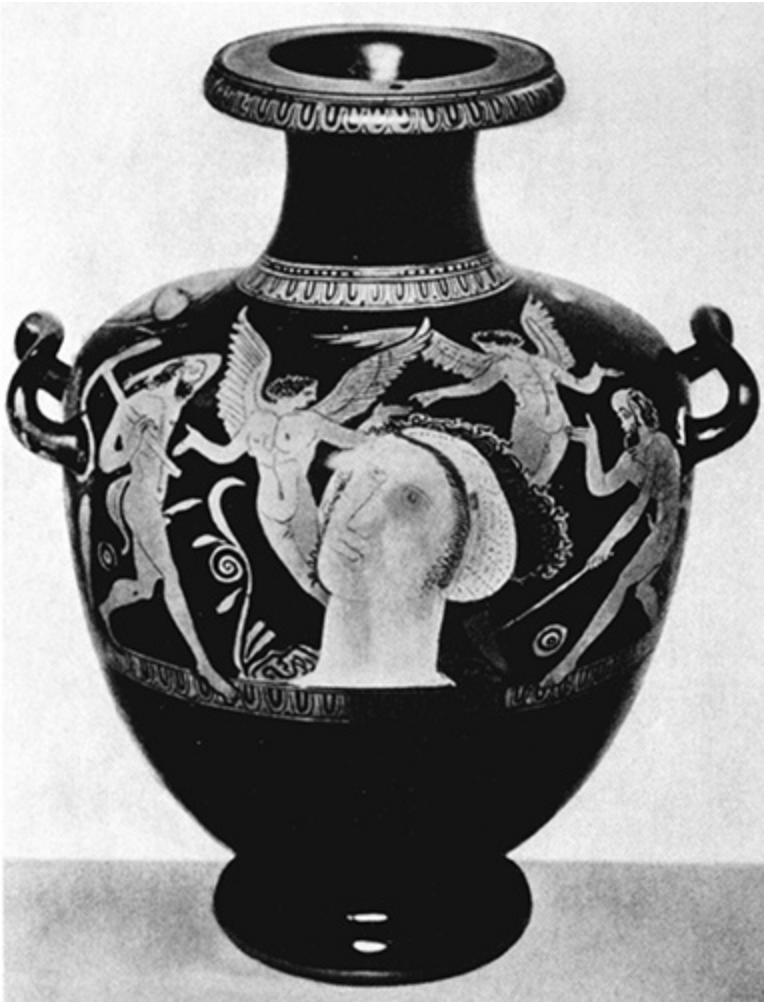
47 Atena e Hefesto criam Anesidora, isto é, Pandora



48 Zeus, Hermes, Epimeteu e Pandora



49 Pandora erguendo-se da terra



50 Pandora rodeada de cupidos



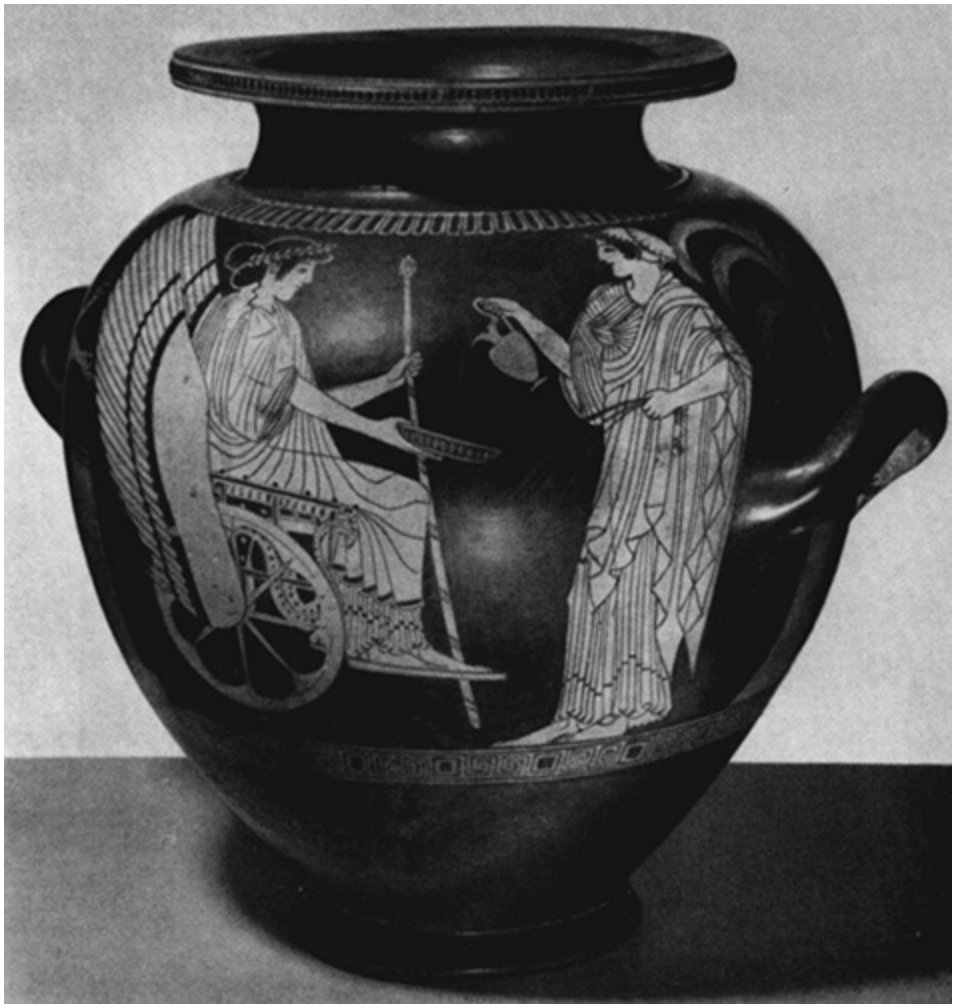
51 Atlas e Prometeu



52 Prometeu é desamarrado



53 Peleu lutando com Tétis na presença de Quíron e da Nereida Pontomeda



54 Triptólemo em frente a Demeter



55 Coronte



56 Hades e Perséfone em seu palácio, cercado por cenas do submundo



57 Hades, Posídon e Zeus entre dois cavalos alados



58 Deméter, Hermes, Perséfone e Dioniso



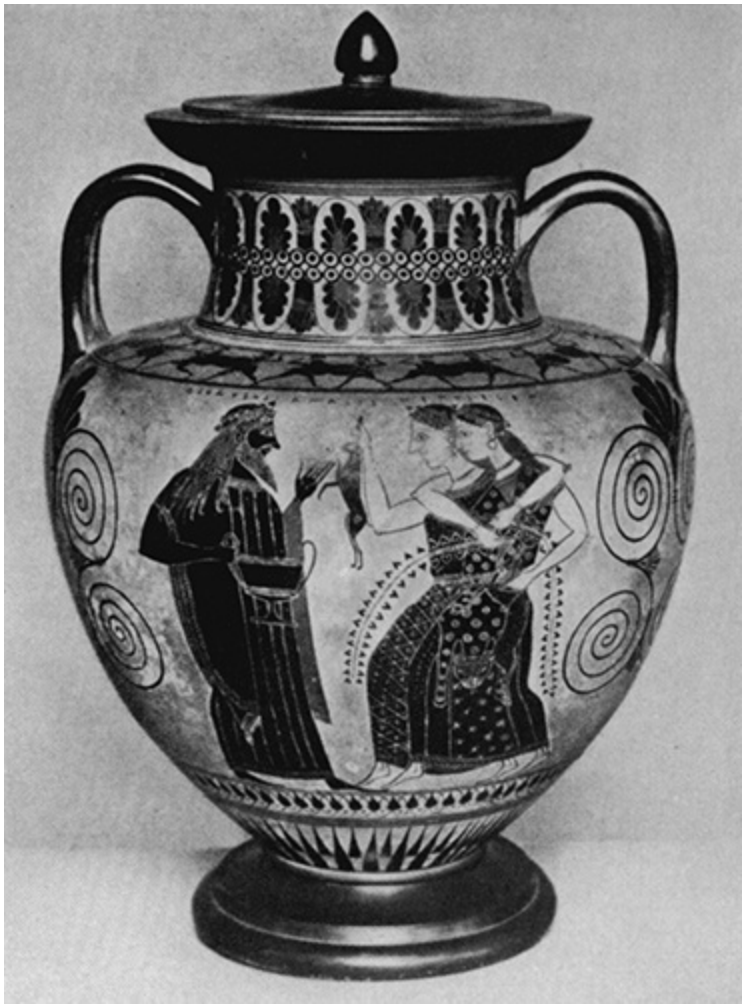
59 Nascimento e entronização de Dioniso



60 A máscara de Dioniso no Liknon, entre duas mulheres



61 Dioniso no mar



62 Dioniso e duas mênades oferecendo uma lebre e um enho



63 Dioniso o Caçador, isto é, Zagreu, com Mênades, uma caçadora com tocha e Silenos



64 A criança no caldeirão



65 Dioniso rapta Ariadne, Atena ordena a Teseu que se vá



66 Dioniso com o seu alter ego, o infante Iaco

Índice geral

Sumário

Introdução

I – O começo das coisas

1 Oceano e Tétis

2 A noite, o Ovo e Eros

3 O Caos, Geia e Eros

II – Histórias dos Titãs

1 Urano, Geia e Crono

2 Crono, Reia e Zeus

3 As batalhas dos deuses e dos Titãs

4 Tifeu, ou Tífon, Zeus e Egipã

5 A batalha com os Gigantes

III – As Moiras, Hécate e outras divindades pré-olimpianas

1 As deusas do Destino (Moiras)

2 As deusas Euríbia, Estige e Hécate

3 Cila, Lâmia, Empusa e outros fantasmas

4 As filhas mais velhas de Tétis e Oceano

5 Os Velhos do Mar: Fórcis, Proteu e Nereu

6 As Deusas Cinzentas (Greias)

7 As Erínias ou Eumênides

8 As Górgonas Esteno, Euríale e Medusa

9 A Equidna, a Serpente Hesperídea e as Hespérides

10 Aqueloo e as Sereias

11 Taumante, Íris e as Harpias

12 As filhas de Nereu

IV – A grande deusa do amor

1 O nascimento de Afrodite

2 Afrodite e Nérites

3 Afrodite, Ares e Hefesto

4 A história de Pigmalião

5 A história de Adônis

6 Afrodite e Anquises

7 Sobrenomes de Afrodite

V – A Grande Mãe dos Deuses e seus companheiros

1 Dáctilos Ideus e Curetes

2 Cabiros e Télquines

3 A história de Átis

VI – Zeus e suas esposas

1 O nascimento e a infância de Zeus

2 Zeus e Hera

3 Zeus, Eurínome e as Cárites ou Graças

4 Zeus, Têmis e as Horas

5 Zeus, Mnemósina e as Musas

6 Zeus, Nêmesis e Leda

7 Histórias cretenses

8 Histórias órficas

9 Sobrenomes de Zeus e Hera

VII – Métis e Palas Atena

1 O nascimento de Atena

2 Os pais e tutores de Atena

3 Atena e Hefesto

4 As filhas de Cécrope

5 Os sobrenomes de Atena

VIII – Leto, Apolo e Ártemis

1 As peregrinações de Leto

2 Leto e Astéria

3 O nascimento de Apolo

4 Apolo e seus inimigos

5 Apolo e suas amantes

6 Nascimento e morte de Asclépio

7 Histórias de Ártemis

8 A história de Britomártis

9 Sobrenomes de Apolo e de Ártemis

IX – Hera, Ares e Hefesto

1 As maternidades de Hera

2 Ares e os Alóades

3 A queda e a educação de Hefesto

4 O atamento de Hera

5 Hera, Íxion e os Centauros

X – Maia, Hermes, Pã e as Ninfas

1 O nascimento e as primeiras proezas de Hermes

2 Hermes, Afrodite e Hermafrodito

3 O nascimento e os casos de amor de Pã

4 As histórias relativas a Priapo

5 Ninfas e Sátiros

XI – Posídon e suas esposas

1 O nascimento de Posídon e o casamento em forma de carneiro

2 Posídon entre os Télquines

3 Deméter e os casamentos de Posídon feito garanhão

4 Posídon e Anfitrite

5 Os filhos de Anfitrite

XII – O Sol, a Lua e a sua família

1 A história de Faetonte

2 Selene e Endimião

3 Éos e seus amantes

4 Histórias de Oríon

5 Contos dos deuses dos ventos

XIII – Prometeu e a raça humana

1 A origem do gênero humano

2 A rivalidade com Zeus e o roubo do fogo

3 A história de Pandora

4 O castigo e a libertação de Prometeu

5 A história de Níobe

6 Tétis e o futuro soberano do mundo

7 O destino da humanidade

XIV – Hades e Perséfone

1 O rapto de Perséfone

2 Outras histórias de rapto, consolação e ascensão

3 Histórias do mundo subterrâneo

XV – Dioniso e suas companheiras

1 Dioniso, Deméter e Perséfone

2 Dioniso e Sêmele

3 Companheiras e inimigas de Dioniso

4 Dioniso, Ino e Melicerta

5 Dioniso no mar

6 Dioniso e Ariadne

7 Sobrenomes de Dioniso

Fontes

Lista das fontes

Imagens

Lista das ilustrações

Textos de capa

Contracapa

Este livro deve sua origem à convicção, partilhada pelos editores e pelo autor, de que chegou a hora de escrever uma mitologia dos gregos para adultos; vale dizer, não apenas para especialistas empenhados em estudos clássicos, da história da religião ou da etnologia; menos ainda para crianças, para as quais, no passado, os mitos clássicos eram remodelados ou, pelo menos, cuidadosamente escolhidos, de modo que se ajustassem aos pontos de vista da educação tradicional; mas simplesmente para adultos, cujo interesse principal –, que pode implicar interesse por qualquer um dos ramos do saber supramencionados – reside no estudo dos seres humanos. A forma contemporânea de que esse interesse se reveste é, naturalmente, o interesse pela psicologia.

Orelhas

Imagine o leitor que está fazendo uma visita a uma ilha e que encontre um grego culto que lhe revele, de viva voz, a mitologia de seus antepassados. Pois é assim que o Professor K. Kerényi, com desenvoltura, espontaneidade e sólida erudição, leva-nos a conhecer a genealogia dos deuses, os Titãs, Afrodite, Zeus, Apolo, Hermes, Pã, os mistérios de Dioniso etc., num trabalho gigantesco de interpretação e reconstrução de toda a mitologia grega.

A mitologia dos gregos – Vol. I: A história dos deuses e dos homens não é um livro dedicado apenas a especialistas em estudos clássicos da religião ou da etnologia, mas também a todo leitor que se interesse pelo estudo dos seres humanos, já que, se na vida da humanidade o mito representa um estágio anterior e primitivo, na vida do indivíduo representa um estágio ulterior e maduro. É, portanto, para os leitores que partilham dessa experiência psicológica que o autor apresenta a mitologia grega, como se lhes estivesse apresentando um escritor clássico, um Aristófanes, um Hesíodo ou um Pausânias.

Obra fascinante e extraordinária, contém um apêndice e referências detalhadas dos textos originais. Graciosas ilustrações, extraídas de pinturas em vasos, dão um colorido e um toque especial a este admirável livro sobre a mitologia grega, da qual sempre podemos tirar exemplos das lições humanas.

O autor

Karl Kerényi ocupa um lugar de destaque entre os pensadores contemporâneos. Húngaro, escolheu a Suíça como exílio durante a II Guerra Mundial e tornou-se mundialmente conhecido e

reconhecido como um grande humanista e um acadêmico clássico. É autor de um vasto número de trabalhos importantes e, em colaboração com C.G. Jung, escreveu em 1961 *Introduction to a Science of Mythology* (Introdução à Ciência da Mitologia).